CЯЦELDADE



SCOTT BERGSTROM

SECUNDUS

CRUELDADE



SCOTT BERGSTROM

Tradução
ÁLVARO HATTNHER

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Para Jana,
a destemida

Parte do motivo da feiura dos adultos, aos olhos de uma criança, é que ela em geral olha para cima, e poucos rostos parecem melhores quando vistos de baixo.

George Orwell

Sumário

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco

Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta
Sobre o autor

Um

OS MENINOS AGUARDAM A DECAPITAÇÃO. Estão muito atentos, esperando a lâmina descer como hienas impacientes. Mas, se tivessem se dado ao trabalho de ler o livro, saberiam que ela não desce. O livro simplesmente acaba. Como um filme que é desligado antes da cena final. Ou como a vida, na verdade. As pessoas quase nunca veem a lâmina descer, aquela que vai pegá-las.

Nosso professor, o sr. Lawrence, lê as palavras lentamente, passando a mão no tufo horrível de barba sob os lábios, enquanto anda de um lado para o outro. A batida leve de seus passos sobre o piso de linóleo — calcanhar-ponta do pé, calcanhar-ponta do pé — dá a impressão de que ele está querendo pegar as palavras de surpresa.

— “Como se esta grande cólera me tivesse purificado do mal, esvaziado de esperança, diante desta noite carregada de sinais e de estrelas, eu me abria pela primeira vez à terna indiferença do mundo.”

Os passos param quando o sr. Lawrence chega à carteira de Luke Bontemp e bate na cabeça do garoto com a lombada do livro. Luke está mandando uma mensagem pelo celular escondido sob o casaco.

— Guarde isso ou vou tirar de você — diz o sr. Lawrence.

Luke coloca o telefone no bolso.

— Sobre o que você acha que Camus está falando aqui?

Luke dá o sorriso que fez com que se safasse de tudo ao longo da vida. Pobre Luke, penso. Bonito, inútil e burro. Ouvi falar que o

tataravô dele ganhou uma fortuna vendendo petróleo para os alemães e aço para os ingleses durante a Primeira Guerra Mundial, e desde então ninguém da família dele teve que trabalhar. Luke é um herdeiro, então qual é o propósito de ler Camus?

— “A terna indiferença do mundo” — repete o sr. Lawrence. — O que você acha que é isso?

Luke enche os pulmões. Quase consigo ouvir a rodinha de hamster rangendo dentro da cabeça dele, sob aquele cabelo incrível.

— Terna — Luke diz. — Dá pra um coração ser terno, né? Talvez Camus esteja dizendo que o mundo é tipo coração de mãe, tem espaço pra todo mundo, sabe?

Noventa e nove por cento da classe ri, incluindo Luke. Sou a única que fica em silêncio. Li *O estrangeiro* quando tinha catorze anos, no original, em francês. Não tive vontade de reler quando o sr. Lawrence indicou uma tradução para nossa aula de literatura. É a história de um cara chamado Meursault, cuja mãe morre. Ele mata um árabe e é sentenciado à morte. O livro acaba no momento em que ele vai ter a cabeça cortada em público. Camus não mostra a decapitação de fato.

Eu me viro para a janela, onde a chuva ainda bate, seu ritmo arrastando todos na sala para uma espécie de transe sonolento cada vez maior. Posso ver os contornos dos edifícios na rua 63, seus beirais retorcidos e disformes através da água que se acumula no vidro, tornando a imagem mais parecida com a memória dos edifícios do que a coisa real.

Embora estejamos discutindo a última parte de *O estrangeiro*, são as primeiras linhas que sempre ficaram comigo. “Aujourd’hui, maman est mort. Ou peut-être hier, je ne sais pas.” O que quer dizer: “Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem”.

Mas eu sei. Sei exatamente quando mamãe morreu. Faz dez anos. Eu só tinha sete anos na época, e estava lá. Às vezes me lembro daquele momento em pequenos esboços e vinhetas, mas nunca consegui reconstituí-lo inteiramente, do começo ao fim. Meu antigo psicólogo disse que era normal, que ficaria mais fácil com o tempo. Não ficou.

— O que acha, Gwendolyn? — o sr. Lawrence pergunta.

Ouço a voz dele. Compreendo a pergunta. Mas minha mente está longe demais para responder. Estou no banco traseiro do velho Honda, meus olhos quase fechados, a cabeça encostada no vidro frio. O ritmo do carro chacoalhando em uma rua de terra de Argel me dá sono. Então o som monótono dos pneus muda e minha mãe solta um grito sufocado. Abro os olhos e vejo fogo além do para-brisa.

— Gwendolyn Bloom! Chamando Gwendolyn Bloom!

Volto depressa para o presente e me viro para o sr. Lawrence. Ele está com as mãos em volta da boca como um megafone.

— Chamando Gwendolyn Bloom! — diz. — Pode explicar o que Camus quis dizer com “a terna indiferença do mundo”?

Embora parte de minha mente ainda esteja no interior do Honda, começo a falar. É uma resposta longa e boa, acho. Mas o sr. Lawrence me olha com um sorriso afetado. Só ouço as risadas depois de uns vinte segundos.

— Em inglês, por favor — diz o sr. Lawrence, arqueando uma das sobrancelhas e olhando para o resto da classe.

— O quê? — digo em voz baixa, arrumando a saia do uniforme e colocando uma mecha do meu cabelo vermelho berrante atrás da orelha.

— Você estava falando em francês, Gwendolyn — diz o sr. Lawrence.

— Desculpe. Eu estava… pensando em outra coisa.

— Você deveria estar pensando na terna indiferença do mundo — ele diz.

Ouço uma das meninas atrás de mim cantarolar:

— Dá pra ser um pouco mais esnobe? — Ela revira os olhos para causar efeito.

Viro e vejo que é Astrid Foogle. Ela também tem dezessete anos, embora aparente no mínimo vinte e um. O pai dela é dono de uma companhia de aviação.

— Chega, Astrid — diz o sr. Lawrence.

Lanço um olhar fulminante para ela. Astrid Foogle — cujos brincos valem mais do que tudo o que tem no meu apartamento — acabou

de me chamar de esnobe.

— Tipo, ela cai aqui de paraquedas no começo do ano, vinda de sabe-se lá onde com esse ar de superioridade. Agora resolveu falar francês, pra não se misturar com os americanos idiotas. *Muito* sofisticada. O único detalhe é que mora num trailer… — Ela continua.

O sr. Lawrence a repreende:

— Pare com isso, Astrid. Agora.

Alguns dos garotos estão assentindo, em concordância com Astrid; outros estão rindo. Posso sentir meu corpo tremer, e o rosto queimar. Cada sinapse tenta afastar a reação à força, mas não consigo. Por que a raiva tem que ser tão parecida com a humilhação?

— Olha só. Ela está chorando — diz o garoto sentado ao lado de Astrid, Connor Monroe, sorrindo com malícia.

O que não é verdade, mas, como ele disse, passa a ser. *kkkkkkkk a doida da gwenny bloom chorou na aula #esnobepretensiosa #tosca*.

O sinal toca e, como um gatilho pavloviano, manda todo mundo se amontoar pra sair da sala. O sr. Lawrence ergue o livro no ar em uma triste tentativa de manter a ordem, gritando:

— Continuamos daqui amanhã. — Depois, vira para mim e diz: — E com você, Bloom. Vai ter a noite toda para refletir sobre a terna indiferença do mundo, então quero algo interessante. E em inglês, *please.*

Faço que sim com a cabeça e junto minhas coisas. Quando saio da sala, vejo Astrid Foogle em frente ao seu armário e cercada por suas seguidoras, como sempre. Está me imitando, fazendo um monólogo em falso francês, com os ombros curvados e empinando o nariz com o indicador.

Passo por ela e suas amigas com os olhos abaixados, na postura típica dos subalternos, para chegar até meu armário. Mas Astrid me vê, sei disso porque ela e suas amigas ficam em silêncio e ouço os saltos de seus sapatos — Prada — vindo em minha direção.

— Ei, Gwenny — ela começa. — Uma pergunta pra você. Como se diz “suicídio nunca é a solução” em francês?

Eu a ignoro e continuo andando, esperando o golpe fatal — meu ou dela, tanto faz. Meu rosto queima, e a raiva se transforma em fúria e depois em qualquer outra coisa ainda mais forte. Só posso imaginar como estou parecendo. Cruzo os braços trêmulos.

— Sério — Astrid continua. — Uma pessoa como você deve pensar em suicídio de vez em quando. É inevitável. Então, *s'il vous plaît*, como se diz, Gwenny? *En Français?*

Viro para trás e as palavras jorram da minha boca.

— *Va te faire foutre*.

Astrid para e por meio segundo — não, menos que isso — vejo medo em seu rosto. Mas então ela lembra de que está em seu reino, cercada por súditos, e a outra face retorna. Ela arqueia as sobrancelhas perfeitas.

— Astrid, ela acabou de mandar você se foder. — Uma de suas amigas, Chelsea Bunchman, diz com um sorriso.

A boca de Astrid se abre em um O, e eu ouço um gritinho abafado saindo.

— Sua bostinha — ela diz, e dá um passo à frente.

Vejo o tapa antes de senti-lo, mas não faço nada para impedir. Em vez disso, eu me encolho, afundando a cabeça no pescoço e o pescoço nos ombros. É forte — Astrid enche a mão —, e minha cabeça vira com o impacto. Uma das unhas dela arranha meu rosto.

Uma multidão começa a se formar. Vejo as caras sorridentes de Luke Bontemp, Connor Monroe e de uma dúzia de alunos de olhos arregalados, mais entusiasmados do que chocados com a cena. Formam uma rodinha em torno de nós duas, como se estivéssemos em uma arena. Isso é entretenimento, percebo. Noto que Astrid não me esmurrou, chutou ou puxou meu cabelo. De maneira muito calma, muito deliberada, me deu um tapa no rosto. Era a Senhora, com "s" maiúsculo, estapeando a criada, com "c" minúsculo.

Em vez de devolver o tapa — eu nunca faria isso, a quem quero enganar? —, fecho os olhos, a humilhação me envolvendo como o vento do Saara que senti durante tantos dias, quente e severo. Uma voz de adulto manda todo mundo se afastar. Quando abro os olhos, um professor de meia-idade, cujo nome não sei, está parado ali com

as mãos nos bolsos da calça cáqui. Seus olhos viajam de Astrid para mim e para ela outra vez.

— O que aconteceu? — ele pergunta a Astrid.

— Ela me mandou… não quero dizer. É um palavrão.

O tom de voz dela é recatado e ofendido.

— Isso é verdade? — ele diz, olhando para mim.

Abro a boca, pronta para contar que Astrid me deu um tapa. Em vez disso, apenas digo:

— É.

O estrangeiro é o título do livro que estamos estudando na aula de literatura, mas também sou eu. Em todos os sentidos — estranha, forasteira, de fora. Tecnicamente, sou americana. É isso que meu passaporte diz. Mas não nasci aqui e, até o começo do ano letivo, em setembro passado, eu só tinha morado nos Estados Unidos durante dezoito meses, logo depois que minha mãe morreu. Nós — meu pai e eu — viemos para Nova York para que ele pudesse assumir um posto nas Nações Unidas, que não é muito longe da minha escola, a Danton.

Meu pai nunca conseguiria pagar um lugar como a Danton com seus próprios recursos. Mas ele é um diplomata, e um dos benefícios do cargo é escola particular para os filhos. Dependendo do país em que se está, há uma única escola boa em quase dois mil quilômetros, então você acaba estudando com os filhos do presidente, do rei ou de um ditador terrível. Isso me aconteceu uma vez. O filho babaca de um presidente babaca sentava ao meu lado na aula de matemática. Usava sapatos feitos especialmente para ele em Viena, que custavam cinco mil dólares, enquanto havia crianças morrendo de fome do outro lado das paredes da escola.

Não que em Danton seja muito diferente. Aqui, os alunos são filhos de presidentes, reis e ditadores também — só que de empresas, em vez de países. A maioria de meus colegas de classe sempre foi rica. Em geral, a única pessoa pobre que conhecem é o garoto estrangeiro que entrega as compras do mercado ou as roupas da lavanderia. O que meu pai ganha seria considerado um

bom salário em qualquer outro lugar do mundo, mas para os alunos de Danton nós somos miseráveis.

Sentada no banco do lado de fora da sala da vice-diretora, fico mexendo na saia do uniforme — *odeio* saias — puxando a barra para que chegue até minhas meias pretas, alisando os vincos. Os uniformes são uma tentativa de nos igualar, suponho, mas não há nenhuma restrição a respeito de sapatos. Assim, a riqueza e a lealdade aos grupos são indicadas através dos pés: escarpins da Prada e mocassins da Gucci para as famílias tradicionais; sapatilhas Louboutin e tênis Miu para os novos-ricos. Apenas dois alunos usam botas Dr. Martens: eu e o filho de um artista, que o pessoal só tolera por ser um fornecedor confiável de remédios tarja preta. Minhas botas são vermelhas e surradas; as dele, pretas e brilhantes.

Não que faria alguma diferença caso eu de repente aparecesse usando Prada. Não pareço Astrid Foogle ou qualquer outro. Sou muito alta, tenho cintura larga, nariz comprido e boca grande. Tudo é meio excessivo em mim. Meu pai e meu médico dizem que não há nada de errado — são os hormônios, os músculos de todos os anos de ginástica. Cada pessoa tem uma constituição diferente, a beleza é uma convenção aleatória etc. e tal. Mas é o papel deles me dizer coisas assim. Então, pinto meu cabelo em casa com a melhor tinta da farmácia, amarro minhas botas Dr. Martens e finjo não me importar.

A vice-diretora finalmente sai da sala com um sorriso condescendente e uma falsa preocupação. O nome dela é srta. Wasserman, e ela parece estar sempre em meio a uma nuvem de perfume e de alegria açucarada, como se a qualquer instante um passarinho de desenho animado pudesse pousar em seu dedo.

— Como você está? — ela pergunta enquanto entramos na sala.

— Ótima — digo, afundando em uma poltrona de couro vermelha. — Simplesmente perfeita.

A srta. Wasserman junta as pontas dos dedos como um indicativo de que vamos começar uma conversa séria.

— Fiquei sabendo que o seu relacionamento com uma colega de sala tem sido um tanto desafiador — ela diz.

Eu me seguro para não revirar os olhos diante de tanta babaquice e eufemismo. A questão é: noventa e cinco por cento dos alunos da Danton são brancos, protestantes e milionários. Os outros cinco por cento estão aqui com bolsa de estudos ou por cortesia diplomática. Os riquinhos não gostam da gente, os “cinco por cento”, como somos conhecidos. Mas, por algum motivo, nós ajudamos pessoas como a srta. Wasserman a fingir que a Danton *não* é uma fábrica de idiotas elitistas.

— Você atende por Gwen ou Gwendolyn, querida? — Ela consulta uma pasta de arquivo.

— Gwendolyn — digo. — Só meu pai me chama de Gwen.

— Tudo bem — diz a srta. Wasserman, com um sorriso adocicado. — O que diz aqui está correto, Gwendolyn? Você tem proficiência em, puxa vida, cinco línguas estrangeiras?

— A gente sempre mudou muito — digo, dando de ombros.

— Estou vendo. Moscou. Dubai. Mesmo assim. É uma habilidade e tanto. — Ela passa o indicador sobre uma linha na pasta. — Não deve ser fácil ter um padrasto no Departamento de Estado. Mudar de cidade de tempos em tempos. De país.

— Pode dizer apenas *pai*.

— Como?

— Ele não é meu padrasto. Me adotou quando casou com a minha mãe. Eu tinha dois anos.

— Claro. Como quiser. — A srta. Wasserman balança a cabeça enquanto anota alguma coisa no papel à sua frente. — Agora o motivo de você estar aqui: Danton é um espaço seguro, Gwendolyn, e temos uma política de tolerância zero com comportamentos rudes.

— Certo. Conforme o manual diz.

— Isso inclui ofender o corpo docente ou os alunos, o que significa que, quando você xingou sua colega em francês, violou as regras.

— Astrid não compreendeu uma palavra do que eu disse até que Chelsea Bunchman traduzisse.

— A questão é que você disse algo ofensivo, Gwendolyn. Não importa se em francês ou em suaíli.

— Importa se ela não entendeu.

— Isso é semântica — ela diz. — Você conhece essa palavra? *Semântica?*

— Sim, é o estudo do significado das palavras. E é exatamente do que estou falando.

Noto que os músculos de seu rosto enrijeceram. Ela pega uma caneta e a segura com tanta força que acho que vai quebrar.

— Vejo que é o aniversário da morte da sua mãe. Sinto muito — diz a srta. Wasserman com delicadeza. Eu percebo que isso a deixa constrangida, parece que não sabe o que fazer comigo. Punir uma garota por causa de um *relacionamento desafiador* no dia do aniversário da *morte* da mãe? A srta. Wasserman cobre a boca com a mão para tossir e depois continua. — A consequência por xingar outro aluno costuma ser um dia de suspensão. Mas, diante das circunstâncias, estou disposta a me contentar com um pedido de desculpas por escrito para a srta. Foogle.

— Quer que eu peça desculpas a Astrid?

— Sim, querida.

Era uma saída fácil e a escolha óbvia. Eu me reclino na cadeira e tento sorrir.

— Não, obrigada — digo. — Fico com a suspensão.

Ainda está chovendo, aquele tipo de chuva gelada que pode se tornar neve mais tarde. Março está ruim este ano, sem luz do sol ou sinal da primavera. Somente céus cinzentos e o fedor do lixo de Nova York correndo pelas sarjetas. SUVs pretas estão enfileiradas no meio-fio, a versão de Danton dos ônibus escolares. Os alunos mais ricos pegam essas pequenas limusines particulares para não ter que sofrer a indignidade de voltar para casa a pé ou de metrô.

Estou indo para a estação, que fica a alguns quarteirões de distância. Não tenho guarda-chuva, então só coloco o capuz do meu velho casaco militar. Era da minha mãe, do tempo em que ela era tenente, muito antes de eu nascer. Quando meu pai e eu estávamos nos mudando alguns anos atrás — de Dubai para Moscou, talvez, nossos dois últimos postos —, encontrei o casaco em uma caixa. Ele ficou emocionado quando o vesti, então fiz menção de tirá-lo,

mas meu pai disse que ficava bem em mim e que eu poderia usar se quisesse.

Minha mãe. Passei o dia inteiro tentando evitar o assunto e teria conseguido, não fosse a aula de literatura. É difícil não pensar nela quando se passa uma hora falando da justiça de Argélia.

A chuva bate em meu rosto e me acalma. Um sujeito com um lenço *kaffiyeh* preto e verde em volta do pescoço se abriga sob o toldo de seu carrinho de kebab bem na entrada da estação do metrô. Em árabe, peço um e digo que ele não precisa economizar na carne.

O homem me dá um sorriso surpreso, os olhos apertados, e eu me pergunto se ele me entendeu. Meu árabe está enferrujado. Fora isso, ninguém usa uma linguagem tão formal quanto eu, a não ser na TV.

— Você é egípcia? — ele pergunta enquanto usa um pegador metálico para encher um pão pita de cordeiro.

— Não — respondo. — Sou… daqui.

Ouço diversas variações da pergunta "Você é X?". Meus olhos são castanhos, minha pele é uma espécie de véu pálido e translúcido sobre alguma outra coisa — metal debaixo de papel de seda, um garoto chapado me disse certa vez no metrô de Moscou. Mas não faço a menor ideia do que o X pode ser. Não posso mais perguntar à minha mãe, e meu pai, que é meu pai tanto legalmente quanto em qualquer outro sentido, a não ser em um, diz que não sabe. O nome do meu pai biológico não está registrado na minha certidão de nascimento em Landstuhl, um hospital militar americano na Alemanha.

— Um kebab especial para a Cleópatra — diz o homem, colocando cebola e o molho branco e amargo que eu tanto adoro. Acho que beberia uns cinco litros dele se pudesse.

Devoro o kebab na plataforma do metrô. Não tinha percebido que estava com tanta fome. Talvez seja consequência de ter sido esbofeteada. Estou esperando o trem N ou o Q para o Queens. Queria que já tivesse chegado. Queria que viesse logo para que eu pudesse me distanciar desta ilha e das lembranças que Camus desenterrou.

No mesmo instante, como se meu desejo fosse atendido, os freios do trem Q guincham até ele parar na minha frente. Jogo a bola melada de papel-alumínio do kebab em uma lata de lixo e entro no vagão.

A maioria das pessoas odeia o metrô, mas não eu. Ficar sozinha entre as centenas de pessoas no vagão é uma coisa estranha e maravilhosa. Tiro um livro da mochila e me apoio na porta enquanto o trem dispara através do túnel sob o rio em direção ao Queens. É um romance com uma heroína adolescente que se passa em um futuro distópico. Não importa muito qual, porque eles são todos parecidos. Pobre heroína adolescente, tendo que ir para a guerra quando tudo que ela realmente quer fazer é fugir com aquele garoto bonito e viver de frutas silvestres e amor. Mundos de papel onde os heróis de fato existem.

Mas, à medida que o trem rasga a escuridão, balançando para a frente e para trás, como se a qualquer momento fosse voar dos trilhos, eu me vejo incapaz de acompanhar a história ou mesmo traduzir os símbolos na página em palavras. As lembranças simplesmente não vão me deixar fugir desta vez. Elas exigem ser reconhecidas, insistentes como o tapa de Astrid.

Hoje é aniversário do meu pai. O pior dia possível para um aniversário. Na verdade, o pior dia possível *porque* é o aniversário dele. Há exatamente dez anos, estávamos voltando do jantar de comemoração que uns colegas de trabalho dele organizaram em um restaurante em Argel.

Tenho que pensar nisso, certo? A gente se sente mal quando esconde essas coisas bem lá no fundo, não é? Muito bem. Chega de resistir. Volte para lá, digo a mim mesma, viva aquilo outra vez. Seja corajosa só dessa vez. Faz dez anos hoje.

Minha mãe solta um grito abafado quando viramos a esquina; o som acorda meu eu de sete anos. Abro os olhos e vejo fogo através do para-brisa. Distingo rostos iluminados pela luz de um carro da polícia em chamas. São homens, uma dúzia, vinte. A maioria usa barba, é jovem e está com a pele alaranjada por conta do brilho das chamas. Deparamos com algo que não tem a ver conosco. Alguma desavença com a polícia militar que a multidão venceu. Os homens

ficam curiosos com nossa chegada e espiam pelas janelas do carro, tentando discernir as nacionalidades dos rostos lá dentro.

Minha mãe grita para meu pai voltar. Ele engata a ré e olha por cima do ombro, acelerando. Por um segundo, o Honda dispara para trás, mas, de repente, para. “Tem gente ali atrás”, meu pai grita. “Passa por cima deles”, minha mãe grita em resposta.

Mas ele não vai fazer isso. Ou talvez vá, mas não há tempo. Uma garrafa de vidro se estilhaça contra o teto do carro e fogo líquido escorre como uma cascata pela janela do lado do motorista. É um coquetel molotov, uma garrafa cheia de gasolina com um pedaço de pano em chamas enfiado no gargalo. A granada dos pobres.

Na Argélia, todos os diplomatas aprendem que, se um coquetel molotov quebra contra seu carro, a regra é continuar dirigindo o mais rápido possível e se afastar até estar fora de perigo. Um carro não pega fogo tão facilmente como nos filmes. Ele não explode de imediato. Leva tempo. E é de tempo que você precisa se quiser continuar respirando.

Mas a multidão se aproxima e algo acontece, fazendo o carro morrer. Meu pai tenta dar a partida de novo, uma, duas, três vezes, mas a ignição não funciona. A porta da minha mãe abre, e ela berra quando vê o homem que está do lado de fora. Ela não grita: *berra*. Como se incendiar seu carro e abrir de repente sua porta fosse algo muito grosseiro, e ela fosse reclamar com o superior dele sobre isso.

Não vejo o que acontece em seguida porque meu pai estende a mão e solta meu cinto de segurança. Ele me puxa como se eu fosse uma boneca de pano para ficar perto dele. Eu me lembro de como ele estava sendo duro, e da dor que senti quando me colocou entre os dois bancos dianteiros. Ele me aperta contra o peito como se estivesse me dando um abraço forte e sai pela mesma porta que minha mãe, a que não está em chamas.

Golpes de porretes e pedaços de pau recaem sobre meu pai. Sinto a força das pancadas em todo o corpo dele. Ele as leva por mim, ou pelo menos a maioria delas. Três ou quatro pancadas acertam minhas pernas, que aparecem embaixo do braço dele.

Tento gritar, mas não consigo, porque meu pai está me apertando contra o peito com muita força.

Ele não para de correr até estar longe da multidão. Estou pendurada sobre seu ombro, e ele vira para trás por algum motivo, vira e corre. Então eu fico surda, porque o som da arma dele é muito alto. É como se o fim do mundo estivesse acontecendo a meio metro de distância. Meu pai dispara de novo, e de novo, e de novo, e de novo. Minha visão se estreita até desaparecer por completo quando eu desmaio.

Catorze facadas no peito e no pescoço. Essa é a causa oficial da morte da minha mãe. É o que está escrito no relatório da autópsia. Meu pai só me contou isso quando eu já tinha idade o bastante para perguntar a respeito. Eu tinha nove anos, talvez dez, quando perguntei. Mas não foi só isso, é claro. Coisas aconteceram com ela entre ser tirada do carro e ser esfaqueada. Coisas que meu pai disse que me contaria quando eu fosse mais velha. Nunca mais perguntei, e ele não tocou no assunto. É provavelmente mais fácil para ele se não tiver que contar, e é provavelmente mais fácil para mim se não tiver que ouvir.

Estou no Queens agora, e o trem sai do túnel como um foguete, entrando na área aberta. Ele dá uma guinada, as rodas gritam tão alto que mal consigo ouvir meus próprios pensamentos. Aperto a barra de metal acima da minha cabeça com mais força para não cair. Meu corpo se curva com o impulso do trem. Então ele diminui a velocidade e as rodas guincham sobre os trilhos molhados quando entramos no Queensboro Plaza, cheia de prédios industriais cinzentos, novas torres de apartamentos e lojas muito iluminadas com vitrines anunciando bilhetes de loteria, cigarros e cerveja.

Coloco a mochila nos ombros enquanto o trem para e saio em disparada pela plataforma, deixando as lembranças para trás. Desço as escadas dois degraus por vez, depois três, correndo até lá embaixo. Quando atinjo o nível do solo, vou desviando dos lentos e dos velhos que não têm pressa nenhuma até passar pela roleta. Uns caras que estão na calçada assobiam e mexem comigo. Eles adoram aquilo — o uniforme da escola, a visão rápida de pernas de uma garota de dezessete anos.

Corro. Atravesso a rua em disparada e um táxi desvia e buzina. Corro até meus pulmões queimarem e eu estar encharcada de chuva e suor. Corro até que a raiva cega tenha me lavado inteira, tirando minhas esperanças. E, pela primeira vez, naquela tarde cheia de estrelas e neons, abro meu coração à terna indiferença do mundo.

Dois

POR UMA FRAÇÃO DE SEGUNDO, estou arqueada acima da terra, afastada dela, como uma flecha que não está na aljava, mas ainda não chegou a seu alvo. Queria poder ficar assim para sempre. Livre, flutuando.

Mas a gravidade não quer saber disso. Ela me puxa para baixo durante minha cambalhota para trás, brusca e desajeitada, como o grande ímã idiota que é. Mas eu sou mais rápida que ela, e não vou deixar que me derrube. Minhas mãos tocam a superfície da trave de equilíbrio. É uma camada fina de camurça sobre madeira, e pode quebrar seu pescoço se você não tomar cuidado. Então minhas pernas arqueiam para trás, por cima do meu corpo, um, dois.

Quando se está apoiado nas mãos, o centro de gravidade é o que interessa. A trave de equilíbrio tem dez centímetros de largura, então você não tem muito espaço para brincar. Errar por um ou dois centímetros é demais. É a diferença entre uma medalha de ouro nas Olimpíadas e bater a coluna no chão com a força de todo o seu peso. A gravidade não se importa muito. Ela é de uma *terna indiferença*.

Dou uma estrela, voltando a ficar em pé, então faço uma pausa apenas para tomar fôlego. Firmando as mãos na beirada da trave, dou um impulso para trás e em seguida para cima em uma parada de mão. Oscilo por um momento, minha perna esquerda dobrada enquanto sinto que vou começar a cair. Então me endireito e restauro o equilíbrio, sem problemas.

Mas uma onda de incerteza que começa em meus braços rola até meu peito e me empurra para a frente. Mexo os quadris para corrigir o movimento, porém acabo fazendo supercompensação e minhas pernas se estendem demais na outra direção. Meu braço direito estremece, e eu vejo o mundo ao meu redor se curvar e inclinar. Tento chutar para interromper a queda, mas é tarde demais. Caio de peito sobre o colchonete e minha caixa torácica pressiona com força meus pulmões, fazendo com que todo o ar dentro de mim saia pela boca de uma vez só.

Um garoto que estava treinando nas argolas, um menino ucraniano do Brooklyn que eu vi algumas vezes, salta para o chão, se curva sobre mim e pergunta:

— Você se machucou? Parada de mão difícil demais, talvez. — Ele me ajuda a levantar, me passa uma toalha. Fecho os olhos e respiro. — Está tudo bem — ele diz, colocando uma das mãos sobre meu ombro trêmulo.

Agradeço e saio cambaleando, como se estivesse bêbada. Meu corpo está acabado e sinto como se alguém tivesse injetado cloreto de sódio em meus músculos. Quando chego ao vestiário, jogo a toalha sobre a cabeça e desabo no banco, cotovelos sobre os joelhos, respirando tão exausta que o ar assobia quando entra e sai, deixando um leve gosto de sangue na língua. Soa estranho, mas gosto disso — a dor, a respiração exausta, o leve gosto de sangue. Faz com que eu me lembre de que tenho um corpo, de que *sou* um corpo. De que sou real, não apenas pensamentos em uma cabeça.

Jogo a toalha no chão e tiro a roupa. Leva um minuto para que a água saia quente do chuveiro, mas fico lá embaixo mesmo assim. É uma água áspera, que cheira a cloro e ferrugem, e desce com força. Bate na minha pele como bilhões de pequenas agulhas.

Comecei a fazer ginástica depois que minha mãe morreu. Durante um ou dois meses, tudo o que fiz foi ficar deitada na cama, encolhida em posição fetal, contraída dentro de mim mesma, gritando o mais forte que conseguia em um travesseiro cheio de lágrimas e ranho. Meu pai me abraçava, é claro, mas então

começava a chorar também. Ficamos assim até que os dois não tivessem mais o que chorar. Isso foi logo depois de nos mudarmos de Argel para Washington.

Um sábado, fomos de carro até uma loja de eletrônicos porque meu pai tinha derrubado o celular na pia enquanto estava se barbeando e precisava de um novo. Ao lado da loja havia uma academia. Ficamos na vitrine olhando um garoto em cima de um cavalo com alças, girando como se a gravidade não tivesse efeito sobre ele, como se houvesse sido dispensado da regra de que tudo sempre acaba se espatifando no chão. Uma professora asiática apareceu. Pensei que ela ia nos mandar embora dali, mas em vez disso perguntou se queríamos entrar e dar uma olhada.

A paixão tinha nascido. Quando partimos para nossa próxima parada, descobri que a maioria dos países tem centros de treinamento olímpico nas capitais, onde costumava ficar a embaixada, justo o lugar que meu pai trabalhava. Os melhores treinadores estavam sempre dispostos a receber um novo aluno americano, especialmente se pagasse em dólares.

Ninguém jamais fingiu que eu era alguém que poderia ir para as Olimpíadas. Alta e grande, nem um pouco graciosa. Eu era pura energia, grandalhona e desengonçada, como uma corrente grossa em vez de um chicote. Mas chegar às Olimpíadas, ou mesmo participar de qualquer competição, não foi por que comecei, nem por que continuei. Eu queria aquelas frações de segundos gastos no ar, aqueles momentos enganando a gravidade, a droga que é se sentir livre. E daí que o barato de não ter que pensar em absolutamente nada só dura um décimo de segundo? E daí que os intimidadores, a solidão e as lembranças estavam me esperando no chão? Eu sempre podia voltar à trave.

A chuva parou e, no escuro do começo da noite, as ruas parecem estar limpas. As superfícies brilham, e Manhattan cheira a água fria em vez de lixo e gasolina pela primeira vez em meses. Atravesso a Terceira Avenida e entro na Segunda. Minha primeira parada é na padaria na esquina, onde levo dez minutos para escolher dois

cupcakes: um de chocolate com cobertura de glacê vermelho e outro de limão com cobertura de glacê rosa. O balconista coloca os dois em uma caixinha.

Alguns metros à frente, as luzes ainda estão acesas na papelaria Atzmon. Aperto a campainha e vejo uma figura arrastando os pés lentamente nos fundos da loja. Então o mecanismo da fechadura da porta dá um zumbido, indicando que posso entrar.

— *Guten Abend, Rotschuhe!* — grita Bela Atzmon do fundo da loja. “Boa noite, Sapatos Vermelhos”, ele me diz, por causa das minhas botas. Bela nasceu na Hungria, mas falava alemão na escola.

Passo entre as prateleiras de madeira escura com pilhas e pilhas de papel de carta, de todas as cores e texturas possíveis. Luminárias esverdeadas de latão fazem com que uma luz calorosa e meio antiquada domine todo o ambiente, como se a loja estivesse aqui, inalterada, há cem anos. Espero que este lugar nunca tenha que fechar, mas quem é que escreve cartas hoje em dia?

Na frente da loja há um armário com portas de vidro cheio de canetas. É aqui que Bela me encontra e fica me olhando por cima dos óculos.

Ele tem bem mais de oitenta anos, talvez noventa, mas ainda está firme e forte. Era um menino da fazenda, me contou certa vez, de um vilarejo afastado de qualquer lugar que se pudesse ser chamado de cidade grande.

— É hoje o dia, Sapatos Vermelhos? — ele pergunta, seu sotaque espesso como pasta de amendoim.

Além da papelaria, Bela e sua esposa, Lili, são donos dos apartamentos em cima da loja. Meu pai e eu moramos no quarto andar, e os Atzmon, no quinto. Ficamos amigos deles praticamente assim que chegamos, e jantamos juntos pelo menos duas vezes por semana. Depois, Bela sempre força meu pai a tomar uma bebida húngara chamada pálinka, e nós quatro nos sentamos e ficamos conversando. Política. Religião. A vida que eles tiveram — primeiro na Hungria, depois em Israel, onde moraram durante trinta anos antes de virem para os Estados Unidos. Bela acena com sua quarta, quinta ou sexta dose da noite, como um maestro faz com a batuta, à

medida que as histórias ficam mais sombrias. Então Lili dá uma bronca e ele para. Eu costumo descer após um tempo para fazer a lição de casa, e Bela e Lili se despedem com um aperto de mão e um beijinho no rosto. É o tipo de coisa que imagino que os avós fazem. Sempre olham para mim como se eu fosse um tesouro.

Levo um minuto revirando os bolsos do casaco para achar o envelope que guardei hoje de manhã. Eu o encontro e retiro o conteúdo — dez notas de vinte dólares, que espalho sobre o balcão.

— É demais, pequenina. Você não viu o aviso na vitrine? Só hoje, cinquenta por cento de desconto para qualquer jovenzinha usando sapatos vermelhos. — Bela diz, dando um estalo com a língua e balançando a cabeça.

— Isso não é justo com você.

— Se o mundo fosse justo comigo, eu estaria dirigindo um Bentley e indo para uma mansão em Beverly Hills. — Bela pega o dinheiro e me devolve metade. De uma gaveta embaixo do balcão, ele retira uma caixa de plástico fina. — Se fosse assim, eu estaria na Califórnia, e você aqui, pagando o preço integral.

Ele coloca a caixa sobre uma pequena toalha de veludo e a abre. A caneta-tinteiro — preta com as palavras “Para papai, com amor, G” gravadas em letra cursiva na lateral — brilha como se estivesse molhada. Eu a pego e retiro a tampa, girando a caneta na mão, examinando a ponta de prata refletir a luz como se fosse a lâmina de um bisturi.

Subo os três lances de escada até nosso apartamento. Há somente um por andar, todos ocupando desde a frente até a parte de trás do prédio. Entro e ouço Miles Davis tocando baixinho, uma composição elegante e melancólica, um trompete sozinho em uma sala escura, conversando consigo mesmo. *Nada mal nada mal.* Meu pai diz que lhe dá ânimo pensar que alguém em algum momento conseguiu lidar com a tristeza dessa maneira.

Arranco as botas e passo pela cozinha. Caixas do nosso restaurante indiano favorito estão na pequena mesa no canto.

— Pai? — chamo em voz alta. — Por que a comida indiana? Ia ser espaguete à Gwendolyn, lembra? — Todo ano, desde que eu tinha oito, faço espaguete no aniversário dele. Meu pai estava triste demais para sair no primeiro aniversário depois que minha mãe morreu, e meio que se tornou uma tradição.

Ele está deitado no sofá, com o pescoço um pouco curvado para enxergar a tela do laptop sobre seu peito. É assim que meu pai costuma estar quando volta para casa do trabalho: exausto, moído, depois de um dia lutando heroicamente com memorandos e relatórios. Agora ele é conselheiro político, o que parece interessante, mas ele conta que tudo o que faz é se afundar em papéis e ir a reuniões. São documentos altamente secretos, ou pelo menos é isso o que ele me diz, e as reuniões às vezes implicam que ele tenha que ir para Nairóbi ou Cingapura no dia seguinte. Mas, de qualquer jeito, continuam sendo papéis e reuniões, então quão interessantes podem ser?

— Oi, filhota. — Ele sorri, a tela do laptop refletida nas lentes dos óculos. Perdeu peso ultimamente, e seu rosto está comprido e fino. “Estresse”, ele me falou quando comentei que estava preocupada. “Estresse é o segredo do emagrecimento.”

Sento no chão, ao lado do sofá.

— Feliz aniversário, velhinho.

Ele olha para mim por cima dos óculos com uma expressão confusa, como se não tivesse ideia de que hoje é seu aniversário, que é o que faz todo ano. Então estende o braço e faz um carinho na minha cabeça.

— Desculpe pela comida indiana. Estou um pouco cansado de espaguete. Achei que podíamos tentar algo novo.

— Comida indiana não é *algo novo*.

— Então… prefere a sopa de couve do vegano hipster? Por mim, tudo bem.

Sorrio e tiro a mão dele do meu cabelo. O texto na tela do laptop está numa letra tão pequena que não consigo ler. Há uma foto de um homem gordo com a cabeça raspada, de olhos abertos, com um círculo preto do tamanho de uma moedinha perto do centro da testa. Levo um segundo para perceber que é um buraco de bala.

— Nossa — digo. — O que é isso?

— Viktor Zoric. Levou um tiro de um policial dois dias atrás em sua casa em Belgrado — ele explica, fechando o laptop e levantando. — Vai sair no jornal amanhã. “Chefão do crime sérvio morto durante prisão.”

— O que ele fez?

— Coisas horríveis — meu pai diz enquanto entra vagarosamente na cozinha.

Levanto e vou atrás.

— Que tipo de coisas ruins?

— Do pior tipo.

— Dá pra ser mais específico?

Ele tira a rolha de uma garrafa de vinho tinto barato, cheira e então coloca um pouco em uma taça.

— Não importa. Seja apenas uma adolescente, Gwen.

Tiro o vinho da mão dele e tomo um golinho. Nosso acordo é que posso tomar um copo de vinho no jantar, desde que os adultos também estejam bebendo.

— Então, essa prisão do Viktor Zoric — continuo. — Você estava envolvido?

Meu pai pega dois pratos e os passa para mim.

— Fiz alguns papéis circularem e escrevi um pequeno relatório. Dessa vez alguém acabou realmente lendo.

Coloco os pratos na mesa.

— E ele era um assassino? Chefe do tráfico? O quê?

— Chega, Gwen.

— Eu leio o jornal. Estou ligeiramente ciente de que o mundo não é feito só de arco-íris e borboletas.

— Você quer saber? Muito bem. — Ele me passa uma taça de vinho. — Assassinatos, drogas, o pacote completo. Mas as atividades principais de Viktor eram comércio de armas e tráfico humano. Para prostituição. Mulheres. Meninas.

— Tudo bem. Entendi — digo, torcendo o nariz.

— Elas eram mandadas principalmente para a Europa, mas também para Abu Dhabi e Xangai. Los Angeles, também. Em contêineres de navios.

— Obrigado pela imagem que não vai sair da minha cabeça. — Coloco arroz e curry nos pratos.

— Elas foram colocadas em uma caixa de metal com pouca comida e água, e um balde para as necessidades — meu pai continua. — Estavam mortas quando o pessoal da Alfândega as encontrou. Catorze meninas russas e ucranianas.

— Que droga. Mas já pode parar — digo. — Não é uma boa conversa para o jantar.

— Você perguntou, eu respondi. — Ele acena para que eu sente. — Adie isso o máximo que puder, Gwen. Descobrir como o mundo é uma merda.

Enquanto sento, meu pai coloca vinho na minha taça com um floreio, como um garçom em um restaurante chique.

— *Votre vin, mademoiselle* — diz ele.

— Puxa, *merci* — respondo, e ataco a comida.

Nós comemos em silêncio por alguns minutos. Não se ouve nada além da mastigação, do zumbido da geladeira e do som monótono da cidade do outro lado das janelas. Ela está sempre lá, lembrando com buzinas, sirenes, gritos e berros que, mesmo quando está sozinho, você está no meio de uma colmeia povoada por um bilhão de outras abelhas.

— Então, aconteceu uma coisa hoje. Na escola — digo. — Preciso que você assine um papel.

Ele levanta as sobrancelhas enquanto limpa o molho do queixo com um guardanapo. Vou até o casaco que está pendurado em um cabide ao lado da porta e tiro a notificação de suspensão feita pela srta. Wasserman.

Meu pai desdobra o papel e o examina por um segundo.

— O que é isso, Gwen?

— Só uma suspensão de um dia.

— *Só* uma suspensão de um dia? Isso é importante.

— Eu sei. Desculpe. — Respiro fundo.

— O que aconteceu?

— Astrid Foogle disse umas coisas. Então eu a xinguei em francês e um professor ouviu, agora estou suspensa. Você pode apenas assinar, por favor?

— O que a Astrid Foogle disse?

— Pai, foram coisas desagradáveis. Podemos parar aí? Por favor?

— Você é esperta demais para cair em provocação, Gwen. É só ignorar e não vai ter problema.

Uma onda de eletricidade percorre meu corpo. Olho para o outro lado, aperto forte a beirada da cadeira. Adoraria contar sobre o tapa que Astrid me deu, mas ele ficaria decepcionado por eu não ter revidado, ou pelo menos por não ter contado ao professor o que realmente aconteceu.

— Esta não é a primeira vez, Gwen. Teve aquele garoto em Dubai, como era o nome dele mesmo? E aquela menina em Moscou, Sveta. Foi a mesma coisa.

— Você só precisa assinar, droga! — As palavras explodem da minha boca antes que eu possa impedir. Eu me levanto, sem conseguir respirar. Viro e vou para o quarto. Meu pai me segue, mas bato a porta com força antes que ele consiga me alcançar.

Ele bate com educação e pergunta se estou bem.

— Claro — respondo. — Perfeita.

— O que está acontecendo? — ele pergunta. Dessa vez eu não respondo. Vejo a sombra de seus pés pela fresta da porta enquanto ele espera um segundo, debatendo consigo mesmo se deve me dar espaço ou pressionar um pouco mais. Por fim, ele se afasta.

Meu pai deve estar se perguntando o que está acontecendo. O que está acontecendo é que eu odeio este lugar. Odeio Danton e todo mundo lá. Odeio o trabalho dele e tudo relacionado ao que faz. Há pessoas da minha idade que passaram a vida inteira na mesma casa. Há pessoas da minha idade que têm os mesmos amigos desde a educação infantil. Elas têm um cachorro, um quintal e uma bola no telhado que foi parar lá quando tinham dez anos.

Reviro a gaveta do meu criado-mudo procurando o frasco de ansiolítico, encho a boca de saliva e engulo um dos pequenos comprimidos. Tomo isso há alguns anos. CONFORME NECESSÁRIO, está escrito no rótulo. Mas já estou ficando sem, porque “conforme necessário” se tornou muito mais frequente desde que viemos para Nova York. Vai fazer efeito em uns vinte minutos, colocando um

cobertor morno sobre meus ombros e me dizendo que Astrid Foogle, o tapa e a humilhação não são tão importantes quanto penso. É como ter um melhor amigo na forma de comprimido.

Ao lado do frasco está meu outro sedativo, um baralho. Tiro as cartas da caixa surrada e começo a embaralhá-las repetidas vezes. O ritmo concreto e matemático do papel revestido de plástico contra meus dedos e a palma das mãos me acalma de um jeito estranho que lembra TOC. Comecei a fazer isso depois de ver uns vigaristas de rua na Venezuela, que fazem “jogos” que na verdade são golpes. Com o tempo acabei ficando boa em todo tipo de truque, e agora as cartas servem como uma pequena sessão de terapia enquanto espero o efeito do remédio.

Pela janela ouço as sirenes altas e profundas dos caminhões de bombeiros. Em algum lugar, alguma coisa está pegando fogo. Juntando as cartas e as embaralhando outra vez, ouço o som do freio de um ônibus e a buzina de um táxi. Ouço um bêbado gritando que alguém pegou seu dinheiro, mas Jesus está voltando. Quero sair daqui. Tiro os pensamentos da mente e continuo mexendo as cartas, meus dedos criando e recriando um mundo plástico de possibilidades e probabilidades, um novo universo de vencedores e perdedores a cada vez.

*

São onze e trinta e seis quando eu acordo — ansiolítico do cacete —, e agora o aniversário quase acabou. Pulo da cama e abro a porta.

Meu pai está sentado no sofá, de óculos, com o laptop aberto. Entro de mansinho na cozinha e tiro a caixa de cupcakes. O com cobertura vermelha caiu de lado e ficou meio amassado, então separo esse para mim. Remexo as gavetas e encontro fósforos e uma vela de aniversário — ela tem o formato de um número cinco e, não sei por quê, veio conosco de Moscou, onde comemorei quinze anos. Estranho, o sentimentalismo de meu pai.

Fico parada na porta da cozinha, segurando o prato com dois cupcakes até meu pai levantar os olhos e me notar. Ele fecha o

laptop e coloca os óculos no bolso.

— Desculpe pelo aniversário desastroso — eu digo, sentando na beirada do sofá, ao lado dele.

— Você não vai cantar?

— Sem chance. Faça um pedido.

Um segundo passa enquanto ele pensa, então assopra a vela. Com cuidado, tira o cupcake do prato e dá uma mordida.

— Limão — ele diz. — Você lembrou.

Vejo um livro sobre o sofá, meio encoberto pelo laptop.

— O que você estava lendo?

Com a mão livre, ele o puxa e me mostra. É um exemplar velho e desgastado de *1984,* de George Orwell.

— Não estava lendo, vou emprestar para um amigo — ele diz. — Você já leu?

— Não.

— Deveria. Futuro distópico. Ou talvez presente distópico.

O presente. Pego minha mochila no chão e reviro até encontrar a caixinha.

— Comprei uma coisa pra você.

Ele pega a caixa, aperta os olhos e retorce o nariz.

— É… uma vara de pescar?

— Para.

— Não. Um carro novo.

— Para! — digo. — Abre logo!

Meu pai abre a tampa só um pouquinho e espia dentro, como se o que estivesse lá pudesse mordê-lo. Então seu rosto relaxa.

— Gwendolyn Bloom, o que foi que você fez? — diz, no mesmo tom que usa quando está irritado.

Ele deixa a caixa cair no colo e segura a caneta como se fosse delicada como um passarinho. Tiro um caderno da mochila.

— Toma — eu digo. — Escreve com ela.

Meu pai coloca a pena sobre o papel e rabisca o que parece ser uma assinatura, mas a tinta demora um pouco para sair. Até que uma linha azul elegante surge. “Amei!”, ele escreve.

— É mesmo? Tem certeza?

— Mais do que isso. Fiquei louco por ela. Faz com que eu me sinta… *um verdadeiro aristocrata* — ele diz com um péssimo sotaque inglês.

Dou risada, e ele me dá um abraço. Com minha cabeça em seu ombro, posso ouvir seu coração bater de maneira lenta e uniforme. Esquece dessa casa nos subúrbios, esquece esse bando de amigos que acabam ferrando você de qualquer jeito. Uma família de dois ainda é uma família. É o bastante. Estou quase lhe dizendo isso, mesmo que seja brega demais, mas ele fala primeiro.

— Vou levar amanhã na minha viagem. Vou ser o cara mais chique da reunião.

Amanhã? Eu me afasto e endireito o corpo.

— Pra onde você vai?

Ele se encolhe, como sempre faz quando se esquece de algo.

— Eu ia contar, mas você pegou no sono. Tenho que ir a Paris.

Meus ombros desabam.

— São só dois dias — ele diz. — Pego o avião amanhã de manhã, vou a uma reunião amanhã à noite e depois de amanhã, na hora de dormir, já vou estar em casa.

Três

Ele sempre deixa o mesmo bilhete — *Não coma porcaria. Deixei quarenta dólares para emergências. Se precisar de alguma coisa, fale com Bela e Lili* —, mas dessa vez, rabiscado com a elegante tinta azul da caneta que eu dei. Me recosto no assento do trem seis e olho o verso do bilhete onde escrevi o endereço da loja de discos usados em St. Mark's Place.

Quando se trata de música, meu pai e eu discordamos de quase tudo. Mas jazz é a exceção. Às vezes ele me levava para casas de show no exterior, onde eu segurava o nariz para me proteger da fumaça do cigarro e escutava atentamente às apresentações, uma atrás da outra. A gente criou uma espécie de competição entre as cidades que visitávamos, tentando encontrar os espaços menores e mais estranhos e as gravações mais obscuras. Pena que a vitrola dele chegou a Nova York totalmente despedaçada. Algum dia, quando eu tiver dinheiro, vou dar uma nova de presente para ele.

Falta pouco para o meio-dia, e passei a manhã comendo sobras frias de curry na frente da tv. Mas pretendo aproveitar ao máximo esse raro dia da semana sem aula. Desço em Astor Place e caminho na direção da St. Mark's. Passo por barzinhos descolados, um restaurante mexicano com um manequim de sombreiro na frente, estúdios de tatuagem. Talvez eu devesse fazer uma.

Meu pai me contou que sua família se estabeleceu nos conjuntos habitacionais que havia aqui há mais de um século, com uma dúzia de pessoas em um quarto ou algo absurdo desse tipo. Era como a maioria dos judeus recém-chegados aos Estados Unidos vivia

naquela época, meu pai me explicou. A família dele é lituana, e o sobrenome Blumenthal se transformou em Blum, e algum tempo depois, Bloom. Tecnicamente, eles não são meus ancestrais, não em termos de sangue, mas eu diria que ainda contam.

Meu pai é filho único, e seus pais morreram antes de eu nascer. Um acidente de carro em San Diego, onde ele cresceu. Meus únicos parentes verdadeiros, que compartilham meu DNA, são a irmã da minha mãe e sua filha. Minha tia é casada com um rabino no Texas. Eu encontrei os dois apenas uma vez, pouco depois que minha mãe morreu, e nem lembro do rosto deles.

O sininho acima da porta toca quando eu entro na loja de discos. Um cara com a cabeça raspada e alargadores nas orelhas levanta o rosto atrás do balcão. O lugar tem um cheiro bom, uma mistura de pó, vinil e ozônio. Longas fileiras de balcões baixos carregadas de caixas ocupam toda a extensão da loja.

Tiro alguns vinis das caixas: *Bitches Brew*, de Miles Davis; *Ellington at Newport.* Então vejo mãos examinando a caixa ao lado da minha e as sigo até um corpo e um rosto.

São as roupas que me confundem. Estou acostumada a vê-lo em Danton com o uniforme, camisa branca e gravata listrada. Hoje ele está usando um suéter vermelho de gola rulê e calça cáqui, como se tivesse saído de uma foto publicitária da Ralph Lauren. Sua pele é lisa e marrom-escura, e um brilho morno sai de dentro dele, como se houvesse uma lanterna em seu peito. Em Danton, ele fica na dele, come sozinho, e quase não fala com ninguém. Seu nome verdadeiro é Terrance, mas seu apelido na escola é Bolsista, porque dizem que tem uma bolsa integral.

— Oi — eu digo.

Terrance levanta a cabeça. — Oi.

— Terrance, né?

— É.

— Eu sou Gwendolyn — digo.

— Eu sei.

Por um momento há um silêncio constrangedor. Tão constrangedor que lembro que é essa a razão pela qual nunca converso com os garotos. Então Terrance sorri.

— Você não deveria estar na escola?

— E você?

— Três dias de suspensão por alterar os registros de presença — ele diz. — Aquele pessoal não entende ironia. E você?

— Um dia — digo. — Por mandar Astrid Foogle ir se foder.

Ele arqueia uma sobrancelha como se estivesse verdadeiramente impressionado.

— Garota corajosa — diz. — O que tem aí?

Olho sem graça para o disco que estou segurando e reparo que minhas mãos estão tremendo.

— Sonny Rollins. Mas só estou olhando.

— Sonny é legal — ele diz. — Mas Charlie Parker é melhor.

— Óbvio — digo. — Nem dá pra comparar. Tenta de novo.

Ele dá de ombros.

— Sempre fui um cara de Coltrane.

Sorrio involuntariamente.

— Também sou um cara de Coltrane.

Ele ri, e meu rosto fica tão vermelho quanto o suéter dele.

— Desculpa. Eu não quis… — A voz dele desaparece aos poucos. — Então… você gosta de jazz. Devemos ser os únicos.

Faço um gesto indicando o interior da loja.

— Em Danton, quero dizer. — Terrance olha para baixo e ajusta a mochila. — Eu… só estou matando tempo — ele diz. — Se você quiser… não sei qual é sua programação…

— Vamos — digo sem pensar.

Quando saímos, percebemos que o sol desapareceu, substituído por nuvens escuras que parecem estar se arrastando sobre a cidade. Nenhum de nós tem compromisso, e ambos parecemos felizes com isso. Andamos por mais dois quarteirões na St. Mark’s. Hoje a cidade está estranhamente vazia ou fui eu que não reparei em mais ninguém?

Conversamos sobre o tipo de música e livros de que gostamos, os alunos de Danton que odiamos. Ele diz que pensou que eu era “grega ou algo assim”. Não, eu respondo. Meu passaporte diz que

sou americana, mas sou apenas outra filha de diplomata. Legal, ele diz.

Em algum ponto, cruzamos a Avenida A e vamos parar no Tompkins Square Park. Caminhamos por uma trilha pavimentada sob um dossel de árvores sem folhas. De um lado, um sem-teto dorme entre placas de papelão, mãos e pés sujos, montes de roupas saindo escapando pelos lados como um sanduíche com recheio demais.

— Então… você tem uma bolsa de estudos? — eu pergunto.

Os olhos dele se estreitam.

— O quê?

— Seu apelido. Os outros chamam você de Bolsista.

— Eles me chamam de Bolsista porque sou negro.

— Como assim?

— Acham que seria o único meio de um negro estudar em Danton. — Terrance balança a cabeça. Para eles. E talvez para mim também. — Só lembram da minha existência quando querem comprar maconha. Mas eles que se fodam. Não faço isso. Minha vida não é o filme deles.

Minha mão acidentalmente resvala na dele.

— Então faça seu próprio filme. Você pode ter o papel que quiser.

Ele dá um leve sorriso, como se gostasse da ideia.

— E qual é o seu papel, no seu filme?

— Meu filme? — Dou de ombros. — Acho que não estou em um. São só… cenas aleatórias coladas.

— Mesmo assim — ele diz. — Você ainda é a heroína.

— A heroína?

— Você sabe. Descendo o cacete, salvando o mundo, tudo isso sem perder a pose. — Ele dá soquinhos no ar, se divertindo.

É uma espécie de elogio: eu, salvando o mundo. Gwendolyn Bloom, mantendo a pose. Dou um sorrisinho.

— Claro — eu digo.

Mas Terrance parou e está olhando dois garotos ao lado da área de treinamento de cães. Eles ajeitaram uma caixa de papelão e têm um baralho. É um jogo de rua que, na verdade, é um golpe. Um dos garotos embaralha três cartas e grita “Encontrem a dama,

encontrem a dama” para o pessoal que está fazendo caminhada ou saiu do escritório para almoçar.

Costumavam fazer isso em toda a cidade nos velhos tempos, meu pai contou, mas imagino que devam ter parado, porque Terrance não sabe de nada a respeito. Já vi esse truque em muitos lugares do mundo inteiro, e costumava adorar ficar olhando os jogadores enganando os turistas. Com a ajuda de alguns vídeos do YouTube, aprendi a fazer o truque sozinha. Eu treinava com meu pai valendo o dinheiro falso do Banco Imobiliário.

Um dos garotos dá as cartas, e o outro faz uma representação espalhafatosa de que está ganhando. Ele tem um maço gordo de dinheiro na mão.

— Quer tentar? — Terrance pergunta.

— É um truque — eu digo. — Não dá para ganhar.

— Mas o outro cara está ganhando.

— Porque esse é o papel dele — eu digo. — É o que chamam de “incentivador”. Eles trabalham juntos.

Mas Terrance está curioso e vai até eles assim mesmo. Tira uma nota de vinte e a coloca em cima da caixa de papelão. O trapaceiro pega a nota e mostra as cartas, uma dama e dois valetes ligeiramente curvados no centro para ficar mais fácil de pegar. O trapaceiro embaralha as cartas e fica mudando a posição delas. A dama vai para a esquerda, para a direita, para o meio.

A princípio é fácil, e essa é a ideia. Mas o truque, a chave, a trapaça em si, é pegar a dama e outra carta com uma das mãos, então soltar essa outra fazendo com que o alvo, a pessoa que se quer enganar, acredite que você acabou de soltar a dama. O jogador é tão rápido que nem consigo identificar o momento em que a trapaça ocorre. Agora Terrance está seguindo a carta errada.

Quando o garoto para, Terrance bate na carta da esquerda. Com um sorrisinho, ele vira a carta. Valete de paus.

Outra nota de vinte sai do bolso de Terrance, e dessa vez o jogador o desafia para o dobro ou nada. Assim, lá se vão quarenta, e, uma rodada depois, oitenta.

— Como você sabia? — ele pergunta quando afinal nos afastamos.

— YouTube, um baralho e muito tempo livre. Dez mil jogadas depois, eu era tão boa quanto aqueles caras.

— Então deveríamos montar nosso próprio jogo — Terrance diz. — Você e eu.

Continuamos passeando pelo parque, passando pela quadra de basquete lotada e por uma placa caseira presa a um poste falando de Otto, um porquinho-da-índia que desapareceu. Encontramos um banco limpo, ou mais ou menos limpo, embaixo de algumas árvores esqueléticas e sentamos.

— Quem trabalha no Departamento de Estado, seu pai ou sua mãe? — Terrance pergunta.

— Meu pai — digo.

— O que a sua mãe faz? — ele pergunta.

Penso em mentir. Costuma ser um pouco constrangedor quando eu conto a verdade. Mas, desta vez, por algum motivo, sou sincera.

— Ela morreu — digo. — Faz dez anos.

— A minha também — diz Terrance. — Faz oito. Em um acidente de barco.

Abro a boca para também contar como minha mãe morreu, mas ele me impede, colocando uma das mãos sobre a minha.

— Tudo bem se não quiser falar — ele diz.

— Obrigada.

O fato de nossas mães estarem mortas fica ali apenas por um segundo. Nada de estardalhaço. Nada de drama.

— Pra onde você quer ir? — ele pergunta.

— Estou bem aqui — digo.

— Não. Pra fazer faculdade.

— Não pensei nisso — digo. — Pra algum lugar quente. E você?

— Harvard. Meu pai bancou uma cadeira lá, então…

— Uma cadeira?

— Não uma cadeira de verdade. É, tipo, um cargo no corpo docente. A “cadeira Mutai para o estudo de alguma coisa relacionada a economia”. Nem lembro o nome verdadeiro.

Em algum lugar no fundo do meu bolso, meu celular toca. Olho rapidamente e vejo que é meu pai. Em vez de atender, coloco em modo silencioso. Posso ligar mais tarde; não quero quebrar o encanto do momento. O relógio no celular marca duas e quarenta e dois da tarde. Para onde foi o tempo? O vento nos atinge com força. Levanto a gola do casaco e cruzo os braços.

— O que foi? — Terrance pergunta.

— Está meio frio — digo.

— Quer ir embora?

— Não.

Então ele passa o braço sobre meus ombros e me puxa para si. Meus músculos endurecem. Sinto o calor de seu corpo percorrendo todo o caminho através do casaco dele e do meu. Será que eu deveria dizer alguma coisa? Não, digo a mim mesma, cale a boca e deixe as coisas acontecerem. Inclino a cabeça para o lado, apoiando-a no ombro de seu casaco. Tem cheiro de sabonete de hotel caro.

— E depois da faculdade? — pergunto. — O que você vai fazer?

— Meu pai disse que posso fazer qualquer coisa que eu quiser desde que não entre no ramo de fundos de cobertura, investimentos de altíssimo risco, como ele — Terrance conta, passando a mão ao longo do meu braço. — Mas não sei, provavelmente vou acabar fazendo isso mesmo. Adoro programação, a precisão mental. Acho bonito. É como se a matemática fosse uma arte. Estou sendo esquisito?

Dou uma risadinha.

— Música matemática.

— O quê?

— Música matemática. É idiota, mas é assim que eu chamo, tipo, Dizzy e Charlie Parker juntos, ou Coltrane e qualquer um. Soa como caos, mas não é. É cálculo.

— Música matemática — ele repete. — Gostei.

Então seu braço me aperta um pouco mais, e eu deslizo dois centímetros para ficar mais perto dele, depois mais dois.

Uma gota gorda de chuva cai no meu joelho; uma segunda, na minha mão. Elas começam a explodir e estourar ao meu redor,

escurecendo a calçada como gotas de tinta marrom. Nós dois sabemos que temos que levantar e procurar abrigo — logo vai começar a chover forte —, mas não nos mexemos. Um som baixo de trovão se torna um estalo agudo. Uma nuvem roxa sobre os edifícios à distância brilha forte, como se iluminada de dentro.

— Os deuses estão conspirando contra nós — digo.

— É melhor irmos — diz Terrance.

Atravessamos o parque correndo, com o céu desabando sobre nós, deixando cair lençóis de chuva em ondas sinuosas que parecem fantasmas furiosos. Se eu acreditasse em Deus, acharia que era uma punição por ter passado algumas horas com um garoto estranho e interessante. Atravessamos a Avenida A e nos abrigamos na entrada de um prédio residencial. Temos apenas alguns centímetros quadrados de espaço ali, colados na porta de metal preta para fugir das gotas de chuva que ricocheteiam.

— Você está tremendo — ele diz. — Vem cá.

Eu não tinha reparado e não estou sentindo frio, mas vou mesmo assim. Ele me aperta contra seu peito e envolve minhas costas com seus braços.

— Explica melhor — peço. — Sobre a cadeira Mutai para o estudo de alguma coisa relacionada a economia…

Ele ri, e eu sinto com o rosto seu peito se mover. — Tecnicamente, é a Cadeira Terrance Mutai III.

— Como assim?

— Meu pai é Terrance Mutai III. O que faz de mim Terrance IV.

Agora é minha vez de rir. Espero que ele não pense que sou uma idiota.

— Tem um número no seu nome? Você é da realeza ou algo assim?

— Não — ele diz. — Só um esnobe.

— Tudo bem — digo. — Eu também sou.

Então, tragicamente, e contra todas as probabilidades em Nova York durante uma tempestade, um táxi para bem na nossa frente e uma mulher desce. Eu poderia ter ficado onde estávamos, do jeito

que estávamos, o dia todo, talvez a semana toda, mas, antes que eu possa protestar, Terrance me puxa pela mão para entrar no carro.

Ele instrui o motorista para seguir para o norte na Primeira Avenida em direção à minha casa.

— Depois, vamos fazer uma segunda parada — Terrance diz. — Rua 72 com Quinta Avenida, no Madisonian.

Não estou na cidade há tanto tempo, mas a conheço o suficiente para reconhecer um dos quarteirões mais prestigiosos de toda Manhattan. Aqui, até os muito ricos moram em quarteirões como o meu, em apartamentos minúsculos que dão para ruas movimentadas. A vizinhança de Terrance é reservada para os astronomicamente ricos. Mesmo a maior parte dos esnobes de Danton invejaria o endereço dele.

O táxi corre pelas ruas, que adquirem um brilho escuro sob a chuva. Terrance e eu estamos aninhados no banco traseiro, o aquecedor à toda, soltando calor pelas passagens de ar. Olho para meus dedos, que estão vermelhos e dormentes. Ele segura minhas mãos nas suas e as esfrega.

Entramos na minha rua, e eu digo ao motorista onde parar. Coloco a mão no bolso para pegar o dinheiro, mas Terrance diz que o táxi é por conta dele. Viro para agradecer e o encontro bem ali, a centímetros do meu rosto. Antes de perceber, ele me dá um beijo rápido e inocente na boca. Fico imaginando a cara que fiz, porque ele ri e diz:

— Até mais.

Minha mente acelera, analisando cada segundo das últimas horas enquanto entro no prédio e começo a subir as escadas. Segundo, terceiro, quarto andar, Terrance IV.

Tranco as duas fechaduras e passo a corrente na porta. Terrance realmente me beijou? Qual é o significado disso?

Por algumas horas, tento fazer a lição de casa. Amanhã, como toda sexta, é dia de prova de cálculo, e embora eu só tenha perdido

um dia, fiquei para trás. Os exercícios são difíceis, e ficam ainda mais com a lembrança da sensação das mãos dele esfregando as minhas no banco do táxi, com seus dedos compridos e finos, que parecem mesmo com as de um aristocrata que tem um número em seu nome. Aquela foi a parte importante. Não o beijo. A maneira como ele esfregou minhas mãos. Terrance é literalmente a única coisa que encontrei nesta cidade que não me machucou.

De algum modo consigo acabar os exercícios às onze. Faço um sanduíche, coloco o que sobrou do vinho de ontem à noite em um copo plástico e ligo na novela mexicana que acompanho para manter o meu espanhol em dia.

Dois amantes secretos em uma grande festa — ela com um vestido longo, ele de smoking — concordam em se encontrar no *cobertizo*. Cabana? Barracão? Não, não nesse mundo exclusivo. É uma garagem de barcos, ricamente enfeitada com relógios de metal, poltronas gostosas de couro e um falcão empalhado em uma prateleira. É perigoso se encontrar desse jeito, ambos concordam, com a festa ainda audível de tão perto. "Você me ama?", ele pergunta. "*Sí, Emilio*", ela diz, "*siempre*, *siempre.*"

O vinho desce quente até meu estômago, e meu cérebro está amaciado. Deslizo sobre o sofá, afundando a cabeça em uma almofada, e penso na Tompkins Square pela milésima vez naquela noite, em como a chuva parecia bolhas de tinta sobre a calçada. Ele é rico — deve ser, para morar onde mora. Mas e daí? Não se mede em dinheiro o modo como estava me abraçando naquela entrada de prédio quando nos abrigamos da chuva.

É nisso que estou pensando quando meus olhos fecham e me sinto caindo para trás, através do zumbido morno do vinho, pegando no sono. A novela ainda está passando, e uma discussão acalorada acontece agora. Emilio e alguém — o pai dela? Alguém está batendo na porta, mas a discussão continua. Por que ninguém atende a droga da porta?

Então desperto. As batidas não são na TV; são na porta do apartamento, firmes e urgentes. *Abra agora*, elas dizem. Eu me aproximo da porta grogue mas consciente, e espio pelo olho mágico. É Bela, usando um roupão. Há duas pessoas usando ternos

baratos atrás dele. Uma delas é uma mulher, cujo cabelo loiro e sujo está preso em um rabo de cavalo. É bonita, acho, atlética, e deve ter uns quarenta anos. O outro é um homem, que deve estar beirando os trinta. Ele tem um rosto avermelhado e cabelo preto curtinho como o de um recruta.

Destranco as duas fechaduras e abro a porta até onde a corrente permite.

Bela torce as mãos. Não é nervosismo, é alguma outra coisa.

— Eles… precisam falar com você.

— Você pode abrir, por favor, Gwendolyn? — diz a mulher.

Fecho a porta, solto a corrente e volto a abri-la. A mulher dá um passo para a frente e abre uma carteira que mostra um emblema e um cartão de identidade com sua foto nela.

— Oi. Sou a agente especial Kavanaugh, e este é o agente especial Mazlow. Somos do Departamento da Segurança Diplomática.

O homem mostra seu distintivo e sua identidade, mas nem olho. Eu os conheço — não esses dois especificamente, mas o tipo, o que significa quando aparecem. Sei quais vão ser as próximas palavras que vão sair da boca deles antes que as digam.

— Meu pai — começo, com a voz baixa, quase um sussurro. — O que aconteceu com ele?

A agente Kavanaugh coloca uma das mãos delicadamente em meu ombro. — Queremos que você venha com a gente, está bem? Pode fazer isso, Gwendolyn?

Afasto a mão dela com um safanão.

— O que aconteceu com meu pai? — repito, mais alto agora, quase gritando. — Ele está bem?

— Seu pai desapareceu, Gwendolyn — diz a agente Kavanaugh.

Quatro

KAVANAUGH E MAZLOW ESTÃO EM PÉ AO MEU LADO, no elevador que cheira a desinfetante. O botão do sexto andar está aceso. Ao lado dele está escrito: DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA DIPLOMÁTICA.

Quando visitei meu pai neste edifício de concreto onde fica o escritório nova-iorquino do Departamento de Estado, tive que passar pelos detectores de metal na entrada principal e usar um crachá de visitante. Mas agora não tem mais nada disso. Assim que descemos do enorme SUV com sirenes que Kavanaugh e Mazlow usaram para me trazer para cá, os guardas de segurança simplesmente nos mandaram entrar.

Sou colocada em uma pequena sala de reuniões onde diferentes mesas foram dispostas e cadeiras velhas estão enfileiradas nas paredes.

— Fique aqui — diz Kavanaugh. — Mazlow estará na porta se precisar de qualquer coisa.

Ela desaparece, e eu fico sozinha na sala, desejando que tivessem deixado Bela me acompanhar. As luzes fluorescentes zumbem e cintilam, lançando uma claridade doentia sobre tudo. A única janela na sala está coberta por persianas fechadas. Levanto uma das lâminas de metal e descubro que a janela dá para um corredor. Posso ver a sala na minha frente, onde Kavanaugh está com mais seis ou sete pessoas. Estão reunidos em torno de uma lousa onde fizeram uma espécie de linha do tempo:

20h37 SMS de Bloom do Café Durbin para estação de Paris tudo certo.

20h42 Lig Bloom para filha não atende/sem msg de voz
20h55 Lig Bloom para Feras/confirmar
21h22 Deixa reunião Feras no Café Durbin/ SMS para estação de Paris tudo certo
21h32 Cel inoperante

Kavanaugh está falando com dois homens que reconheço. Um deles é Joey Diaz, que tem o mesmo cargo do meu pai. É um cara negro, forte e bonitão. Os dois são amigos há anos. Trabalharam juntos em Dubai, e Joey, a mulher e os dois filhos passaram o dia de Ação de Graças e o Natal em nosso apartamento de lá dois anos seguidos. O outro é Chase Carlisle, chefe do meu pai. Tudo o que sei sobre ele é que vem de uma família sulista tradicional e conhece todo mundo em Washington.

Carlisle tem entre cinquenta e cinquenta e cinco anos, pele rosada, e usa um terno amassado, abotoado com alguma dificuldade sobre sua barriga de homem de meia-idade. O cabelo dele é bem curto dos lados e perfeitamente tingido de castanho. Enquanto Kavanaugh fala com eles, Carlisle olha na minha direção. Eu me afasto instintivamente, soltando a lâmina da persiana.

Logo depois, Diaz e Carlisle entram na sala. Joey me dá um abraço.

— Vai ficar tudo bem, Gwendolyn — ele diz. — Vai ficar tudo bem.

— Sente, por favor, Gwendolyn — diz Carlisle com seu sotaque agradável e suave do sul.

— Vou ficar em pé, obrigada — digo, tentando fazer com que minha voz soe tão calma quanto possível.

— Gwendolyn — Joey diz, pondo as mãos em meus ombros e olhando diretamente nos meus olhos. — Seu pai desapareceu pouco depois de encontrar com um de nossos colegas em Paris, alguém que nós…

— Não é *bem* assim, Joey — Carlisle diz, interrompendo-o. — Você está sugerindo que foi um sequestro, e não temos nenhuma evidência disso.

Sento e seguro os braços da cadeira com força, enquanto Carlisle me encara.

— Tudo o que sabemos até agora é que ele está desaparecido. É isso. É tudo o que temos. Ele pode ter sido sequestrado? Há uma pequena possibilidade. Mas existem outras razões para ele ter saído do sistema.

Sinto meu rosto se contrair, olhos apertados, boca aberta, dentes à mostra. Eu me escondo atrás de minhas mãos. Durante toda a minha vida me preparei para a possibilidade de meu pai acabar em um hospital ou mesmo morrer durante o trabalho, mas isso… Minha mente vai longe, imaginando mil cenários e torturas. Duas lágrimas caem dos cantos dos meus olhos e molham o meu rosto. Eu me forço a olhar para cima.

— Me digam exatamente o que estão fazendo para encontrar meu pai.

O rosto de Carlisle é profissionalmente inexpressivo.

— Você tem minha garantia de que o Estado está fazendo tudo o que pode. O escritório do FBI em Paris já está investigando a área. Além da polícia francesa, local e federal…

— Mas vocês têm que supor que ele foi raptado, certo? Quer dizer, é assim que vocês estão tratando o caso, não é? Como se ele tivesse sido sequestrado? — eu o interrompo.

— Claro — diz Carlisle. — Sim. Sem dúvida. Neste exato momento, a SIGINT está procurando pelo que chamamos de "falatório", ou seja, conversas interceptadas, sobre um diplomata americano desaparecido. Mas até agora, nada. O que na verdade é um bom sinal.

— O que é SIGINT? — pergunto, enxugando os olhos com um lenço de papel.

— É o serviço de inteligência de sinais. Eles trabalham com interceptações de celulares ou qualquer outro tipo de comunicação eletrônica. — Carlisle senta e consulta seu bloco de notas. — Gwendolyn, seu pai falava de trabalho com você? Talvez tenha mencionado certos problemas que estava tendo no escritório…

— Não — digo. — Quer dizer, era o estresse de sempre. Ele andava triste nos últimos dias. Com o aniversário da morte da minha mãe. Mas nunca falou muito sobre o trabalho. Só que lia muitos papéis, escrevia relatórios e tal.

Carlisle assente e faz uma anotação.

— Seu pai falou alguma vez sobre um desejo de se aposentar? Sair do Departamento de Estado e mudar para o exterior?

— Já chega, Chase. — Joey bate na mesa com a mão.

Carlisle dispara um olhar para Joey e então volta para mim.

— Gwendolyn, sabemos que seu pai ligou para você ontem à tarde, mas não deixou mensagem. Você teve algum contato com ele desde então? E-mail, redes sociais?

— Não — respondo. — Nada.

— Obrigado. Isso já ajuda. — Chase guarda a caneta e cruza as mãos. — Sei que deve ser muito difícil para você. Tem algum parente com quem possa ficar por enquanto?

— Tenho tios no Texas. Georgina e Robert Kaplan. Ele é rabino, mas nem sei onde. Perto de Dallas, acho.

— Ninguém aqui?

— Posso ficar com Bela e Lili. Os Atzmon. São amigos e moram no nosso prédio. No quinto andar.

— Os Atzmon servem por enquanto — diz Carlisle, se levantando. — Fique com eles esta noite. Entramos em contato assim que tivermos alguma novidade.

Abro a boca para falar, mas Carlisle já está saindo da sala.

Os limpadores dançam rapidamente sobre o para-brisa, afastando a água da chuva, recuando e avançando, recuando e avançando. Tento deixar o movimento me hipnotizar, tento me perder nele. O SUV que Joey pegou emprestado da frota está subindo a Terceira Avenida em meio ao trânsito das três da manhã. Dessa vez, ele não liga a sirene. É como se percebesse que estou grata por estar aqui com ele, talvez o único amigo que meu pai tem no mundo com a capacidade de fazer algo para ajudar.

— Como estão seus filhos? — pergunto. — A mais velha é Christina, certo?

— É — Joey diz. — Vai fazer doze mês que vem. Oscar acabou de fazer nove.

— Oscar. Sempre gostei desse nome.

Parece conversa fiada, mas é um teste. Observo atentamente o rosto de Joey para ver sua reação quando digo:

— Sabe, assim que meu pai voltar, a gente precisa marcar alguma coisa.

A cabeça dele recua um pouco, e eu o vejo respirar lentamente.

— Claro — ele diz com um sorriso falso.

— Meu pai não vai voltar, vai, Joey?

— Claro que vai — diz Joey, mas as palavras são esperançosas e vazias, como quando dizem a um paciente com câncer que ele vai melhorar logo.

Sinto meu rosto se contrair de novo. Apoio a cabeça no vidro frio da janela, onde a água da chuva escorre em pequenos rios.

— O que aconteceu com ele, Joey? Por favor, me conta. Sem enrolação. Acho que tenho esse direito.

Os dedos de Joey tamborilam o volante.

— Seu pai estava em uma reunião em um café com um de nossos contatos, uma pessoa que trabalha com a gente. Depois que os dois foram embora, ele mandou uma mensagem para nosso escritório em Paris para dizer que estava bem. Pouco depois, o telefone dele foi desligado ou simplesmente parou de funcionar. Não havia nenhum relatório policial da área ou sinal de violência. Isso é tudo o que sabemos.

Penso na linha do tempo que vi fora da sala.

— A reunião era com o tal Feras? Vi esse nome na lousa.

— Sim — Joey diz. — Já mandamos alguém ir falar com ele. Mas não sabemos qual foi o papel desse cara nisso, se é que teve algum.

— Tinha alguém, um russo ou sérvio, não lembro. Vi uma foto dele uma noite dessas no laptop do meu pai. Viktor Zoric. Ele tem alguma ligação com Feras?

— Dificilmente. Mas você pode ter certeza de que isso está sendo investigado.

Esfrego meus olhos, e Joey estende a mão para apertar meu ombro.

— Não entendo, Joey — digo com a voz muito baixa, quase inaudível. — Meu pai só mexe com papelada. O que iam querer com

alguém como ele?

Houve um longo momento de silêncio.

— Acho que preciso de um café — Joey diz por fim. — Você pode tomar um refrigerante ou algo assim.

O carro vira de repente à direita, cortando duas pistas de tráfego. Buzinas soam furiosas atrás de nós. Ele estaciona, desliga o motor e faz um gesto para que eu o siga enquanto abre a porta.

A chuva atinge minha cabeça com suas gotas gordas e geladas e escorre por meu rosto e meu pescoço, entrando pelo colarinho. Coloco o capuz enquanto Joey me puxa pelo antebraço, como se estivesse conduzindo um prisioneiro.

— Não é seguro falar lá dentro — ele diz. — O rádio nunca está realmente desligado. Você entende?

Paramos embaixo do toldo de uma mercearia vinte e quatro horas e ficamos diante de prateleiras de madeira com bananas, laranjas, maçãs e baldes de flores baratas embrulhadas em plástico. Não há ninguém por perto, não àquela hora, e Joey me segura pelos ombros.

— Você sabe qual é o trabalho do seu pai? — ele me pergunta.

— Ele é conselheiro político do Departamento de Estado, um diplomata.

— Vamos, Gwendolyn — Joey diz. — Com que ele trabalha? *O que* ele faz na vida?

— Aonde você quer chegar?

Ele respira lentamente por um momento.

— Seu pai não trabalha para o Departamento de Estado, Gwendolyn. Ele nunca trabalhou para o Departamento de Estado. Esse é o disfarce oficial.

Joey para por um momento, me encarando enquanto absorvo as palavras. Se meu pai não trabalha para o Departamento de Estado, então só resta uma possibilidade. Abro a boca para falar, mas tenho dificuldade de formar as palavras.

— Ele é um espião — digo por fim. — Da CIA.

Joey dá um sorriso triste.

— Você chegou sozinha a essa conclusão, entendeu? Eu não disse nada.

A única coisa que me choca é que não estou nem um pouco chocada. Aquilo me atinge como uma resposta a uma charada que já tinha ouvido mas esqueci, o final de uma piada que eu já conhecia. Uma parte de mim sempre soube disso, pelo menos desde que moramos no Egito, ou talvez mais cedo, na Venezuela. Eu não sabia o que significava CIA quando tinha dez ou onze anos, mas entendia que o que meu pai fazia era diferente. Nenhum dos outros pais demorava uma hora para levar seus filhos de carro para a escola, fazendo um caminho diferente por dia. Nenhum dos outros pais tinha reuniões às três da manhã.

— E você? — pergunto. — É um espião? E Chase Carlisle?

— Isso não importa.

— Então sim.

— Você é livre para acreditar no que quiser — ele diz. — Só guarde suas conclusões para si mesma.

Viro o rosto, incapaz de olhar para ele. Um casal de velhinhos está se aproximando devagar, grudados sob um guarda-chuva. Espero que passem.

— Então, em todos aqueles postos no exterior, meu pai estava espionando?

— Ele era um conselheiro político do Departamento de Estado, apenas um diplomata ocupando um cargo burocrático. Oficialmente, é o que ele sempre foi.

— E extraoficialmente? — pergunto.

— Extraoficialmente ele era um patriota. O melhor homem com quem já trabalhei — Joey diz.

*

Bela e Lili Atzmon já passaram por isso. Ou, pelo menos, é o que parece quando Joey conta a eles a versão oficial: desaparecimento em Paris sob circunstâncias desconhecidas. Eles assentem friamente com a cabeça diante das notícias, como médicos em seus jalecos de laboratório, em vez de duas pessoas idosas de roupão.

Quando Joey vai embora, descubro que existe um ritual a ser seguido quando um pai desaparece. Lili monta para mim o que só

pode ser descrito como um ninho — um círculo de colchas e travesseiros no sofá de sua sala, como se eu fosse um filhotinho de pássaro choroso. Ela também faz um chá bem quente.

Após a primeira hora, canso de chorar, com minhas reservas completamente secas. Meus olhos doem e meu nariz está vermelho e esfolado. Olho fixamente para baixo, sem observar nada em específico, enfiando e prendendo meus dedos nos buraquinhos do cobertor de tricô como se fosse em uma rede. Bela está sentado em sua poltrona, com um copo de pálinka na mão, enquanto Lili está empoleirada ao meu lado, na beirada do sofá.

— Vocês são bons nesse lance todo de consolar — digo.

Lili sorri e ajeita meu cobertor.

— De onde a gente vem, os pais às vezes desaparecem — ela diz.

Meu pai mentiu para mim. Na verdade, até onde consigo lembrar, meu pai não tem feito outra coisa a não ser mentir. Penso em todas as vezes em que ele chegava em casa vindo do Sudão ou Paquistão — será que ele realmente esteve nesses lugares? — e eu perguntava como tinha sido a reunião, ou o jantar oficial, ou se eles tinham gostado de sua apresentação. “Foi um tédio”, ele dizia, girando os olhos para fazer graça. Bem, ele que se dane, penso. Danem-se os anos de mentiras. Os anos em que enganou a única pessoa no mundo que não deveria enganar.

Minha mente me leva de volta para a linha do tempo que vi na lousa, e em seguida para a conversa com Joey na rua. Sei que não devo dizer nada a respeito. Que deve ser um segredo. Mas Bela e Lili conhecem o mundo, e eles são tudo o que tenho agora. Minha boca se abre, trêmula, como se eu não conseguisse me impedir de falar.

— Ele não é um diplomata — digo.

Bela levanta a mão.

— Claro que não, filha. Você não precisa nos dizer isso.

Olho para ele de perto.

— Meu pai te contou?

— Ele não precisou, do mesmo jeito que eu não precisei contar nada a ele. Os espiões sentem o cheiro um do outro à distância.

Como cães. — Bela dá de ombros.

Há algo estranho em seus olhos, um pouco de travessura e de culpa, quando Bela olha para mim.

— Vocês… trabalharam para a CIA? — pergunto.

Bela dá uma verdadeira gargalhada.

— Graças a Deus, não. Para outra entidade.

É tudo o que ele precisa dizer. Bela passou trinta anos em Israel.

— Mossad — digo baixinho.

Nenhuma reação.

Então o amável senhor pertenceu a um dos mais eficazes e violentos serviços de inteligência do mundo. Claro. Por que não? Vamos simplesmente revelar todos os segredos hoje.

Bela limpa a garganta.

— Seu pai fez um arranjo conosco. Vamos ajudar você.

— Eu sei. Sempre ficaram de olho em mim enquanto ele estava ausente.

— Não. *Outro* tipo de arranjo. — Bela se inclina para a frente, as mãos apertando forte os joelhos. — As agências clandestinas, a dele e a minha, podem ser cruéis com as famílias daqueles que as servem. Ele queria que garantíssemos que seus interesses fossem preservados, caso algo assim acontecesse.

— Tipo o quê?

— Tipo você não ficar ouvindo besteiras.

Meus olhos se fecham com força novamente, mas eu me forço a abri-los. Só existe uma pergunta que vale a pena perguntar.

— Quero que você seja… honesto, Bela. Diga a verdade.

— Você quer saber se ele está morto.

Confirmo com a cabeça.

— Se a intenção deles, sua intenção imediata, fosse matar seu pai, já teriam dado a notícia. O corpo dele teria sido encontrado na rua. Desculpe por ser tão direto.

— Você acha que eles pensam em soltar meu pai, quem quer que o tenha pego?

— Se receberem o dinheiro, os favores, ou sei lá o que estão querendo, talvez — diz Bela.

— E se não? — Olho para ele.

Bela balança a cabeça.

Na foto, Bela está jovem, magro como um palito, mas bonitão apesar do terno quadradinho. Lili diz que ele tinha acabado de sair da prisão e teve sorte de não levar um tiro.

— Tiro? — eu pergunto.

Ela me conta sobre a revolução de 1956, sobre as tropas soviéticas e os massacres nas ruas de Budapeste. Lili era uma estudante de biologia na época, e Bela era um jovem professor de química, que mal havia saído da escola. Ele foi mandado para a prisão por dois anos depois disso, ela me conta, e quase morreu de tuberculose.

Sou verdadeiramente grata a eles por me distraírem. Bela e Lili são ótimos nisso. Distração é uma arte, e eles sabem que um jogo de cartas ou um filme bobo nunca manteriam minha mente afastada de tudo o que rodopiava na minha cabeça. Então eis aqui a tragédia e os tempos difíceis na vida de outra pessoa, bem próxima de mim, mas ainda assim distante, de modo que eu possa ser absorvida sem culpa.

Lili me serve mais chá, enquanto Bela boceja e abre outro álbum. Pessoas em volta de uma piscina. Homens sem camisa com peitos peludos e mulheres em maiôs desmazelados brindam para a câmera com garrafas de cerveja.

— Tel Aviv — ele diz. — Foi em 1973. — Ele bate com o dedo em um homem e uma mulher. — Estes somos nós. — Então, Bela aponta para um homem meio careca que está agachado, com um sorriso perverso no rosto e um cigarro entre o polegar e o indicador. — Este aqui era como um irmão para mim. Acabou se tornando meu chefe.

— São todos espiões? — pergunto.

— Cada um deles — diz Bela.

— Chega — Lili diz, fechando o álbum. — Sem histórias da guerra esta noite, Belachik. A menina precisa descansar.

— Acho que não vou conseguir dormir — digo.

— É claro que não — diz Lili, arrumando os travesseiros e cobertores sobre o sofá. — Mas você precisa tentar.

Eles vão para a cama, e as lágrimas surgem alguns minutos depois, um fluxo lento e fraco que mal percebo a princípio. Sei que se não fizer nada o choro só vai piorar, então estendo a mão para minha mochila e pego meu livro.

Eu o abro no lugar onde parei, mas vejo na mesma hora que é inútil. Nada de ficção. As letras na página se espalham como baratas e se rearranjam para formar a verdade, cobrindo a página inteira com a única coisa que precisa ser dita naquela noite:

> ele está morto e você está sozinha ele está morto e você está sozinha ele está morto e você está sozinha.

Fecho o livro e depois os olhos com força. Se tivesse uma arma, colocaria o cano na boca e atiraria. É insuportável. Literalmente impossível de se suportar. O teto acima de mim está desmoronando. Pela primeira vez desde que tinha sete anos, junto as mãos e rezo para um Deus que sei que não está lá.

Cinco

PELA SEGUNDA VEZ EM DOZE HORAS, uma batida urgente na porta, do tipo "ABRE LOGO!", me acorda. Pulo do sofá, quase caindo de cara na mesinha quando meu pé fica preso em um dos cobertores. Seja lá qual notícia que essa pessoa tenha trazido, só pode ser uma de duas coisas: que ele está morto ou que ele está vivo.

Bela aparece arrastando os pés e amarrando furioso o cinto do roupão. Ele abre a porta. Quem está lá é um rapaz ruivo muito jovem, com a pele clara cheia de sardas. Ele se apresenta como agente especial Fowler e mostra seu distintivo e sua identidade. Se tivessem notícias do meu pai, boas ou ruins, quem estaria ali seria Joey ou Carlisle. O que o agente Fowler estava fazendo aqui, então?

Ele desdobra um documento grosso na minha frente.

— Isto é um mandado de busca para a residência de William e Gwendolyn Bloom — diz.

Dou um empurrão nele ao passar e ouço Bela e Fowler discutindo enquanto desço as escadas. No andar de baixo, outro agente agarra meus braços por trás quando tento entrar no meu apartamento.

Lá dentro, vejo quatro homens com jaquetas que têm DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA DIPLOMÁTICA escrito nas costas. Eles abrem gavetas e empilham papéis em caixas de papelão. Ouço uma voz falando alto lá dentro, com um elegante sotaque sulista.

— Tirem fotos também. Tudo é relevante. — Carlisle, com as mãos enfiadas nos bolsos, aparece no corredor com Joey Diaz. Ele

assente quando me vê. — Tudo bem, Mike — diz para o agente na porta. — Deixa a menina entrar.

Assim que o agente solta meus braços, corro para dentro, mas congelo diante de uma caixa de papelão em cima da mesa da cozinha. Lá estão meus cadernos da escola e meu diário.

— Vocês não têm o direito! — grito para Carlisle, enquanto tiro o diário da caixa.

Ele vem até mim e pega o diário de volta.

— Lamento muito por isso, Gwendolyn. Sei que pode ser traumático, mas receio que seja necessário.

— O que vocês estão procurando? Meu pai é a vítima aqui!

— É o que queremos determinar — ele diz. — Quero que saiba que seu pai é meu amigo, um amigo querido. Por isso que me dói tanto fazer isso.

— Então por que está fazendo?

Carlisle me leva pelo braço até o sofá. Nós dois sentamos.

— Gwendolyn, preciso perguntar uma coisa agora. Você consegue pensar em quaisquer circunstâncias que motivariam seu pai a nos deixar?

— Como assim?

— Alguma vez ele falou com você sobre deserção? Para outro país?

Minha boca fica aberta, como se eu fosse uma idiota.

— Vai se foder, Chase.

— Algumas pessoas demonstraram preocupações em relação a seu pai. Não eu, nem Joey. Pessoas em Washington. — Ele olha para mim com a expressão muito séria. — Então responda à pergunta, por favor. Alguma vez seu pai falou com você sobre deserção?

Levanto e saio do apartamento, caindo direto nos braços de Bela, que me leva para cima.

— *Fascistas* — ele sussurra.

Duas horas mais tarde, estou sozinha em meu apartamento, conferindo o que foi levado e o que não foi. Estão faltando todos os

papéis dele e muitos dos meus, todas as fotos, todos os computadores e até mesmo a televisão e o roteador. Todas as minhas roupas parecem estar no lugar, embora seja evidente que as gavetas foram revistadas. A maioria dos meus livros está aqui, mas fora das prateleiras, amontoada em pilhas malfeitas no chão. Sinto o sangue ferver. Mesmo que os sujeitos que fizeram a revista tenham usado luvas, agora tudo está sujo, como se tivessem tossido suas acusações — *deserção*, *traição* — em cima de tudo o que tocaram.

Mas a raiva não tem serventia alguma. Sei disso. Os brutamontes do Departamento de Segurança Diplomática têm mandados de busca, armas no coldre e declaram sua autoridade sobre minha vida com as palavras nas costas de suas jaquetas, enquanto não passo de uma criança de voz trêmula, reclamando para ouvidos que não dão a mínima. Como ousam acusar meu pai? Como se atrevem a colocar as mãos nas nossas coisas? Mas o poder não ousa; simplesmente faz.

Decido arrumar o que eles desarrumaram, numa tentativa de colocar um pouco de ordem no meu mundo. Começo no quarto, no *meu* quarto, com *meus* livros. Minhas mãos tremem tanto quando pego o primeiro punhado deles que mal consigo colocá-los de volta na prateleira. Nas capas estão heroínas do mundo de papel que me fizeram companhia em Paris, Dubai, Moscou, Nova York. Se essas meninas corajosas fossem reais, elas olhariam para mim com piedade e aversão.

Mas não há heroínas. Não há coragem. Apenas diplomatas que escrevem relatórios. Apenas o gordo do Chase Carlisle me dizendo que meu pai é um desertor. Apenas agentes de segurança que cumprimentam com mandados de busca e metem as patas na sua vida. Apenas eu, uma garota com raiva limpando o quarto, do jeito que uma garota deve fazer.

Assim que o apartamento está em ordem — almofadas de volta no sofá, móvel onde ficava a TV limpo, marcas de sapato no tapete esfregadas com bicarbonato de sódio e papel-toalha — vou até a privada, me inclino e vomito. Por um tempo, fico sentada no piso do banheiro, as costas contra a parede, a pele vibrando, a mente

repetindo a única verdade que importa: *Ele está morto e você está sozinha*.

Parece que levo um choque toda vez que o telefone toca. Lili atende por mim e eu fico olhando sua expressão procurando por pistas. Mas a ligação sempre termina com ela desligando e balançando a cabeça enquanto diz: “Nada de novo”. Seria de pensar que a frustração aliviasse após três dias, mas não.

Lili diz que preciso descansar. Ela está certa. Não dormi mais do que algumas horas desde que meu pai desapareceu. A exaustão agora me causa alucinações, com rodamoinhos púrpura e rosa preenchendo o mundo como fantasmas. Lili me leva para meu apartamento e me coloca em minha própria cama. A tristeza, o choque, tudo isso desaparece atrás do carinho em meu braço e da névoa narcótica causada pela dose tripla de sedativos.

Acordo dezesseis horas depois, ainda esgotada. Mas é quase meio-dia, então levanto mesmo assim, tomo um banho e mais um comprimido. Puxo uma cadeira para perto da janela e olho para o mundo, tentando não pensar nem sentir. Que hoje seja um dia tranquilo. Que seja um dia silencioso. Mas não.

O interfone me assusta com seu som ardido. Alguém está lá embaixo e espera que eu levante para ver o que quer. Dou uma gargalhada. Que ideia engraçada, alguém de repente pedir permissão para entrar na minha vida. Por que simplesmente não força a entrada como todos os outros?

Eu me arrasto até o interfone e aperto o botão.

— Alô?

— Estou… procurando Gwendolyn Bloom. É você?

É a voz de uma mulher que eu não reconheço.

— Sim — digo. — Quem é?

Por um tempo, ouço apenas os sons da rua e a estática do aparelho.

— Georgina Kaplan — diz a voz. — Sua tia.

Levo alguns segundos para processar a ideia, como se eu não tivesse muita certeza do que as palavras significam. Minha tia. A

irmã da minha mãe. Aperto o botão para deixá-la entrar e vou esperar na porta aberta do apartamento. Não vejo minha tia desde que eu tinha quanto? Sete anos? Foi logo depois que minha mãe morreu. O que ela está fazendo aqui?

Eu a ouço subir as escadas hesitante, os saltos batendo no piso de lajotas ásperas. Então ela aparece à minha frente. É uma mulher bonita e em forma, com uns cinquenta anos. Seu cabelo é um capacete castanho-avermelhado feito no cabeleireiro que combina com a francesinha perfeita nas unhas. Ela sorri, revelando dentes muito brancos.

— Uau, Gwenny. Faz tanto tempo.

Quando minha tia me abraça, sinto a firmeza de seus músculos moldados em sessões diárias de academia. Sinto em suas roupas perfume de ontem além do cheiro de avião, plástico e café.

— Gwen, Gwenny, sinto muito pelo seu pai — ela diz, o sotaque texano redondo e doce como um damasco. — Muito mesmo.

Ela me abraça por um bom tempo, então segura meus ombros e estuda meu rosto enquanto faço o mesmo com o dela. Rugas finas formam deltas nos cantos de seus olhos e boca, a única falha na máscara de tons agradáveis garantidos por bastante maquiagem.

— Você é muito bonita, Gwenny, como sua mãe — ela diz. — Desculpe, posso chamar você assim? Ou prefere Gwendolyn?

— Gwendolyn.

— Claro. O homem que me ligou, o sr. Carlisle, disse que os vizinhos estão cuidando de você.

— É. Bela e Lili.

— Tenho certeza de que eles estão fazendo um excelente trabalho, *excelente* mesmo, mas o sr. Carlisle disse que talvez fosse melhor se você ficasse com sua família. Sabe, caso a situação com seu pai dure mais do que alguns dias. — Ela enrola uma mecha do meu cabelo com o dedo. — Que tom mais lindo de vermelho!

— Olha, agradeço por ter vindo até aqui — eu digo, me afastando dela. — Mas tenho certeza de que você tem coisas a fazer lá no Texas. Realmente não precisa…

— Ah, eu não me importo. De verdade — minha tia diz, apertando os lábios numa mistura de beicinho e sorriso. — Robert vai levar o

grupo de jovens da sinagoga para uma viagem a cavalo e Amber vai com ele. Não suporto cavalos.

— Não é necessário, de verdade — digo. — Meu pai vai voltar a qualquer momento.

Ela me puxa para um abraço cheio de piedade e tristeza, do tipo que se usa em velórios.

— Claro que vai, querida.

Nós nos evitamos pelo resto do dia. Ou melhor, eu a evito, me escondendo em meu quarto enquanto minha tia mantém uma distância paciente e respeitosa. Não há nada de errado com ela. Nenhuma má intenção. Mas este é *meu* apartamento, onde lido com *minhas* merdas, o que, talvez você tenha percebido, Georgina, neste momento são importantes pra cacete. Odeio o fato de minha tia estar aqui. É constrangedor ter um estranho ouvindo você chorar. Pela manhã, tento evitá-la outra vez, mas, um momento antes de eu sair, ela me para.

— Sente aqui um minuto — Georgina diz, dando um tapinha ao lado de onde está no sofá.

Estou prestes a dizer "não", mas não tenho um motivo legítimo para ser grosseira com ela. Minha tia veio de longe para me ver. Isso vale pelo menos uma conversa. Tiro meu casaco e sento na poltrona em frente.

— Escola — ela diz.

— Como fica?

— Poderia ser uma boa distração. Quando acha que conseguiria voltar?

Odeio reconhecer isso, mas Georgina está certa.

— Em alguns dias. No final da semana.

— Que bom. — Georgina inspira profundamente, como se quisesse dizer mais uma coisa. — Escute, Gwendolyn — ela finalmente diz. — Se o que vou dizer soar prematuro, me desculpe. Mas se esta situação com seu pai durar mais do que, sei lá, algumas semanas…

— Você pode voltar para o Texas quando quiser. — Eu a interrompo.

— Exatamente — ela diz. — Eu estava pensando que você poderia vir comigo. Temporariamente. Até ele voltar.

Eu a encaro, controlando com esforço minha raiva e resistindo ao profundo desejo de mandá-la sair da minha frente imediatamente.

— Olha, agradeço você ter vindo até aqui. Muito mesmo. Mas por que você ia querer uma estranha na sua casa? Quer dizer, falando sério, o que eu sou para você?

— Você não é uma estranha, Gwendolyn — ela diz. — É da família. Não importa como se sinta em relação a nós, isso é um fato incontestável.

— Não quero ser um peso para ninguém.

Georgina limpa a garganta e aperta as mãos nos joelhos.

— Um peso? Querida, você nunca seria um peso. Sei que o Texas não é como Nova York ou Paris, mas acredito que vai gostar de lá se der uma chance. E, de qualquer maneira, seria temporário.

Ela se aproxima de mim e senta de pernas cruzadas no chão, aos meus pés. Então pega sua bolsa Louis Vuitton — legítima, não uma imitação barata —, coloca no colo e pega o celular. Abre uma galeria de fotos e vira o telefone para eu poder ver. Na tela, há uma casa grande no meio de um gramado absurdamente verde, com um Cadillac branco do tamanho de um tanque de guerra estacionado na entrada de automóveis.

— Você teria seu próprio quarto, é claro. Temos muito espaço lá. Dividiria um banheiro com Amber, mas ela é bem organizada, não se preocupe.

Georgina passa para a foto seguinte. Uma menina bonita com cabelo preto cacheado usando roupa de animadora de torcida está em pé em cima de uma pirâmide formada por outras garotas.

— Amber é a capitã da equipe de animadoras de torcida, mas também é ótima aluna. Lidera um grupo de estudo da Torá na escola. Você poderia ir com ela, se quisesse.

— Não sou religiosa.

— Só pra fazer amigos, então. Olhe, somos reformistas e lidamos com isso de maneira muito tranquila. Você só iria ao templo conosco

se quisesse. — Ela guarda o telefone e procura outra coisa dentro da bolsa. — Poderia ser você mesma lá. Quem você quiser.

Eu estaria mentindo se dissesse que a estratégia de venda não surtiu efeito nenhum. A vida parecia fácil lá. Clima quente, pessoas e lugares agradáveis.

Ela tira algo mais da bolsa e coloca sobre meu joelho. É uma antiga foto em preto e branco de uma senhora idosa com sua grande família espalhada na varanda de uma casa em péssimo estado de conservação. Deve haver uma dúzia de garotos de todas as idades. Alguns estão sentados, outros em pé. Ninguém sorri. A data na parte de baixo da fotografia é 1940.

Georgina aponta para a senhora com sua unha perfeita.

— Alona Feingold, sua trisavó. Fiz uma pesquisa sobre ela na internet. Nasceu em 1882 em Odessa. Fica na Ucrânia, ou talvez na Rússia agora, nunca lembro direito. De qualquer forma, ela veio para os Estados Unidos em 1913 com seu marido e cinco filhos. Esta é Alona já idosa com seus filhos e netos em sua casa em Fenton, Missouri. Aposto que só havia judeus na cidade.

No colo de um jovem há uma criança bem pequena que parece um pouco com uma foto minha quando tinha a mesma idade. Ela tem uns dois ou três anos e está usando um vestido branco e limpo.

— Essa é sua avó, Sarah. Ela morreu quando você era pequena. Uma mulher encantadora. Decidida.

Minha respiração está trêmula, e eu me contenho para evitar que Georgina perceba. Só sabia superficialmente que tinha uma tia, uma avó, uma prima e uma família. Algumas linhas esboçadas. Mas agora, ali estavam elas, pessoas reais em todos os seus detalhes. Ponho uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Eu nunca tinha visto fotos deles antes — digo.

— Sua mãe não era muito ligada à família — diz Georgina. — Provavelmente por culpa nossa, minha e de sua avó. Éramos convencionais demais para ela. Então, assim que ela completou dezoito anos, se alistou no Exército. Foi um escândalo! Uma linda garota judia entrando para o Exército! Mas ela sempre foi corajosa, sua mãe. Uma exploradora corajosa. — Georgina estende a mão e

toca meu rosto. — Aposto que você é igual. Destemida. Sempre procurando aventura.

Ela não tem ideia de como está errada.

— Deve ter pulado uma geração — eu digo.

A compaixão açucarada da srta. Wasserman está em perfeita forma quando ela olha para Georgina e para mim de trás de sua mesa. É uma atriz no palco, projetando seu olhar pesaroso até os espectadores. A administração, ela diz, foi informada de que meu pai desapareceu durante uma viagem de negócios na Europa. Mas o tom de voz leva o ponto de interrogação das bisbilhoteiras, uma súplica implícita por detalhes, picantes ou não. Mas eu e Georgina não dizemos nada, e posso ver como isso deixa a srta. Wasserman decepcionada. Ainda assim, ela fecha os lábios em um beicinho de teatro japonês e coloca as mãos sobre a minha como se me dissesse que Danton, como sempre, seria um espaço seguro para mim nesse período de desafios emocionais.

Assim que saio da sala dela e vou para meu armário, tenho certeza de que a notícia do desaparecimento do meu pai se espalhou. As conversas se encerram abruptamente quando passo, e todos os olhos se voltam para mim. Assim que dou as costas, os sussurros começam. Boatos de intriga e assassinato? Talvez meu status tenha melhorado, na verdade. Agora pelo menos pareço interessante.

Terrance se aproxima do meu armário. Há preocupação e empatia em seu rosto, como se alguém de quem ele gosta tivesse se machucado. Quase pergunto o que há de errado. Então percebo que a expressão dele é para mim.

— Oi — ele diz enquanto me mantenho à frente do armário aberto. — Fiquei sabendo sobre seu pai. Que ele foi capturado ou algo do tipo. Cacete, Gwen, você está bem?

Alguma coisa boa e quente pulsa dentro de mim ao ouvir o som da voz dele, mas no mesmo instante sinto culpa e afasto os pensamentos.

— Ele não foi capturado. Só está desaparecido. — Minha voz sai monótona e fria. Não queria que fosse assim, mas não posso fazer nada a respeito.

— Você precisa de alguma coisa? Posso ajudar?

— Estou bem — digo, fechando meu armário. — Desculpe. Tenho que ir.

Vou para a aula e me pergunto se as coisas teriam sido diferentes se eu tivesse atendido a ligação do meu pai quando estava com Terrance no parque. Provavelmente não. Mas talvez sim. É tudo culpa sua, Gwen.

Foi para evitar pensamentos como esses que voltei para a escola, e dá certo na maior parte do tempo. Já se passaram oito dias sem notícias, oito dias de nada a não ser a tortura de meus pensamentos diante do que significa não ter notícias. Por sorte, cálculo não se importa nem um pouco com meus problemas, muito menos a China antiga. Mas me torturar com a crua realidade e os eventos passados é o mais próximo que chego de ter algum prazer.

Depois que a última aula termina, pego o metrô até o escritório do meu pai, onde não há nada além da mesma merda dos dias anteriores. A única diferença é que agora posso me sentar e fazer a lição de casa em uma sala de reuniões entre os interrogatórios. *Por que você escreveu em seu diário sobre refugiados sírios no dia 23 de abril? Por que seu pai gastou setenta e nove dólares em uma floricultura no dia 12 de junho?*

Mas fica mais claro para mim a cada dia que passa, com cada uma das perguntas sem sentido, que eles não têm a menor ideia do que estão fazendo, ou do que estão procurando. É óbvio que procurar pistas no diário de uma garota e em extratos de cartão de crédito é o máximo que conseguem.

Vejo Joey Diaz raramente. Quando isso acontece, ele apenas aperta meu ombro e diz: “É uma maratona, não os cem metros”. Vejo Carlisle menos ainda, que vem sempre com uma variação de “nada de novo hoje”, dito em um tom curto e grosso enquanto mexe o café com uma caneta.

As coisas continuam assim por uma semana. De segunda a sexta, vou à escola e em seguida ao prédio em que meu pai trabalhava. Eles nem se incomodam mais com os interrogatórios. Fico estudando em uma sala de reuniões, com o crachá vermelho de visitante pendurado no pescoço. Só falo com alguém quando um agente olha lá para dentro e pergunta se quero café. Aos poucos percebo que o crachá está certo. Não passo de uma visitante que está lá por acaso, não o objeto da investigação, nem mesmo algo de interesse. Os olhares automáticos de pena que eu costumava receber se transformaram em olhares de tolerância educada. Um dia, quando encontro Carlisle em um corredor e pergunto se ele ficou sabendo de algo novo, ele responde:

— Sobre o quê?

Toda noite, volto para casa, para Georgina, que me espera com o jantar e recapitula suas aventuras pela cidade. Toda noite, procuro uma razão para odiar essa intrusa, essa estranha. Mas não encontro nada.

A verdade é que minha tia só tem sido gentil comigo. Nada além de um doce de pessoa, cheia de generosidade. E é onde a coisa fica esquisita: acima de tudo, ela é extremamente generosa em seu amor. Não somos nada uma para a outra além de um fio de DNA compartilhado, mas não é dessa forma que Georgina vê as coisas. Ela se formou em matemática, então me ajuda com meus exercícios de cálculo. Conta piadas que ouviu no cabeleireiro e ri comigo. Me abraça quando eu desabo, sussurrando no meu ouvido *está tudo bem está tudo bem está tudo bem* até eu não ter mais lágrimas para derramar. E é nesse momento que percebo que tenho que rever aquela conclusão à qual cheguei na primeira noite no sofá de Bela e Lili, aquela verdade que repeti como um mantra um milhão vezes por dia: *Ele está morto e você está sozinha*.

Porque essa última parte não é completamente verdadeira.

Enquanto brinco com meu crachá de visitante e leio um capítulo sobre a dinastia Zhou, Chase Carlisle entra na sala de reuniões. Ele está diferente hoje. Sem a atitude “vaza daqui” implícita ou o tom

curto e grosso. Em vez disso, sorri calorosamente, como um humano de verdade, e pergunta como eu e Georgina estamos. Quando garanto que bem, Carlisle sorri, outra vez acolhedor, como se ele se importasse com a resposta. Então, senta.

— Gwendolyn, preciso conversar com você sobre seu pai — ele diz.

Fecho as mãos em punhos sob a mesa.

— Você tem notícias — digo. É uma afirmação, não uma pergunta.

Carlisle respira fundo e apoia as mãos na mesa.

— Não — ele diz.

— O quê?

— Não temos notícias.

Pisco algumas vezes. — Então…

— Gwendolyn, durante vinte dias a NSA monitorou todas as comunicações de todas as fontes possíveis: terroristas e suspeitos de terrorismo, criminosos e suspeitos de ter cometido crimes. Todo mundo. Não houve qualquer menção a seu pai, *nada* relacionado a ele.

— Procurem mais. — Meu lábio treme.

— A inteligência francesa, a polícia francesa e o FBI investigaram cada centímetro de Paris. Eles interrogaram o homem que seu pai encontrou lá. Interrogaram todo mundo que esse sujeito conhece, do irmão até o carteiro.

— E?

Carlisle vira as mãos para cima.

— Nada.

— Nada — repito num sussurro entredentes.

— Não há evidências, Gwendolyn, nenhuma, de que ele tenha sido sequestrado. Se houvesse, iríamos até o fim do mundo para encontrar seu pai. Mas, neste momento, tudo indica que ele… foi embora.

O zumbido das lâmpadas fluorescentes acima de nós é ensurdecedor. Mordo meu lábio inferior e sinto meu rosto se transformar na versão torturada que se tornou tão familiar para mim. Eu me forço a respirar lentamente. Conto até dez e abro os olhos.

— Mas vocês também não têm nenhuma evidência disso — digo. — De que ele simplesmente foi embora. Vocês não *sabem* disso. Não têm *provas*.

— Não — diz Carlisle. Seus olhos estão muito abertos, tristes. — Mas quando as pessoas simplesmente vão embora, quase nunca deixam qualquer tipo de prova.

As palavras explodem para fora de mim em um grito furioso:

— Então continuem procurando!

Ele concorda com um movimento lento da cabeça.

— Vamos continuar. Prometo. — Ele junta as mãos, como se estivesse orando. — Mas em uma dimensão diferente.

— Como assim?

— A Interpol… É uma rede policial mundial que…

— Eu sei o que é a porra da Interpol.

— A Interpol emitiu alertas para os números de passaporte dele, tanto o diplomático quanto o civil. Os agentes de fronteira têm a foto e a biometria dele, caso esteja viajando como outra pessoa.

Olho fixamente para minhas mãos, tremendo violentamente. Fora isso, estou paralisada.

— Então… é como um cartaz de desaparecido preso em um poste. É isso o que vocês estão fazendo. É o melhor que têm.

— Na verdade, é uma questão de recursos. E de pessoal. São tantas ameaças no mundo hoje. Não podemos gastar…

— Vocês não podem gastar para salvar seu próprio agente — digo, engasgada, me afastando da mesa com um empurrão.

Carlisle faz uma careta, como se as palavras o ferissem.

— Infelizmente, sem um crime, nossa melhor chance é esperar que ele apareça por si próprio. O que pode levar algum tempo. — Carlisle se inclina para a frente e espera até eu olhar para ele de novo. — Enquanto isso…

— Vai pro inferno. — Cruzo os braços e os aperto com força contra o peito.

— Liguei para sua tia hoje e expliquei a situação. Concordamos que você deve ir com ela para o Texas. É o ideal? Não. Mas por enquanto é a melhor opção, Gwendolyn. — Ele tira um maço grosso de papéis dobrados e abre sobre a mesa na minha frente.

— O que é isso?

— Um mandado judicial. Dando aos seus tios sua custódia provisória. Até que você faça dezoito anos ou que seu pai volte. — Carlisle tosse e franze a testa. — Ou seja declarado morto. Legalmente, quero dizer.

Eu me levanto para ir embora. Foda-se Carlisle. Foda-se a Georgina. Foda-se *legalmente morto*.

— Conheço meus direitos. Vocês não podem fazer isso. É preciso de… audiências no tribunal. Advogados. E por falar nisso…

Ele me intercepta na porta, segurando a maçaneta antes que eu consiga alcançá-la.

— É um mandato emergencial. Os procuradores federais se reuniram com a juíza no escritório dela esta manhã. — Ele olha para mim, cheio de tristeza. — Seu comparecimento não era necessário.

— Sai da minha frente.

— Não há mais nada que você possa fazer pelo seu pai aqui em Nova York — Carlisle argumenta. — Você ainda é uma criança, Gwendolyn. Muito inteligente, não há dúvida disso, mas, pela lei, ainda é uma criança.

Passo por ele e atravesso a porta. Esmurro o botão do elevador e esmurro de novo quando ele demora para chegar. Eu me viro, pensando que Carlisle pode estar vindo atrás de mim, mas não. Ele está parado na porta da sala de reuniões, com as mãos nos bolsos, olhando para mim com o que pode ser realmente compaixão.

*

Em meu apartamento, encontro Georgina sentada no sofá, com uma mala aberta a seu lado.

— É apenas temporário — ela diz, como se acreditasse nisso. — Até ele voltar para casa.

— Como pôde fazer isso? — digo, fervendo de raiva. — A porra da sua assinatura estava lá! No mandado judicial. Enquanto eu estava na escola.

— Sinto muito, Gwendolyn. De verdade. — Georgina aperta os olhos como se estivesse prestes a chorar, como se fosse *ela* quem

estivesse sendo injustiçada. — Isso é… é para seu próprio bem-estar. É a única opção. Você sabe disso. Em seu coração.

Desabo e começo a chorar de novo. E, mais uma vez, lá está ela, me abraçando, como se tivesse esse direito. Mas Georgina está certa. E eu sei disso. Ou acho que sei. Talvez.

— Quando? — digo com o rosto em seu ombro.

— Este fim de semana — ela diz baixinho. — Domingo de manhã.

Quando minhas lágrimas acabam e nada mais sai ao assoar o nariz, minha tia coloca as mãos nos meus ombros.

— Tenho uma ideia — ela diz. — Vamos jantar fora. Eu pago. Sabe que eu nunca fui a um espetáculo na Broadway?

— Os ingressos são, tipo, duzentos dólares.

— Jantar e um cinema, então. Noite das meninas!

O sorriso dela brilha.

No restaurante tailandês chique que Georgina escolhe a alguns quarteirões do apartamento, peço sopa e uma Sprite, enquanto ela pede pasteizinhos de caranguejo e um cosmopolitan.

— Todas as mulheres de Nova York bebem cosmopolitan — ela me diz.

Em 1997, talvez, é o que quero dizer. Mas seria cruel. Ela é simpática e está se esforçando muito. Por isso, digo apenas: — É, o tempo todo. — Então toco sua mão e continuo:

— Eu… eu quero que saiba… o quanto estou agradecida. Pelo que está fazendo.

Georgina coloca o drinque sobre a mesa e pisca para mim. Posso ver que seus olhos estão úmidos. Minha tia quer que eu vá com ela, talvez somente por pouco tempo, talvez para sempre. E não tem problema nenhum com isso. Ela, Amber e o bom rabino não têm problema nenhum com isso. Fico maravilhada com a imensidão do coração deles.

Terminamos de comer e vamos ao cinema assistir a uma comédia. É a continuação de um filme cuja primeira parte nenhuma de nós viu, mas a sessão estava prestes a começar e ainda havia ingressos, e ninguém precisa fingir que o filme em si importava. A

pipoca está quente e a multidão não está muito agitada. Rimos um pouco, e eu até consigo me entreter com a história por alguns segundos de vez em quando. A garota feia não é feia no final das contas. Está vendo tudo o que um guarda-roupas novo e um amigo gay ousado podem fazer? Ela vai conseguir a promoção *e* o cara. Sei disso.

Estamos de volta ao apartamento por volta das dez horas. Georgina bebe uma taça de vinho branco e lê o *New York Post*, estalando a língua e balançando a cabeça diante de coisas que, de acordo com ela, nunca, nunca vão acontecer no Texas.

Aviso que vou ler no meu quarto e dou um beijo no rosto dela ao sair. Georgina tem um leve sobressalto, então sorri. Fecho a porta do quarto e enterro o rosto no travesseiro. Vai se foder, pai. Vai se foder por ter feito isso comigo. Vai se foder por ter um emprego que faz você ser sequestrado. Vai se foder por ter mantido a única outra família que eu tenho afastada de mim, para que não sejam nada além de estranhos em fotografias. Vai se foder por me fazer escolher.

Mas ele teve suas razões. Deve ter tido. Né, pai? Procuro uma fotografia que mantenho sobre a cômoda — meu pai, minha mãe e eu com cerca de cinco anos. Estávamos de férias em algum lugar, Creta talvez, pouco antes de irmos para a Argélia. Minha mãe está de biquíni, com um chapéu de palha de aba larga. Meu pai está com um calção de banho grande, e sua pele está queimada de sol. Ela também desapareceu, mais um item capturado durante a invasão de Carlisle. Onde você está, seu babaca?

Seis

BELA ME CUMPRIMENTA NA PORTA COM O INDICADOR SOBRE OS LÁBIOS.

— Lili está dormindo — ele sussurra, enquanto me leva para dentro. O apartamento está quente, e eu ainda posso sentir o cheiro dos temperos que eles usaram no jantar pairando no ar. — Sua tia sabe que você está aqui? — pergunta Bela.

— Dormiu — digo. — Acho que bebeu demais.

Ele se vira para um carrinho de metal encostado em uma das paredes e serve dois copos de uma garrafa. — Sua vez, então. E não me diga que é jovem demais. Comecei a beber pálinka quando tinha nove anos.

Pego o copo da mão dele e nós brindamos.

— Ao seu pai — Bela diz.

— Ao meu pai — digo, e tomo um golinho. Um gosto de fruta rançosa abre uma trilha quente da garganta até o estômago, e eu quase engasgo.

Bela senta na poltrona.

— E então?

— E então? — Olho para ele

— Você está perturbada esta noite. Mais ainda. Conte.

Eu me acomodo no sofá e encolho as pernas junto ao peito.

— Eles pararam de procurar meu pai, Bela. Oficialmente, pelo menos. Dizem que ele foi embora. Abandonou tudo e partiu.

Bela toma um gole e reflete sobre aquilo por um momento.

— Esse é o tipo de bobagem contra a qual prometi a seu pai que protegeria você.

— Dizem que não têm pistas. Que não identificaram nenhuma conversa sobre ele.

Bela se inclina para a frente e toca meu joelho.

— E você acredita nisso?

É uma pergunta mais difícil do que quero admitir.

— Não — digo.

— Nem eu. Foram eles que o abandonaram, Sapatos Vermelhos. A CIA é desumana, principalmente com os que fazem parte dela. Trabalhei *com* eles e *contra* eles, então sei da crueldade de que são capazes. Vi com meus próprios olhos.

Minha saliva está espessa.

— Por quê? Por que fariam isso?

— Não tenho ideia — ele diz. — Mas são conhecidos por abandonar seu próprio pessoal quando uma operação dá errado. Lamento, mas é a verdade.

Ando pela sala, olhando os pequenos objetos de decoração nas prateleiras com toalhinhas de crochê, os pequenos tesouros do mundo em que Bela e Lili costumavam viver, mas tiveram que deixar para trás.

Tomo um segundo gole de pálinka. Esse desce mais fácil.

— Chase Carlisle conseguiu um mandado judicial. Georgina tem minha custódia até eu fazer dezoito.

— E daí? Você vai gostar do Texas — Bela diz. — Vai poder ouvir rap e estudar. Pode arranjar um namorado bonito do time de futebol.

Consigo dar uma risadinha.

— Ou seja lá o que os adolescentes fazem — diz Bela, sorrindo para mim e enchendo seu copo. — Não sei nada dessa vida. Quando eu tinha sua idade, uma guerra estava acontecendo.

— Sinto como se estivesse em uma guerra agora.

— Você está. E suponho que sinta medo e ache que não tem poder para reagir.

— O que posso fazer? Tenho dezessete anos, Bela. Sou uma criança. Tecnicamente.

Bela se aproxima de mim e coloca uma das mãos sobre meu ombro, como um avô faria.

— Sei disso, e sei que dói. Já senti o medo que você está sentindo. Minha própria guerra começou quando eu tinha treze.

— Treze?

— Quer saber a respeito? Sobre minha guerra, minha pequena participação nela?

Ele levanta as sobrancelhas e dá um ligeiro sorriso. Por sua expressão, sei que tem algo que quer me contar, que quer que eu aprenda.

— Quero — digo.

Ele volta para a poltrona e aponta para o sofá. Eu o sigo e me sento à sua frente.

— Eu e meu irmão estávamos na floresta recolhendo lenha — ele conta. — Dali podíamos ver a pequena cabana onde nossa família estava se escondendo. Meus pais e duas irmãs, estavam do lado de fora, na horta que tínhamos feito. Cenouras. Batatas. Devia ser outono.

Bela engole em seco e solta um longo suspiro. Lembrar é difícil. Eu lhe dou espaço, olhando fixamente para a bebida que sobrou em meu copo. O cheiro alcança meu nariz, doce e embriagante.

— Foi quando o caminhão alemão chegou. Oito soldados. Não, seis. E um oficial com um belo casaco de couro, bonito como um artista de cinema. — Ele para outra vez e desvia o olhar por um momento antes de continuar. — Meus pais e irmãs correram, mas… aquele oficial era um exímio atirador. Bastaram quatro balas.

Sinto as lágrimas chegando, desta vez por ele, e não por mim. Pisco para afastá-las.

— Lamento muito por isso, Bela. Eu não fazia ideia — digo. — O que aconteceu com vocês?

Ele me dá um sorriso fino como um fio, revelando tristeza, remorso e orgulho, tudo ao mesmo tempo.

— Comigo? Que opção eu tinha, Sapatos Vermelhos? Eu e meu irmão arranjamos armas e fomos para a guerra.

— Você era apenas um garoto — eu digo.

— Não depois disso. — Bela aponta para o estômago. — Sabe esse medo que você sente bem aqui, na barriga?

— Sei.

— É só uma sensação. Apenas isso. Coragem nada mais é que ignorar essa sensação. — Ele engole o resto de sua pálinka e levanta. — Venha.

Eu o sigo até um armário com portas de vidro cheio de livros empoeirados, a maioria deles em hebraico, mas alguns em uma língua que imagino ser húngaro.

— Seu pai me deu uma coisa — diz Bela, abrindo o armário. — Na manhã em que foi para Paris. Disse para eu guardar até que voltasse.

— Por quê?

— Caso seu apartamento fosse revistado, acredito. — Bela retira um único livro da prateleira e o entrega a mim.

É o exemplar de *1984* que meu pai me mostrou na noite de seu aniversário. Eu o viro e reviro em minhas mãos.

— Por que não me contou antes?

— Ah, esse livro com certeza não era para você, Sapatos Vermelhos.

— E para quem era?

Bela dá de ombros.

— Seja lá qual fosse o assunto em que seu pai estivesse metido, deveria ser tratado por um adulto.

Folheio o livro, mas é apenas uma brochura antiga, a capa gasta e rachada, as páginas começando a amarelar. Na primeira página há um nome e um número de telefone rabiscado em tinta azul.

— Você sabe quem é Peter Kagan?

— Talvez o dono do livro antes do seu pai. — Bela se serve de mais uma dose.

— Posso ficar com ele? — digo, olhando para o livro.

— Como eu disse, não acho que fosse para você. — Bela toma o conteúdo do copo em um só gole. — Bem, foi uma ótima conversa, mas preciso dormir. Você me faz um favor, Sapatos Vermelhos?

Olho para ele.

— Sim?

— Quando sair, se certifique de que a porta da frente esteja trancada.

Paro na frente do meu apartamento, mas não entro. Em vez disso, sento nos degraus que levam ao terceiro andar e tiro o exemplar de *1984* do bolso do meu casaco. É apenas uma brochura velha, cheia de orelhas causadas pelas inúmeras leituras, com a impressão desbotada. Eu o folheio novamente, com mais cuidado dessa vez, mas não há nenhuma nota nas margens, nem nada destacado. Somente na última página, aquela completamente em branco bem no fim, é que encontro alguma coisa. Alguém escreveu a lápis: *14/12/95*. Uma data, que eu não reconheço.

As únicas coisas que tornam este livro especial são essa data, o nome e o número de telefone. Volto para o nome. Está escrito em letras maiúsculas com tinta azul, nada de especial. Então olho mais de perto, e dessa vez eu vejo. Não é na caligrafia em si que reparo, mas em como a tinta azul é recente e muito elegante. Ah, pai. Você realmente gostou da caneta.

Não consigo deixar de sorrir com tristeza diante daquilo. Por alguns momentos, esquadrinho meu cérebro atrás do nome Peter Kagan, mas não é ninguém de quem tenha ouvido meu pai falar. Pego meu celular e disco o número anotado abaixo do nome.

Toca uma vez, duas vezes, então uma voz de homem atende:

— Lanchonete Rua Onze.

Hesito e ouço sons de música latina e de uma cozinha movimentada no fundo.

— Oi — digo. — Peter Kagan está aí?

— Peter quem? — pergunta o sujeito.

— Peter Kagan — eu digo lentamente.

— Nunca ouvi falar nele. Número errado.

— Espera — digo por impulso. Qual é seu endereço?

Ele me passa um cruzamento no Queens, e eu desligo.

Se aquele número pertenceu a alguém chamado Peter Kagan, já não pertence mais. Bato o telefone de leve nos lábios. A menos que nunca tivesse pertencido a Peter Kagan. Talvez as duas informações, o nome e o número de telefone, tenham sido colocadas ali apenas para parecer que tinham relação uma com a outra. Olho para o relógio do celular. Onze e vinte. Não é tarde. Não *muito* tarde. Então levanto, segurando o corrimão.

Começo a descer os degraus, três de cada vez.

Pego o trem seis para a Grand Central Station, depois tenho que mudar para o sete em direção ao Queens. Levo vinte minutos para chegar à estação final.

Desço as escadas da plataforma elevada até a rua e sigo na direção da Lanchonete Rua Onze, a alguns quarteirões dali.

É fácil localizá-la entre as oficinas mecânicas e galpões industriais fechados àquela hora. Tem um toldo chamativo e parece ser o único lugar com vida por ali. Lá dentro está agradavelmente quente, e o ar cheira a fritura.

— Café — digo para o sujeito que está atendendo no balcão. — Para viagem. Com creme e açúcar. — Ele enxuga as mãos no avental e prepara meu pedido. Sento em uma das quatro mesas e olho pela única janela.

Até onde posso dizer, não há nada lá que seja de interesse. Mas meu pai escolheu este lugar por um motivo. Penso que talvez a anotação não fosse para que *ele* se lembrasse do lugar, mas para que outra pessoa o descobrisse.

Deixo meus olhos vagarem por um tempo, explorando a rua em frente à lanchonete e passando por uma garagem de táxis fechada, uma loja de importados também fechada, um galpão de armazenamento e uma loja de equipamentos industriais usados.

Meus olhos voltam ao galpão. Um lugar onde as pessoas guardam coisas para as quais não têm espaço em sua casa — ou que, por algum motivo, não querem manter lá. Mas, para entrar, você precisa de uma chave para abrir a fechadura. Pego o livro de novo e vou para a última página: *14/12/95.* Não é uma data, é uma combinação.

O sino sobre a porta tilinta suavemente quando saio no frio e vou na direção do galpão. Embora a maior parte do edifício esteja no escuro, há uma luz acesa em um pequeno escritório na frente. Subo os degraus e entro.

Um homem magro, com uma regata e tatuagens que vão dos dedos até os ombros, abaixa uma revista na mesa e levanta os

olhos.

— Pois não?

— Vocês têm um boxe em nome de William Bloom? — pergunto.

A cadeira range quando ele gira para ficar de frente para um computador e digita o nome lentamente.

— Não encontrei nada.

— Tudo bem — digo. — Obrigada. — Viro para sair e coloco a mão na maçaneta. Mas é claro que meu pai não teria usado seu nome verdadeiro, não para algo secreto. Com seu trabalho, não teria dificuldade de conseguir uma carteira de motorista ou até mesmo um passaporte falso, qualquer forma de identificação boa o suficiente para alugar um boxe de armazenamento.

— Tente Peter Kagan — digo.

— Como?

— Peter Kagan.

— Peter Kagan, boxe duzentos e treze — ele diz.

Meu estômago se agita.

— Você acha que eu… poderia dar uma olhada? — peço. — Sou filha dele. Tenho o código.

— O acesso é restrito, e Peter Kagan é o único nome que tenho aqui.

Tiro uma nota de vinte dólares do bolso, mas a mantenho fora de vista. Nunca subornei ninguém antes, mas sei que existe um jeito certo de fazer isso, entregando o dinheiro de modo que você possa fingir que não se trata de suborno.

— Talvez haja… talvez haja algum tipo de taxa que eu possa pagar — digo em voz baixa. Ouvi meu pai dizer isso para um guarda de trânsito em Moscou. Dobro a nota de vinte e levanto a mão para mostrar a ele.

O homem se levanta e cruza os braços.

— Fora!

Atravesso a rua, mas dou apenas alguns passos na direção do metrô antes de parar. A resposta, ou pelo menos minha melhor alternativa, está no boxe duzentos e treze do galpão atrás de mim.

Então por que estou indo embora? Se isto é um tipo de guerra — e é —, um funcionário noturno é o suficiente para me derrotar?

Sabe esse medo que você tem bem aqui, na barriga? É só uma sensação. Apenas isso.

Assim, em vez de voltar para a estação, inclino a cabeça e escuto. Os únicos sons que ouço são sirenes bem distantes atendendo emergências mais distantes ainda. Quando olho ao redor, vejo que é fácil para uma menina passar despercebida em meio às sombras da noite de Nova York. Entradas, carros estacionados, pilhas de caixas. Há um monte de esconderijos. É uma das coisas em que esta cidade é boa. Talvez seja o que ela faz de melhor. Então me viro e dou uma olhada. Só isso, uma olhada.

O galpão fica na esquina de uma avenida larga e movimentada com uma rua lateral aparentemente tão tranquila que nem tem semáforo, apenas uma placa de PARE. Há uma caçamba em péssimo estado encostada na parede, pendendo para um dos lados como um navio danificado prestes a afundar. Acima dela há um cano de esgoto preso à parede com suportes de metal e, depois, uma janela. Do lugar onde estou, do outro lado da rua, parece bem fácil, mas quando atravesso e olho de perto, vejo que subir por ali vai ser quase impossível. Os suportes estão enferrujados, e a própria parede está se desintegrando em volta dos parafusos que os prendem. Além de tudo, a janela está fechada.

Eu seria pega facilmente, ou então cairia e quebraria o pescoço. Mas ignoro o medo, a *sensação* que ele é, e em minha mente passam rápidas imagens de um Bela com treze anos e uma arma, e das garotas corajosas dos meus livros.

Subo na caçamba, puxo o cano para testar a resistência e então me penduro nele, que continua firmemente preso à parede. Torço para que os deuses da gravidade, os mesmos que controlam meu destino na ginástica, sejam piedosos.

O cano tem quase a mesma largura que a trave de equilíbrio. Embora esteja na vertical, parece familiar. Começo a subir por ele, apoiando os pés nos tijolos, mas quando estou uns três metros acima da caçamba sinto um ligeiro tremor nos suportes, como se pudessem ceder. Seguro firme e passo os pés para o cano,

prendendo-o entre minhas botas. Fica mais difícil, mas em menos de trinta segundos estou na janela.

Segurando firme, coloco os pés sobre o parapeito da janela e dou um chute na vidraça, mas nada acontece. Chuto de novo, com mais força, e minha bota atravessa o vidro. Por um momento, fico totalmente imóvel, esperando o alarme tocar, esperando que o funcionário venha ver o que aconteceu, mas tudo o que ouço é o movimento dos carros na avenida ali perto.

Respiro com dificuldade. Preciso me esforçar mais do que esperava para quebrar todo o vidro e jogar minhas pernas para dentro. Os cacos ainda presos na esquadria da janela furam meus jeans e rasgam minha pele. Cubro o rosto com os braços enquanto passo, protegida pelas mangas grossas do casaco militar. Quando meus pés tocam o chão, acompanhados do som de vidro esmagado, sinto um filete escorrendo da testa até a ponta do nariz. Quase não há luz ali, mas esfrego o local com os dedos e, pela viscosidade, sei que é sangue.

Minhas mãos estão tremendo. Meus braços, também. Até mesmo meus joelhos parecem prestes a dobrar, então me apoio na parede por um minuto. Calma, digo a mim mesma. Aguenta firme. É só um pouquinho de sangue. Só um pouquinho de medo.

Mas não é medo; na verdade, é o oposto disso. É a náusea que senti depois de ter fumado uma vez em Moscou e ter gostado. É a embriaguez que tomou conta de mim depois que Terrance me beijou. É o zumbido do champanhe roubado em festas de embaixadas. É tudo isso ao mesmo tempo, junto e misturado. E muito mais. É como se algo novo tivesse entrado sorrateiro em mim e cavado para construir um pequeno ninho para si em minha barriga, tentando ver se meus braços e pernas podem ser usados.

Essa coisa nova, seja lá o que for, deve ter achado que sirvo direitinho, porque, em um segundo, os tremores e a náusea desaparecem. Em um segundo, ela se apossou de mim e está me guiando pelo corredor. Está muito escuro, quase não tem luz, mas algum instinto — algum instinto que não é meu, mas pertence a

essa coisa nova que habita meu corpo — sabe que não devo usar a lanterninha que tenho no chaveiro. É melhor agir no breu, ela diz. É seu lugar. Em pouco tempo, estou enxergando com meus dedos, como os cegos. As paredes feitas de blocos de concreto estão repletas de portas de metal, cada uma marcada com uma placa de plástico com um número em relevo.

Encontro o número duzentos e dezessete, depois o duzentos e quinze, então o duzentos e treze. Tateio em busca do cadeado e o encontro. É de aço grosso e muito frio ao toque. Com cuidado, ligo a lanterna, reduzindo o foco de luz para um pequeno ponto. Com o polegar da outra mão, giro as seis rodinhas no cadeado para formar *141295*. Com um pequeno estalo, o cadeado abre.

Paro e escuto, tomando cuidado para não fazer o menor som enquanto solto o trinco e abro a porta. O cheiro lá de dentro não demora para me saudar. É familiar, igual ao cheiro de cada apartamento que já tivemos, a combinação peculiar dos cheiros que uma família tem e partilha como uma mancha na mesa da sala de jantar.

Fecho a porta atrás de mim e, confiante que agora estou invisível para qualquer outra pessoa que esteja no prédio, arrasto o facho da lanterna sobre as coisas que, em determinado momento, constituíram minha vida: uma velha cômoda de quando era criança, a armação da cama e o armário combinando que ficavam no quarto de meus pais. É estranho invadir um lugar em segredo e encontrar suas próprias lembranças.

Mas o que meu pai queria que eu encontrasse aqui? A luz passa por uma caixa com a palavra BRINQUEDOS, já desbotada, escrita na lateral. Abro e olho dentro. Há uma Barbie de edição de colecionador, cujo cabelo cortei quando tinha cinco anos. Há uma boneca loira, de olhos azuis, que quando se puxava uma cordinha dizia “Oi, amiga!” em árabe. Há peças de Lego soltas, carrinhos de brinquedo e um cartão de chanuca que fiz para meus pais. Ele deixa purpurina prateada nos meus dedos.

Fecho a caixa de brinquedos e vou para outra, mas tudo o que vejo nesta são formulários antigos do imposto de renda, fitas de videocassete e ração para peixinhos de aquário que duraram uma

semana. Então, na caixa seguinte, entre minhas velhas sapatilhas de balé e documentos escolares, há um álbum de fotografias.

Não, eu digo a mim mesma. *Não*. Mas é inútil. Eu me sento sobre outra caixa e abro o álbum. Uma polaroide da minha mãe, com o uniforme do Exército e o casaco que estou usando neste exato momento, sorri para mim de uma época quando eu sequer era nascida. Na parte de baixo da foto está escrito BÓSNIA. Em seguida vem uma foto minha bebê, embrulhada como um burrito nos braços da minha mãe. Ela está usando a camisola do hospital, mas dava o mesmo sorriso para a câmera. Quem tirou essa foto? Meu pai ainda não havia entrado na vida dela. Será que foi meu pai biológico, cujo nome sequer aparece na minha certidão de nascimento? Improvável. Coloco o polegar sobre o rosto de minha mãe, acaricio seu queixo, toco seu cabelo. Minha garganta aperta, e o álbum escorrega dos meus joelhos para o chão.

A moldura branca de uma das fotos é deslocada pela queda. Puxo e descubro que na verdade é um envelope branco novo, ainda selado. Sento com as costas retas e passo um dedo sobre a aba do envelope para abri-lo.

Dentro há um único pedaço de papel, e eu o examino à luz da lanterna. Não há nenhuma palavra, nem “Querida Gwen, se você estiver lendo isto, fui sequestrado e eis o que deve fazer”. Há somente grupos de números separados por espaços, *0130513 1192381 3271822*, que seguem interminavelmente, agrupados e com um espaço simples a cada série, cobrindo a frente e o verso. Deus me livre de meu pai fazer algo fácil. Deus me livre de ele ser objetivo. Seria demais esperar um pouco de clareza? Como é que vou saber se é isto que estou procurando? Por estar escondido entre as coisas mais valiosas para ele? Por que não? É um motivo tão bom quanto qualquer outro.

Isto — tudo isto, tudo — está começando a parecer um jogo, do tipo que tem um assassinato ou mistério para desvendar, com pessoas vestidas iguais a gângsteres e mulheres da década de 1920 que tentam descobrir quem é o suposto assassino. Endireito o papel no colo e olho de perto, estudando os números. Eles parecem

tão aleatórios, como um tipo de código. Como um código mesmo. Porque isto *é* um código.

Fecho os olhos. Bela estava certo: isto com certeza não era para mim. Mas para quem seria? Não sei o que diz ou para que serve, mas é o que meu pai estava escondendo. Tem que ser. Deus, faça com que seja. Dobro o papel e o coloco no fundo do bolso interno do casaco.

Ouço o zumbido de um motor de elevador e o som das portas abrindo em outro andar. Saio do compartimento, tranco-o e tateio em direção ao sinal luminoso que indica a saída. Assim que chego na porta que dá para as escadas, o elevador abre e o sujeito tatuado sai com um taco de beisebol nas mãos.

Passo pela porta, desço as escadas correndo e chego ao primeiro andar. Por um momento, não consigo entender onde estou; até avistar o escritório na entrada. Eu me aproximo cautelosamente para o caso de haver outra pessoa lá, mas não ouço nenhum movimento. Então entro na área do escritório, abro a porta da frente e disparo na noite rumo à estação.

Sete

O INTERIOR DO ELEVADOR QUE LEVA ATÉ O APARTAMENTO de Terrance é como um ovo Fabergé, com bronze, espelhos e até mesmo um pequeno banco revestido de veludo. Quando chega na cobertura B, as portas não abrem para um corredor, e sim para um foyer com painéis de madeira e piso de mármore azul. Há somente duas portas, uma muito sofisticada, a outra com a palavra SERVIÇO escrita.

— Oi — um Terrance sonolento, de cueca boxer e camiseta, diz quando a porta sofisticada abre.

— Oi. Seu porteiro é um idiota.

Terrance pisca para mim.

— São duas da manhã. Então… é.

Ele gesticula para que eu entre, e o sigo por um corredor escuro. A primeira coisa que reparo é no silêncio quase total. Há um relógio fazendo tique-taque, mas só isso. Não consigo me lembrar de um único momento desde que nos mudamos para Nova York em que não tenha ouvido sirenes, buzinas e gritos.

— Seu pai está em casa? — digo em voz baixa.

— Não. Dubai talvez. — Ele esfrega os olhos. — Ou Xangai. De qualquer forma, você não precisa sussurrar.

Eu me aproximo das janelas que se estendem quase que do piso até o teto. Através delas posso ver o vácuo noturno do Central Park, rodeado pela cidade, janelas distantes transbordando luz dourada, penduradas como um arranjo bem organizado de estrelas, mas tudo desaparece quando Terrance acende uma luz.

— Senta — ele diz, apontando na direção de um sofá de couro creme. — Quer alguma coisa? Refrigerante, café?

— Não — digo. — Obrigada, mas não precisa.

— Encontraram seu pai? — Terrance pergunta. — Ele está bem?

Eu me acomodo no sofá, tiro a folha com os grupos numéricos do bolso e passo para ele.

— Entrei escondida em um galpão de armazenamento e essa folha estava presa em um álbum de fotografias. É um código.

Ele olha para mim apertando os olhos cansados.

— Calma. Volta. Você entrou escondida em uma empresa de armazenamento?

— No boxe do meu pai, então tecnicamente é meu também. Isso não é importante. — Bato na folha. — Isso, isso é um código, certo? Um código secreto?

Terrance olha para a folha de perto e morde o lábio inferior. Então solta uma risadinha.

— É… não sei. Talvez — ele diz após um momento. — Vem comigo.

Eu o sigo até um cômodo no final de um corredor comprido. É o quarto dele e é maior que meu apartamento inteiro. Há um armário antigo que parece ter sido trazido do palácio de Versalhes, e uma cama enorme com uma cabeceira estofada azul-clara sob alguns pôsteres de anime presos à parede com tachinhas. Mas o destaque do quarto é uma maravilhosa mesa de vidro onde um par de monitores gigantes parece flutuar sobre a superfície.

Sento na beirada da cama enquanto Terrance passeia pelo quarto, estudando a folha em suas mãos.

— Todos os grupos são de sete dígitos.

— É, eu também percebi isso — digo. — Eu os estudei no caminho até aqui. O primeiro número de cada grupo vai sempre de zero a três. Nunca é maior.

De repente ele para de andar.

— Uma criptografia em livro — ele diz. — É possível.

— Uma o quê?

— Criptografia em livro. — Terrance pega um livro de ficção científica que está sobre a mesa e se senta ao meu lado. — Então,

códigos existem desde que… praticamente desde que os livros foram inventados. A questão é: apesar de toda a tecnologia da NSA, se você fizer direito, um código em um livro ainda é bem seguro.

Ele abre o volume e o folheia até uma página aleatória.

— Digamos que você queira escrever uma mensagem para alguém, e a primeira letra da primeira palavra é *M*. Você encontra um *M* na página, e aí… anota o que vou dizer.

Pego um lápis e um bloco de cima da mesa.

Ele corre um dedo na vertical da página, depois na horizontal, contando em voz baixa para si mesmo.

— Página dois-um-um, décima quarta linha de cima para baixo, vigésima sétima letra a partir da esquerda. Ele olha para mim. — Anotou?

— Sim — digo, olhando fixamente para o que eu escrevi. Só preciso de alguns segundos para entender. — Então… o conjunto de números seria 2111427.

— Exatamente. Terrance fecha o livro e levanta. Há um sorriso entusiasmado em seu rosto. O sorriso de um nerd. O sorriso de alguém que gosta desse tipo de coisa. — Você tem que fazer isso para cada letra. Leva tempo pra cacete.

— Mas é seguro — digo.

— É. Se for realmente aleatório — ele diz. — Mas a questão é: a pessoa que recebe a mensagem tem não só que estar com o mesmo livro, mas com a mesma edição, a mesma impressão, tudo. Senão os números não apontam para as mesmas letras.

Tudo fica claro para mim assim que as palavras de Terrance saem de sua boca. Tiro o exemplar de *1984* do bolso do casaco, e ele o pega como se fosse algum tipo de relíquia, segurando-o delicadamente nas mãos.

Analisamos cada um dos grupos de números, eu os lendo em voz alta e Terrance anotando os resultados no bloco. É madrugada, e aquilo é uma tarefa trabalhosa, mas estamos elétricos e entusiasmados.

Quando terminamos, duas horas depois, olhamos as colunas de letras, mas não há nenhum padrão óbvio. Elas parecem aleatórias, sem ter mais lógica do que em sua forma numérica. Por alguns

minutos, ficamos absolutamente quietos, conscientes apenas da nossa respiração.

— São quase cinco da manhã — Terrance diz.

Olho para o relógio no meu celular.

— Droga — digo.

Ele olha para mim enquanto se senta na frente do computador.

— É melhor você ir — ele diz. — Vou continuar trabalhando nisto.

— Terrance, nem sei dizer o quanto isso significa para mim.

— Você vai para a escola hoje?

Escola. Meu último dia em Danton. Conto para ele agora?

— Acho que sim.

— Vamos almoçar juntos. No restaurante com o toldo laranja. — Ele olha para mim enquanto visto o casaco. — Seja lá o que for isso, vou descobrir.

Pairo sobre ele na mesa e dou um beijo em sua cabeça.

— Obrigada.

Georgina está me esperando, lívida. Não que possa culpá-la por isso. Ela solta algo que é um meio-termo entre um suspiro e um gritinho quando entro.

— Você tem alguma ideia, Gwendolyn, *alguma ideia* do que passou na minha cabeça? — minha tia grita, os olhos vermelhos pela exaustão e pelas lágrimas. — Eu quis chamar a polícia, mas acordei Bela e ele disse para não fazer isso. Disse que você já era grande e sabia o que estava fazendo. E, por falar nisso, que diabos você *estava* fazendo?

— Desculpe — digo. — Fui à casa de um amigo.

— Ah, a casa de um amigo, a casa de um *amigo* — ela diz. — Um garoto da escola?

— É.

Ela joga os braços para cima.

— Isso, essa merda que você aprontou, não vai acontecer outra vez. Está ouvindo?

— Vamos embora no domingo, então é óbvio que não vai acontecer outra vez. Eu só… precisava falar com ele.

Ela fica fervendo de raiva por um momento, então se acalma e enxuga os olhos.

— Vem aqui — diz baixinho.

Georgina me abraça, e eu retribuo. A sensação é boa, de carinho maternal, ou quase. De que está tudo bem. Mas minha mente está em outros lugares. O que faço agora? Minha investigação me levou à chave. A única coisa que pode resolver toda essa confusão dos infernos.

— É melhor ir dormir — Georgina diz. — Ligo para a escola e digo que você não vai poder ir.

— Não — eu digo. — Vou ficar bem.

De algum modo consigo encarar as aulas da manhã. Então saio correndo e dobro a esquina para chegar ao restaurante com toldo laranja. O lugar está lotado de alunos de Danton que me observam enquanto vou até a mesa onde Terrance está, nos fundos. Quando sento no banco em frente a ele, espero um gemido coletivo, o som de fones de ouvido sendo retirados e centenas de celulares tirando fotos. *#encontrodosesnobes*.

Ele desliza uma pasta pela mesa e eu a abro discretamente. Tem três folhas de papel: os grupos de números originais, a página do bloco que usamos ontem e uma folha nova com sete fileiras, cada uma com vinte e uma letras.

— A princípio, as letras pareciam aleatórias — Terrance diz em voz baixa. — Mas olha aqui. — Ele está apontando para o segundo papel. — As duas primeiras letras eram *CH*. Vá para a frente vinte e duas letras, e você vê *CH* outra vez. Então vinte e duas letras depois, temos *LI*.

Olho para ele.

— Não estou entendendo. E daí?

— E daí que se você quebrar os conjuntos em linhas de vinte e uma letras, todas começam com *CH* ou *LI*. O que isso significa?

Penso por um momento, considerando as letras isoladamente. Alguma coisa bem abaixo da superfície da minha memória vem à

tona. O jeito como o nome de alguns países europeus é abreviado. *FR* para França, *SK* para Eslováquia.

— Suíça e Liechtenstein — digo.

— E o que tem nesses dois países?

— Bancos — digo. — Lavagem de dinheiro.

Ele sorri orgulhoso e então dá um tapinha na pasta.

— São contas bancárias, Gwen — ele sussurra. — Traduza as letras depois de *CH* e *LI* para números de novo, *1* para *A*, *2* para *B* etc. Porra, são contas bancárias.

Minha pele gela.

— Você tem certeza?

— Sim. Sem dúvida. — Ele olha ao redor, se certificando de que não há ninguém perto demais. — As cinco contas suíças estão em um banco muito privado em Zurique. Fundado há, tipo, trezentos anos. E administrado sempre pela mesma família. Os dois em Liechtenstein, a mesma coisa.

— E de quem elas são?

— Não sei dizer. — Ele dá de ombros. — Isso é tudo que consegui.

— Você é um gênio, Terrance — digo. — Não tenho como agradecer o suficiente.

O rosto dele fica sério.

— Eu tenho que saber, Gwen. O que você vai fazer com isso?

O garçom aparece de avental engordurado, com um bloquinho e um toco de lápis na mão.

— Nada para mim, obrigada. — Olho para Terrance sem saber o que dizer. — Escuta, eu… Terrance, desculpa… — é tudo o que consigo soltar.

Saio do restaurante e deixo um gemido alto escapar. Chega de escola para mim hoje: já aprendi o suficiente. Vou na direção do apartamento e de vez em quando aperto o bolso, onde enfiei os papéis que Terrance me deu para me certificar de que ainda estão lá. Isto, me parece, não só outra peça do quebra-cabeça, mas talvez seja o quebra-cabeça inteiro. Esta é a razão pela qual ele desapareceu. E é isto que Carlisle estava procurando em nosso apartamento.

Terrance e eu somos as únicas pessoas que têm essa informação. Somos as únicas pessoas que podem fazer qualquer coisa a respeito. O caminho óbvio, talvez até o correto, seria entregar a informação para Carlisle, apesar daquilo que suponho ser o desejo de meu pai. Entregar para Carlisle e acabar com isso. Ir embora para o Texas, esperar pelo melhor e fingir que esta informação não existe. Mas isso não vai acontecer. Não pode acontecer. Estou falando do meu pai. Meu único pai. Não dá pra ignorar isso.

Chego ao nosso prédio e pego minhas chaves. Mas sei que Georgina está lá me esperando, cheia de dentes brilhantes e abraços sinceros, e uma panela quente e cheia de compaixão infinita.

Então, em vez de seguir em frente, aperto a campainha da papelaria no lugar.

Bela se reclina na cadeira do escritório, atrás da escrivaninha amontoada com papéis e um livro de páginas verdes com colunas de números — lançamentos feitos à mão. Mas ele está estudando os números que Terrance me deu, os olhos se movendo de um lado para o outro, de uma página para a outra, então voltando ao início.

— Eu nunca deveria ter deixado você levar o livro.

— Mas deixou. Então, o que acha?

— Muito inteligente — diz Bela. — Seu amigo Terrance deveria ganhar a vida fazendo isso.

— Não. Sobre os números das contas. Eles são a causa do desaparecimento do meu pai, não é? Ele não foi simplesmente embora. Alguém o sequestrou porque queria isso.

— Tudo é possível — ele diz.

— Então você acha que ele foi sequestrado?

— Eu disse que é possível.

Levanto da cadeira e ando pela loja atulhada.

— Posso encontrar meu pai, Bela. Sei onde ele estava quando desapareceu. Quem tinha ido encontrar. Posso reconstituir seus passos. Ir à guerra, como você foi.

— Hum — ele diz, soltando as folhas de papel na escrivaninha. — Parece fácil.

— Sei que não é. Mas tenho que tentar. *Preciso* tentar.

Ele dá uma tossidinha.

— Você conhece a violência, Sapatos Vermelhos?

Olho para ele.

— Foi o que levou minha mãe. Eu estava lá.

— Mas você é capaz de ser uma agente da violência? — Ele me estuda. Não é mais o velho e amável vendedor que está olhando para mim. É Bela, o espião; Bela, o soldado; Bela, o sobrevivente. — Depois que minha família foi morta, arranjei uma arma — ele diz. — Um revólver russo velho e sujo. Alguns dias mais tarde, cruzei com um oficial alemão em um beco no vilarejo. Com um belo casaco de couro, bonito igual a um artista de cinema.

É exatamente a maneira como ele descrevera o oficial que havia matado seus pais e irmãs. Escuto com atenção.

— Esse alemão estava trepando com a prostituta do vilarejo, encostada em um muro. Estava escuro o bastante para eu chegar perto. — Bela levanta o braço cheio de manchas, apontando o indicador contra a lateral da cabeça, pouco abaixo da orelha. — Eu atirei nele. Bem aqui. A não mais de dez centímetros de distância. Os dois, o oficial e a prostituta, caíram. A bala atravessou o corpo dele e a matou também.

— Foi… foi o mesmo o oficial que tinha matado sua família?

Bela acena e faz uma careta.

— Ah, quem pode saber? O tiro arrancou metade da cabeça dele. Mas é na prostituta que eu penso. Ainda. Até hoje.

Ele fica em silêncio depois disso, mas continua a me estudar, avaliando minha reação. Na superfície, é uma história de horror — uma história destinada a chocar e a assustar. Mas, retirando a casca, o que vem à tona é algo diferente: as coisas cruéis que às vezes precisamos fazer.

— E você vai passar por isso, sabe? Caso você vá atrás do seu pai — Bela diz. Ele se inclina para a frente e coloca uma das mãos sobre meu ombro. — Esse é o significado de guerra. Balas e erros com os quais você tem que viver para sempre.

Confirmo com a cabeça.

— Obrigada — digo.

— Pelo quê? — pergunta Bela.

— Pelo que disse. Pelo apoio.

— Apoio? — Bela dá uma risadinha e descansa a cabeça no encosto da cadeira. — E eu aqui pensando que estava dizendo que é melhor ir para o Texas.

O mundo que ele descreveu é aterrorizante. Mas, se ninguém mais vai agir por mim, então tenho que tomar uma decisão: continuar sendo uma criança e não fazer nada ou me transformar em adulta e fazer sozinha o que tem que ser feito. Essa, me parece, é a diferença entre a criança e o adulto, entre a menina caçada por lobos e a caçadora.

Nós nos entreolhamos por um tempo.

— É claro que os tempos são outros agora — ele diz. — Você tem uma alternativa. Mas teoricamente…

— Sim? — digo, minha voz um sussurro.

— Teoricamente, fazer isso sozinha seria suicídio. Seria o ato de uma pessoa insensata. Você precisaria de ajuda.

Espero ansiosa, então o incentivo a continuar.

— Sim?

— Se alguém tivesse um amigo… Digamos, alguém com conexões nesse mundo dos serviços de inteligência, que pudesse dar alguns telefonemas e conseguisse arranjar essa ajuda… — Ele suspira e afasta o pensamento com um gesto, como se fosse uma mosca. — Ainda assim, é melhor ir para o Texas e esquecer todo esse negócio. A verdade é que sou só um velho tolo e maluco.

Olho para baixo e aperto as mãos contra as pernas.

— Eu vou, Bela. Tenho que ir. Preciso tentar.

Ele inspira profundamente e fecha os olhos.

— Essa é sua decisão?

— Sim. — Guardo os papéis e o exemplar de *1984* no casaco. — Você vai fazer as ligações?

— Vou — ele diz. — Muita gente me deve favores. E, em Israel, essas dívidas são levadas a sério. — Bela levanta e de repente

parece mais jovem do que é, e até mais alto. Ele gesticula para que eu levante e o obedeço.

Nós nos abraçamos. Não é um abraço sentimental ou carinhoso. É o abraço de dois camaradas.

Durante vinte minutos aterradores, espero para usar um teclado gorduroso no laboratório de informática da biblioteca pública. Gasto esse tempo em busca de justificativas para a ideia mais insana que já tive. A matemática nunca dá certo. A coragem que não tenho somada à promessa de ajuda de um velho não é igual a sucesso. É igual a zero.

Mas de qualquer forma aqui estou no computador, entrando no site da Air France com dedos que parecem estar sendo controlados por outra pessoa. E aí está: uma viagem de Nova York para Paris, às oito e trinta e sete da noite. Com todas as viagens que fiz durante tantos anos, tenho mais de cento e vinte mil milhas acumuladas, muito mais do que preciso para uma passagem de ida a Paris na classe econômica. O cursor sobre o botão CONCLUA SUA COMPRA vibra em ritmo perfeito com o tremor da minha mão. Dou um clique final no mouse. Três segundos depois, de algum lugar em meu casaco, meu celular dá um sinal indicando que o cartão de embarque chegou.

Saio correndo da biblioteca e controlo o tempo para chegar ao meu apartamento no horário exato em que estaria voltando da escola. Georgina me dá um abraço e pergunta como foi meu último dia em Danton. Digo que correu tudo bem, mas que estou triste por ter que ir embora.

— Você vai fazer novos amigos bem rápido — minha tia diz, me apertando.

Eu me solto do abraço dela e sento diante da pequena mesa da cozinha, então desenho um círculo com o dedo sobre a madeira já arranhada.

— Então… — eu começo. — Minhas amigas querem fazer uma festa de despedida esta noite. Vamos dormir todas lá.

Ela senta na minha frente.

— Mas você já ficou fora a noite passada.
— É minha última chance de ver todo mundo — digo.
Georgina pisca e endurece o queixo.
— Onde é?
— Na casa da Margaret Saperstein.
— Os pais dela vão estar lá?
Reviro os olhos.
— Infelizmente. A mãe dela é, tipo, superchata.

Georgina faz mais algumas perguntas, mas garanto a ela que não vai haver bebidas, drogas ou garotos. Percebo que não está gostando da ideia, mas, no fim, cede. Como poderia me proibir de ir à minha própria festa de despedida?

Vou para o quarto e coloco tudo de que vou precisar dentro da minha mochila. Não as coisas que vou querer, só o que é de fato necessário. Sou tão moderada quanto um soldado, pegando apenas uma troca de roupa, a lista de números, meu passaporte civil e um baralho. Com as roupas que estou usando e as botas, estou pronta para partir.

Georgina me espera na sala de estar, com as mãos fechadas e os olhos desconfiados.
— Esteja de volta ao meio-dia amanhã, Gwendolyn.
— Pode deixar — digo. — E obrigada.
— Por?
— Por tudo. Obrigada.
Ela fecha os olhos.
— Imagine. Divirta-se.

A coisa dentro de mim — aquela que conheci pela primeira vez na empresa de armazenamento no Queens — está crescendo a cada passo enquanto marcho na direção norte pela avenida e entro à esquerda na rua 72. Ela se estica dentro de mim, puxando minha pele e meu corpo como se fosse uma roupa de mergulho. Ela me impulsiona para a frente. “Você é a heroína desta história”, diz.

Minha primeira parada é em um banco, onde retiro todo o saldo da minha poupança, pouco mais de quinhentos dólares. Coloco a

quantia no bolso e continuo pela rua 72 até um edifício luxuoso. O porteiro liga para Terrance e, pouco depois, estou na porta da cobertura. Ele está esperando por mim.

— Quer entrar? — Terrance pergunta.

— Não — digo. — Só preciso… escuta, você pode me prometer uma coisa?

Ele inclina a cabeça para o lado e olha para mim.

— Você está bem?

— Só me responde.

— Tá bem. Eu prometo. O que está acontecendo, Gwendolyn?

Conto tudo sobre o plano, acrescentando que alguém pode ou não arranjar algum tipo de ajuda para mim em Paris. Quando termino, vejo as sobrancelhas de Terrance se levantarem em uma expressão de surpresa que me faria rir muito se hoje fosse qualquer outro dia. Eu lhe entrego o exemplar de *1984* e a folha original com o código.

— Esconda isto para mim.

— Gwendolyn, não — é tudo o que ele consegue dizer enquanto pega o livro e o papel dobrado. Então encontra as palavras e tenta me dissuadir de fazer aquilo. Por muito tempo, discutimos. Ele tem como armas a razão e os fatos, todo um arsenal deles. Mas não tem efeito algum sobre mim.

— Nada que eu possa dizer vai impedir você, não é? — ele pergunta.

— Não — digo. — E tem mais uma coisa. Preciso de dinheiro, Terrance. Dinheiro vivo.

Ele fica em silêncio por um segundo, então tira o que tem do bolso. É um pequeno maço, talvez cem dólares no total, que Terrance coloca no bolso do meu casaco.

— Não. Preciso de mais. — Eu me odeio por dizer isso, e vejo seu rosto se contrair um pouquinho, como se tivesse mordido alguma coisa azeda. Dou um sorriso constrangido e já me viro para ir embora. — Olha, desculpa, eu não deveria ter…

As mãos de Terrance voam para meu braço.

— Não. Espera. — Ele entra no apartamento e demora mais de um minuto para voltar. Retorna com uma lata de café na mão. —

Deve ter uns dois mil aí, acho. É tudo o que tenho. Meu pai tem mais, mas está em um cofre.

Dou uma olhada. A lata está cheia de notas soltas: de vinte, cinquenta, cem.

— Esse é meu cofrinho.

— Você está salvando minha vida, sabia? — Fecho os olhos, com a respiração falhando de gratidão.

— Ou a colocando em risco — ele diz, pondo as mãos nos meus ombros. Terrance me encara, o rosto tenso, os olhos em súplica, do jeito mais sério que já vi. — Posso ir com você.

Por um momento, acredito que ele realmente fala sério, mas é uma ideia ridícula. Terrance é um adolescente americano rico e mole que não ia durar mais de cinco segundos na correria. O que, pensando bem, é o que eu sou também, tirando a parte de ser rica.

— Você é muito legal.

— Estou falando sério. Posso ajudar?

Coloco as mãos de leve no peito dele. Um psicanalista diria que o estou afastando subconscientemente, mas a verdade é que só quero tocá-lo.

— Não, você tem que ficar aqui — digo. — Para o caso de eu precisar de um nerd da informática, ou, você sabe, de alguma coisa normal e boa em que pensar.

Dou uma risadinha. Tenho que fazer isso ou vou chorar. Por que o mundo não pode continuar seguindo sua rota alegre e desagradável e me deixar aqui sozinha com ele? Encosto a cabeça no peito dele e a deixo lá. É o mais próximo que estivemos desde que nos encolhemos para escapar da chuva.

— Tenho que ir agora, Terrance.

— Eu sei — ele diz.

Mas nenhum de nós se mexe. Quando finalmente me solto, a camisa dele está molhada no lugar onde estava meu rosto. Ele se inclina para baixo e beija meu rosto, mas viro a cabeça e encontro os lábios dele. É um beijo seco, silencioso e macio, de boca fechada. Mas é o suficiente, acho.

Quando volto para a rua, o vento está mais forte, me empurrando pela Quinta Avenida. Encho os bolsos do casaco com o conteúdo da lata de Terrance e a jogo no lixo. Tenho dois mil e seiscentos e cinquenta e sete dólares no total.

Chamo um táxi e digo ao motorista que vou para o aeroporto JFK. Enquanto afundo no banco do carro, tiro meu passaporte civil do bolso. O passaporte diplomático que tirei como filha de funcionário do Departamento de Estado ficou lá no apartamento — é perigoso demais usá-lo agora, porque provavelmente acionaria todos os alarmes, assim como o do meu pai. Mas quais são as chances de eles terem se preocupado com meu passaporte civil? Carlisle pensa que estou indo para o Texas. Não ia querer me impedir de viajar para Cabo com minha nova família, não é?

Quando chego ao aeroporto, ainda falta uma hora e meia para o voo. Compro uma boina em uma loja, do tipo que os jornaleiros e motoristas de táxi costumavam usar, e escondo meu cabelo vermelho dentro dela.

No portão, um silêncio estranho parece ter caído sobre tudo. Mal ouço a conversa dos passageiros e o som alto dos avisos pelo microfone enquanto chamam a classe executiva, grupo um, grupo dois, grupo três.

A multidão começa a se avolumar ao meu redor como a água numa enchente, se dirigindo para o avião. Fico para trás. Esta viagem tem perto de zero chance de sucesso, e a única esperança que tenho é o auxílio desconhecido e improvável que Bela pode ou não conseguir arranjar. Mas ele é só um velho maluco. Ele mesmo disse isso. E eu sou só uma garota maluca. Isto, esta merda insana que estou fazendo agora, é a prova.

A funcionária da companhia aérea chama todas as classes, todas as fileiras. Dez minutos depois, a área de embarque está vazia a não ser por nós duas.

Ela olha para mim ansiosa, com a sobrancelha erguida, tipo “E aí? Vai embarcar ou não?”.

PARIS

Oito

O AEROPORTO É ESTÉRIL E FRIO, e o ar tem o cheiro químico dos produtos de limpeza. Os outros passageiros da classe econômica e eu marchamos como uma coluna de refugiados pelo corredor em direção às cabines da imigração. Estou tremendo, porque o ar é quase ártico, ou talvez porque eu esteja esgotada, ou apenas apavorada. A fila rasteja devagar para a frente, e eu tento adivinhar com qual agente da imigração vou cair. O jovem atencioso, o velhote amigável ou a mulher que odeia o trabalho e em consequência o resto do mundo? Tudo depende disso. Quem vai sorrir para a garota americana com cabelo vermelho e mandar que passe e quem vai decidir que odeia garotas americanas e cabelos vermelhos e por isso vai querer investigar um pouco mais sua história?

Sou direcionada para um agente tenso e azedo, que olha para mim com o tédio de quem faz isso há cinquenta anos. Empurro meu passaporte azul sobre o balcão e o cumprimento em francês. Ele responde em inglês, me mandando tirar a boina para poder me ver melhor.

— Qual é o motivo da visita, senhorita? — ele pergunta com as vogais francesas esmagadas e convertidas sem sucesso para o inglês.

— Turismo.

— Quanto tempo vai ficar?

— Uma semana.

— Onde?

— Em um albergue chamado Colette.

Eu me lembro de ter visto esse nome quando meu pai e eu moramos aqui. Parecia um depósito de lixo.

— O que planeja visitar?

— O Louvre, a torre Eiffel, o Centro Pompidou.

Mas alguma coisa o deixa incomodado, algo certinho demais em minha resposta, que o faz olhar para mim por alguns segundos. Tento não engolir com muita força ou sorrir de maneira nervosa.

Ele folheia as páginas do passaporte, examinando cada carimbo.

— Estou vendo que já esteve na França três vezes — ele diz.

— Sim.

— E ainda não viu o Louvre ou a torre Eiffel?

Sorrio, mas sinto os cantos da boca retorcendo desconfortavelmente.

— Vale a pena visitar mais de uma vez, não?

Sua mão se move rápido e o carimbo cai sobre meu passaporte como um martelo.

— Claro — ele diz. — *Bienvenue en France*.

Uma porta automática abre, despejando passageiros para fora da área da alfândega e para dentro do salão de desembarque. Famílias ansiosas e motoristas entediados segurando cartazes tentam reconhecer os recém-chegados. Um soldado francês de uniforme, jovem, em boa forma e muito bonito, passa como um raio por mim e cai nos braços de sua mãe, cuja maquiagem está escorrendo com as lágrimas pelo rosto. Um pai em um terno amassado pega um bebê no colo e o beija, então olha furioso para a esposa, que devolve o olhar. Mas, na maior parte, os passageiros abrem caminho em meio à multidão em direção ao metrô ou aos táxis. Eu me jogo no meio deles, na esperança de desaparecer.

De canto de olho, vejo uma mulher com um casaco de couro e um lenço de seda laranja amarrado com folga no pescoço. Deve ter pouco menos de quarenta anos, acho, e é linda, com um cabelo preto maravilhoso preso no topo da cabeça. Ela está examinando a multidão, andando depressa em seu entorno, sorrindo ansiosa, como se a pessoa que está procurando estivesse entre nós. Olho

para as placas, tentando achar o caminho para o metrô, mas quando viro para trás os olhos dela estão fixos em mim.

Ela deve ter se confundido, digo a mim mesma. Devo parecer com alguém que conhece. Não deve ser nada. Continue andando. Até que a mão dela está em meu ombro, me forçando a virar para encará-la. Em vez de choque e de um pedido de desculpas por eu não ser quem ela pensava que era, o rosto da mulher se ilumina e me dá dois beijos rápidos, um em cada lado do rosto, antes de me puxar para um abraço forte.

Debaixo de seu elegante casaco de couro, sinto os músculos de seu corpo em forma. Ela me segura com força e eu sinto uma leve fragrância de perfume muito caro e muito francês. Com a boca a três centímetros do meu ouvido, sussurra em inglês:

— Sou amiga de Bela Atzmon.

Ela me afasta para me examinar, mas ainda segura meus ombros com firmeza.

— *Comme tu as grandi! Je n'en reviens pas! Tu es presque une adulte!* — diz, em voz alta o bastante para as pessoas ao nosso redor ouvirem. A mulher me abraça de novo e retoma o sussurro, agora em inglês. — Há dois homens ao lado da banca de jornal, são investigadores da polícia. Não olhe. Apenas sorria como eu, como se fôssemos parentes que não se viam há séculos.

— Eles estão aqui atrás de mim? — pergunto num sussurro.

— Não queremos descobrir isso — ela diz.

Começamos a andar, e ela segura firme meu braço, como se realmente fosse uma tia que não vejo há muito tempo.

— Não tem mala? — ela pergunta em voz baixa.

— Não, vim com a roupa do corpo.

— Então vamos.

Ela me guia para a frente com a mão, atravessando a porta e caminhando até um estacionamento coberto. O sol da manhã está dando lugar a nuvens densas de chuva. Mas, para meus olhos insones, ainda está claro demais, e tenho que apertá-los enquanto a analiso. O que está acontecendo? Por que estou entrando em um carro com uma estranha?

O estacionamento está lotado, filas e filas de pequenos Citroëns e Fiats, mas há poucas pessoas por perto.

— Como você soube quem eu era? — pergunto.

— O cabelo vermelho é um pouco óbvio. — Ela abre a porta do passageiro de um Gol velho e acabado. — Entra. Vamos logo.

— Espera — eu digo. — Eu não… nem sei seu nome.

— Me chamam de Yael — ela diz, sentando no banco do motorista.

A escolha de palavras é cuidadosa: “Me chamam de Yael”. E não simplesmente “Meu nome é Yael”. Sento no banco do passageiro mesmo assim, apesar do meu instinto me dizer para não fazer isso. Ela vai dar a partida, mas eu a interrompo.

— Só um segundo. Será que podemos, tipo, conversar um pouco?

Yael retrai o braço e me olha com frieza.

— O que você quer saber?

— Pra começar, quem é você?

— Yael. Já disse isso.

— Então *o que* é você? Uma investigadora particular? Uma espiã?

Os olhos dela dançam sobre meu rosto, decidindo o que dizer.

— Sou alguém para quem se pede favores de vez em quando.

— Isso não diz muita coisa.

— É — ela concorda. — Não diz.

— Yael é um nome israelense?

— Isso vai ser um problema?

— Não — respondo. — Claro que não.

A mulher que chamam de Yael liga o carro, e nós saímos do estacionamento em direção à rua. Ela dirige de modo rápido mas preciso, acelerando até quase encostar na traseira de um enorme caminhão carregado com grandes canos de metal, e em seguida reduzindo para desviar dele, mas ainda rápida como um coelho.

Reparo que os olhos dela alternam constantemente entre a rua à frente e o espelho retrovisor. Não é um gesto nervoso, mas algo que foi treinada a fazer, e me recordo do meu pai fazendo o mesmo. Embaixo das roupas chiques de Paris e do francês impecável, há algo duro, que vem de anos passados nas ruas de cidades mais cruéis que esta. Há um controle cheio de frieza e habilidade, próprio

de alguém que às vezes, como ela disse, faz favores para as pessoas. A mulher que chamam de Yael não é nenhuma mensageira. Tenho quase certeza de que há uma arma em algum lugar em seu casaco.

— Por que está fazendo isto? — pergunto. — Quer dizer, por que Israel dá a mínima para o que acontece com uma americana?

Yael fica em silêncio por tanto tempo que eu me pergunto se está ignorando a pergunta. Quando estou prestes a repetir, ela responde.

— Esse homem, seu pai… A agência dele e a minha trabalharam juntas algumas vezes. Ele sabe de coisas que preferiríamos que não compartilhasse. Aparentemente, ele é uma prioridade maior para meu governo que para o seu.

Isso é muito objetivo e muito frio. Não tem nada a ver com pagar uma dívida com Bela.

— São negócios, então — digo.

— Sempre.

Entramos nos subúrbios de Paris que não aparecem em nenhum guia turístico. São só conjuntos habitacionais de concreto. Ficam dos dois lados do carro como as paredes de um cânion.

— Você terá que me contar tudo — diz Yael. — E aí meu trabalho começa. Mineração de dados, na maior parte: encaixar uma peça do quebra-cabeça aqui com outra ali. Enquanto isso, ensino você a não ser morta.

— Quanto tempo leva essa mineração de dados?

— Talvez um mês, talvez um dia.

— Um mês. Isso é muito tempo — digo. — A gente não pode ficar esperando.

— Esperar é noventa por cento do que fazemos em minha profissão.

— E os outros dez por cento? — pergunto.

Yael olha para mim com um sorriso afetado.

— São puro terror.

*

O carro começa a andar muito devagar, quase se arrastando, no tráfego intenso da manhã, entrando a quase zero por hora em uma rua lateral. Yael aperta a buzina com a palma da mão e xinga. O lugar onde estamos não é a Paris com a qual as pessoas sonham, aquela com tocadores de acordeão e telhados de cobre que vão esverdeando com o passar do tempo. Esta é a Paris das mercearias, das casas de sushi baratas e das lavanderias. A Paris diurna. A Paris dos sapatos confortáveis. As calçadas estão repletas de executivos e mães empurrando carrinhos de bebê. Yael finalmente encontra um lugar para estacionar, e eu a sigo a pé por mais um quarteirão até ela parar embaixo de um toldo verde com o letreiro STUDIO MARIE — ACADEMIE DE DANSE.

— Quem é Marie?

— Acho que sou eu — Yael diz.

— Você é professora de dança?

— Às vezes. — Ela abre a porta.

O ambiente é dominado por um cheiro agradável de suor e esforço, como em um ginásio. Espelhos se estendem do assoalho ao teto, e há barras de balé alinhadas nas paredes. Ando pelo salão e bato uma nota dó em um velho piano num canto.

— Não mexa aí — ela diz.

Yael se dirige para os fundos, onde abre outra porta. Há uma espécie de poder gracioso em sua maneira de andar, como um gato.

— Venha.

Subimos uma escada estreita até um salão grande, do mesmo tamanho e formato daquele abaixo de nós, mas com um teto mais alto e janelas cobertas por persianas. Yael afasta uma cortina que divide o salão em dois, revelando uma área onde tapetes grossos cobrem o chão e há um medonho boneco de treinamento feito de borracha, com uma carranca com dentes à mostra.

— O que é isso? — pergunto.

— Minha casa — ela diz. — E, por ora, a sua.

— Não, essa parte. Parece uma academia de artes marciais.

Yael tira uma garrafa de água de um dos armários de metal enfileirados na parede e abre. — É a outra coisa que eu ensino. Krav maga. Já ouviu falar?

Faço que não com a cabeça.

— Significa “combate de contato” em hebraico. Você vai aprender com a melhor professora de Paris.

— Você… vai me ensinar a lutar?

— Vou tentar. — Yael bebe a água devagar, seus olhos passando por mim como se estivesse avaliando a minha capacidade. — Bela comentou com o contato dele que você é ginasta.

— Bem… é só um hobby.

— Mesmo assim. Significa que você tem equilíbrio e força. Que conhece seu corpo e sabe o que ele pode fazer.

— Escuta, não sei o que contaram para você, mas não sou uma lutadora. Quando Bela disse que alguém ia me ajudar…

— Você pensou que ele se referia a alguém que faria tudo por você? — pergunta Yael, com irritação. — Sou o único apoio em terra que você vai ter, e isto não é uma operação individual. Vamos trabalhar juntas.

— Mas encontrar meu pai é uma prioridade. Foi isso o que você disse.

— Sim. E é tão importante que designaram uma professora de dança para isso. — Ela balança a cabeça. — Alguém do meu governo disse: “Por que pagamos essa Yael em Paris?”. Então estamos aqui.

Tento dormir em uma cama de armar no canto de um quarto bem pequeno sem mais nenhum móvel. Talvez eu tenha pego no sono, mas aquele sono superficial, dorme/ acorda, em que você nunca tem muita certeza do que é real e do que não é. Penso ouvir Nova York do lado de fora da janela, mas é Paris — motores de carros pequenos, sirenes em tons altos e baixos. Além da porta do quarto, escuto Georgina ao telefone, falando francês.

Abro os olhos de repente. Gwendolyn Bloom, sua garota egoísta e desalmada, o que você fez?

Desliguei meu celular quando entrei no avião e o enterrei sob um monte de toalhas de papel molhadas no lixo do banheiro pouco depois da decolagem. Quantas mensagens de voz de Georgina

estão me esperando, cada uma mais apavorada que a outra? Ela deve estar falando com a polícia agora. Se culpando. “Se ela tivesse esperado mais alguns dias… Se tivesse compartilhado um pouco mais de si mesma…” Pobre Georgina. Retribuí o amor dela matando-o. Minha pequena guerra fez sua primeira vítima.

Afasto esses pensamentos e expulso a falta de autoconfiança e o desprezo por mim mesma para algum canto empoeirado da minha mente. Decido ser durona. Destemida. Eu me forço a levantar. A ir para o estúdio.

Yael, inexplicavelmente, estendeu um plástico sobre o chão e colocou uma cadeira no meio.

— Quanto tempo fiquei apagada? — pergunto.

— Noventa minutos — ela diz.

— O que é isso?

Ela acena com a cabeça em direção à cadeira. — Sente.

Aquilo me lembra de uma cena de interrogatório em um filme.

— O que é esse plástico? Para não cair sangue no chão?

— Seu cabelo. Você não pode sair com essa aparência.

— Saio com a aparência que eu quiser.

— Quantas pessoas vão se lembrar da garota de cabelo vermelho brilhante que viram no trem, ou sentada no café, ou fazendo perguntas estranhas sobre seu pai? — Ela veste um par de luvas de borracha. — Todas. Agora senta.

Eu obedeço, e Yael começa a trabalhar. Ela mergulha uma escova em uma bacia de plástico ao seu lado e ataca lentamente meu cabelo, mecha por mecha. Seus dedos empurram, puxam e torcem minha cabeça para que fique na posição desejada. Eu a ouço sussurrar algo em hebraico que parece um xingamento comprido e complicado.

— Você já fez isso antes? — pergunto.

— Trabalhei disfarçada por três meses em um salão em Beirute.

Tento imaginar Yael conversando amigavelmente com a esposa de algum líder do Hezbollah enquanto picota o cabelo da mulher, tentando descobrir coisas sobre os amigos do marido. “Onde é que você mora mesmo?”

— Ainda assim, talvez devêssemos ir a um profissional — digo. — Sabe, alguém com mais experiência.

— E quando a polícia aparecer? “Cuidaram do cabelo de alguma garota com cabelo vermelho brilhante nos últimos dias?” Teríamos que atirar nela depois — diz Yael, empurrando com força minha cabeça para a frente para alcançar o cabelo na base.

— Atirar em quem?

— Na cabeleireira.

— Tá brincando?

O silêncio dura apenas um segundo a mais do que deveria.

— Claro — diz Yael.

Um antigo timer de cozinha marca os minutos. Sinto o cheiro da tintura e sinto meu couro cabeludo queimar. Pergunto a Yael se ela tem certeza de que fez certo. Ela responde que não tem a menor ideia, manda eu ficar quieta e esperar. Quando o timer enfim toca, ela enxagua minha cabeça na pia da cozinha. Mas ainda não acabou. Yael me leva de volta à cadeira e começa com a tesoura. Vejo grandes mechas de cabelo caindo no chão. Está castanho-escuro agora, com um toque avermelhado.

Yael enxágua meu cabelo de novo e finalmente me deixa ir ao banheiro para inspecionar seu trabalho em um espelho. A princípio, a visão me choca. Ele está mais curto, elegante, adulto, *parisienne*. Droga, ela é boa.

Mas é a visão do meu rosto que mais me choca. Com esse corte de cabelo eu o vejo em uma nova moldura, como faria um estranho. Meu Deus, o que as últimas semanas fizeram comigo? É possível que alguém de dezessete anos pareça tão velha? Estou mais magra do que lembro, pálida e tensa. Exausta. Substituir comida por terror faz coisas estranhas ao corpo humano.

Lá fora, Yael me manda ficar em pé contra uma parede branca sem quaisquer adornos.

Ela levanta uma câmera digital e a aponta para mim.

— Você vai ganhar uma nova identidade — diz. — Não sorria, apenas olhe para a câmera.

O flash dispara uma vez, duas, e então uma terceira, para garantir. Ela solta a câmera e começa a mexer em um computador

sobre a mesa. Vejo imagens minhas brilhando na tela como fotos de identificação da polícia.

— Me disseram que você sabe diversas línguas. Em qual é melhor?

— Inglês — eu digo.

— Claro.

— Depois espanhol e russo — digo.

— Você é fluente? Pode passar por nativa?

— Dizem que sim.

— Preciso ter certeza. Sua vida pode depender disso.

— Tenho certeza — digo, embora não tenha.

Naquela tarde, sento à mesa da cozinha enquanto Yael prepara o chá. Quando termina, ela coloca uma xícara na minha frente e se senta na cadeira ao meu lado. Está tão perto que posso sentir o calor emanando de seu corpo.

É um chá de hortelã, do tipo que se encontra em qualquer lugar do Oriente Médio, e me faz pensar no meu pai e no tempo em que passamos no Cairo. Talvez seja isso que Yael quer fazer, me deixar confortável e relaxada, um truque psicológico para fazer com que eu me abra. Ou, talvez, ela só goste de chá de hortelã.

— Comece do início, do dia em que seu pai desapareceu — ela diz com a voz gentil de um terapeuta. Se lembro bem, é a mesma voz que todos os médicos e psiquiatras usaram comigo depois que minha mãe morreu. — Não deixe nada de fora. Mesmo que não pareça importante para você.

Ela está tão perto de mim que não preciso falar mais alto do que um sussurro. Começo com o aniversário do meu pai, com ele me contando que tinha que vir para Paris. Falo sobre os agentes, Kavanaugh e Mazlow, e sobre a linha do tempo que vi na lousa. Feras. Café Durbin. Chase Carlisle e Joey Diaz.

Enquanto escuta, Yael fica inexpressiva. Só de vez em quando me interrompe para fazer uma pergunta ou repetir algo. Para qual andar fui levada? Qual é o cargo de Carlisle? O que mais eu vi na sala? À

medida que respondo, vejo Yael fechar os olhos, não apenas ouvindo minhas palavras, mas absorvendo cada uma delas.

Continuo, a história se despejando de mim como a água suja que escoa de uma banheira. É um alívio descarregar o peso. Só depois que conto sobre decifrar o código e as contas bancárias, só depois que Yael se levanta para fazer mais chá, percebo o erro que cometi.

A intenção de meu pai era que o código fosse um segredo. Mas já falei de sua existência tanto para Terrance quanto para esta mulher *que chamam de* Yael, que eu conheci algumas horas atrás. Sua expressão não mudou nem um pouco quando falei das contas, como se não fossem mais importantes do que qualquer outra coisa que eu tivesse mencionado. Mas é claro que ela não vai se alterar. É uma profissional.

Yael coloca uma nova xícara de chá na minha frente e levanta a dela, assoprando e mandando pequenas nuvens de fumaça para cima.

— O livro que você usou para decifrar o código — ela diz. — Era uma edição comum, disponível atualmente? Outra pessoa poderia encontrar com facilidade?

— Era velha. Uma brochura barata. Da década de 1970, acho. Eu a deixei com um amigo, assim como a folha que encontrei com os códigos.

— Qual é o nome dele?

— Isso não é importante — digo. — Não quero que ele se envolva.

— Ele já está envolvido. *Qual é o nome dele*, Gwendolyn?

Olho para baixo, envergonhada de mim mesma ao dar o que ela pede.

— E os números das contas de banco? Quem tem?

— Só eu.

— Você tem certeza?

— Tenho. Estão na minha mochila.

Ela assente e beberica o chá, pensativa.

— Pegue lá.

O tom de voz dela é de um comandante, tranquilamente seguro de seu próprio poder sobre minhas ações, como se a ideia de uma

recusa da minha parte nem passasse por sua cabeça. Por dentro, sinto como se estivesse prestes a pegar fogo de tanto pânico. Que relevância os números de conta poderiam ter? Essa é uma pergunta idiota, e a resposta é óbvia: ela precisa deles.

Abro a boca para falar, mas a voz que sai não é minha. É de uma garotinha, aguda, fraca, debilitada.

— Por que você… por que você precisa disso?

— Gwendolyn — Yael diz, inclinando-se para a frente, os olhos travados nos meus. — Isto não é um pedido.

E se eu recusar? E se eu sair correndo? Ela me mataria antes que eu chegasse à rua. Como um robozinho escravo e sem vontade própria, vou até o quarto onde minha bolsa está e retiro a folha dobrada de dentro do caderno onde a enfiei. Dinheiro. É sempre sobre dinheiro. Em todo lugar. Bem, ela pode ficar com ele. Vou procurar meu pai sozinha.

Yael aparece na porta, forte e imponente, e estende a mão.

— E esse Terrance que você mencionou… É de total confiança? — ela pergunta.

— Sim.

— Certeza?

— Já disse que sim!

Yael pega a folha da minha mão, desdobra e examina por alguns segundos. Então tira um isqueiro do bolso e segura a chama em uma das pontas. O fogo paira fraco ali por um momento. Ela permite que a chama consuma a folha.

— Que porra você está fazendo? — grito.

— Seu pai não se deu ao trabalho de esconder isto só para você entregar de bandeja aos sequestradores dele. — A chama está aumentando agora, e Yael joga o papel em um cesto de lixo, onde brilha por um momento antes de morrer. — Isso aí, Gwendolyn, é algo que só pode te trazer dor.

Minhas palavras saem vacilantes da boca, como uma acusação.

— Então você não está atrás disso?

— Do que, das contas?

— Sim. Pensei que você…

— Não, Gwendolyn — ela diz. — Estou cagando para o dinheiro.

Um arrepio de alívio percorre meu corpo. O mundo, no último mês, matou qualquer esperança que eu tivesse, mas aqui está a prova de que minha confiança em pelo menos um de seus habitantes não foi em vão.

— Então — ela diz. — De quem são essas contas?

— Não sei.

Yael agita o cesto de lixo para se certificar de que o fogo apagou, depois olha para mim.

— Que pena. Essa seria uma informação útil, principalmente porque eles vão vir atrás de você.

— Meu pai… ele não roubou esses números — digo. — Ele jamais faria isso.

— Tá certo — ela diz, como se o fato de ter ou não roubado fosse irrelevante. Então Yael se aproxima de mim, coloca uma das mãos no meu pulso e a outra em meu ombro. — Gwendolyn, escute bem o que vou dizer. Se lembre sempre disto: qualquer pessoa que perguntar sobre esses números é seu inimigo.

Nove

SEGUINDO AS ORDENS DE YAEL, visto uma legging emprestada e uma camiseta. Ando descalça até o centro do tapete onde ela me espera. Yael também mudou de roupa, e está com uma calça de moletom e uma regata. Parece não haver um pingo de gordura em seu corpo, apenas músculos tesos.

Ela começa com alguns alongamentos básicos, dobrando o corpo na cintura e colocando as palmas da mão no chão. Eu a acompanho.

— Ao contrário do caratê ou do kung fu, não há honra no krav maga, pelo menos não na versão que eu ensino — diz Yael. — Isto é briga de rua. Usamos os dentes, as unhas, o que for preciso. Sem limites. Sem regras.

Ela se joga sobre o tapete, com as pernas abertas em um grande V, e abaixa a testa até encostar no chão. Faço a mesma coisa e sinto a tensão do longo voo desaparecendo aos poucos.

— A maior parte dos seus inimigos vai ser de lutadores experientes, mas pouco treinados. É por isso que você está aqui comigo. — Yael fica de pé com um pulo e vai até um dos armários de metal. — Enquanto esperamos alguma missão dos macacos do escritório, vamos fazer o máximo possível para deixar você pronta. O básico. Não temos tempo de transformar você em uma especialista.

Aceno com a cabeça para mostrar que compreendo.

— Só tenho que ser melhor do que o meu oponente.

— Oponente, não. Inimigo. — Ela vira, e vejo que segura uma faca de borracha amarela usada para treinamento. — Isto não é esporte. Você não vai quebrar tábuas com a testa. O que vai aprender aqui é exatamente o que usamos em Israel para transformar uma amável filha de dentista em uma agente que pode matar um homem só usando os polegares.

Ela me entrega a faca, com o cabo voltado para mim. Minha mão a segura com alguma hesitação. Sei que é só borracha, que não é letal, mas a sensação é estranha. Nunca usei nenhum tipo de arma, nem mesmo segurei uma. Yael dá um passo para trás e diz:

— Agora me dá uma facada.

Pisco diversas vezes.

— Te dar uma facada?

— É para isso que as facas servem — ela grita, autoritária. — Me dá uma facada!

Empurro a lâmina na direção dela sem muito entusiasmo.

Yael desvia o golpe com o antebraço.

— De novo!

Outra investida, com mais força desta vez, mas ela desvia com o outro pulso.

— De novo!

Um terceiro golpe, mais forte do que os outros, desta vez usando meus músculos. Em vez de bloquear a investida, Yael segura meu pulso e torce meu braço de forma que a ponta da faca aponte para meu próprio peito. Gemo com a dor no ombro e no pulso, mas continuo lutando contra ela. Então o pé de Yael me acerta e tira minhas pernas debaixo de mim. Em uma fração de segundo, estou no chão, olhando para ela de baixo, enquanto ela me olha de cima. A faca que estava comigo há um segundo agora está na mão dela.

Aperto meu ombro direito e tento abrandar a dor que se irradia.

— Isso doeu — eu digo.

— Foi de propósito.

Eu espero Yael me ajudar a levantar ou dizer algo positivo, como “Valeu a tentativa” ou “Você vai se sair melhor da próxima vez”. Mas em vez disso ela está me rodeando, seus pés de bailarina silenciosos no chão.

— Vai ficar deitada aí feito uma criancinha ou vai levantar e aprender?

Eu me esforço para ficar em pé.

— Estou pronta. Me ensina.

— Tem certeza? Porque pra mim você é só uma americana preguiçosa — ela diz enquanto se movimenta para a esquerda, depois para a direita, elaborando o próximo ato de violência que tem em mente. — Dei uma faca a você e em cinco segundos já estava no chão choramingando.

— Estou pronta — eu digo.

— O quê? — ela grita.

— Me ensina! — grito.

Vejo o punho dela voar na minha direção, vindo da esquerda. Meus reflexos de ginasta acordaram, e eu levanto o braço para bloquear o golpe. É nesse momento que seu outro punho colide com meu flanco direito, e o mundo se transforma em um lugar brilhante e silencioso. Tudo o que existe é a dor aguda nos rins, pouco abaixo da caixa torácica.

Quando abro os olhos, Yael está em pé na beirada do tapete, o rosto refletindo a luz azul da tela do celular enquanto olha os e-mails.

— Patético pra cacete — ela diz, dando as costas para mim, sua atenção voltada para seja lá o que está lendo. — Se bem que eu já esperava algo assim de você mesmo.

A dor nos rins é sufocada por uma explosão de raiva tão brilhante que quase me cega. A vaca mandona vem na minha direção como se eu fosse uma ameaça insignificante demais para merecer sua atenção. Avalio a distância entre nós, avalio a altura do teto, então dou um belo salto para a frente. É uma ótima investida. Minhas palmas atingem o tapete exatamente onde quero, e meus ombros se contraem com toda a energia que ainda tenho, me lançando no ar. Talvez tenha sido o melhor salto com apoio de mão que já dei na vida.

Sinto uma das pernas de Yael rasgar o ar na direção onde meu corpo vai estar no próximo décimo de segundo. Mas ela se adianta

muito. Viro o corpo para o lado e meus pés encontram o peito dela. Nós duas caímos no chão, comigo em cima dela.

É um ataque agressivo e exibicionista, mas deu certo. Acabo com o fôlego dela, e talvez com sua arrogância também.

Yael leva alguns segundos para se recuperar e sair debaixo de mim. Ela levanta e apoia a lateral da cabeça na mão. Levanto também, e a encaro. Yael está bufando de raiva, com o rosto vermelho.

Tudo em mim dói pela execução do pequeno truque, mas não vou demonstrar isso.

— Patética ainda? — pergunto.

— Você tem a sutileza de um caminhão — ela diz, me encarando com fúria.

É a primeira coisa que ouço dela que soa como um elogio. Noto que está me reavaliando. Reavaliando a garota que achava que seria um peso para ela.

— De nada — Yael diz.

Olho para ela com um sorrisinho irritado.

— Pelo quê?

— Por te ensinar a primeira lição do krav maga — ela responde. — Como ser atingida e levantar de novo. Não foi tão ruim quanto pensou, foi?

De certa forma, ela está certa. Seus golpes causaram dor, mas só isso. Em poucos minutos, já me recuperei e o incômodo desapareceu. Doeu muito menos do que a vergonha que eu teria sentido se tivesse desistido. Penso em Astrid Foogle no corredor da Danton e no tapa em meu rosto. Não tinha sido nem tão duro ou bem dado quanto os golpes de Yael, no entanto, causaram muito mais dor. A dor do golpe de Astrid, percebo, não estava no tapa em si, mas no que significou: que ela era poderosa e eu não. Seja qual for a dor que restou das investidas de Yael, ela era diferente, de algum modo menos importante, porque o fato de eu ter me levantado e revidado removeu a toxina da humilhação.

— Orgulhosa de si mesma? — pergunta Yael, jogando uma garrafa de água para mim.

Tomo um gole em meio à minha respiração frenética e faço que sim com a cabeça.

Vejo algo ruim cintilar em seus olhos.

— Vou emprestar um par de tênis a você e então podemos sair para correr. Dez quilômetros para começar.

Corremos pelas ruas molhadas, passando entre os carros quase parados no congestionamento, pelos pedestres que param e olham para aquelas duas doidas correndo na chuva, completamente encharcadas. Ela sempre está na minha frente. Sempre. Nunca consigo alcançá-la. O treinamento com Yael não tem nada de amigável, nenhuma palavra de incentivo, apenas ordens gritadas para continuar e palavrões que eu não entendo, mas soam horríveis.

Suas passadas são largas e uniformes. Embora ela tenha o dobro da minha idade, agora estou uns dez passos atrás, no mínimo. Dois executivos de terno andam lado a lado na calçada. Yael não para e abre caminho no meio deles sem interromper as passadas.

— *Putain!* — um dos homens grita enquanto o outro solta um catarro amarelo e branco que por pouco não a acerta.

— *J't'emmerde!* — Yael retruca.

Pego a rota com menor resistência e passo ao lado dos dois homens pela sarjeta, batendo o quadril no espelho lateral de um Toyota estacionado.

Yael vira e passa a correr de costas, me procurando.

— *C'est inacceptable!* — ela grita. — *Allez bouge-toi!*

Solto um grunhido e uso toda a energia que me sobrou, que é nenhuma. Estou operando por pura e amarga determinação.

Ela dá uma guinada para a esquerda e entra em um parque, usando um banco como apoio para se lançar sobre a cerca de ferro da altura da cintura. Faço a mesma coisa, mas meu tênis escorrega quando apoia nas ripas de madeira e meu salto não é bom. Meu pé acerta o chão do outro lado em um ângulo estranho, e caio com força sobre o asfalto. Começo a levantar, mas sinto uma dor terrível

no tornozelo, que não suporta mais meu peso. De algum modo eu me ergo com um pé só e pulo até uma árvore para me apoiar.

Yael aparece ao meu lado.

— Tornozelo? — pergunta.

Faço que sim com a cabeça, e ela ajoelha no chão para examiná-lo. Seus dedos são como gelo enquanto abaixam minha meia e tateiam minha pele com cuidado.

— Acho que torci — digo.

— Foi bem de leve — ela diz, sem qualquer compaixão na voz. — Vamos continuar.

Yael coloca o braço sob o meu e atrás das minhas costas, do lado do tornozelo machucado. Dou um passo vagaroso, mas parece que uma agulha de tricô está sendo enfiada em meu osso.

— Você está bem — ela diz. — Empurra o corpo para a frente.

Mas em vez disso eu a empurro.

— Não dá para ser um pouquinho simpática à minha dor? — digo, fervendo de raiva.

— Simpática? — Os olhos de Yael são impiedosos. — Você acha que seus inimigos vão ser “um pouquinho simpáticos”? Acha que eles vão dizer: “Coitadinha, vamos pegar leve com ela”?

Pulo até um playground enferrujado e agarro uma das barras de metal. Com os dentes à mostra, bufo de raiva e luto para controlar uma onda de lágrimas que vêm da exaustão e do terror diante do buraco que cavei para mim mesma ao vir para cá.

Yael fica me rondando. Eu a sinto lá, parada em silêncio como se estivesse prestes a chutar minha perna boa para me fazer cair e me dizer para aguentar o tranco. Em vez disso, ela coloca uma das mãos delicadamente sobre meu ombro. Fico surpresa que seja capaz de um toque que não cause dor.

— Vamos — ela diz.

Yael passa o braço sob o meu, e eu tenho que me apoiar nela para não cair. Na rua, ela chama um táxi, e nós entramos no banco de trás. No espaço confinado, tudo o que consigo sentir é o fedor de nosso suor.

Adormeci por volta das seis ontem, aos sons de Yael gritando *un, deux, trois, un, deux, trois* na aula de dança lá em baixo. Agora, onze horas mais tarde, meu fuso está em algum lugar entre Nova York e Paris. Sento na beirada da cama dobrável e tateio o chão com os dedos do pé, testando meu tornozelo para ver se ainda está torcido. A dor aguda de ontem desapareceu, substituída por um latejar quente e monótono que pulsa sob os pacotes de gelo artificial que Yael prendeu ao meu tornozelo com uma atadura. Eu a retiro e descubro que o inchaço diminuiu bastante. Yael estava certa. Não torceu muito. Ela vai ficar radiante e depois me punir.

Manco no escuro em direção à cozinha, o céu de Paris entre as persianas surgindo desbotado com as primeiras luzes da manhã. À medida que me aproximo, o cheiro de bacon fritando fica cada vez mais forte, e me pergunto se é uma ilusão. Mas, quando passo pela porta da cozinha, vejo Yael em pé na frente do fogão, segurando uma espátula.

— Como está o tornozelo? — ela pergunta, a voz alta acima do chiado e dos estalos de bacon na frigideira.

— Melhor. Obrigada. — Olho por um momento, como se a ideia de ela fazer algo tão doméstico e amável, e ainda por cima para mim, fosse uma espécie de contradição.

— Sente, senão você vai cair — ela diz. — Você só come kosher?

Enquanto minha cabeça ainda grogue se esforça para entender a pergunta, manco até a mesa e caio em uma das cadeiras.

— Kosher? — repito. — Não. Acho que nasci sem o gene da fé.

— Eu também. E, mesmo se estivermos erradas, Deus tem o bastante para me condenar sem levar em conta o café da manhã. — Ela raspa a frigideira com a espátula. — Bacon e ovos então. Um verdadeiro café da manhã americano para minha verdadeira adolescente americana.

Por um momento, eu me pergunto se aquilo é alguma pegadinha e a observo com desconfiança. Talvez a segunda lição do krav maga seja como ter gordura de bacon fervente derramada no seu colo e aguentar como uma verdadeira campeã.

Há uma enorme baguete sobre a mesa, e eu pego um pedaço. De ontem, provavelmente. Mas ainda dá para comer.

— Quanto ao seu tornozelo, foi uma torção leve. Você só estava querendo terminar a corrida antes do tempo…

Não mordo a isca. Ela não vai me irritar, decido, hoje não.

— E aí, qual é sua história? Já foi casada?

— Por que quer saber?

— No planeta de onde eu venho, esse é um dos assuntos básicos de uma conversa. É como as pessoas se conhecem.

Yael mexe no bacon com um garfo.

— Você não vive mais naquele planeta. As pessoas podem usar qualquer coisa que disser. Vão atrás de tudo o que ama. Se precisar falar, diga apenas mentiras.

Esfrego a testa e fecho os olhos, querendo que a amável Yael de alguns minutos atrás volte, porque é cedo demais para toda essa filosofia espiã de merda.

— Eu *fui* casada — ela diz de repente. — Uma vez. Durante um ano.

— E?

— Uma mulher nesta profissão… Sempre repito: uma mulher precisa de um homem como… Como é mesmo?

— Como um peixe precisa de uma bicicleta — completo.

Ela coloca bacon em um prato e me encara.

— O quê? Que idiotice. Eu ia dizer que uma mulher precisa de um homem como precisa de uma echarpe Hermès. É ótimo ter uma, mas, se você a perder, quem se importa? É apenas uma echarpe.

— Homens são descartáveis, então — digo. — Você perde um e arruma outro.

— Não só os homens. Qualquer pessoa. — Ela coloca um prato na minha frente. Ovos queimados e secos como couro. Bacon mole e meio cru. — É a essência desta profissão. Confiança é impossível.

— Isso é… muito paranoico — digo. — Não quero pensar assim.

— Acha mesmo? É a razão de você estar aqui. — Ela se senta com seu próprio prato e começa a comer. — Em algum momento, você vai ser traída. E, em algum momento, você vai trair. Isso eu te garanto.

— Não, eu garanto isto a você: nunca vou te trair. — Abaixo o garfo e olho para ela, que me olha de volta. — O que está fazendo

por mim… significa muito.

— Palavras como essas sempre soam agradáveis — ela diz, limpando gordura do queixo com o punho. — Mas pode ter certeza de que alguém disse a mesma coisa a seu pai.

— Mas, se eu posso trair você, por que se dar ao trabalho de me ajudar?

— Por que, no momento, nossos interesses estão alinhados. Amanhã, quem sabe? — Ela pega um pedaço da baguete e olha para mim. — É melhor comer. Temos um dia longo pela frente.

Mais uma vez sou levada para o centro de uma espécie de tapete de treinamento. “Você tem melhores ideias quando está perto do seu ponto de ruptura”, Yael me diz, portanto lá vamos nós para meu ponto de ruptura. Ela anda em círculos à minha volta. Tem na mão um revólver amarelo de treinamento, feito de borracha sólida, primo da faca que usamos ontem.

— Se já está lutando corpo a corpo e seu atacante puxa uma faca, corra se puder — ela diz. — Mas, se ele tiver uma arma de fogo, continue o ataque e o desarme. Sabe por quê?

— Porque a faca só é útil até a extensão do braço dele, mas as balas viajam.

— Exatamente — diz Yael. — Pega isto, por favor.

Ela me passa a arma e então deita no tapete, com o rosto para cima.

— Vem — diz. — Ajoelha sobre mim.

Faço o que ela manda, montando sobre seus quadris. É meio constrangedor, íntimo demais.

— Agora aponta a arma para o meu rosto.

Por um momento, hesito. Então Yael move minhas mãos por mim, colocando o cano da arma a centímetros de seu nariz.

— Parece que não tem nada a ser feito — diz Yael. — Estou no chão e meu inimigo está em cima de mim, com uma arma apontada para minha cabeça. Uma posição de desvantagem absoluta, não?

Dou um sorriso débil.

— Imagino que você vai me mostrar o contrário.

A mão dela bate com força na lateral da arma, afastando o cano de seu rosto e o virando. No mesmo instante, seu quadril faz um movimento brusco para cima e me joga para o lado. Em meio segundo, acabou. Do mesmo jeito que ontem com a faca, estou caída de costas e ela está com a arma.

Invertemos as posições, e Yael explica como se faz, dividindo o movimento em partes e reunindo todas depois. Uma vez que pego o jeito da coisa me surpreende o quanto é simples. Bater, torcer, movimentar bruscamente o quadril. Bater, torcer, movimentar bruscamente o quadril. Faça uma, duas, três, quatro, muitas vezes e seus músculos vão se lembrar de tudo sem se dar ao trabalho de perguntar ao seu cérebro. Vira um reflexo. É automático. E essa é a questão, percebo. É isso que Yael quer construir em mim. Ela quer substituir meus instintos para gritar, me cagar de medo ou dar golpes a esmo por algo melhor e mais útil.

Bater, torcer, movimentar bruscamente o quadril.

Quando passamos por todas as combinações possíveis do exercício várias vezes, estou coberta de suor, meu e dela. Estou acostumada com meu próprio cheiro, mas não com o de Yael.

Com a arma na mão, fico em cima dela, triunfante, cheia de adrenalina e orgulho.

Mas Yael percebe minha satisfação.

— Você acha que venceu? — ela pergunta.

Dou de ombros, e Yael responde chutando meu tornozelo machucado. Meu corpo se retorce ao cair no chão, e de repente a arma está na mão dela outra vez, e o cano pressionado contra a minha têmpora.

— Você morreu — ela diz sem emoção. — Morreu porque não terminou o que começou. Quer que seu inimigo vença?

— Não. Claro que não.

— Então não basta tirar a arma dele. Você tem que usá-la. Se não precisar matar seu inimigo, um ferimento é o bastante — ela diz. — Atire na perna, ou se for uma faca, corte o tendão de aquiles.

Ela vira a arma e a entrega para mim. Então praticamos mais mil vezes.

Treinamos da hora em que acordo até a hora em que desabo na cama, pegando no sono antes que minha cabeça atinja o travesseiro. Durante três semanas, aprendo como esmurrar — *a força vem do corpo, não do braço* —; onde esmurrar — *testículos, garganta, estômago, rim* — e os pontos de pressão — *entre o lábio superior e o nariz, entre o polegar e o indicador.* Yael aplica tudo isso em mim, joelhadas, chutes, chaves de braço e imobilizações, com a força de incontáveis repetições, de forma que tudo se incorpora à minha memória muscular, profundo como meu próprio DNA.

Os dez anos de ginástica me mantiveram flexível e com equilíbrio, e eu tenho poucos problemas com a resistência que Yael exige de mim. Quando nos aproximamos do fim da terceira semana, já consigo ter acesso à frequência de rádio da mente dela, prevendo o que vai fazer. Yael diz que está tudo ligado ao corpo, que um lutador treinado consegue ver as pupilas de seu inimigo dilatar um quinto de segundo antes de ele atacar, mas para mim parece mais místico que isso, como uma capacidade de ver um momento no futuro.

Meus músculos gritam de exaustão, e uma noite contei catorze machucados em meu corpo. Oito nas duas canelas, dois em cada braço, um no maxilar e um, misteriosamente — não tenho a menor ideia de como aconteceu — na parte de cima do meu pé esquerdo. A pele nas juntas dos meus dedos da mão sangra todo dia e sara toda noite, deixando cascas marrons que vão ser rasgadas de novo pela manhã. Mal reconheço meu próprio corpo no espelho depois que tomo banho. Ele está se tornando teso, nervoso, saliente nos ombros, junto com meus braços e minhas costas. Como o de uma boxeadora.

Yael sempre termina o treinamento me derrotando. Brutal e Impiedosamente. Ela recomeça no dia seguinte de onde paramos, me ensinando a contra-atacar. Curiosamente, não temo a derrota. O medo foi sangrado de mim. As palavras de Yael desde o primeiro dia — que aprender a ser atingido e levantar é a primeira lição do krav maga — permanecem comigo sempre.

Mas, à medida que o medo se esvai, ele é substituído por alguma outra coisa. Um ímpeto estonteante e entorpecente que desperta

aquilo que descobri dentro de mim nos Estados Unidos. E que parece se alimentar do que Yael está me ensinando. Parece, na verdade, estar faminto por isso. Acredito, ou gostaria de acreditar, que às vezes essa coisa deixa Yael realmente assustada. Às vezes ela me bate e derruba com tanta força que eu me pergunto se está me ensinando a lutar ou se está ensinando quem é que manda de verdade.

E assim vai até uma tarde no fim da terceira semana, em que, coberta de suor e com cada músculo pegando fogo, viro para Yael bem a tempo de pegar uma sacola de compras que ela joga na minha direção.

Lá dentro tem uma jaqueta fina de motociclista e um jeans escuro.

— O que é isso? — pergunto.

— Vamos sair — ela diz.

— Pra fazer o quê? — pergunto.

Ela bebe uma garrafa de água e enxuga a boca no antebraço.

— O pessoal de Tel Aviv ligou — ela diz calmamente. — Encontraram Feras.

Dez

VIAJAMOS NO METRÔ LOTADO POR MUITO TEMPO, rumando para o norte na direção da Gare du Nord e muito além. Vejo africanos com casacos corta-vento e calças baggy, falando uma mistura de francês com suas línguas nativas. Mulheres árabes com burcas, empurrando carrinhos de bebês com sacos de mercearia presos nas alças.

Eu tinha onze anos quando mudei para Paris com meu pai, e era jovem demais para explorar a cidade sozinha. Ficava principalmente nos subúrbios do oeste, me aventurando fora de nossa vizinhança, Boulogne-Billancourt, principalmente para ir à escola, que era ainda mais a oeste. A Paris que meu pai e eu íamos explorar juntos nos fins de semana estava confinada às áreas mais nobres, o sétimo e o oitavo *arrondisements*. Poucas vezes íamos além.

Yael e eu descemos na estação Pigalle. Cem anos atrás, aqui era o lar de artistas boêmios. Mas hoje é um bairro turístico com sex shops e cafés caríssimos. Seis ou sete meninas mais ou menos da minha idade estão em pé na frente de um clube de strip-tease com neon na fachada, de meia arrastão e lingerie com lantejoulas, enfiando cupons de desconto nas mãos de todo homem que passa por ali e os convidando carinhosamente a entrar para um drinque, por apenas dez euros. Falam em francês e inglês, mas seus sotaques vêm de algum lugar distante, a leste daqui. São altas e ossudas, com a pele nua rosada pelo frio, e vejo ódio em seus olhos. Tenho certeza de que esta não é a Paris para a qual pensavam que estavam vindo. Com certeza é diferente da Paris que conheci. Enquanto Yael e eu passamos, um homem com o cabelo

cortado à máquina bem rente, usando uma jaqueta com estampa de pele de jacaré, olha para nós, dá uma tragada no cigarro e grita para as garotas em russo para que demonstrem mais entusiasmo.

Yael aumenta o ritmo, e eu a sigo um passo ou dois atrás. Após cerca de vinte minutos, atravessamos uma linha fronteiriça e entramos em mais uma Paris que nunca conheci. Não há nenhum sex shop ou visitantes americanos dando risadinha diante das strippers nos cafés, enquanto bebericam seu espresso e estalam a língua diante do fato de tudo aquilo ser tão indecente e nada americano. Esta é a Paris dos tunisianos que lavam as xícaras de café dos visitantes, a Paris dos senegaleses que vendem pequenos ímãs da *Mona Lisa* expostos sobre cobertores espalhados à margem do Sena. Os toldos sobre as lojas são desbotados e rasgados, os prédios aos quais estão presos são velhos e lascados, com uma decadência que há muito passou de pitoresca a real. Há açougueiros seguidores da tradição islâmica e agências de viagem oferecendo voos com os melhores preços para a Argélia. Quiosques que vendem chips para celular e jornais em línguas com alfabetos pouco conhecidos. “Esta é a Goutte d’Or”, Yael me diz. A gota de ouro.

O sol já foi praticamente embora quando encontramos um pequeno parque em forma de trapézio. Há uma leve névoa no ar, que mal chega a ser chuva. Yael pega um jornal de uma lata de lixo e limpa um banco seco.

— Vamos esperar aqui um minuto — ela diz.

Sento ao lado dela. — Onde estamos?

— Silêncio — ela diz. — Deixe se acostumarem conosco antes de começarmos a falar. Não somos ninguém, apenas duas mulheres em um parque. Aproveite para observar.

Ficamos quietas por um tempo; então vejo o que Yael queria que eu observasse. Na rua do outro lado do parque, bem na esquina, há um pequeno restaurante. CAFÉ DURBIN, diz a placa.

Paro de respirar. O ar fica muito frio de repente, e eu cruzo os braços com força.

— Aquele é o lugar? — digo baixinho em francês.

Yael coloca delicadamente uma das mãos em minha perna.

— É.

Consigo ver o interior de onde estou. É escuro e pequeno, mas tem bastante movimento, e cada uma das mesinhas tem dois ou três homens, bebendo café, chá ou vinho tinto. Tento imaginar meu pai ali, entrando, olhando ao redor à procura do tal do Feras. Procuro ignorar o frio na barriga. Tenho que ficar atenta e me concentrar. É a única coisa que pode trazer meu pai de volta.

— Você sabe o que significa Feras em árabe? — Yael pergunta em voz baixa.

— É um nome — respondo. — Mas acho que em alguns lugares também pode significar “leão”.

— Exato. — Yael olha ao redor de novo e então se aproxima de mim. — Neste caso, Feras não é um primeiro nome como supus, mas um codinome que os americanos usam para ele.

— Como você sabe?

— Até mesmo aliados espionam uns aos outros. Para quando não forem mais aliados. — Yael faz uma pausa quando uma senhora com a cabeça coberta por um xale passa por nós. — O pessoal de Tel Aviv fez umas buscas nos bancos de dados e encontraram cento e poucos informantes no mundo todo com o primeiro nome Feras, mas nenhum em Paris. Como codinome, porém, chegaram a um único resultado: Hamid Tannous. Ele não mora muito longe daqui, em algum lugar no décimo nono *arrondissement*.

— Feras é um espião americano? — pergunto.

— Um informante. Para nós também. Fala com qualquer um que pague. O consenso em Tel Aviv é que é o cara que queremos.

— Como vamos entrar em contato com ele?

— Há um protocolo. Ele é meio que um informante regular.

— Então vamos nessa.

Yael vira para mim com o mesmo sorriso que usa antes de chutar as minhas pernas para me derrubar.

— Acabou o treinamento, Gwendolyn — ela diz. — Está na hora da ação.

Atravessamos uma ponte que leva ao décimo nono *arrondissement*. Abaixo de nós, os trens rastejam lentamente ao longo dos trilhos como serpentes em um fosso. O bairro é velho e está caindo aos pedaços, um canto esquecido ou ignorado de Paris. Um homem com uma túnica branca, sandálias e um casaco grosso sobre os ombros está em pé do lado de fora de uma oficina que conserta computadores, fumando um cigarro. Ele nos deseja boa-noite em árabe quando passamos.

Viramos à esquerda na rua Marx Dormoy, depois à direita e em seguida à esquerda outra vez. Yael parece conhecer esta vizinhança como se tivesse vivido aqui a vida inteira. As paredes dos prédios fazem as ruas parecerem estreitas, e música árabe pop ecoa de dentro das lojas. Os cheiros de carne grelhada, pimenta e fumo doce de narguilé dançam pelo ar em pequenos redemoinhos.

Yael para diante da porta de uma pequena tabacaria, onde vendem jornais, cigarros e passes de metrô. Ela olha para mim.

— Não diga nada, entendeu?

Faço que sim com a cabeça e entro atrás dela na loja. Um homem corpulento de bigode está atrás do balcão, enquanto um jovem olha a geladeira de refrigerantes e duas mulheres com lenços na cabeça examinam uma prateleira com revistas.

— Um maço de Sobranies — Yael diz em francês, acenando para o expositor de cigarros atrás do balcão.

— Preto ou azul? — pergunta o homem atrás do balcão.

— Dourado — ela responde.

Ele aperta os olhos por alguns segundos constrangedores.

— Estou sem — ele fala. — E não acredito que vá receber mais.

— Que pena. Vim comprar para um amigo que está absolutamente desesperado por eles.

O homem endireita alguns papéis sobre o balcão, sem tirar os olhos de Yael.

— Então seu amigo deve vir amanhã, à tarde. Pode ser que tenhamos recebido.

— Algum horário em especial?

O homem dá de ombros.

— À tarde.

— Tem certeza? — diz Yael.

— Difícil dizer hoje em dia. Acho que não fabricam mais.

Yael agradece e sai, e eu a sigo.

— Traduz — Yael diz quando estamos na calçada.

— Os cigarros, o Sobranies dourado. Vocês estavam falando sobre Feras. Ele disse que o cara pode ter desaparecido, mas que talvez consiga entrar em contato com ele. Você deve voltar amanhã à tarde.

— Chegou bem perto — ela diz. — Esse foi o procedimento "preciso ver você imediatamente".

— E agora? A gente só espera?

— É pouco tempo. — Ela sorri. — Enquanto isso… que tal se eu pagar o jantar?

Pegamos uma linha diferente do metrô para voltar, e não tenho certeza de onde estamos. As portas do vagão se abrem em uma parada chamada Place Monge, onde Yael agarra meu cotovelo.

— Vamos — ela diz, me puxando através das portas quando estão prestes a fechar. — Hora de comemorar sua primeira noite no campo.

Será que esta é uma nova Yael? Uma versão mais amável da mulher impiedosa que conheci nas últimas semanas? Fico alerta a suas razões, mas a ideia de comemoração me agrada. A tentativa de contato com Feras é o meu primeiro progresso real. Sinto uma animação quase infantil. Desde que meu pai desapareceu só tinha sentido impotência, frustração e medo, e agora me vem outra coisa. Excitação? Sim, é exatamente isso. Talvez essa vida clandestina combine comigo.

Saímos da estação do metrô em um bairro que não conheço. É um lugar meio acabado, mas com o ar de Brooklyn, as ruas cheias de pessoas, bares, butiques e restaurantes anunciando comida indiana e tailandesa em placas escritas à mão.

Yael me guia para um pequeno bistrô. Está cheio de pessoas, pulsando com risadas, copos tilintando e o chiado de uma grelha. Há uma multidão de clientes em um saguão minúsculo esperando

uma mesa, mas um garçom reconhece Yael e acena para que entre. Somos levadas para uma pequena mesa coberta com papel kraft.

— Minha sobrinha acabou de chegar da Bélgica — Yael diz ao garçom.

— Ora, então seja bem-vinda — ele diz, virando para mim. É um cara bonitão, talvez marroquino ou argelino, que pisca quando me entrega o cardápio. — Não deixe sua tia se meter em encrenca esta noite.

Yael pede um *côte de boeuf* com fritas para nós duas, uma taça de vinho tinto da casa para ela e uma garrafa de água para mim. Quando o garçom sai, ela se inclina sobre a mesa.

— Nada de vinho para você. A primeira regra do trabalho de campo é: você precisa estar consciente do seu entorno. Isso se chama consciência tática. — Por um momento, ela examina o lugar. — A mesa que está às seis horas, diretamente atrás de você. Qual é a cor da camisa do homem nela?

Esfrego as têmporas. Esperava que não houvesse treinamento hoje, mas, é claro, Yael tem outros planos.

— Azul?

— Pegadinha. São duas mulheres.

— Escuta, será que a gente pode não fazer isto agora? Foi um dia longo.

As bebidas chegam, e Yael faz um brinde.

— A você e seu pai — ela diz.

— E a você — completo.

Brindamos, e ela toma um gole do vinho.

— E aí, você tem um namorado lá em Nova York?

— Achei que você não conversava sobre assuntos pessoais.

— Não converso sobre *meus* assuntos pessoais — ela diz. — Agora desembucha: namorado?

Desvio os olhos. Todo mundo aqui parece feliz.

— Ele é só um amigo, acho.

— Mas você quer algo mais?

— Para ser honesta, não tive tempo de pensar a respeito — eu digo. — Tudo isto aconteceu assim que o conheci.

— As coisas vão voltar ao normal — ela diz. — E então, quem sabe?

É um pensamento idiota, o de qualquer coisa voltando ao normal, mas sorrio para ela como se não fosse.

— E você? — pergunto, para mudar de assunto. — Se eu falei, você também fala.

— Sem chance — ela diz.

— Então me conta, sei lá, quando foi a última vez que você se apaixonou. Algo que já tenha acabado. Não pode fazer mal.

Yael ri para si mesma de uma maneira meio triste.

— Estou aprendendo que nada jamais acaba de verdade. — Ela toma um gole de vinho e suspira. — Muito bem. Mas já vou avisando: é uma história ridícula e sentimental.

— Adoro histórias ridículas e sentimentais.

Ela desvia o olhar pensativa.

— Dez anos atrás… não, mais. Foi uma das minhas primeiras missões, assim que terminei o treinamento. Eu estava trabalhando em vigilância com outro agente. Em Budapeste. Já esteve lá?

— Budapeste? Não.

— Uma das cidades mais perfeitas do mundo. É difícil não se apaixonar lá — ela diz, com os olhos sobre o papel que cobre a mesa, segurando o copo de vinho suavemente. — Passamos muito tempo juntos em carros estacionados, olhando através de janelas em apartamentos escuros. E aconteceu, apesar de todas as regras contra. Eu me apaixonei pelo cara com quem estava trabalhando.

— E rolou alguma coisa?

— Não. Nem mesmo um beijo.

— Por que não?

— Em primeiro lugar, ele era casado. Além disso, era do serviço de inteligência de outro país. Uma péssima combinação. — Sua boca está sorrindo, mas seus olhos estão tristes, como se aquela lembrança não conseguisse decidir para onde ia.

— Talvez algum dia você o encontre de novo — digo, esperançosa. — Quem sabe?

— Quem sabe? — ela repete de uma maneira que indica que não há a menor possibilidade.

O garçom aparece trazendo nosso *côte de boeuf* — uma única e enorme prancha de vaca morta, a superfície preta e ainda chiando. Ele corta a carne em tiras e sangue escorre, formando lagoas vermelhas no prato. Penso em me tornar vegetariana no ato. Mas Yael ataca com tudo, então pego um pedaço pequeno, hesitante. É delicioso.

Quando ela termina de comer, recosta na cadeira e esfrega a barriga.

— Preciso ir ao banheiro — diz, então pede licença para sair da mesa.

O garçom reaparece e enche a taça dela com vinho. Eu a puxo para mais perto e tomo um gole. É vinho barato, com gosto de cereja madura, e combina perfeitamente com a carne. Tomo o resto e faço sinal para o garçom trazer mais. Ele sorri para mim enquanto enche a taça de novo.

— *Soyez prudent* — ele diz. *Tome cuidado.* Bebo até o ponto em que estava quando Yael saiu da mesa e deslizo a taça de volta para o lugar bem quando ela reaparece.

Yael paga a conta e saímos. O vinho me aqueceu, e sei que daqui a pouco vou estar sonolenta e um pouco bêbada. O bairro ainda está lotado de gente — casais abraçados, amigos em grupos inseparáveis. Eles entram e saem pelas portas, os restaurantes e bares lotados. Me pergunto como seria vir aqui quando o mundo não estivesse me esmagando com seu peso. Como um dos cantos mais escuros e mais interessantes do paraíso, suponho.

— Você está bem depois do vinho? — Yael pergunta. — Espero que não esteja relaxada demais. Tem que manter sua consciência tática ativada.

— Não — eu minto. — Estou bem. Como você…?

— O garçom me contou — ela diz. — Até mesmo os aliados espionam uns aos outros.

Repito o resto em minha cabeça: *Para quando não forem mais aliados*.

Yael coloca a mão em meu braço e me para.

— Tenho uma bexiga minúscula — ela diz. — Preciso ir ao banheiro de novo.

Já saímos da área em que estávamos, a encantadora Paris-Brooklyn. Os bares e restaurantes aqui são mais barulhentos e menos sofisticados. Paramos em frente a um com uma placa de neon em que está escrito LE CHèVRE MAIGRE. A cabra magricela. O som de speed metal francês alto e ruim sai pela porta.

— Vamos procurar algum café menor em algum lugar — digo.

Mas ela me puxa para dentro mesmo assim. Uma multidão de gente durona se reuniu para ver o show. Motociclistas com coletes de couro, sujeitos com a cabeça raspada e tatuagens no rosto. Os corpos se agitam com violência, bêbados e furiosos com o mundo. Eles estão espremidos em volta de um palco pequeno onde uma banda está martelando seus instrumentos. É difícil distinguir rostos e detalhes através da espessa nuvem de fumaça de cigarro e maconha, mas posso ver que há pouquíssimas mulheres.

— Você pode segurar — digo a Yael, alto o suficiente para ser ouvida sobre a música.

— Não seja infantil — ela diz. — Espera no bar.

Ela desaparece em um corredor escuro, enquanto cruzo os braços e tento me esconder nas sombras. Leva apenas alguns segundos para alguns homens começarem a me rodear. Um cara de cabelo loiro bem curto e jaqueta de brim encardida abre caminho entre eles.

— Saiu pra curtir com a mamãe? — ele diz em francês. Seu hálito cheira a cerveja e cigarros.

Eu o ignoro, ou tento, mas é como ser cercada por uma parede de carne, então é difícil fingir que ele não existe. Entre nós existe pelo menos trinta e cinco quilos de diferença. Aonde Yael foi?

O cara apoia os braços na parede, um de cada lado da minha cabeça. Ele é alto e pesado, com uma cara redonda e cor-de-rosa que lembra um porco horrível. Passo por baixo do braço dele e vou para o corredor escuro encontrar Yael. Ele me chama, gritando:

— Aonde vai, princesinha? Ficar com as bichas lá fora?

Empurro a porta do banheiro das mulheres. É um armário nojento com as paredes pintadas de preto e uma única lâmpada pendurada sobre uma pia suja. Minhas botas escorregam em uma poça de

alguma coisa no chão quando vou para a única cabine chamar Yael. Mas está vazia.

O porco está me esperando no final do corredor. Minhas opções são passar por ele ou pela saída de emergência que provavelmente leva para um beco ou pátio. Escolho a segunda opção e saio no ar frio da noite. Em voz alta, mas meio sussurrada, chamo Yael, sem obter resposta. Tudo o que consegui fazer foi sair de um lugar escuro e cheio de gente para um lugar escuro e deserto.

O pátio está cheio de lixo, vidro quebrado e pilhas de caixas de madeira. É uma área aberta, com o céu acima, e posso ouvir os sons do tráfego de Paris não muito longe. Circulo pelo espaço procurando uma saída, mas tudo o que encontro são portas de aço trancadas que devem levar para outros bares ou restaurantes e duas portas altas de madeira trancadas com uma corrente. Posso ouvir pessoas rindo e gritando através delas.

— Parece que a mamãe deixou você para trás.

Eu me viro para ver o porco parado na porta fechada do bar. Um pânico gelado parece me levantar do chão e, por um momento, sinto como se estivesse flutuando, em contato com nada além do meu medo. Quero ordenar que fique longe, mas, quando abro a boca, sei que tudo o que posso fazer é gritar.

Ele se move na minha direção lentamente, não mais do que uma silhueta no pátio escuro — uma silhueta confiante. Há certo molejo em seu andar, uma certeza em sua própria força. Somente quando está a um metro é que finalmente me recomponho o suficiente para dar um passo para trás. Ouço o estalar de vidro quebrado sob minhas botas.

A sombra do rosto dele se abre em um sorriso à medida que avança na minha direção. Dou outro passo para trás, mas minhas costas atingem uma torre de engradados empilhados e apoiados contra a parede.

O braço dele se lança para a frente e cobre minha boca enquanto o outro passa em torno da minha cintura. Um grito sai pela minha garganta, mas a mão dele o abafa, e sai como um balido fraco. O cara me puxa para a frente, para ele, e ficamos prensados juntos.

Fecho os olhos bem apertados, e tudo o que consigo ouvir é um som como uma cachoeira, o rugido avassalador do sangue em minhas veias. A mão dele solta minha cintura e sobe pelas minhas costas enquanto os dedos da outra mão tentam entrar na minha boca para abri-la. Eles têm gosto de sal e sujeira.

Então a coisa dentro de mim abre os olhos mais uma vez. Estica seus pés em meus pés e seus braços em meus braços. Sou apenas a roupa que ela veste.

Mordo com força, os dentes cortando através da carne dos dedos dele até atingir o osso. Um grito desesperado enche o ar, e os dedos dele saem rápido da minha boca, quase levando junto meus dentes da frente.

Um gosto de metal cobre minha língua, e eu cuspo o sangue no porco. Tropeçando para trás, ele olha os dedos para ver se estão todos lá. Jogo todo o meu peso no meu punho, que se projeta para a frente, direcionado para a garganta dele. Mas o porco se move, e eu colido com o ombro dele.

O golpe não parece abalá-lo, e o homem dispara um murro como um míssil, fazendo um arco antes de se dirigir para minha cabeça. É desleixado e lento, e eu seguro seu punho no ar. O cotovelo de meu outro braço gira e acerta seu rosto, fazendo a cabeça dele pender para o lado.

Mas, antes que eu consiga continuar, ele investe para a frente, seu ombro acertando meu estômago e me esmagando contra a pilha de engradados. Com todo seu peso, ele me empurra para o chão.

A cotovelada foi bastante forte, e agora um fluxo escuro de sangue escorre do canto de sua boca, mas ele está sorrindo, prendendo meus braços enquanto monta em cima de mim. O porco estende a mão até as costas na altura da cintura e tira de lá uma pequena faca, a lâmina um triângulo de aço que brilha mesmo no escuro. Ele a deixa na frente do meu rosto por um momento, mostrando-a para mim, para que eu possa apreciá-la. Foi isso que minha mãe viu. Uma lâmina captando a luz no momento em que a cortou.

Mas meu corpo sabe o que fazer e age sem perguntar nada. Minha perna engancha na dele; então minha mão bate na faca no mesmo instante em que meu quadril faz um movimento brusco para cima e para o lado, tirando-o de cima de mim. Ouço a faca cair no chão.

Fico em pé com um pulo enquanto ele começa a se levantar. Minha mão forma um arco no ar, como um machado sem corte que acerta com força a garganta dele. O golpe é tão forte que sinto a cartilagem macia sobre sua traqueia se dobrar e estalar. Ele desaba sobre os joelhos, apertando a testa no chão enquanto engasga, sem conseguir respirar.

Mas a coisa dentro de mim ainda não terminou. Meu olho percebe a faca caída entre o vidro quebrado, então eu a pego e seguro com a mão um pouco frouxa. As partes traseiras de suas pernas estão balançando ali, tão abertas, tão vulneráveis. Eu me lembro das palavras de Yael sobre sempre terminar o que comecei.

Eu me aproximo e seguro o calcanhar dele. O couro da bota se rasga quando passo a lâmina, mas paro pouco antes de cortar o tendão, incapaz de prosseguir.

— Faça o que tem que fazer.

A voz vem da outra extremidade do pátio. Não é um sussurro, mas uma ordem dura e determinada. Levanto os olhos e vejo Yael sair detrás de uma pilha de engradados e ficar sob a luz fraca de uma das portas.

Solto um suspiro furioso. Ela estava lá o tempo todo, é claro. Viu tudo acontecer. A fúria transborda dentro de mim.

Mas a perna do sujeito chacoalha na minha mão. Ele recuperou um pouco do fôlego e está olhando para mim, dentes à mostra, olhos apertados. O que eu vejo em seu rosto, agressão ou medo?

Yael grita mais uma vez.

— Faça o que tem que fazer.

E eu faço.

Onze

HÁ UM CORTE EM MEU COTOVELO, um rasgo de uns quatro centímetros. Talvez tenha sido do vidro quebrado quando o porco me empurrou para o chão, talvez de alguma outra coisa. Yael pressiona um tufo de algodão embebido em álcool sobre o corte. A sensação é de fogo gelado.

— Vou odiar você para sempre por isso — digo, e estou sendo sincera.

— Que pena — ela diz.

A cozinha parece estar quente demais e o suor me cobre como laquê. Ainda não consegui parar de tremer. — Você armou para mim — digo.

— Sim — ela confirma. — Eu precisava ter certeza.

— De quê?

— De que você conseguiria. Se fosse preciso. — Ela tira o algodão. — Se vai para o campo comigo, não posso deixar que desmorone quando a coisa apertar. Você precisa de pontos.

— Ele ia me estuprar, Yael.

— Ah, isso só pra começar, acho. — Ela remexe os itens de primeiros socorros espalhados sobre a mesa: bandagens, tesouras, pinças, esparadrapo. Então encontra agulha e linha. — De qualquer forma, eu teria interferido se você não conseguisse lidar com a situação.

A fúria é tão intensa que mal consigo organizar meus pensamentos.

— E a questão é: você conseguiu — ela diz, tentando firmar meu braço com uma das mãos e segurando a agulha na outra. — Não se mexa.

— Não consigo.

Ela aperta meu braço sobre a mesa e começa. A primeira passada da agulha e da linha dói mais do que eu esperava, mas não tanto quanto o resto. Minha voz está trêmula.

— A questão, Yael… A questão é que aquilo foi real, sabe? Aquele cara tinha uma faca, porra.

— Real? Óbvio que foi real — ela diz, seu rosto ficando vermelho pelo esforço de manter meu braço imóvel enquanto a agulha passa mais uma vez. — Falei que isso não é esporte. Ele não estava tentando passar para a faixa verde.

Observo a agulha entrando e saindo, entrando e saindo. — Nunca vou esquecer aquele cara. O rosto dele. O jeito que a faca… *Cacete!*

— Desculpa. — Ela limpa o sangue com um lenço de papel. — Não esqueça que você ganhou.

— Sim, aleijando o sujeito.

— Fazendo o que tinha que fazer. — Ela coloca a agulha sobre a mesa e corta as sobras de linha. — Acabei. Vai doer pra cacete, depois vai coçar pra cacete. Resista ao impulso de coçar.

— Então você não se sente nem um pouco culpada?

Ela faz um curativo grande sobre o ferimento. Seus dedos são delicados.

— A justiça não é uma coisa abstrata, Gwendolyn. É o que você fez esta noite. Algo feio e cruel.

Contra todas as probabilidades, durmo bem. Sonhos estranhos vão e vêm, pesadelos vívidos nos quais, de alguma forma, não sinto medo nenhum. Pela manhã, abro os olhos e fico na cama observando o teto, tentando me lembrar deles.

Na cozinha, encontro Yael lendo uma edição francesa da *Vogue* na mesa e bebendo café. Quando ela me vê, levanta e me serve uma xícara.

— Dormiu bem? — ela pergunta.

— Sonhos estranhos — respondo.

— Era de se esperar. Sua mente está tentando lidar com isso, a nova você. — Yael abre uma gaveta embaixo do balcão, tira um livro de capa vermelho-escura e o joga sobre a mesa na minha frente. — Falando nisso…

— O que é isso?

— Pode chamar de presente de formatura. Já faz alguns dias que chegou, mas eu estava guardando.

Viro o livreto e vejo as palavras *Rossiskaya Federatsiya* gravadas em caracteres cirílicos dourados no alto, seguido de *Russian Federation* em caracteres romanos. É um passaporte russo que parece muito verdadeiro. Eu o abro e recuo quando vejo uma foto minha me olhando.

Embora o rosto seja meu, o nome não é: Sofia Timurovna Kozlovskaya. A data de nascimento, impressa em tipografia oficial, indica que tenho vinte e dois anos.

— Quem… quem é essa?

— Você — Yael diz. — Vire a página.

Obedeço e vejo um visto de aparência oficial com o logo da União Europeia, com o selo holográfico prateado.

— Um visto de trabalho — ela diz. — Você pode residir legalmente em qualquer lugar, da Irlanda à Grécia.

— Mas quem é — volto para a página anterior — Sofia Timurovna Kozlovskaya?

— A verdadeira Sofia era uma stripper que morreu de overdose de heroína em Munique dois anos atrás. O que você tem nas mãos não é uma falsificação. É o passaporte dela com sua foto.

— Como você conseguiu isto?

— Talvez o policial que a encontrou não fosse honesto, ou algum amigo nosso tenha tirado dela — ela diz. — Não trabalho nessa área, então não sei. A questão é: o que você tem aí é ouro. Qualquer um em minha profissão mataria para ter um passaporte tão blindado quanto esse.

Deixo o documento da mulher morta cair sobre a mesa. Aquilo parece tão macabro, tão errado.

Yael abre a gaveta de novo e tira de lá um grosso maço de papéis dobrados. Ela o coloca sobre a mesa, ao lado do passaporte.

— As informações de Sofia — ela diz. — Certidão de nascimento, histórico escolar, uma biografia de seus pais, informações sobre a cidade onde cresceu. Quanto ao resto, você pode inventar.

— Como assim?

— Primeira regra de qualquer disfarce: aja como alguém da sua suposta nacionalidade. Segunda regra: a credibilidade de sua história está nos detalhes. Estude esses documentos e preencha as lacunas. Qual é a cor favorita dela? Quem foram seus amigos de infância? Quantos anos tinha quando seu cachorro foi atropelado?

Examino os documentos e paro no atestado de óbito do pai dela: cirrose, quando Sofia tinha apenas catorze anos. Ele trabalhou em uma fábrica de borracha nos arredores de Armavir, no sul da Rússia. No histórico escolar de Sofia, vejo notas altas em alemão e baixas em matemática. As informações são todas muito reais, tragicamente específicas.

— Aproveite a manhã — diz Yael. — Escreva sua biografia. Em seguida memorize.

— Mas Sofia não tem um atestado de óbito?

— Foi convenientemente extraviado. É a Rússia. Coisas assim acontecem.

— E se alguém começar a investigar mais a fundo?

— Nenhum relato é perfeito. — Ela se acomoda na cadeira ao meu lado. — Então você inventa. Improvisa.

Meu novo eu fecha os olhos.

— Agora, ao trabalho — Yael diz segurando minha mão e a apertando com força. — Comece a dar vida a si mesma, Sofia.

Minha respiração pulsa de encontro ao vidro da janela em um círculo de névoa que aumenta e diminui, aumenta e diminui. Com o dedo, desenho uma carinha ali, mas Yael faz um som que significa “para com isso”, então eu paro. Como me instruiu, mantenho um olho no que está à frente e um olho no espelho lateral do pequeno Volkswagen para ver o que está atrás. Recebi a ordem de não dizer

nada até perceber alguma coisa fora do comum. Mas tudo parece fora do comum agora, e me pergunto se vou perceber quando realmente acontecer. Um homem árabe coloca a cabeça para fora de uma locadora de vídeos e olha para os dois lados, em seguida volta para dentro. Uma mulher de burca passa por nós empurrando um carrinho de feira e um minuto depois volta pelo outro lado, o carrinho ainda vazio. O que é comum aqui?

A respiração de Yael está calma e constante, como se estivesse dormindo, mas tudo isso é treinamento. Há tensão em seu rosto enquanto mantém um olho no retrovisor, onde pode ver a porta da tabacaria meio quarteirão atrás de nós.

Estamos paradas aqui há quase uma hora. O sol não está em lugar algum, invisível acima de nuvens cinzentas e sem graça. Tenho que apertar os olhos para ver que são apenas cinco da tarde.

Minha boca está seca e salgada, e eu pergunto a ela se podemos tomar um café ou algo assim.

— Não — ela responde. — Pareceria suspeito, duas mulheres bebendo café em um carro.

— Mais suspeito que duas mulheres sentadas em um carro sem fazer nada? — pergunto.

— Vamos fazer um provinha oral — Yael diz. — Onde você nasceu?

— Novokubansk.

— Nome e profissão do seu pai?

— Timur Naumovitch Kozlovsky. Supervisor em uma fábrica de borracha.

— E antes disso?

— Tenente das Spetsnaz.

— E o que são as Spetsnaz?

— As Forças Especiais russas.

Continuamos o questionário ao ritmo lento dos limpadores de para-brisa, que varrem o vidro de tempo em tempo. Fecho os olhos, tentando ver todos os fatos, nomes e lugares na memória. Então ouço Yael dizer entredentes:

— *Là-bas!*

Abro os olhos de repente e me viro. Onde? Sigo a direção dos olhos apertados dela até um homem magro e pálido, de jeans e com um blusão da Adidas, parado em pé sob um toldo do lado oposto da rua da tabacaria. Ele tem uma cabeleira escura e densa que está pedindo para ser cortada e um fiapo de barba.

Ela dá partida no carro, sai da vaga onde estamos e faz um retorno habilidoso na rua estreita. Os olhos do homem seguem nossos movimentos, embora ele esteja tentando fingir que não reparou em nós. Seu corpo fica tenso, como se estivesse esperando que alguém fosse bater nele. Eu o encaro. Não parece com o monstro que imaginei, o homem que sequestrou meu pai, Feras, o leão. Mas tanto melhor: desse jeito fica muito mais fácil colocar minhas mãos em torno da garganta dele quando a hora chegar.

Yael diminui a velocidade, abaixa a janela e fala com ele em árabe. Levo alguns segundos para traduzir na minha cabeça, porque soa tão estranho:

— Antigamente tinha uma loja que vendia materiais artísticos por aqui. Você sabe para onde mudou?

Ele olha para nós com cautela, como se estivéssemos falando com a pessoa errada; então dá um passo hesitante para a frente. Posso vê-lo mais de perto agora. Mal parece ter vinte e cinco anos, com uma profusão de espinhas vermelhas na testa.

— A loja que você está procurando fechou em março do ano passado — ele diz.

— Março? — diz Yael. — Tem certeza de que não foi em abril?

— Não — ele diz. — Março.

Yael olha para um lado e para o outro da rua. — Entre no carro, Hamid — ela diz.

*

Do banco de trás, posso ver que ele está tremendo — não apenas de frio. As espinhas parecem mais vergões vermelhos, como a consequência de alguma doença.

— Cadê o cara de sempre? — Hamid pergunta. — Só falei com ele até agora. Jean-Marc era o nome dele.

— Relaxa, amigo. Jean-Marc está de férias, e eu estou no lugar dele — Yael responde, colocando uma das mãos no antebraço de Hamid para acalmá-lo.

Ele afasta o braço bruscamente.

— Podemos ir para algum lugar? Eles estão me procurando — Hamid diz, mudando do árabe para o francês.

— Podemos andar um pouco de carro. Você está seguro conosco.

— Seguro? Tenho me escondido há… tipo, uns dois meses. E por que vocês estão em duas? Jean-Marc estava sempre sozinho.

Yael dá um sorriso delicado enquanto entra no tráfego de uma avenida movimentada no começo da noite. É o olhar mais caloroso que já a vi dar.

— Ela está em treinamento, só isso, Hamid. Nada com o que se preocupar, o.k.? — Sua voz tem um tom bastante maternal. — Me conta por que você tem se escondido em porões.

— Você tem alguma coisa para comer? Não sei quando foi a última vez que eu comi.

— Posso parar e comprar — Yael diz. — Ou dar algum dinheiro a você.

Hamid balança a cabeça.

— É perigoso demais. Esqueça a comida. Você tem que me tirar daqui. Hoje à noite. Já.

— Por que é perigoso, Hamid?

Ele a encara com os olhos apertados.

— Porque eles estão me caçando. Os mesmos. As mesmas pessoas que fizeram… aquela outra coisa. Toda vez que tento sair, estão lá. Quase não vim hoje à noite. Mais um minuto e você teria encontrado um cadáver. Tenho certeza disso.

— Alguém está atrás de você por causa do que fez ao americano? — ela pergunta. — É isso?

— Não fiz porra nenhuma com ninguém. Escuta, você tem que me tirar da França. Quero ir para casa!

— Talvez isso seja possível — Yael diz, como se levasse o pedido a sério. — Mas primeiro preciso saber o que aconteceu com o americano.

— Não sei. Tomamos café, demos uma caminhada e então a van…

— A van? — Yael pergunta.

— Sim, na rua. Estava parada, e tinha dois homens… Não sei como fala, aqueles que consertam canos.

— Encanadores — digo.

Yael me dá uma olhada que significa “fique quieta”.

— Sim, dois encanadores. Eles estavam carregando um cano enorme e bloquearam nossa passagem. Então mais dois saíram da van. Um deles colocou uma agulha no pescoço do americano, e o outro veio para cima de mim. Eles eram bons. Profissionais.

— É interessante que você tenha conseguido fugir, mas o americano não — diz Yael.

— Fugir? Saí correndo e um cara atirou em mim. A bala raspou no meu ombro — ele diz, puxando o blusão e a camisa para o lado. Há um ferimento costurado de péssima aparência, meio rosado e roxo e com uma casca esverdeada.

Paramos em um sinal vermelho, e uma moto para ruidosamente ao nosso lado, do lado do passageiro, com seu motor roncando. Há dois homens com jaquetas de couro preto bem justas e capacetes com viseiras fechadas. O que está atrás olha para nós e levanta a viseira. É bonito, pelo que consigo ver. Ele pisca para mim antes de desviar o olhar.

Yael se inclina sobre Hamid, examinando melhor o ferimento.

— Você foi ao médico?

— Quando é ferimento a bala, um médico tem que chamar a polícia. Fui a um veterinário que sei que aceita dinheiro vivo. Ele me remendou como uma camisa rasgada e me deu uns remédios para cachorros. Parece estar infeccionado?

— Não — ela mente.

O farol fica verde, e nós seguimos em frente. Estamos nas ruas industriais atrás da Gare du Nord. O ar cheira a óleo e peixe.

— Esses encanadores — Yael diz. — Me fala sobre eles.

— Eram alemães — diz Hamid. — É toda informação que tenho.

— Alemães? Como você sabe?

— Porque eles estavam falando alemão. De que outro jeito eu ia saber?

A moto está de volta e parece nos seguir, aproximando-se do para-choque traseiro. Yael diminui até parar em outro semáforo fechado. A moto emparelha conosco, de novo do lado do passageiro.

Penso em como as ruas daqui ficam vazias à noite. Olho para a moto. O passageiro nos encara, seus olhos agora invisíveis sob a viseira brilhante. Ele traz uma bolsa para a frente e a abre. Então suas mãos enluvadas aparecem segurando um objeto estranho com uma pequena abertura em uma das extremidades, que ele aponta para a janela de Hamid. Minha mente leva um segundo para perceber que é uma arma, e no instante em que isso acontece, o mundo explode em uma bola alaranjada de chamas e vidro quebrado.

Eu me aperto no piso do pequeno Volkswagen. Não consigo ouvir nada e está tudo muito escuro, mas sinto a vibração barulhenta dos paralelepípedos enquanto voamos pelas ruas de Paris. O vento chicoteia em torno de mim em um furacão silencioso, e pelotas de vidro estão em toda parte, acumuladas nos contornos dos bancos, refletindo a luz dos postes, parecendo o tesouro de um rei.

Vejo uma mão coberta em tinta preta passar entre os bancos, agarrar meu casaco e me puxar para cima. Olho para Yael, cujo rosto também está lambuzado de tinta preta e cuja boca está gritando palavras que não consigo ouvir. Ela segura minha mão e a direciona para Hamid, para seu peito, que parece ser a fonte de tinta preta. Três — não, cinco — furos, cada um deles do tamanho de uma moeda de dez centavos, cospem aquela tinta, derramando-a em pequenas cachoeiras. Quase desmaio ao perceber o que é, mas aguento firme e aperto forte tantos furos quanto consigo cobrir com as mãos, mas isso só faz com que os outros espirrem ainda mais sangue. Então desloco minhas mãos para eles, mas não adianta. Os olhos de Hamid ainda estão abertos e muito vivos, mas cada vez

que ele os fecha para piscar tenho certeza de que não vão abrir outra vez.

Estamos correndo pelas sinuosas e estreitas ruas do bairro industrial vazio, os carros parados dos dois lados da rua tão próximos que eu poderia tocá-los. A moto está nos acompanhando, não mais do que dez ou quinze metros atrás, a luz de seu farol surgindo na janela de trás como um fantasma nos perseguindo.

Yael faz uma curva rápida para a esquerda. Eu me desequilibro, tirando as mãos de Hamid e trombando com a lateral do interior do carro. A moto não diminui a velocidade para fazer a curva. Minha audição deve estar voltando, porque ouço os dois motores como um dueto de ópera gritado entre o tenor do Volkswagen e o soprano guinchado da moto.

Volto desajeitada para a posição em que estava, me segurando para não soltar Hamid na próxima curva. Posso sentir a respiração dele, fraca, quase inexistente, os olhos semicerrados.

Curva fechada à esquerda. Os pneus guincham. Curva fechada à direita, depois direita de novo. Mas a moto não desiste. Na verdade, está cada vez mais perto. Eles estão do lado de Yael agora, emparelhando ao lado dela, e o passageiro levanta a submetralhadora. Tento gritar para avisar, mas no exato momento em que minha boca abre há outra explosão de chamas alaranjadas que sai do cano, uma longa sucessão de disparos, o som absurdamente alto, como se o próprio universo estivesse sendo rasgado. O para-brisa na frente de Yael ganha vida, pedaços dele explodindo e dançando sem parar enquanto plástico enche o ar como se fosse confete. Yael joga o volante para a esquerda, e a moto desvia e sobe na calçada, rápida e ágil demais para ela. Então desaparece de vista.

Não acontece uma explosão como eu esperava. Apenas o esmagamento de metal e carne contra metal e concreto — repentino e fatal. Algumas peças da moto continuam se movendo pela rua atrás de nós, como se não estivessem prontas para desistir da perseguição. Paramos meio quarteirão adiante.

O silêncio e a tranquilidade do mundo me surpreendem. Mas Yael não está tranquila. Ela sai no instante em que o carro para,

mancando em direção aos destroços atrás de nós, claramente ferida, mas não o suficiente para pará-la. Mantenho as mãos sobre as feridas de Hamid, mas consigo virar a cabeça o bastante para vê-la mancar até um poste de iluminação. A moto e o motorista estão esmagados contra ele como pilhas de lixo irreconhecível. A figura do passageiro está estendida na rua.

Há uma arma na mão de Yael agora. Será que ela a tirou de algum de nossos perseguidores? Ou estava no casaco dela? Fecho bem os olhos, incapaz de assistir, mas Yael não dispara. É óbvio mesmo daqui que não há necessidade.

Eu a ouço mancando de volta para o carro, seu sapato se arrastando sobre os paralelepípedos.

— Pode parar de apertar — ela diz, se inclinando dentro do carro, segurando frouxamente a arma.

Olho para Hamid. Ele está perfeitamente imóvel agora, boca aberta, olhos fechados. Retiro minhas mãos de seu corpo morto. O ar para na minha garganta.

— Não ouse chorar. Não temos tempo. — O tom de voz de Yael é duro, profissional. Ela está segurando a porta do carro para se apoiar, apertando o flanco com a mão. Sangue escorre entre seus dedos.

Saio do banco traseiro e tento passar um braço sob o dela para impedir que caia. Yael me empurra e deixa a arma cair no chão.

— Você está ferida. Vou chamar uma ambulância.

— Uma ambulância? E como vamos explicar os três homens mortos e uma israelense ferida?

— Levo você para um hospital, então.

— O carro tomou muitos tiros. Não vai sair do lugar. — Ela aperta os olhos, cheia de dor. — Tenho um número para ligar quando esse tipo de coisa acontece. A embaixada manda alguém. Vamos ver se eles chegam aqui antes da polícia.

— Vou ficar com você.

— Você vai acabar em uma cadeia francesa. Não vai ter seu pai de volta.

Por um momento, olho fixamente para ela.

— Ter meu pai de volta? — grito. — Hamid morreu, Yael. Ele era a única pista que eu tinha.

Ela agarra meu braço e o aperta com força, parte devido à dor, parte para me fazer prestar atenção.

— E eu tenho certeza de que a mãe de Hamid vai ficar bem chateada, mas você tem algo melhor agora. Não percebe?

A verdade é que não percebo. Então me viro para os corpos atrás de mim na rua e vejo que ela está certa. Os homens que queriam Hamid morto são mais valiosos do que o próprio Hamid. Ou seriam se não tivessem se transformado em corpos retorcidos entre as peças da moto.

Ela responde minha pergunta antes que eu possa fazê-la.

— Eles têm documentos, Gwendolyn. Passaportes, carteiras de identidade. Têm celulares com nomes, números e fotografias de todos que conhecem. Comece por ali.

Sinto o corpo dela estremecer contra o meu e a ajudo a se sentar no banco do carro. Yael xinga em hebraico, e um gritinho escapa.

— Vou ficar bem aqui até a ajuda chegar.

Ela estende a mão e segura meu queixo, então vira meu rosto em sua direção. Sinto seu hálito, quente e úmido, saindo através dos dentes.

— Sua merdinha sentimental. Ou Hamid, o sangue, a porra dessa bala no meu flanco, tudo isso serve pra alguma coisa ou foi em vão. Você vai ter que ser dura, Gwendolyn, e continuar sozinha, ou tudo isso não significou nada. Como é que vai ser?

Ela me solta, e eu cambaleio para trás. Por um bom tempo, só há o som da noite de Paris e da respiração pesada de Yael.

Então eu decido.

A perna esquerda do motorista ainda está prensada na base de concreto do poste, fundida com o motor e a roda de trás da moto. Procuro nos bolsos de sua calça até encontrar uma carteira grossa, e em seguida passo para a jaqueta. Não parece haver mais estrutura em seu tronco, nem caixa torácica, apenas o que sinto como carne quente e crua. Encontro o celular e o passaporte e os

coloco no bolso do meu casaco. O corpo do passageiro, o homem com a arma, está jogado na rua a uns três metros de distância. Está mais preservado, mas dobrado ao meio de uma forma estranha. A colisão arrancou seus sapatos, mas a bolsa ainda está presa a seu peito. É dentro dela que encontro o passaporte, além de balas para a arma, uma garrafa de pepsi e uma maçã. Não encontro passaporte nem telefone.

À distância, ouço o lamento agudo das sirenes da polícia francesa. Olho para trás, para Yael, que está em pé de novo, me observando, as duas mãos segurando o flanco agora. Ela está inclinada sobre a porta do carro, talvez esperando eu ir embora para cair.

Ouço as sirenes da polícia mais altas, talvez a alguns quarteirões da cena, mas as ruas ainda estão vazias. O único veículo que vejo é uma van branca sem janelas que passa por mim indo na direção de onde vim.

BERLIM

Doze

Conectando aos servidores da rede Tor:
Svaneke.gcqtor01.BigBertha (Eslovênia)
Anonymousprox.altnet01.Rhymer (Japão)
SoixanteDix26.fortef07.Carre (Canadá)
Unnamed.Unnamed01.Alterform (Tailândia)
<<Parabéns! Você agora está conectado ao bate-papo anônimo da rede Tor!>>
<<Entrando em modo confidencial/ seguro>>
<AnonUser Ruiva está conectado>

AnonUser Bolsista: pqp onde vc andou?
AnonUser Ruiva: precisava ouvir uma voz amiga.
AnonUser Bolsista: tô aqui
AnonUser Ruiva: seu pc é seguro?
AnonUser Bolsista: sim. vc?
AnonUser Ruiva: sim
AnonUser Bolsista: onde vc tá?
AnonUser Ruiva: europa
AnonUser Bolsista: onde na europa?
AnonUser Ruiva: não posso falar
AnonUser Ruiva: desculpa
AnonUser Bolsista: vc tá segura?
AnonUser Ruiva: não sei
AnonUser Bolsista: a polícia teve aqui
AnonUser Ruiva: ?????
AnonUser Bolsista: um dia depois q vc foi embora
AnonUser Ruiva: a polícia de ny?
AnonUser Bolsista: não. os federais
AnonUser Ruiva: vc falou alguma coisa?
AnonUser Bolsista: claro q não porra!!
AnonUser Bolsista: meu pai chamou o advogado

AnonUser Bolsista: ele mandou os caras embora
AnonUser Bolsista: disse que vai processar todo mundo
AnonUser Ruiva: hahaha
AnonUser Bolsista: né? fdps
AnonUser Ruiva: tô mau
AnonUser Ruiva: mal
AnonUser Bolsista: e aí? está perto de encontrar?
AnonUser Ruiva: nao sei
AnonUser Bolsista: quero ajudar
AnonUser Ruiva: só esteja aí
AnonUser Bolsista: eu estou. sempre
AnonUser Ruiva: vc tá salvando minha vida
AnonUser Bolsista: como?
AnonUser Ruiva: só estando aí
AnonUser Bolsista: quero ajudar mais
AnonUser Ruiva: queria q pudesse
AnonUser Ruiva: mas não é seguro
AnonUser Ruiva: tenho q ir
AnonUser Bolsista: espera
AnonUser Ruiva: desculpa
<<AnonUser Ruiva encerrou a sessão>>
AnonUser Bolsista: sdds

Treze

SOU A ÚNICA MULHER NO CAFÉ COM WI-FI, e os homens daqui, que estão falando pelo Skype com a família, vendo pornografia ou jogando, me lembram disso com seus olhares a cada segundo que permaneço aqui.

— *Fünf Euro, zwanzig* — me diz o rapaz entediado atrás do balcão. Pago e saio. É tarde em Nova York, mas noite aqui. A chuva não parece parar nunca. Ela me seguiu de Paris, e enche o ar escuro de Berlim, com cristais gelados que dão agulhadas no meu rosto. Desço pela rua, ficando perto dos prédios e fora da luz amarelada dos postes de iluminação. Passo por bares assustadores, por lojas de pornografia assustadoras, pelo policial assustador parado na esquina procurando alguém em quem bater. Fico na minha, os olhos abaixados, sem olhar para nada nem ninguém.

Esta vai ser minha segunda noite nas ruas de Berlim. Tenho dinheiro, mas três albergues, um em seguida do outro, pediram meu passaporte, e eu não sei se o documento de Sofia é realmente bom. No café, pesquisei os sites de notícias de Paris. Tudo o que encontrei foi um único artigo sobre dois corpos não identificados encontrados na rua, aparentemente vítimas de um acidente de moto. Nenhuma palavra sobre Yael. Nada sobre Hamid. Nenhuma menção ao Volkswagen metralhado. Isso pode significar que ela saiu de lá sem problemas ou o oposto: que ela foi capturada e talvez a inteligência francesa tenha se envolvido. Quanto tempo antes de

me ligarem a Yael, e então a Sofia? Quanto tempo antes de contarem aos americanos?

Há um grupo de mendigos na frente da entrada do Zoologischer Garten Bahnhof, o Bahnhof Zoo, como chamam aqui a estação de trem ao lado do zoológico e o próprio zoológico. Um deles encontrou metade de uma pizza no lixo, então passo despercebida por eles quando entro na estação. Lá dentro cheira a mijo ainda quente, mas fica fora da chuva, é bem iluminado e relativamente seguro. Fiquei aqui na noite passada — minha primeira em Berlim —, e os policiais me deixaram em paz porque não pareço com os outros *Penner*, vagabundos espalhados pelo chão e pelos bancos. Estou razoavelmente limpa e minhas roupas também, mas a esta altura os policiais vão perceber que eu ando ficando por aqui, e se tem algo que não posso arriscar é eles me levarem para a cadeia por vadiagem e descobrirem quem realmente sou. O que, pensando bem, é uma boa pergunta.

Ainda assim, Berlim é uma boa cidade para uma fugitiva, não importa quem ela seja. Barata, escura, com todo um guisado de nações e línguas nas quais se perder. Das línguas que falo, o alemão — que aprendi quando meu pai estava trabalhando em Viena — é a pior e não consigo nem chegar perto de passar por nativa. Mas muitas das pessoas mais jovens falam inglês, e nunca é preciso cavar muito fundo para encontrar um falante de russo em qualquer lugar. Assim, tento falar meu alemão enferrujado do primário com sotaque russo, esmagando as vogais e franzindo a testa. É fácil, só tenho que me lembrar de fazer isso. Ninguém se importa muito com pronúncia e gramática na Berlim dos refugiados e dos fugitivos.

Minha melhor opção no Bahnhof Zoo é a pequena espelunca que vende kebab no nível da rua. Ela fica aberta até as três da manhã, e o turco que fica no balcão não me expulsou na noite passada por ter adormecido em uma das mesas, embora eu só tivesse comprado um mísero kebab e uma garrafa de coca. Para minha sorte, ele está trabalhando de novo esta noite e até me dá um oi e um sorriso quando entro — o primeiro sorriso de qualquer tipo que vi em Berlim. Uma pilha de carne do tamanho e do formato de uma perna

de piano gira em um espeto vertical, e ele corta com muita destreza uma fatia extragrossa para mim e a coloca no pão pita. Joga cebola e pepino picados, então encharca toda a bagunça com molho de iogurte apimentado. É basicamente o churrasco grego que eu adorava em Nova York e, para mim, nenhuma comida servida a um imperador ou papa poderia ser melhor.

Dou cinco euros a ele, o preço inflacionado das estações, e me acomodo a uma mesa menos exposta nos fundos. O lanche está quente e delicioso, e é um ótimo substituto para uma cama, um cobertor e um beijo de boa-noite. A gordura escorre pelo meu queixo e pelo meu pescoço, mas estou com tanta fome que só limpo depois que termino. Um grupo de torcedores de futebol bêbados com camisas azuis e brancas de time entra, cantando e berrando, mas estou tão cansada que durmo mesmo assim, com a cabeça apoiada na mesa.

Fugi de Paris — puxa vida, como fugi. Até o metrô, de volta ao estúdio de dança, depois saindo de lá de novo, cada homem na rua era um policial, cada carro ou moto trazia um novo assassino. Peguei o que consegui da casa de Yael. Minha mochila, minhas roupas, minha nova identidade, um pouco de comida. Para trás ficaram os restos da pessoa que fui — meu casaco do Exército e meu passaporte.

Vomitei duas vezes, primeiro do lado de fora do metrô, depois no banheiro de um café pequeno e sujo perto da Gare du Nord. Foi ali que limpei o sangue dos passaportes, da carteira e do celular que peguei. Os assassinos de Hamid eram alemães. Berlinenses, especificamente — Gunther Fess e Lukas Kappel. Por isso vim para cá. Usei o dinheiro da carteira para comprar uma passagem noturna no expresso Paris-Berlim.

Os assassinos eram quase bonitos, a julgar pelas fotos nos passaportes, e não pelos cadáveres. Jovens e atléticos, com vinte e poucos anos, tinham um quê dos corretores juniores da bolsa de valores, meio babacas, que frequentam os falsos pubs irlandeses da Terceira Avenida. O telefone que tirei de Gunther, o cara que estava

pilotando a moto, é um iPhone novo. Não havia nenhuma conta de e-mail cadastrada, rede social, ou mensagem nele. Ao que parece, é um telefone de trabalho, Sem nada que possa incriminar o usuário. *Quase* nada. Há fotos dos dois assassinos jogando. Seus amigos. Festas em casas noturnas. Muitas mulheres. Muitas garrafas. Muita cocaína.

O atendente me acorda com certa relutância e aponta para a porta.

— *Tut mir Leid, Kumpel* — ele diz. “Desculpe, colega.”

Digo que tudo bem e vou para a estação de trem. Os policiais parecem estar ocupados expulsando todo mundo que ainda está lá dentro, então mantenho os olhos abaixados e a mochila nos ombros, e vou para a saída. Ainda está chovendo, é claro. Aquele tipo de chuva desagradável, consciente, que parece alterar sua trajetória só para me atingir. Curvo os ombros e peço aos deuses que o vento sopre um chapéu ou jornal na minha direção. Viro a esquina e sigo pelo perímetro do zoológico. Há uma cerca em torno dele e uma pequena margem de arbustos e árvores, e procuro um lugar seco o bastante para dormir. Os melhores já estão ocupados, então vejo um bordo de tronco grosso, com um galho pesado e baixo que parece ideal. Abro caminho entre os arbustos, mas, quando sento, ouço uma mulher me dizer entredentes:

— *Raus hier!* — “Saia daqui.”

Viro a cabeça e vejo dois olhos brancos me espiando debaixo de uma lona. Uma mão fina se estende e acena para eu ir embora, então volta para seu lugar abraçando um pacote seguro contra o peito. É uma criança de uns três ou quatro anos, o cabelo preto aparecendo debaixo da borda de uma toalha suja usada como cobertor. A mãe olha para mim, e identifico medo em seus olhos assustados mesmo na luz fraca.

— Só estou procurando um lugar para dormir — digo.

— Aqui não, sua drogada. Não quero encrenca.

Em silêncio, começo a me afastar, mas contra toda a lógica e sensatez, enfio a mão no bolso e tiro um maço grosso de dinheiro,

uma mistura de euros e dólares. Estendo para ela, que me olha com desconfiança.

— Por favor — digo. — Aceite. — Mas ela deve ter achado que é um truque e apenas olha furiosa para mim. Coloco o dinheiro no chão na frente dela e vou embora.

Não há boas opções, simplesmente. Sei que vou acabar tendo que testar o passaporte de Sofia em algum albergue. Vagueio por um tempo, tentando achar um lugar enquanto penso no que farei se o recepcionista chamar a polícia. Volto na direção da estação e reparo em uma passagem subterrânea. Entro sorrateiramente, aliviada por sair da chuva, e encosto em uma parede para pensar.

Uma mulher com uma saia azul curta e pernas à mostra entra na outra ponta da passagem, o cabelo loiro puxado para trás em um rabo de cavalo oleoso. Ela põe um cigarro na boca e bate nos bolsos da jaqueta de couro.

— *Hast du Feuer?* — diz. Então, como se tivesse compreendido, menciona a palavra em russo para "fósforos": — *Spichki?*

Respondo em russo também:

— Não fumo.

— Então você não serve de nada para Marina — ela diz, e vai embora.

Mas antes que ela consiga chegar ao final da passagem, um carro entra e diminui a velocidade até parar na frente dela, que se inclina sobre a janela aberta.

Desencosto da parede e sigo na outra direção. Então um grito ecoa nos ladrilhos da passagem. O tom é agudo, mais de raiva que assustado. Viro e vejo a mulher puxando o braço com força para tirá-lo de dentro do carro, apoiando a outra mão na porta para se equilibrar.

Sem pensar, disparo na direção dela. Quando alcanço o carro, agarro a mão do motorista, que segura a jaqueta da mulher. Eu a empurro para trás e consigo espaço suficiente para impulsionar a parte de baixo da minha mão para a frente, acertando o queixo do homem. Ele solta um grito, e a mulher e eu voamos para trás, caindo juntas sobre a calçada.

Os pneus cantam bem no momento em que estou prestes a ficar em pé de novo, mas o carro já está acelerando para fora do túnel, o ronco do motor vibrando nas paredes.

— Você está bem? — pergunto à mulher em russo enquanto levanto.

— Estou. — Ela procura alguma coisa no chão, então pega um saquinho plástico entre o indicador e o polegar e segura na frente do rosto, examinando para ver se houve algum dano. — Me diz, quão desesperada ele acha que estou? Um boquete por *ein wenig Gras*? Babaca do caralho.

Pego sua mão e a ajudo a se levantar.

Ela enfia o saquinho com maconha dentro do bolso da jaqueta e olha para mim.

— E aí, *novichka*? — Ela me chama de “recém-chegada”. — Qual é seu nome?

— Sofia — respondo.

O acordo que Marina e eu estabelecemos na passagem subterrânea perto do Bahnhof Zoo é simples e direto: vinte euros por noite para dormir no sofá dela até eu ficar sem euros ou ela sem paciência. Vamos juntas de metrô até o apartamento dela, a leste do centro de Berlim.

Esse arranjo é perigoso. Mas também é anônimo e não exige passaporte. E eu estaria mentindo se dissesse que não há algum conforto na presença de Marina. É difícil dizer quantos anos ela tem, mas com certeza é mais velha do que eu. Uns cinco anos, talvez? Apesar de ter morado em muitos lugares, eu era a filha mimada de um diplomata, e as ruas de Berlim podiam muito bem ser um outro universo. Este é o território de Marina, e ela conhece a estranha física daqui, para qual direção a gravidade empurra e se dois mais dois é igual a algo diferente de quatro.

— *Novichka* — ela diz do outro lado do vagão vazio enquanto limpa embaixo das unhas com uma chave. — De onde você é?

— Rússia — digo.

Ela revira os olhos.

— Sério?

Ela parece acreditar. *Primeira regra do disfarce: aja como uma pessoa da sua suposta nacionalidade.*

— Do sul — digo. — Armavir. Perto do Mar Negro.

— Perto de Sochi?

— Umas seis ou sete horas de ônibus — digo. *Segunda regra do disfarce: a credibilidade de sua história está nos detalhes.*

— Praticamente na Turquia — ela diz. — Isso explica, então.

— Explica o quê?

— Quando vi você pela primeira vez, pensei que era judia. Mas tudo bem. Não ligo muito para os judeus. — Marina se senta na borda do banco, inclinando o corpo para a frente. — Mas agora acho que você é muçulmana. Então nem pense em trazer essas merdas de jihad para dentro da minha casa, entendeu?

— Não sou muçulmana.

— Estou falando de maneira geral. Qualquer merda de jihad em que você esteja metida: religião, política, alguém atrás de você… Todo mundo parece estar no meio de uma guerra santa. Só não traga isso pra perto de mim. — Ela fica em pé, segurando com força no corrimão, então cruza o corredor para olhar melhor para mim. — Há refugiados demais ultimamente, o que significa polícia demais. Polícia demais significa encrenca para Marina.

— Entendi — digo. — Sem drama, sem polícia.

— É isso aí, *novichka*. — ela diz. — Mais alguns meses e vou ser atendente de bar. Você sabe quanto ganha uma?

— E… o que você faz agora?

— Trepo por dinheiro — ela diz.

As palavras me chocam, e Marina sorri quando vê que me encolho.

— Algum problema? — ela diz.

— Não. De jeito nenhum.

Mas ela ouve o juízo de valor na minha voz.

— Marina faz com seu corpo o que quer, entendeu? Seu Alá, Jesus ou sei lá mais quem não opina porra nenhuma. — Ela fica em silêncio por um momento, decidindo se valho a pena o incômodo. Então olha pela janela. — Chegamos.

Passamos para um trólebus que transita pelo centro de uma avenida larga. Os postes envolvem os prédios em luz cinzenta, mostrando seu estado de deterioração, a glória da era comunista.

— Eles não parecem melhores durante o dia — diz Marina, lendo a minha mente. — *Gnily zubie.* — Dentes podres.

Alguns quarteirões com a mesma paisagem passam pela janela até que Marina puxa minha manga para descermos. Eu a sigo através dos enormes edifícios de concreto e percebo que a única maneira de os distinguir é olhando para a forma particular que a deterioração de cada um causou. O dela é o que tem RAUS AUSLäNDER — Fora, estrangeiros — escrito com spray ao lado da entrada.

A porta do prédio não tem tranca. Você só tem que saber o truque para virar a maçaneta: empurrar e erguer, depois girar. Marina avisa que o elevador está — e sempre esteve — quebrado. Eu a sigo, subindo as escadas até o sexto andar, onde mora. Há uma TV ligada alto em um dos apartamentos vizinhos, e o fedor tóxico de crack, metanfetamina e morte pairando no corredor.

Ela tranca a porta, então fazemos um tour pelo lugar. A cozinha minúscula, o banheiro minúsculo, a sala com um sofá xadrez no meio e uma velha poltrona giratória. Depois um quarto com duas camas de solteiro, uma de cada lado da janela. A da direita está desarrumada e tem uma almofada de Hello Kitty em cima.

— Essa é da Marina — ela diz. A cama da esquerda está muito bem esticada e tem um crucifixo ortodoxo sobre a cabeceira. — Essa é da Lyuba — ela diz. — Minha colega de quarto. Ela é camgirl.

— Camgirl?

— E professora de piano também. — Marina adiciona.

Eu me jogo com tudo no sofá, morta de exaustão. Embora precise tomar um banho e escovar os dentes — porra, será que a última vez foi mesmo em Paris? — simplesmente não consigo me mexer, nem mesmo o suficiente para tirar a jaqueta. Fecho os olhos, mas tudo o que vejo é um caleidoscópio de cores e formatos, de rostos e

coisas. Tento tampar os ouvidos, ignorar o barulho da cidade lá fora, mas Berlim se recusa a calar a boca. Nesse sentido, é como Nova York, faminta por atenção mesmo quando você está tentando dormir, fazendo-se ouvir com sirenes e caminhões distantes e lâmpadas de sódio zumbindo.

Quando tudo está desaparecendo, quando o mundo está ficando silencioso, ouço o clique de um isqueiro e o bafo de fumaça de maconha. Abro os olhos e vejo Marina, agora vestida com uma camiseta surrada. Está encolhida em uma cadeira, as pernas nuas dobradas contra o peito, segurando preguiçosa um cachimbo feito de cerâmica marrom. Ela está olhando para mim, me observando, como se eu fosse um animal em um zoológico.

Deve passar um minuto com nós duas apenas olhando uma para a outra. Por fim, ela acende o cachimbo de novo e dá uma tragada.

— Via de regra, não pergunto — ela começa a dizer com a voz alterada, então solta a fumaça. — Mas você não é o tipo comum de fugitiva.

Estou cansada demais para compreender. Enquanto Marina ri da confusão em meu rosto, acena para a sala, e, na verdade, para toda a Berlim.

— Como é que você veio parar no sofá de Marina? — ela pergunta. — Seu pai bateu em você? Ficou grávida e seu namorado quer casar? Posso ajudar com isso.

— Não — digo. — Só estou procurando uma pessoa.

Ela dá de ombros. — Tem um monte de gente aqui.

— E você? — pergunto. — Como veio parar aqui?

Marina bate a boca do cachimbo sobre um cinzeiro de plástico.

— Marina não vai parar em lugar nenhum, *novichka*. Marina escolhe. Meu pai fugiu, minha mãe casou com um motorista de ônibus que gostava de garotinhas, e aí, *pufff*. — Ela estala os dedos, mandando sua antiga vida embora. — Aqui estou eu, *nach Berlin*. Julho que vem faz quatro anos.

— Parabéns — digo, a palavra saindo como uma pergunta.

Ela enche o cachimbo de novo, apertando a erva com cuidado.

— De qualquer maneira, Marina só precisa de Marina. Da mesma forma que Sofia só precisa de Sofia. — Ela estende o cachimbo na

minha direção. — Quer?

— Não, obrigada — digo.

— Você é quem sabe — ela diz, colocando o cachimbo na boca. — Quantos anos tem?

Tento lembrar a idade de Sofia no passaporte.

— Vinte e dois.

Ela ri, tossindo um círculo de fumaça em direção ao teto.

— O cacete.

— Quantos anos você tem? — pergunto.

Ela limpa saliva da boca com a camiseta.

— Dezessete.

Fecho os olhos até Marina pensar que estou dormindo e ir para a cama. Por um tempo, tento imaginar como é a vida dela, como é *trepar por dinheiro* como se não fosse nada, não ter família e não dar a mínima, como se isso não fosse nada também. A vida como uma guerra infinita de todos contra todos. *Ein wenig Gras*, um pouco de erva, é o que você recebe quando vence.

Mas, enquanto fico imaginando como é ser Marina, eu me pergunto se ela não está certa. Se é verdade que Sofia precisa apenas de Sofia, então por que eu estou aqui, afinal? É uma bobagem continuar uma busca épica sem sentido para encontrar um pai que sequer é meu pai biológico. Um pai que mentiu para a filha que sequer é sua filha biológica durante toda a vida dela. Um pai que matou minha mãe porque se recusou a ser contador ou carteiro, como todos os outros.

A ligação com ele é pura imaginação. Uma fantasia infantil. E, como Marina e Sofia, estou velha demais para fantasias. Cresce, Gwendolyn. Se desliga dele. Os filhos enterram os pais. É como as coisas funcionam. Você já fez isso uma vez.

A manhã está começando em Berlim. A luz — uma mistura de azul-claro e amarelo — encontra minhas pálpebras. Viro para o outro lado e enterro o rosto na almofada do sofá, mas caminhões roncam com raiva passando pela avenida. São as entregas matinais

de strudel, ou seja lá o que os caminhões de Berlim entregam. E em algum lugar, em outro quarto, um relógio faz tique-taque.

Quando acordo, Marina já foi, substituída por alguém que suponho ser Lyuba. É uma loira tingida, encolhida na mesma cadeira em que Marina tinha se sentado, fumando um cigarro e lendo a Bíblia. Ela está fazendo isso de maneira tão lânguida e bonita, com a perna dobrada sobre o braço da poltrona e a mão com o cigarro do mesmo jeito, dobrado sobre o outro braço.

Olho o celular. São três da tarde.

— Cadê a Marina? — pergunto.

— Não sei — ela diz.

— Sou Sofia — explico.

— E eu perguntei?

— Você se importa se eu tomar um banho?

— Não. Consigo sentir seu cheiro daqui.

No banheiro, tenho que me abaixar sob varais improvisados que atravessam o ambiente de parede a parede, cheios de calcinhas e sutiãs secando, presos por clipes de papel. Mas a pia e o chuveiro estão impecavelmente limpos, o que é uma surpresa. Roubo um pouco de pasta e escovo os dentes com o dedo. Então tomo um banho, deixando a água limpar o terror, a exaustão e o medo que escoam pelo ralo em rodamoinhos.

Quando termino, eu me visto e digo a Lyuba que vou sair. Se ela me ouve, não dá qualquer sinal disso.

Lá fora, a chuva passou, e apareceu até um sol tímido no céu. De algum modo, a vizinhança durante o dia é menos nefasta do que à noite, e os quarteirões com blocos de apartamentos têm uma simetria ordenada, mesmo em seu estado de deterioração. Uma senhora idosa com um avental listrado joga água na calçada à frente de uma farmácia com a mangueira e olha furiosa para mim quando passo, como se ficasse irritada por ter que dividir seu mundo com os jovens. Encontro um lugar em uma esquina e gasto um euro com café e um enroladinho de salsicha meio passado. O

salgado é sem gosto, gorduroso e péssimo, mas são calorias baratas, e isso é tudo que importa.

Por um bom tempo, fico pensando com o café na mão, olhando para o tampo de fórmica da mesa como se os fatos, inferências e suposições estivessem espalhados sobre ela. Mas não há nenhum bibliotecário para pedir ajuda, nenhum manual para me dizer como fazer isso. Então, como é que eu começo?

Com o porquê de você estar em Berlim, uma voz me diz, com os dois homens que mataram Hamid. Parece lógico que não mandem um novato a Paris para um trabalho como aquele. O melhor seria usar alguém que já tivesse feito aquilo antes.

Abro o iPhone e olho as fotos mais uma vez. Lá estão eles: Gunther esmurrando o saco de Lukas. Lukas inclinado sobre uma carreira de cocaína enquanto Gunther bebe uma caneca de cerveja. Lukas esmurrando o saco de Gunther. Homens se divertindo: cocaína, cerveja e murros no saco. Mas eles não são iguais. Gunther é mais magro e mais loiro. As roupas são diferentes também. Lukas prefere camisetas mais justas, enquanto Gunther usa camisas largas listradas com as mangas dobradas. Playboy pagando de bandido.

Então percebo o que eles têm em comum: a tatuagem. Na parte interna do antebraço. É um esboço grosseiro do continente europeu, o focinho espanhol fuçando um Mediterrâneo invisível, se equilibrando no salto fino da Itália e no quadril da Grécia e dos Bálcãs. E, em torno da Europa, uma naja enrolada, em um traço igualmente grosseiro, a cabeça mais ou menos onde a Noruega, a Suécia e a Finlândia deveriam estar.

Duas adolescentes barulhentas entram no café, me distraindo dos meus pensamentos. Uma delas é uma ruiva toda arrumadinha com sapatos incríveis — uma Astrid Foogle alemã. A outra é uma loira de cabelo curto com tênis cor-de-rosa. Elas pedem café e croissants de chocolate, e em seguida pegam uma mesa no meio do salão. A ruiva revela algumas novidades que fazem a loira engasgar e berrar "*Doch!*" — "Sim!".

Astrid Foogle. Será que ela já encontrou uma nova inimiga? E o sr. Lawrence? Me pergunta sobre a terna indiferença do mundo

agora, seu filho da puta. Tenho uma resposta melhor.

Levanto para ir embora no exato momento em que a funcionária está limpando a vitrine, retirando uma bandeja com bolos e enroladinhos para dar lugar a outros mais novos.

— Quanto? — pergunto, apontando para os velhos.

— Eu ia jogar fora — ela diz.

— Dou três euros por tudo.

Ela coloca as mãos nos quadris e pensa.

— Cinco — diz.

Tiro um cinzeiro, um monte de revistas e uma enorme fileira de garrafas de diferentes bebidas alcoólicas da mesa da cozinha, e coloco a caixa com as compras bem no centro. Lyuba se aproxima como um gato desconfiado e cuidadosamente pega um folheado, os olhos em mim o tempo todo. Pergunto se Marina voltou, e ela assente com a cabeça sem falar nada. Tiro da caixa uma pequena e frágil torta recheada com o que parece ser framboesa e a embrulho em um guardanapo.

Marina está na cama, com as pernas cruzadas e uma pilha de fichas no colo.

— Não me perturbe. Estou estudando.

Coloco a torta na cama diante dela como se fosse uma oferenda.

— Estudando o quê?

— Receitas de coquetéis. — Ela pega o doce e franze o nariz. — O que é isso?

— Pensei que pudesse estar com fome — digo.

— Você trouxe para Lyuba?

— Claro que sim.

— Não devia ter feito isso. Agora ela vai esperar que você faça isso todo dia e, quando não fizer, vai te odiar. — Marina desembrulha a torta e começa a comer.

— Ela já me odeia.

— Lyuba é de Moscou. Elas não são criadas para ser simpáticas por lá.

Noto um curativo improvisado feito com algodão e fita crepe no lóbulo direito de Marina. O sangue embebeu completamente o algodão e o manchou de marrom.

— O que aconteceu com sua orelha? — pergunto.

— Leo — ela diz, limpando a boca na manga.

— Leo?

— É nosso *sutenyer*. Ele arrancou meu brinco.

Estranho a palavra.

— *Sutenyer?*

Ela aperta os olhos para mim.

— Marina trepa por dinheiro, Lyuba é camgirl, faz sexo na frente da webcam, e o *sutenyer* leva uma parte. Que tipo de russa é você que não sabe isso?

Ela quer dizer cafetão. Sorrio na defensiva.

— Em Armavir chamam diferente.

— De qualquer maneira, na maior parte do tempo Leo é um verdadeiro ursinho. Cuida dos clientes maus.

— Se ele é tão bonzinho assim, por que faz isso com você?

— Não vem com essa, *novichka*. Se ele não fizer, alguém pior faz. — Ela dá de ombros, resignada. — O mundo pertence aos homens. É deles. *Nós* somos deles. Árvores, pedras, céu. É tudo deles.

— Então aquilo que você me disse sobre tudo de que Marina precisa é de Marina não era verdade?

— Era um desejo. Pra algum dia.

Ela arruma a pilha de fichas sobre a cama.

Sento ao lado dela e pego o iPhone, passando pelas fotos até chegar àquela em que os braços tatuados de Gunther e Lukas estão visíveis.

— Preciso de um favor, Marina. Quero que olhe uma coisa para mim.

Ela pega o celular e examina a foto.

— É a sala VIP do Rau Klub. Dá para dizer pelo sofá laranja onde eles estão.

— E a tatuagem deles, tem algum significado?

Marina dá de ombros, indiferente.

— Criminosos. Máfia.

— Você tem certeza de que a foto foi tirada no Rau Klub?

— Claro. Trabalho lá às vezes. O sonho de Marina, o sonho absoluto de Marina, é trabalhar no bar de lá. Mil euros em uma noite boa.

— Você pode ir trabalhar lá esta noite? — pergunto. — Queria dar uma olhada.

— Quer que eu leve você, é o que está falando. Que nem sabe o que é um cafetão. — Marina me estuda cuidadosamente com os olhos apertados. — Você corre pra longe de caras da máfia como esses, ratinha. Não na direção deles.

— Só para dar uma olhada. Por favor.

Ela balança a cabeça, suspira e faz uma longa pausa, até que fala:

— Pode olhar, mas qualquer outra coisa e Marina some, entendeu?

Catorze

VOCÊ OUVE O RAU KLUB ANTES DE VÊ-LO, a vibração da música eletrônica socando o ar como disparos de canhão à distância. Para chegar lá, desce na última parada do U-Bahn, o metrô alemão, em uma área baldia de péssima aparência e caminha cerca de um quilômetro por uma rua ladeada por fábricas fechadas.

É um trajeto escuro, mas bastante movimentado por conta dos frequentadores da casa noturna, todos indo na mesma direção como se fosse algum tipo de peregrinação. Na maior parte do tempo, o que se ouve é alemão, é claro, e um pouco de russo e turco, mas nada de inglês. Ou os turistas não ouviram falar do Rau Klub ou é uma área barra-pesada demais para eles se arriscarem ali. De vez em quando uma Mercedes Benz, uma BMW ou uma limusine alugada passa devagar, o motorista tocando a buzina para abrir caminho, o pessoal apertando os olhos diante das janelas para ver quem está dentro.

Marina anda descalça, segurando os sapatos em uma das mãos.

— Fique sóbria — ela diz. — Esta é a casa do diabo. Você vai ver. — Ela contorna delicadamente uma poça de um líquido marrom de aparência horrível.

O prédio do Rau Klub parece uma morada de zumbis. É uma fábrica enorme e velha, feita de tijolos, as aberturas onde costumavam ficar as janelas pulsando em rosa e azul, rosa e azul. Abrimos caminho por um pátio cheio de mato em direção à entrada, pisando em garrafas e pedaços de pedra e tijolos.

— Cuidado com agulhas — Marina diz em voz alta.

Estou congelando no shortinho curto que ela me emprestou, com um rasgo em quase toda a parte de trás da cintura, e é difícil andar com os sapatos baratos que ela me obrigou a comprar, com horríveis saltos de plástico. Mas Marina diz que estou gostosa, e não fica nem um pouco surpresa quando o segurança nos vê em uma fila de talvez duzentas pessoas congelando e faz sinal para passarmos na frente.

As luzes atingem a multidão na pista principal, perfurando a névoa de fumaça e vapor. O ritmo de metralhadora que sai dos amplificadores parece empurrar meu peito. Já fui a casas noturnas antes, em Moscou, saindo escondido com outros filhos de diplomatas, mas foi por diversão. Agora estou aqui a trabalho, e o Rau Klub parece uma versão distópico-futurista da festa no *Titanic* depois que todos os botes salva-vidas foram embora.

Subindo uma escada de metal atrás de Marina, vejo como este lugar é enorme. Não tenho certeza do que era fabricado aqui, mas era alguma coisa grande. Tanques de metal enferrujados estão encostados em uma das paredes, e uma teia de canos serpenteia pelo teto. Há corpos em toda parte, espremidos em uma única massa que se contorce. A música fica cada vez mais alta, e em determinado momento mil apitos de polícia soam e bastões fluorescentes aparecem no ar, balançando freneticamente como se fizessem sinais para um avião de resgate que estivesse passando acima deles.

Há outro segurança no alto da escada, um sujeito obeso com uma boina, que cumprimenta Marina em russo. Ele abre caminho e faz sinal para entrarmos.

Uma versão um pouco mais quieta e menos populosa do mundo lá embaixo se estende diante de nós. Sorrisos cheios de dentes reluzem como gatos de *Alice no País das Maravilhas*, sob a luz rosa e azul, e olhos brilhantes nos seguem pelo salão. Os homens se reclinam nos bancos de couro nas paredes, servidos por mulheres em saias curtas e sorrisos fingidos. *Puxa, acho que você é o homem mais inteligente, mais bonito e mais rico do mundo!*

Ouço o som de um disparo e quase faço xixi na calça, mas, em vez de gritos, gargalhadas vêm de uma mesa nos fundos, onde um

homem de camisa com abotoaduras e gravata solta está jogando em seu harém de seis adolescentes champanhe comprada com o dinheiro do bônus da empresa.

Marina pede dois refrigerantes no bar. “Nunca beba álcool no trabalho, apenas finja que bebe”, ela me diz. Eu me lembro do discurso de Yael sobre consciência tática. Não são tão diferentes, os perigos enfrentados pela prostituta e aqueles enfrentados por um espião. Sai trinta euros. Trinta euros por dois refrigerantes. Mas pelo menos os preços fazem com que o bar não fique tão cheio, e Marina consegue achar dois bancos vazios.

— Leia a multidão. É melhor não avançar muito rápido. — Ela levanta a cabeça e sorri para alguns homens que passam. — Então escolha seu alvo. Eu pego a carteira, você o relógio. — Isso foi dito tão secamente que pensei que ela estivesse brincando.

Um garoto com uma jaqueta de couro que se parece vagamente com um ator famoso está bebendo vodca com seus amigos e cantando embriagado canções em alemão. Marina acena com a cabeça na direção dele.

— Um jogador de futebol de Munique. Dá boas gorjetas, mas seus amigos são uns babacas. É um dia de sorte quando pagam.

— Você os conhece?

— Esses especificamente? Não. Mas você aprende rápido a reconhecer o tipo.

— E aquele lá? — aponto para um cara de uns sessenta anos com cabelo grisalho que chega nos ombros. Está vestido com um jeans rasgado e uma camisa estampada clara, e faz um discurso para uma negra linda e magra de uns vinte e cinco anos que mais parece uma modelo. Ela cutuca uma azeitona em um copo de martíni como se houvesse um fio de cabelo nele.

Marina aperta os olhos e assente com a cabeça.

— Lucrativo. Gosta de dar joias. Aquele troço brilhante em volta do pescoço da africana não é vidro. — Ela se inclina para a frente, com um tom de confidencialidade na voz. — Tudo o que você tem que fazer é ouvir o cara chorar como um bebê sobre como está ficando velho, seus filhos são todos viciados em drogas e nada importa no fim das contas.

É um universo fascinante, e Marina é uma guia experiente. Passamos por mais alguns — o executivo de passagem pela cidade cantando um cara novinho bonito, os pavões de ternos e óculos escuros, os cabelos muito bem cuidados.

No alto das escadas, quatro homens aparecem, e o segurança russo se agita para soltar a corda que impede a passagem. A risada deles é alta e sai em zurros agudos. São valentões. Empurrando e esmurrando uns aos outros a cada passo, tropeçam pela pista até uma mesa com uma plaquinha que diz RESERVIERT. Todos no salão os encaram e então desviam o olhar. Calça de moletom. Camisa de seda para fora da calça. Tênis Puma.

Marina me cutuca.

— Está vendo as tatuagens?

Olho para os braços, revelados pelas mangas puxadas. As mesmas das fotos de Gunther e Lukas.

— E de que tipo são esses? — pergunto.

— *Schlägertypen* — Marina grunhe. Bandidos. — Isso significa dinheiro e dor. Primeiro um, depois o outro.

Sinto um arrepio, mas chegou a hora de trabalhar. Empurro o banco para trás e levanto.

Marina segura meu pulso com força.

— Você disse que só ia olhar. Não seja burra.

Sorrio para ela.

— Só vou ao banheiro.

Enquanto atravesso o salão, sinto seus olhos em mim. Ela é protetora, ainda que se pergunte se realmente valho a pena. Para agradar aos rapazes, rebolo um pouco enquanto caminho, mas me sinto como uma menina de cinco anos andando com os sapatos de salto da mãe e desisto depois de alguns passos. Mas é o suficiente — eles reparam. Quando passo pela mesa em direção ao banheiro no fim do salão, ouço um deles guinchar:

— *Feine Schlampe.*

Quer dizer “bela vadia/ puta/ rameira”, mas eu saberia o sentido mesmo se não compreendesse alemão. O tom dele é claro o bastante. Continuo andando e os ignoro — deixando isso bem claro —, então desapareço no banheiro.

Na fileira de pias, duas loiras estão cheirando cocaína. Duas outras garotas estão na frente dos espelhos, discutindo enquanto ajustam a saia e os seios e se olham cheias de ódio. Em um banquinho, encostada à parede, está uma senhora idosa, redonda e inchada, entregando toalhas. Olha fixamente para a frente, sem ver nada de verdade.

O medo e a adrenalina aumentam dentro de mim, e suor começa a brotar na minha testa. A senhora me entrega uma toalha, e eu jogo uma moeda de um euro na cesta ao lado dela. Esfrego a testa e olho no espelho, exercitando alguns sorrisos para os garotos.

É hora do show. Endireito o corpo e saio marchando em direção a Marina. Um dos *Schlägertypen* se levanta para me seguir. Ela revira os olhos quando o vê e coloca a bolsa no colo.

Eu me sento outra vez, e o garoto coloca um braço em volta do meu pescoço e outro no pescoço dela.

— *Was geht ab?* — ele pergunta. “E aí?”

— *Verpiss dich*. — Sorrio com desdém, com o sotaque russo mais forte que consigo. “Sai daqui.”

Ele é bonitão, com uns vinte anos, cabelo escuro desgrenhado e cavanhaque. O sedutor do grupo, imagino, enviado como batedor. Ele vira para Marina.

— Sua amiga me mandou embora. Não acha que é um pouco grosseiro?

Marina sai de baixo do braço dele.

— Estou indo embora — ela diz em russo com a sobrancelha arqueada, o que significa “se você for esperta, vem comigo”.

Morro de medo de ficar sozinha, mas tudo o que posso fazer é sorrir para ela e ficar olhando enquanto se afasta. O rapaz se joga no banco em que ela estava, deslizando a mão em meu braço até encontrar a minha.

— E aí? Qual é seu nome?

— Sofia — respondo.

— Sou Christian.

Os amigos de Christian são mais ou menos como achei que seriam: babacas e perigosos. Cada rodada de cerveja e shots de vodca — três de cada, só na primeira hora — os leva a níveis cada vez mais altos de babaquice, como se estivessem competindo. Conversas idiotas sobre futebol e carros se alternam com disputas improvisadas de queda de braço. Mas, entre uma coisa e outra, consigo entender pedaços de conversa. Eles estão de luto, por assim dizer, por alguém que conheciam. Um funeral. Não, dois. A palma das minhas mãos começa a transpirar.

— E você, garota? — Christian começa com a conversa fiada, querendo saber qual é minha estação favorita, minha cor favorita, meu refrigerante favorito, meu animal de estimação favorito de quando era pequena. Respondo da melhor maneira possível, preenchendo os brancos da vida de Sofia do jeito que Yael me ensinou. Outono, azul, fanta, um coelho chamado Alyosha. — Temos tanta coisa em comum — ele diz.

Mas na maior parte do tempo eles me tratam como mobília. Algo que só está lá. Aguento a mão na perna e a pergunta safada ocasional, “Me diz uma coisa, Sofia, todas as garotas russas que estão na Alemanha são putas?”. Fora isso, sou apenas outra garota do lugar, que não vai entender a maior parte das coisas que eles estão dizendo, até porque é russa.

Então começa uma música nova, nada que eu tenha ouvido antes, mas se ouve uma aclamação coletiva. Os rapazes se agitam e levantam. Brindam, pedem mais shots. É a música deles. A favorita de Gunther. Lukas a odiava.

Um arrepio rola dos meus ombros até a ponta dos dedos. Minha teoria estava certa. Siga o caminho até o bebedouro e lá você vai encontrar o resto do rebanho. Eu me acalmo, me forço a parecer casual.

— Quem são Gunther e Lukas? — pergunto.

Christian respira profundamente e coloca a mão na minha coxa.

— Nossos amigos — responde.

— É?

— Morreram semana passada. Acidente de moto.

— Que triste — digo. — Aqui? Em Berlim?

— Em Paris.

Fecho os olhos e sinto o sangue pulsando em minhas veias. Pego o refrigerante e bebo tudo. Pego a água de um deles ali e bebo também. O que faço agora, Yael?

— O que foi? — Christian pergunta.

— Nada — digo. — Vamos dançar.

Descemos as escadas até a pista lá embaixo, e eu rezo para que ele não veja meus joelhos e minhas mãos tremendo enquanto me apoio no corrimão. Cada fibra do meu corpo quer que eu corra para a saída, o resquício do instinto do cérebro de lagarto me dizendo que há perigo, fogo e predadores aqui. Mas Christian é meu acesso. Meu acesso aos assassinos de Hamid. Meu acesso aos captores do meu pai. Você vai ter que ser dura, Gwendolyn.

Na pista, há gente demais. Se mover pelo salão é como atravessar gelatina. Cada passo, cada respiração, é uma batalha para não sufocar. Mas o levo pela mão até lá. Vamos dançar juntos, Christian e eu. Apenas o suficiente para conseguir levar o cara para algum lugar mais reservado. E então torturá-lo ou trepar com ele para conseguir o que quero. De qualquer jeito, o resultado será o mesmo.

— Desculpa — Christian diz. — Odeio dançar. Sou péssimo. E tenho que voltar para os meus amigos. Por causa do funeral, sabe?

Por dentro, fervo de raiva. Mas Sofia sorri.

— Qual é seu número? Mando uma mensagem para você. Podemos nos encontrar outro dia.

Ele solta uma risada nervosa de colegial e então me passa o número. Eu mando uma mensagem com apenas uma palavra: *Sofia*.

Ele olha o celular.

— Chegou.

Volto para o apartamento de Marina no U-Bahn, repassando a cena e planejando meu próximo passo. Na janela do trem, vejo meu rosto de relance, as paredes do túnel passando por trás do reflexo. As luzes fluorescentes instáveis no vagão dão à minha pele uma cor

pálida terrível, e há sombras profundas em meu rosto. Meus olhos recuaram em cavernas fundas, e os músculos de meu maxilar aumentam quando meus dentes se fecham com força.

Há algo curioso acontecendo em meu estômago e na minha cabeça: o terror com que vivi desde o momento em que descobri que meu pai foi levado está — o quê? Se transformando? A palavra parece inadequada. Estou pensando no que acontece com o cara no conto de Kafka quando ele se transforma numa barata. Metamorfoseando? Procuro no celular.

> Metamorfosear. Verbo. mudar(-se), alterando a natureza, a forma, o caráter etc.; transformar(-se).

É isso. O terror está se metamorfoseando naquela coisa dentro de mim que descobri em Nova York, a coisa que Yael treinou e refinou. A coisa é o lado ruim, o contraponto, a resposta gritada à pergunta do terror. Ele pergunta: O que vai ser de mim? A coisa responde: Isto.

A raiva nubla meu pensamento, e uma vez que raiva é o oxigênio que a coisa dentro de mim respira, ela está meio ansiosa esta noite. “Leve Christian para algum lugar isolado a todo custo,” ela me diz. “Amarre o cara a uma cama e use alicate e isqueiro nele até que revele tudo”. Mas eu sei que essa não é a maneira de conseguir informações. Aprendi com meu pai enquanto assistíamos juntos às notícias sobre tortura de terroristas. “Um homem confessa qualquer coisa quando você o tortura. Que ele é um terrorista. Que é o demônio. Que sabe quais números vão ser sorteados na loteria amanhã”, ele me disse.

Bom, a outra coisa então. Por que não? Trepar com ele em vez de torturá-lo — violência seria melhor, e me causaria menos repulsa. Mas veremos. *Qualquer* coisa que for preciso. *Qualquer* coisa para vencer.

Perco a parada do trem e tenho que caminhar desde a parada seguinte. Minha mente continua em Christian e seus amigos. Como esse grupo de idiotas que eu conheci hoje pode ter raptado meu pai? O que faz com que aquele bando de imbecis que entornam

cerveja como se fosse água e ficam tentando esmurrar as bolas uns dos outros a sequer olhar na direção dele? Tinha imaginado a força do mal que roubou meu pai de mim como poderosa, grande, brilhante e monolítica, um porta-aviões mestre em xadrez. Mas aqui está uma força maligna, poderosa porque é pequena, desmiolada e formada por muitos.

E é isto que os torna ainda mais assustadores. Como posso vencer? Derrotando todos num concurso de soletrar? Enquanto caminho, reparo nas pessoas nas ruas, vagabundos, bêbados e caras cujos olhos brilham sob os postes de iluminação como lâminas. Mas eles só me observam com cuidado enquanto passo, como se *eu* fosse o perigo, como se eu fosse a pessoa que vai levá-los para algum beco e cortá-los de cima a baixo.

Marina e Lyuba estão dormindo quando chego. Fecho a porta do banheiro suavemente atrás de mim, para que não acordem, e coloco a cabeça na privada. Tenho ânsia de vômito algumas vezes, até as lágrimas descerem pelo meu rosto. Mas meu estômago está quase vazio e nada sai a não ser um filete de saliva. Com a bucha que está pendurada na torneira da banheira, esfrego as mãos e os antebraços, tentando desesperadamente me limpar de uma sujeira que não consigo ver e cujo cheiro não sinto.

Há um bilhete no sofá rabiscado em cirílico. Diz: *Me acorda quando voltar*. Entro devagar no quarto de Marina, sento na beirada da cama e toco seu braço. Ela vira a cabeça e pisca para mim.

— Você me assustou — ela diz. — Fiquei preocupada.

— Desculpe — digo.

Ela faz menção de dizer alguma coisa, mas só aperta minha mão.

Quinze

REVIRO A COZINHA PARA FAZER UM BANQUETE de café da manhã improvisado para todas nós. Encontro chá preto, mel, iogurte, uma caixa de ovos e metade de um pão de centeio sem gosto, em cuja embalagem está escrito *überlegene Darmgesundheit*, uma indicação de que este é um alimento essencial para a saúde do intestino. Eu faço o que posso com os ingredientes e sirvo para minhas duas colegas de apartamento.

Lyuba olha para mim com os olhos apertados através da fumaça de cigarro e come apenas o pão de centeio.

— O chá está muito fraco — ela diz, levantando para sair. Ela vai embora alguns minutos depois, dizendo que precisa dar aula de piano para algum "veadinho rico" em um grande apartamento em Charlottenburg.

Marina pega o prato de Lyuba e come o que sobrou.

— Estou surpresa por você ter voltado para casa — diz Marina, enquanto começo a limpar tudo.

— Eu não estava procurando alguém para ficar.

— O que quero dizer é que estou surpresa por você ainda estar respirando, *novichka*. — Marina leva a louça até a pia e pega um pano de prato. — Você disse que estava procurando alguém. É um deles, um daqueles gângsteres? É algum tipo de vingança?

Esfrego uma frigideira com a esponja, depois raspo o ovo queimado com as unhas.

— Não.

Marina deixa os pratos caírem sobre uma prateleira ruidosamente. Tenho um sobressalto.

— Eu falei pra não trazer suas merdas pra casa de Marina. Lyuba acha que você nem é russa. Sabia disso? Diz que você é uma falsificação.

— Armavir fica muito longe de Moscou.

— Foi isso que eu disse. Ela é paranoica. Leva Putin a sério, acha que tem espiões em toda parte. Mas, Sofia, depois desse rolo com a máfia de ontem… Se você quiser ficar aqui mais uma noite sequer, precisa me contar que jogo é esse em que está metida.

Fecho a torneira e viro para ela.

— Estou procurando meu pai — digo. — Ele fugiu e acho que está com eles. Aqueles caras do clube. — Ela não ficaria satisfeita com menos que isso.

Marina revira os olhos.

— Então aí está. O grande mistério de Sofia não passa de uma bobagem sentimental. — Ela deixa o pano de prato sobre a pia. — Seu pai fugiu por algum motivo. Melhor deixar que fique com seus novos amigos. Você dois vão ser mais felizes desse jeito.

Estou a ponto de responder, de dizer que não é bem assim, mas ela já saiu da cozinha. Um momento mais tarde, ouço a porta do quarto fechar.

Meu telefone zumbe no bolso. É uma mensagem de Christian: *was geht ab baby*. Ele quer saber o que está rolando. Sento na borda da mesa da cozinha, olhando fixamente para a tela, os polegares pairando sobre o teclado. O que quero escrever em resposta é: *O que eu quero é fazer você sangrar.* Mas só digito *Nicht viel. Du?*, ou seja, “Nada de especial. Você?”.

Ele responde imediatamente em um alemão abreviado e cheio de gírias que levo uma eternidade para decifrar. Então descubro que vai haver uma festa hoje à noite em uma área chamada Neukölln, e eu sou a convidada especial dele.

Encontro Christian do lado de fora da parada Hermannstrasse. Já está escuro aqui fora, mas na esquina o toldo de uma barraca de

comida está iluminado por lâmpadas fluorescentes. Ele está encostado na parede comendo salsichas cobertas com um molho parecido com ketchup, pegando-as com um palito e colocando-as na boca. Usa uma jaqueta de couro vermelho bem chamativa, e seus tênis novos estão imaculadamente brancos.

— Você gosta de currywurst? — ele pergunta enquanto mastiga, segurando a cestinha de papel. — Posso arranjar um palito pra você. Ou você pode usar o meu.

Balanço a cabeça e tento forçar um sorriso. Sou Sofia esta noite, digo a mim mesma, bonita e tímida, quieta e misteriosa.

Ele me olha de cima a baixo.

— Não veio de vestido?

Estou usando jeans, minhas Doc Martens e a jaqueta de couro que Yael me comprou por cima de uma camiseta preta.

— Pensei que fosse algo casual.

— Não, é claro! Quero dizer, você está ótima! De verdade. Deve estar sempre ótima, aliás. — Ele diz isso de maneira sincera, com uma timidez adolescente colorindo o rosto. Apesar do ketchup no queixo, é um cara bonito, como se fizesse parte de alguma *boy band* que eu teria ouvido quando tinha doze anos. Não o cantor principal, mas o quietão, objeto de um milhão de paixões secretas.

Ele joga o resto da comida em uma lata de lixo e limpa a boca com um guardanapo.

— Você já veio alguma vez a Neukölln? — pergunta. — Costumava ser do cacete. Agora é cheio de viadice. Com um monte de artistas e tal.

Ele anda ao meu lado por uma rua com prédios residenciais bastante desgastados de um lado e mato alto do outro, que cobre uma cerca de tela metálica e trilhos de trem logo em seguida. Não consigo dizer se é um bairro ruim ou se só é mal iluminado.

— De quem é a festa? — pergunto.

Ele dá uma risada nervosa.

— É no apartamento do meu chefe, mas não se preocupe. Eu falei pra ele que você era legal. É, tipo, para meus colegas que morreram. Uma espécie de “celebração da vida”, vamos dizer.

Uma festa pós-funeral. No apartamento do chefe. Um terror nervoso agita meu estômago. Aonde foi parar toda aquela coragem de ontem à noite no trem?

— Então… é uma festa para lembrar dos seus amigos.

— Sim. Meio chique. Foi por isso que pensei… que talvez você viesse de vestido. Mas tudo bem.

— Me fala sobre seu chefe. É um cara legal?

— Paulus? Muito. E o apartamento dele… você vai ver. — Christian solta o ar com força e balança a cabeça. — Duas unidades, uma em cima da outra, com uma escada fazendo a ligação. Bar de mogno. Jacuzzi no telhado. Uma TV do cacete, tipo, sei lá, com dois metros de largura.

— Legal.

— Quem sabe eu consiga ter um lugar assim daqui uns anos. — Ele bate as mãos, cheio de entusiasmo. — Talvez até lá já exista televisões de três metros de largura.

— E o que você faz, Christian? — pergunto da maneira mais casual que consigo. — Você não me contou ontem à noite.

De repente, a voz dele fica mais grave, e ele brinca de ser adulto.

— Sou atacadista. Compramos e vendemos produtos. Computadores. Uísque. Peças de carro. Um monte de coisas. De oeste a leste, de norte a sul. Por toda a Europa.

— E eu aqui pensando que você fazia algo, sei lá, *perigoso*. — Olho para ele de soslaio e sorrio. — Gosto de coisas perigosas.

— Ah, mas pode ser! — ele diz, ansioso para não me decepcionar. — Às vezes a papelada dos impostos não está de acordo. Pode faltar um carimbo da alfândega.

— Parece assustador. Todos aqueles formulários. Você pode se cortar com o papel.

— Tem mais do que isso. Essas pessoas. Meu grupo. Ninguém zoa com a gente, não — ele diz parecendo constrangido.

— É mesmo? — digo, me certificando de que ele ouça o tom de dúvida em minha voz.

Mas ele recua e seu tom de voz se torna defensivo.

— Esta jaqueta me custou quinhentos euros, sabe? É a porra de uma edição limitada. Acredite em mim, Sofia, você não consegue o

que quer neste mundo sendo uma putinha barata e submissa.

— *Genau* — digo. “Beleza.”

A festa é em um prédio coberto por grafites bem no fim da rua. Música eletrônica pesada, janelas vibrando, homens rindo e gritando. Christian me leva pela mão, subindo as escadas do prédio, entre casais se beijando e fumando maconha. Os caras parecem ser versões ligeiramente mais velhas dele, e as garotas com vestidos curtos parecem versões mais bem-vestidas de mim. Ele entra na festa soltando um grito triunfal e recebe outros gritos como resposta. Há um monte de gente em volta da enorme TV sobre a qual Christian falou, se entretendo com algum jogo de tiro em um mundo destruído.

Nós nos espremeMos para chegar até a cozinha, na parte de trás do apartamento, e Christian me entrega uma garrafa de cerveja e um copo com uma dose. Não consigo dar um jeito de não tomar, então que se dane a consciência tática. Brindamos e eu viro a dose. A bebida é doce e espessa, e deixa meus lábios pegajosos como cola.

Christian pega minha mão, me faz girar e gruda o corpo nas minhas costas. Seus lábios, também pegajosos, começam a explorar meu pescoço. Tento me safar, mas ele só me aperta ainda mais.

— Ei! — eu digo, dando um tapa na sua cabeça. — *Nicht doch!*

Um de seus amigos da noite passada se aproxima com um enorme sorriso forçado e dá um murro forte no ombro de Christian.

— Cadê a sua educação, caralho? Ela disse pra sair fora! — Christian morre de rir diante do que, evidentemente, é uma brincadeira. Os dois começam a brincar de luta, ou talvez estejam lutando de verdade, e eu consigo me soltar. Deslizo pela multidão que se empurra o tempo todo, com seu barulho ensurdecedor, e procuro algum lugar com menos gente. Encontro um canto onde duas mulheres usando vestidos curtos estão fumando e conversando em russo.

Uma mulher pálida de uns vinte anos com cabelo loiro quase branco faz um gesto para mim com a mão que segura o cigarro.

— *Russkiy?*

Confirmo com a cabeça.

— Deus, mais uma de nós — ela diz. — A qual deles você pertence?

— Ele — digo, apontando para Christian. — Jaqueta vermelha.

— Ah, Christian é só um bebê — diz a outra mulher, esta talvez com quase trinta e o cabelo preto bem arrumado. Está balançando para a frente e para trás, já bêbada, e se apresenta como Veronika. — Estou com Paulus. Pode ficar com ele se quiser.

A mulher ri, e eu tento rir também.

— Qual deles é Paulus? — pergunto.

Veronika aponta para um homem em pé ali perto. Quase quarenta anos, cabeça completamente raspada, a camiseta justa sobre o corpo musculoso e muito definido. Está tomando shots com Christian e dois outros rapazes. Ele serve uma rodada. Depois outra.

— Eles ficam insaciáveis por causa da cocaína e da bebida — Veronika diz, as palavras saindo enroladas de sua boca. — O truque é se esconder lá embaixo até a cocaína acabar e eles desmaiarem jogando videogame.

Há um grupo de homens reunidos a uma janela aberta do outro lado da sala. Um sujeito bem musculoso, usando uma regata, urra enquanto ergue um barril de cerveja acima da cabeça. Gritos de incentivo. Cantoria. Então o barril de cerveja desaparece pela janela. Ouço o som de algo se espatifando e o lamento do alarme de um carro. Guinchos agudos e risadas.

A loira esmaga o cigarro no chão e me pega pelo braço.

— Hora de desaparecer.

Nós nos esgueiramos discretamente pela festa em direção a uma escada em espiral no centro da sala. Veronika olha para algumas outras mulheres e acena com a cabeça para que a acompanhem.

A loira vai à frente, enquanto sigo com Veronika, que está se segurando com firmeza no corrimão, os saltos batendo desconfortavelmente nos degraus.

— Os rapazes sabem as regras — ela diz. — Esta área é só para o chefe e para mim. Particular. Acesso restrito.

O nível mais baixo é muito mais tranquilo. Sofás de couro branco, uma mesa de vidro, uma pintura abstrata horrorosa em uma moldura com arabescos dourados na parede. Três outras mulheres se juntam à mulher de Paulus, à loira e a mim nos sofás. Alguém aparece com uma garrafa de vodca. Outra pessoa arranja um espelho pequeno e um tubo plástico cheio de pó branco.

Além de mim e das duas russas, há duas alemãs e uma austríaca. Conversas que as mulheres começaram no andar de cima continuam aqui, e eu pego alguns trechos. Problemas sexuais. Onde fazer compras. Clínicas que não denunciam olhos roxos.

Veronika se senta ao meu lado e praticamente drena um copo de vodca. Enquanto se serve de novo, fala baixinho comigo em russo.

— Christian está tratando você bem? Comecei a beber ao meio-dia, então não ligo de ser intrometida.

— Ah, está — eu digo. — Ele é um amor.

— Bom, ele é jovem. Olhe ao redor. Veja os desgraçados que eles se tornam — ela diz, tomando outro gole. — Esse negócio deles. Deixa todo mundo ruim. Depois do que aconteceu em Paris, estão se comportando como loucos.

Paris. Quão bêbada ela está e quanto eu ousaria pressioná-la?

— Christian me contou — digo. — Gunther e Lukas. Tão triste.

— *Triste?* Por favor. Eles eram imbecis e bandidos, como todos os outros monstros que estão lá em cima. — Ela coloca uma das mãos sobre meu ombro e a outra sobre minha perna. Garotas unidas. — De qualquer forma, estou cansada de falar sobre isso. Mas Paulus não pode me responsabilizar por aquela puta cagada. Não pode, não. Eu deveria dar um pé na bunda daquele marginal.

Sorrio e dou um tapinha em seu braço, como se estivesse conspirando com ela.

— É como minha tia costumava me dizer: uma mulher precisa de um homem tanto quanto de uma echarpe Hermès. É ótimo ter uma, mas, se você a perder, quem se importa?

— *Verdade!* E eles nunca escutam, sabe. É como se tivessem nascido sem orelhas. Eu disse a Paulus que ele sempre se arrepende dos serviços que pega daquele bosta do Boris, ou Bandar, ou qualquer coisa começando com *B*. Sempre. Muito trabalho pra pouco dinheiro. Porra de Paris. — Veronika desliza o espelho e a cocaína para sua frente e ajeita duas linhas finas com a borda do cartão de convênio médico de alguém. — Você quer? Emagrece.

— Não — digo. — Obrigada.

— Você sabe que não vai ter esse corpinho pra sempre, né? — Veronika se curva e cheira a primeira carreira, depois a segunda. Quando levanta de novo, suas narinas estão vermelhas e ela tem um imenso sorriso no rosto. Ela segura minha mão e a coloca em seu peito. — Sente meu coração. Sente. Rápido como um cavalo de corrida.

E está mesmo.

— Tudo bem? — pergunto. — Talvez você devesse pegar mais leve.

Veronika olha fixamente para mim com o que parece ser raiva. Até que solta uma enorme gargalhada.

— Ah, garotinha. Faça um favor para si mesma e fuja daqui. Fuja antes que se transforme em mim.

Ouço passos pesados na escadaria. Levanto os olhos e vejo Paulus descendo. Ele para no meio do caminho e olha direto para Veronika.

— Por que vocês todas estão aqui embaixo? Pra cima! Já! Vão!

Todas as mulheres se levantam, e Veronika faz uma mesura para Paulus.

— Como quiser, *Liebling*.

Eu as sigo até a metade da escada, então paro. A festa está bombando, bem mais barulhenta do que antes. Eles nem vão sentir a minha falta.

Desço de novo para o andar de baixo da casa de Paulus e olho ao redor. É apenas o apartamento brega de um bandido —

Schlägertypen. Muito couro, muito vidro, muito dinheiro, um monte de merda horrorosa. Quanto tempo tenho antes que alguém venha me procurar? Dez minutos? Dois?

Passo pela cozinha e sigo por um corredor. Encontro o quarto de dormir, uma cômoda enorme, um armário gigante. Depois o banheiro, com mármore em toda parte. E uma porta trancada. Paro e escuto a festa de novo. O bater de uns cem pés, risadas exageradas, um grito, alguma coisa pesada caindo no chão.

Onde Paulus guardaria a chave? No bolso, naturalmente, mas talvez eu deva ir para a sala de estar. Com o máximo de silêncio, abro o armário, vasculhando casacos e paletós, mas não encontro nada. Merda. Talvez ele tenha trocado de roupa antes da festa. Talvez a chave esteja na calça jogada no chão do quarto.

Mas o chão do quarto está impecável, e o tampo da cômoda também. No armário e nas gavetas dos criados-mudos não há nada além de um romance em russo, moedas e alguns recibos. O medo percorre meu corpo como um narcótico, mas me dou mais um momento. Em desespero, revisto o cesto de roupas: camisetas, meias, roupas de baixo, dele e de Veronika. Nojento pra cacete. Procuro em uma sacola de compras de uma loja de departamento: só tem uma camisola de seda, ainda com etiqueta. Procuro embaixo da cama: só uma caixa de papelão de um serviço de entregas.

Eu a puxo e vejo que está aberta. Não há nenhuma etiqueta de despacho ou formulário de alfândega. Somente uma linda caixa de madeira envolta em espuma. Parece um umidificador de charutos, mas, quando levanto a tampa, vejo que é algo completamente diferente.

Uma pistola banhada a ouro está encaixada em um estojo forrado de veludo. É superbrega e exatamente o tipo de coisa que eu esperaria que alguém como Paulus guardasse. Uma placa de bronze na tampa diz:

ùeská Zbrojovka Uherský Brod
Feito na República Tcheca
Edição Limitada 64/100

Mas o cartão que está em cima não é brega. É feito de papel grosso com bordas ásperas e parece linho. No interior, com tinta azul, está escrito em inglês: *Como sempre, é um prazer fazer negócios com você. Seu amigo e admirador, BK.* Por um momento, paro nas iniciais. O que Veronika tinha dito? *Aquele bosta do Boris, ou Bandar, ou qualquer coisa começando com B.*

Acabou o tempo, digo a mim mesma. Hora de sair daqui, voltar para a festa. Arrumo o pacote exatamente como estava, deslizo-o sob a cama e volto pelo corredor para a sala de estar. Melhor esquecer a chave da porta trancada; é arriscado demais estar na área que Veronika disse que era particular.

Quando estou entrando na sala de estar, congelo. Christian está em pé no começo da escada. Ele olha fixamente para mim, os olhos estreitados pela raiva.

— Que porra você tá fazendo?

Engole o terror, digo a mim mesma. Seja Sofia. Eu me aproximo dele, coloco as mãos em seu peito e dou o sorriso mais sexy que consigo.

— Esperando por você — digo.

Ele arranca minhas mãos do peito, segurando os pulsos com força.

— Não pode ficar aqui embaixo. Você sabe disso.

Joelhada no saco, polegares nos olhos. Cegue o cara. Corra. Mas não faço nada disso.

— Christian, me solta, você está me machucando — digo. — Queria que você viesse atrás de mim, pra ficarmos um pouco sozinhos.

O rosto dele relaxa um pouco, e eu vejo incerteza. Ele afrouxa as mãos.

Mais passos nas escadas, apressados desta vez. Passo os braços em volta de Christian e o puxo para mim. Sua boca encontra a minha, e eu deslizo a língua entre os dentes dele. Sinto seu corpo tenso pelo choque.

Então ele é arrancado de mim com uma puxada violenta. Os olhos de Paulus se movem de mim para Christian e de Christian para mim.

— Sua putinha — ele diz. — Ladra de rua. — Então ele vira para Christian. — E você. Ou está roubando também ou é idiota demais para perceber que ela estava.

Christian tenta balbuciar alguma coisa, mas não consegue. Paulus me agarra pela jaqueta e me empurra com força contra a parede.

— Qual é seu negócio? É só uma ladra ou estava plantando escutas? Está trabalhando pra polícia?

— Paulus! — grita Christian.

— Cala a boca.

— Paulus! — Christian grita de novo, dando um passo para a frente. O adolescente desajeitado se forçando a ser corajoso. — Fui eu. Foi minha culpa. Eu a convidei para vir aqui para baixo. Queria… queria ficar sozinho com ela.

— Porra nenhuma — Paulus diz. — Veronika me disse que ela não subiu com as outras.

Christian respira fundo e esfrega a boca com a mão.

— Com todo o respeito, Paulus, Veronika está bêbada e chapada. Sem querer ofender. Você mesmo viu isso. — Ele aponta para mim. — Ela disse que ia dormir comigo hoje à noite. Mas não consegui esperar. Falei que a gente podia vir aqui escondido.

Meus olhos estão fixos na lateral da cabeça de Paulus enquanto ele olha fixamente para Christian. Então suas mãos relaxam e ele solta minha jaqueta.

— Crianças do caralho — Paulus diz, fervendo de raiva.

— Desculpa — Christian diz.

Paulus me segura pela nuca e me empurra na direção da escada. Agarro o corrimão e consigo não cair.

— Você — ele diz, apontando um dedo trêmulo para minha garganta. — Fora da minha casa.

Então ele se vira para Christian.

— E você fica, caralho.

Dezesseis

COM MEU CELULAR CARREGANDO em uma tomada na parede e o fio estendido ao máximo, deito no sofá de Marina, olhando para a tela e para as três mensagens não respondidas que mandei para Christian:

Bist du ok?
Bist du ok?
??????????

Digitei a primeira no trem de volta, a segunda uma hora depois e a terceira mais uma hora depois, o tempo todo me perguntando de que maneiras Paulus poderia estar torturando Christian. O fato é que preciso dele. Era meu único acesso. Então estraguei tudo para nós dois. Sem ele, não tenho como chegar aos homens que levaram meu pai.

Enquanto a coisa dentro de mim se preocupa e range os dentes diante da perda estratégica, meu coração, meu coração humano, sente uma pontada de dor pelo garoto. Ele é um marginal, um bêbado desajeitado e ganancioso, mas no final foi corajoso. Me apoiou. Isso vale alguma coisa, certo?

Depois de muito tempo, consigo dormir de maneira entrecortada, acordando toda hora com as vibrações fantasmas do celular em cima do meu peito. Levanto logo depois do alvorecer, ando de um lado para o outro pela sala de estar e mando para Christian outra mensagem triste e desesperada. *Bist du ok?*

Escovo os dentes e tomo banho com o celular no volume máximo em cima da pia. Mas não chega nenhuma resposta. Enquanto penteio o cabelo e me visto, escuto Lyuba e Marina na cozinha. Quando abro a porta, entretanto, vejo uma terceira pessoa em pé entre elas. Tem uma barba ruiva malfeita e uma barriga redonda no formato de um feijão. Lyuba aponta para mim, e ele endireita as lapelas de sua jaqueta de brim, batendo com a ponta da bota no chão.

Por um tempo, olhamos um para o outro em silêncio. Então ele vira para Marina e lhe dá um tapa forte no rosto. Ela solta um grito agudo, mas não faz drama. Parece estar acostumada com aquilo. Observo enquanto ela se encolhe, curvando-se perto da porta da cozinha, sem a confiança de sempre.

O homem avança na minha direção, e eu recuo para a sala de estar, mantendo alguns metros entre nós. Melhor estar aqui, em um lugar mais espaçoso, caso esteja certa quanto ao que vai acontecer em seguida.

— Sou Leo — ele diz em russo. — E você se chama Sofia, é isso?

— Sim.

Leo assente com a cabeça e chega mais perto. Dessa vez não recuo.

— A taxa de proteção é trezentos por semana. O que é bem justo, certo, Marina?

Ela levanta a cabeça, com o rosto vermelho devido ao tapa.

— Sim, Leo.

— Como é que é? — ele pergunta.

— Sim, Leo — repete Marina. — Muito justo.

Os olhos dele se estreitam.

— Mas para você, estou pensando em mil, por causa das taxas atrasadas e multas. Que tal?

Meus músculos enrijecem. Estou preparada e em posição. Qualquer medo que exista em mim se dissolve nos fundos da minha mente, escondido pelo desejo de punir aquele homem, pela consciência de que sou capaz de fazer isso.

— Vou pegar minhas coisas e sair por aquela porta. — Minha voz soa convicta, até mesmo petulante, como nunca tinha soado na

vida. Gosto disso. — Quanto ao meu dinheiro, ele é meu. Me pertence. Isso significa que não vou dar nada a você.

Dou um passo para o lado, pego minha mochila e enfio dentro dela meu celular, o carregador e as poucas coisas que possuo e estavam espalhadas por ali. Leo fica olhando para mim com uma expressão de curiosidade. Mostrei algo novo a ele.

Ao me dirigir para a porta, encaro Leo e viro quando ele vira, sem nunca dar as costas. Então ele avança, numa tentativa descuidada de agarrar meu braço esquerdo.

A memória muscular que Yael enfiou em mim à força é ativada. Seguro a mão dele e a torço, afastando-a de mim. O braço de Leo agora é uma alavanca que dirige seu corpo para onde quero. Dou uma joelhada entre as suas pernas com a força de um bastão de beisebol. Quando ele se dobra sobre o próprio corpo, agarro as laterais de sua cabeça, enfiando as unhas em seu couro cabeludo e o segurando com firmeza.

Mais duas joelhadas, dessa vez no rosto de Leo, e na segunda ouço alguma coisa rachar. Eu o solto, e ele dá alguns passos para trás, então cai de joelhos. Leo levanta a cabeça e me encara. Os olhos dele estão brilhantes, cheios de humildade. É o que acontece quando você tenta pegar o que não é seu, Leo.

Marina está certa sobre ele ser um ursinho. Demorei uns quatro segundos para derrubá-lo. Giro sobre meu pé direito e formo um arco com a perna esquerda. Meu pé acerta a cabeça dele na têmpora e joga o pescoço dele para o lado com um estalo. Leo desaba, caindo com tudo sobre o chão.

Ele está inconsciente, ou o suficiente para não protestar quando tiro uma pequena pistola do bolso de sua jaqueta com um maço de euros. O maço é composto por maços menores, presos por clipes, sem dúvida um de cada garota da ronda matutina. Leo olha fixamente para mim, sem reação. Talvez compreendendo o que aconteceu, talvez não. Seu nariz está duas vezes maior que o normal e da cor de uma berinjela.

Uma alegria imensa cobre meu corpo, como a água de uma ducha, e eu sinto meus lábios tremularem em um sorriso irreverente. Atrás de mim, ouço Lyuba guinchando e Marina chamando Leo.

Olho para a arma que está na minha mão. É pequena, mas pesada para o tamanho. Há um mecanismo na lateral que pode ser acionado com o polegar. Um ponto alaranjado encaixado no metal aparece quando faço isso. A trava de segurança?

Leo se agita no chão, tateando os bolsos com os dedos grossos à procura da arma. Eu a aponto para ele e puxo o cão com o polegar até travar. É o que eles fazem nos filmes para conseguir a atenção do outro cara, e funciona. Leo estende as mãos na frente do corpo como sinal de redenção, os dedos abertos, tremendo. Uma voz dentro de mim diz para sair agora, para deixar como está. Mas Yael me disse que uma boa guerreira sempre termina o que começa.

Lyuba e Marina avançam sobre ele. Espero que batam nele e peguem o que tirou delas. Lyuba coloca a cabeça dele em seu colo e o acolhe, lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela molha os dedos com saliva para limpar o sangue do rosto dele.

Marina vira para mim, vermelha de raiva.

— Sua vadia idiota! Nenhuma porra de jihad, eu disse! — Ela se aproxima, sem medo de mim, sem medo da arma, e arranca o maço de dinheiro da minha mão. — Trabalhei quatro anos pra ficar bom do jeito que está.

— Ele não vai ser o meu dono, Marina — digo. — E não é o seu. Esta é sua chance. Chega de Leo.

— Sempre vai ter outro Leo! Mais uns dez amanhã! Posso ir para qualquer outro lugar, Paris, Chicago, a casa do cacete, e quem vai estar lá? Leo! — Ela coloca as mãos na cabeça, afunda os dedos no cabelo e solta um suspiro de agonia. — Você é tão burra assim? Vai ficar por aqui e derrubar os outros Leos pra gente também?

Pisco para ela, a boca aberta em choque.

— Sinto muito. Pensei… que estava ajudando vocês.

— Vai embora. É o melhor que tem a fazer. E sabe o que acontece com Marina depois que você vai embora, Sofia? Pensa nisso. — Marina sacode meus ombros com força, e eu cambaleio para trás. — Quer ser uma heroína? Vaza desse mundo que você não entende. Salva sua pele. E me deixa cuidar da minha.

Ela se abaixa, pega minha mochila e a joga para mim. Eu a pego, mas continuo em pé no mesmo lugar.

— Agora vai lutar sua guerra na casa de outra pessoa. — Marina diz apontando para a porta.

Triff mich, diz a mensagem de Christian. “Vem me encontrar.” O texto é seguido pelo endereço de um restaurante turco em um bairro chamado Pankow. Concordo, acertando nosso encontro para dali a três horas.

A luz do sol brilha sobre todas as superfícies, machucando meus olhos. É o primeiro dia quente de que meu corpo consegue se lembrar. Dentro do trem rumando para a área central de Berlim, recosto no banco e sinto o sol filtrado pela janela suja sobre meu rosto evaporando as lágrimas. Meu plano agora é arrumar uma calça nova que não tenha o sangue de Leo no joelho. Em seguida, encontrar um hotel barato aonde possa levar Christian. Nada luxuoso. Não pode ser um lugar onde verificam passaportes de garotas russas com muita atenção.

Sinto tanto, Marina. Sinto tanto, tanto. A imagem de Leo, inchado e ensanguentado, tinha me deixado alegre e orgulhosa. Era a coisa certa a fazer. Tenho certeza disso. E fui *eu* quem fiz. Eu, forte e poderosa, a heroína dessa história. Agora, Marina, você vai ter que cortar a garganta do seu gigolô e terminar o serviço — ou não. Mas, de uma maneira ou de outra, quem ficou para trás para limpar o sangue foi você. Sequer me dei ao trabalho de pegar um pano. Por favor, me perdoe. Por favor, pegue o dinheiro de Leo e corre o mais rápido que puder, para o mais longe possível.

A arma de Leo está no meu bolso. Cada vez que a toco, o ar para na minha garganta. Ah, as coisas que vamos fazer juntas, eu e você.

*

Tudo está em ordem. Tenho uma calça nova e limpa, paguei por um quarto e Christian está no café quando chego. Atravesso o salão em meio a turcos, sírios e norte-africanos que estão reunidos em torno de pequenas mesas de cobre bebendo chá forte que vêm em

jarros de vidro com alças com filigranas prateadas. Alguns homens nos fundos estão à toa em sofás baixos com almofadas vermelhas, partilhando um narguilé. A fumaça tem cheiro de maçã e me faz lembrar do outono.

Christian levanta quando entro e se move com dificuldade ao puxar minha cadeira. Ele tem um olho roxo e inchado, mas não está tão feio. Tenho certeza de que deve ter machucados em toda parte.

— Desculpe pela noite passada — ele diz timidamente.

— *Você* pedindo desculpas? Christian, *eu* é que tenho que pedir desculpas. Foi minha culpa.

Mas ele rejeita o que digo com um aceno.

— Nada que eu não possa aguentar. — Isso é dito com uma espécie de orgulho. Ele engole em seco e me dá um sorriso ansioso. — Eu estava preocupado que você não fosse querer me ver mais.

Coloco a mão sobre a dele.

— Você me salvou ontem à noite. Não sei o que ele teria feito se não tivesse interferido.

— Escuta, o Paulus disse que se me vir com você estou fora. Então isto aqui, nós, tem que ser escondido, está bem?

Por isso o encontro no café turco.

— Claro.

O garçom chega e Christian pede chá e baclavá para nós dois.

— Chega dessa merda de Paulus. Vamos falar sobre você — ele diz assim que o homem se afasta. — De onde você é?

Dou a ele detalhes minuciosos tirados do dossiê sobre Sofia que li em Paris. Como foi crescer na Rússia. Nunca havia comida suficiente e a violência era demais. Meu pai bebia vodca e ficou desempregado durante dois anos. Minha mãe morreu de gripe.

— Sinto falta das florestas e das garças — digo, pensando que aquilo soa como um detalhe especialmente russo. Ele concorda com a cabeça, engolindo cada pedaço que lhe dou.

— Não é tão diferente assim, a Rússia e a região da Alemanha de onde vim — ele diz.

— Ah, é? — diz a ansiosa Sofia bem no instante que o chá e a baclavá chegam.

Ele me conta sobre sua cidade natal, perto da fronteira polonesa, onde costumava ser a Alemanha Oriental. O pai o abandonou quando tinha seis anos, e a mãe também, dois anos depois. A avó, uma comunista velha e amarga, o criou para acreditar no poder fortalecedor da pobreza, com sapatos apertados demais e nada além de batatas para o jantar durante todo o inverno.

Eu me sirvo educadamente da baclavá no pratinho diante de nós. Para Christian, a vida como pequeno marginal é uma melhoria. Jaquetas de couro em edição limitada e sonhos com uma TV de três metros de largura sempre ganharão de batatas para o jantar.

Quando levanto os olhos, vejo que ele está me encarando, o olhar manso, seu rosto muito perto do meu. Hora de trabalhar. Hora de ser ousada.

— Gostei daquela Veronika — digo. — A gente conversou bastante. Ela me contou tudo sobre Gunther e Lukas.

Mas Christian não está a fim de falar sobre Gunther e Lukas. Sua cadeira range no assoalho quando ele a aproxima da minha.

— Agora você sabe, né? Sobre os negócios. Sobre meus negócios. O que acontece.

— Mas é isso que gosto em você. O mundo não dá uma oportunidade, então você vai lá e pega mesmo assim. Você é muito corajoso. — Eu me inclino para mais perto e coloco meus lábios de leve sobre os dele. É um beijo macio, muito doce, e eu me certifico de que dure uns bons cinco segundos antes de sussurrar: — Acho excitante, isso tudo que aconteceu.

— O quê? — ele sussurra.

Outro beijo, outro sussurro.

— Paris. Veronika contou… que Paulus pegou um americano.

Mas percebo no mesmo instante que fui longe demais. Christian se reclina de repente, olha ao redor, limpa a boca.

— É, aquilo foi… um trampo, só um trabalho. — Ele engole em seco nervosamente. — Alguma merda para um tcheco. Não sei… não é algo sobre o que podemos conversar, está bem?

Eu o interrompo com meus lábios. O beijo é mais longo dessa vez, e eu seguro a cabeça dele. *Alguma merda para um tcheco*. À nossa volta, as pessoas viram a cabeça e olham pasmas.

Christian me afasta gentilmente.

— Caramba, a gente não pode fazer esse tipo de coisa aqui.

Empurro minha cadeira para trás.

— Então vamos para outro lugar.

Christian anda ao meu lado pela larga avenida, sua mão segurando a minha enquanto eu o conduzo ao albergue. Viramos à esquerda em uma rua comercial com lojas de celular e restaurantes de kebab que leva a uma estação do U-Bahn a alguns quarteirões de distância.

Entrevejo nossos reflexos na vitrine de uma floricultura e percebo o de outra pessoa também. Um cara musculoso com óculos escuros da Oakley está mais ou menos cinco passos atrás de nós. Seu cabelo loiro é curto, e ele está de jeans e uma jaqueta de couro. Não há nada de errado com ele. É normal. Genérico. Só está… ali. Sempre cinco passos atrás de nós.

— Temos que ter cuidado — diz Christian.

— Eu sei.

— Está muito longe? — ele pergunta.

— Duas estações.

Ele está dizendo alguma outra coisa agora, mas não o ouço. Minha atenção está em cada vitrine pela qual passamos e no sujeito de óculos escuros Oakley. Não se vê essa marca com frequência na Europa. Nesse instante, percebo outra ameaça, dessa vez do outro lado da rua. Outro cara musculoso e de cabelo curto, mas dessa vez castanho. Ele não está de óculos escuros, mas usa a mesma roupa, jaqueta de couro e jeans, como se fosse algum tipo de uniforme. Atravessa a rua e acompanha o passo de seu irmão gêmeo. Não há nenhuma conversa entre eles. São apenas dois caras. Outra vez, totalmente normais.

Aperto a mão de Christian.

— Estamos sendo seguidos — digo, alto o bastante para ele me ouvir.

Sinto seu corpo ficar tenso ao lado do meu, e ele olha casualmente sobre o ombro.

— Você reconhece esses caras? — pergunto.

— Não — ele diz.

— Amigos de Paulus?

— Não — Christian repete. — É melhor você ir embora agora. Sempre em frente, depois à direita, vai chegar a uma avenida em dois quarteirões.

Mas preciso de Christian, preciso de qualquer informação que esteja em sua cabeça.

— Não, vou ficar com você.

É tarde demais para ele fazer qualquer objeção. Os dois homens estão bem ali, o espaço entre nós cada vez menor, a apenas um passo agora. O loiro, bem atrás de Christian, move o pulso rapidamente, e um bastão tático de metal se estende. Eu o ouço assobiar através do ar em direção à nuca de Christian, mas eu o puxo para o lado e o bastão bate com força sobre a parte carnuda de seu ombro.

O segundo homem passa um braço em torno do meu pescoço. Quando tento lhe dar uma cotovelada nas costelas, ele segura meu braço e em seguida desliza a mão para meu pulso. O homem me empurra para o chão e enterra o joelho em minhas costas. Tudo o que Yael me ensinou não tem serventia alguma.

Christian está brigando com o loiro, mas não está tendo muito sucesso. Seu atacante é obviamente bem treinado e está dando fortes socos de boxeador contra o peito e a mandíbula dele. Então Christian cai. O loiro se ajoelha sobre ele e — duas, três vezes — bate sua cabeça contra a calçada.

Um enorme SUV Volvo encosta no meio-fio, e alguém abre a porta traseira. Meu atacante tenta me içar, mas retorço o corpo e me livro dele. No momento em que estou levantando, ele dá um giro e solta a perna em mim. A sola de seu tênis aterrissa na minha barriga, e minha respiração explode dentro da boca enquanto me dobro completamente. Minha visão se estreita como se eu olhasse para um túnel escuro enquanto tropeço para trás. Tento recuperar o fôlego, mas quando meus pulmões buscam o ar a dor é esmagadora.

Agora os dois homens estão vindo na minha direção, e eu me afasto deles cambaleando. Com as forças que me restam, vasculho os bolsos à procura da arma de Leo. Os dois se aproximam com as mãos estendidas, prontos para me agarrar. Libero a trava de segurança da arma e aponto para um ponto qualquer entre os dois. A arma pula na minha mão ao disparar com estalo alto.

O ponto qualquer entre eles acaba sendo o painel do SUV, e um buraquinho aparece em sua superfície. Disparo mais uma vez, dando quatro tiros, um após o outro. Há uma enorme gritaria nas ruas agora. Pessoas correm em todas as direções, menos na nossa.

Então os homens mergulham no banco de trás do carro, e o SUV sai rugindo do meio-fio com cinco buracos de bala em sua lateral e a porta de trás ainda aberta. Ele desaparece alguns segundos depois, e o som de seu motor é substituído por sirenes.

Saio correndo antes que os policiais cheguem, jogando a arma em uma lata de lixo a meio quarteirão do local. De jeito nenhum eu ia deixar a única pista que tenho desaparecer de vista, supondo que ainda esteja vivo. Dou a volta no quarteirão e fico perto do final da multidão que se reuniu para assistir ao show, esperando que ninguém me reconheça, o que de fato acontece. Uma ambulância chegou, com o nome de um hospital impresso na lateral, e vejo quando colocam Christian dentro dela. O veículo sai a toda velocidade, as sirenes berrando e as luzes piscando. Será que fariam isso, eu me pergunto, se ele já estivesse morto? Então a polícia começa a fechar a área e a coletar depoimentos, então saio o mais rápido possível dali.

Repasso tudo diversas vezes na minha cabeça. Quem eram os atacantes? O alvo deles era Christian ou eu? Durante cinco horas rondo a vizinhança em torno do hospital cujo nome estava na lateral da ambulância. Meu plano foi para o saco, e não só porque Christian, se ainda estiver respirando, está na relativa segurança de um quarto de hospital. Há um carro de polícia estacionado na entrada. E um sedã Volkswagen branco comum. Comum até eu

perceber que tem placas de identificação especiais e uma estranha antena de rádio. Será que são só investigadores da polícia?

No entanto, quando chego à quinta hora de minha tocaia, decido fazer a única jogada que me restou. Entro no hospital pela área de emergência e encontro uma porta no saguão que leva para o prédio principal. Pergunto sobre Christian no setor de informações. Ele deu entrada, a funcionária me diz. Quarto andar, quarto vinte e dois.

As máquinas presas a seu corpo zumbem e apitam em ritmo mecânico, uniforme. *Ele está vivo*, cada apito diz, *ele está vivo*. Seus olhos estão escuros, um dos lados do rosto foi desfigurado e seu maxilar está deslocado. Mas não há nenhum respirador artificial, e o gráfico de seu ritmo cardíaco no monitor apresenta a certeza tranquilizadora de um problema matemático que tem sempre a mesma resposta.

Uma batida de leve na porta e uma enfermeira entra. Seu cabelo castanho ressecado não chega a tocar os ombros do jaleco verde. No crachá está escrito URSULA.

— Ele vai ficar bem? — pergunto.

Ela dá de ombros e então faz uma anotação na prancheta.

— O que aconteceu com ele?

— Você é da família?

Confirmo com a cabeça.

— Concussão, fratura da linha limite do cabelo até o zigoma, quatro costelas quebradas — ela diz, como se estivesse lendo uma lista de supermercado.

— A polícia sabe quem foi?

Ursula suspira.

— A polícia está procurando dois homens brancos e um Volvo. Além de uma mulher que estava com ele.

— Uma mulher?

A enfermeira olha para mim por um momento um pouco longo demais.

— Americana. Disseram que é uma fugitiva.

Desvio o rosto, mas sinto os olhos dela sobre mim. *Como eles sabem?*

— Quando ele deve acordar? — pergunto, acentuando o máximo possível meu sotaque russo.

— A qualquer momento agora. Vai ter dor de cabeça constante por um mês, mas deve agradecer por estar vivo. — Ursula me passa um pequeno controle remoto com um único botão. — Se você estiver aqui quando ele acordar, pode lhe dar isto. Controla a morfina. Pressione o botão e o agrado vem.

— E o que o impede de ter uma overdose?

— O paciente só consegue fazer isso um número determinado de vezes por hora. O suficiente para tirar a dor e ficar alegre e chapado, mas não mais que isso.

Ursula começa a se dirigir para a porta, mas então para.

— Informe ao posto de enfermagem quando ele acordar, por favor.

— Tudo bem.

— Tem uns policiais na lanchonete que querem falar com ele.

Meus olhos a seguem enquanto ela sai. Ursula sabe quem sou. Ou vai descobrir.

Fecho as cortinas das janelas que dão para o corredor, então viro para Christian, impotente em sua cama. Ele parece mais jovem desse jeito, inconsciente, como uma criança de dez anos em vez de um marginal de vinte. Há uma bandagem apertada no topo de sua cabeça. O lado esquerdo de seu rosto está muito inchado e parece a parte de cima de um muffin.

— Christian, acorda — sussurro em alemão, sem me preocupar com o sotaque de Sofia.

Nada acontece. Coloco a mão sobre o ombro dele, uma das únicas partes do corpo que não está envolta em bandagens, e sacudo delicadamente.

— Você precisa acordar, Christian.

O corpo dele se contrai de leve. Christian balança a cabeça, como se estivesse dizendo não em um sonho. Então seguro seu ombro e aperto, enterrando minhas unhas na pele e fazendo o máximo de pressão que consigo. Seu corpo se mexe, as pálpebras estremecem e abrem, e o som do monitor cardíaco acelera. Mas seus olhos se fixam em mim, e apesar do inchaço do rosto noto uma tentativa de sorriso.

— Está doendo? — pergunto, doce como uma professora da educação infantil.

Ele consegue assentir com um movimento fraco da cabeça.

— Quer que eu faça a dor ir embora, Christian?

O movimento fraco se repete.

Pego o controle da morfina e aperto o botão. Demora poucos segundos para o rosto dele relaxar e seus olhos ficarem leitosos e submissos.

— Me fala onde o americano está, Christian — sussurro.

Suas pupilas encolhem ao me focalizar. Há confusão em seu rosto.

— Que americano? — ele consegue dizer, tão baixo que mal entendo as palavras.

— Aquele que Paulus sequestrou em Paris.

Ouço o ritmo de sua respiração aumentar, e seus olhos começam a se movimentar confusos pelo quarto novamente.

— Coisas ruins, Sofia.

— Como assim, Christian? — Meu sangue está gelado.

A boca dele abre e fecha sem produzir som, um peixe numa tábua de cozinha.

— A gente faz coisas ruins lá — ele sussurra. — No armazém.

Com calma, digo a mim mesma. Delicadamente.

— O americano está lá, Christian? No armazém? Ele está no armazém?

— Eu o vi.

— Quem, Christian?

— O americano.

— No armazém? Você viu o americano no armazém?

Ele encara o teto fixamente, flutuando em alguma nuvem narcótica.

— Você é uma espiã? — ele diz devagar, o rosto meio contraído. Uma lágrima se forma no canto de seu olho esquerdo e se solta, descendo até o ouvido. — Diz pro Paulus que lamento. Ele sabia que Sofia era uma espiã. Disse que ela era uma cagueta. Sofia, a cagueta.

Uma decisão delicada: apertar o botão da morfina de novo e arriscar perdê-lo para a inconsciência ou não apertar e arriscar que se cale. Aperto de novo. O rosto dele relaxa, e o olhar leitoso e submisso volta. Christian está prestes a apagar, então bato no seu rosto, de leve a princípio, depois com mais força. Os olhos dele mal conseguem focar.

— Agora não, Christian — digo. — Nada de dormir. Onde fica o armazém?

— Diz ao Paulus que eu sinto muito.

— Ele disse que vai te perdoar se você me contar.

Ele desvia o olhar. Percebo que está tentando lutar contra a morfina, tentando encontrar alguma lucidez. Coloco a mão sobre as bandagens em torno de seu peito, onde estão as costelas quebradas, e aperto. Seu corpo estremece involuntariamente, e seus olhos focam outra vez. Ele tenta afastar a minha mão, mas está muito chapado e fraco.

— Onde fica o armazém, Christian?

O rosto dele se contrai em agonia, e eu aperto com mais força.

— Na Adlergestell — ele diz, com uma careta.

— Em que parte da Adlergestell? Na rua transversal?

— Porra, como dói.

— Responde, ou juro pela alma da minha mãe que te mato nessa cama, Christian.

— Dorpfeldstrasse.

Sei que ele está muito dopado e que essa é toda a informação que vou conseguir. Quando solto a mão, seu rosto relaxa.

— Sofia, a cagueta, precisa ter cuidado — ele diz em meio ao efeito da morfina e ao que sobrou de dor. — A gente faz coisas ruins no armazém.

— Boa noite, Christian — digo, e aperto o botão mais três vezes.

Dezessete

O TRAJETO ATÉ A ADLERGESTELL COM A DORPFELDSTRASSE dura mil anos. Um trem, um ônibus, outro trem e um bonde. Durante todo o tempo, ensaio uma pequena peça na cabeça, o que vou dizer quando encontrar meu pai, o que meu pai vai dizer quando for encontrado. Estão ausentes todos os pensamentos sobre como ele vai estar, como vou libertá-lo ou como vamos fugir. Não se pode ter um plano até que se tenha os fatos. Tendo em vista que não tenho fatos além de uma localização imprecisa, vou ficar com a pequena peça que estou ensaiando para quando tudo der certo, porque, honestamente, uma peça inventada provavelmente é tudo o que eu vou ter.

A gente faz coisas ruins no armazém.

Desço na parada Adlershof. A vizinhança é composta por restaurantes feios e aparenta uma indiferença desconfiada. Um homem pálido usando calça de moletom e camiseta, com um cigarro pendurado no canto da boca, empurra um carrinho de bebê. Um asiático com um avental de açougueiro manchado de sangue está encostado a uma parede bebendo cerveja de uma garrafa. Para além de uma fileira de árvores e de uma cerca de metal trançado, ouço o barulho de um trem intermunicipal. O interior está cheio de luz amarelada e cabeças sonolentas nas janelas, que balançam enquanto seguem para cidades mais prósperas além dos limites de Berlim.

Um velho magro de barba grisalha, como um Papai Noel macilento, passa por mim de bicicleta, dando voltas na calçada como se estivesse bêbado. Do rádio velho preso em seu para-

choque traseiro com fita adesiva, ouço uma velha música folclórica alemã: tubas, trombones e um bumbo, som para seu desfile de uma pessoa só.

A maior parte dos prédios é residencial. Não há nada que possa ser descrito como um armazém. Mas então eu o vejo. Um prédio pequeno de um andar que parece com um posto de gasolina abandonado está escondido no fundo de um estacionamento, o tipo de lugar que ninguém notaria a não ser que estivesse procurando. Uma placa fazendo uma vaga menção a serviços de mecânica e peças de carro usadas está pregada sobre a porta, mas essa é a única indicação de sua finalidade. A princípio, só passo andando na frente do lugar, olhando de lado para ver se há alguém lá. Não há, pelo menos não que eu consiga identificar.

Há uma garagem ao lado do prédio, e a cerca de madeira é mais alta do que eu e parece circundar toda a parte dos fundos da propriedade. Ela encontra a parede sem janelas de um pequeno prédio de um lado e uma travessa com pequenas árvores malcuidadas do outro. Ando pela travessa, pisando em vidro quebrado, lixo e pneus descartados, até que percebo que a cerca de madeira se estende até outro prédio, que fica atrás da oficina mecânica. Ele é muito maior, feito de tijolos manchados de marrom-escuro por pelo menos um século de neblina, fumaça e fuligem. Há pequenas janelas em forma de arco no segundo andar, algumas tampadas com tábuas.

Testo um dos galhos de uma árvore, então subo para espiar por cima da cerca. Abaixo de mim, as peças de carros desmontados estão organizadas em pilhas, para-brisas aqui, portas ali. O edifício mais antigo está de frente para o ferro-velho com três enormes portas em forma de arco trancadas pelo lado de fora com correntes e cadeados. Se houver algum lugar nesta vizinhança que possa se passar por um armazém onde Christian e seus amigos fazem *coisas ruins*, certamente é esse.

Por trás e também pela frente, todo o conjunto parece estar vazio. O anoitecer fornece uma boa cobertura, então passo as pernas sobre a cerca e caio ao lado de uma dúzia de capôs de carro que formam uma pilha bem arrumada. Pedacinhos de vidro estalam sob

minhas botas. Congelo e espero tensa um cão de guarda aparecer, mas não há nada aqui além do som do tráfego e da minha própria respiração.

Os cadeados e correntes que mantêm as grandes portas do armazém fechadas são de boa qualidade e novos — objetos brilhantes e pesados feitos para não ceder com facilidade. Mas são as portas e os puxadores que chamam minha atenção. São de madeira velha e ferro oxidado, o tipo da coisa que um banqueiro em Nova York pagaria seis mil dólares para ter como mesa na sala de jantar.

Alguns segundos de procura por ali é tudo de que preciso antes de encontrar o que estou procurando: uma barra de aço de mais ou menos um metro de comprimento. Eu a deslizo atrás da corrente da terceira porta e faço um movimento de torção para que funcione como um torniquete, apertando ainda mais a corrente contra os velhos puxadores de ferro. O metal é mais forte do que eu pensava, e tenho que colocar todo o meu corpo no movimento, mas depois de alguns momentos de pressão vejo os puxadores começarem a se curvar, um na direção do outro. À medida que torço a barra, pregos brilhantes de ferro que foram enterrados na madeira há um século ou mais começam a aparecer, milímetro por milímetro. Sinto cada músculo em meu corpo, dos antebraços até as nádegas e as panturrilhas, ser acionado com o esforço. Os pregos de ferro gemem e rangem cada vez que a barra gira; até que há um estalo final quando o puxador da esquerda se rende à minha força e se desprende da porta.

Por um breve segundo, tenho um vislumbre do sorriso de Yael na minha cabeça, sinto o orgulho dela sendo transmitido como um sinal de rádio de onde quer esteja agora — Paris, Tel Aviv ou o inferno.

Abro a porta apenas alguns centímetros e espio lá dentro. Há um velho sofá de estampa xadrez marrom e dourada, uma mesa de café feita de pneus e tábuas que está coberta de garrafas de cerveja, e uma mesa de fórmica perto dos fundos com pilhas altas

do que parecem ser caixas de iPad. Cheiro de maconha, cigarros e cerveja enche o ar rançoso. Entro e fecho a porta atrás de mim.

Há somente um pouco de luz, filtrada pelas pequenas janelas sujas que estão no alto da parede dos fundos, então pego a lanterna do chaveiro e ilumino o ambiente. Embalagens de fast-food estão por toda parte, acompanhadas por grupos de baratas agitadas. Há caixas alinhadas às paredes e empilhadas até o teto marcadas com Johnnie Walker, Marlboro, Apple e Gucci. Lanço o foco de luz através de uma porta aberta que leva à próxima sala e vejo ainda mais caixas, montes delas. O que quer que sejam todas essas mercadorias — autênticas ou falsificadas — não dá para avaliar o valor em milhares, mas em milhões.

Piso com cuidado através do lixo no chão, tentando ser o mais silenciosa possível, até que encontro uma escadaria que liga o andar térreo tanto ao andar superior quanto ao porão. Trata-se de uma questão de probabilidade: onde eles manteriam um prisioneiro, no andar de cima ou no subterrâneo? Desço a escada, o foco da lanterna deslizando sobre bitucas de cigarro, embalagens de comida e uma ratoeira fechada sobre o esqueleto de um rato. Há uma porta de madeira aberta no final da escada e, além dela, mais caixas.

Entro devagar, os ouvidos atentos a qualquer som. O teto é baixo, com vigas de madeira passando pelo alto. Fios elétricos desgastados e alguns canos serpenteiam nos espaços entre elas.

Encontro o que estou procurando no canto mais afastado do quarto mais afastado. A princípio presumo que seja um grande freezer industrial, do tipo que eles têm nos restaurantes, só que o revestimento desse é formado por quadrados e retângulos de sucata de metal enferrujado. Uma porta, também coberta de metal, está pendurada por uma única dobradiça que corre por toda a lateral, enquanto um par de ferrolhos e um enorme fecho onde entraria um cadeado estão presos do lado oposto. A julgar pela construção e pelo tamanho dos parafusos, o que quer que tenha sido posto ali não deveria sair. Paro com a mão na porta e corrijo meu pensamento: não parece um freezer, mas sim uma câmara de gás.

Abro a porta bem devagar, de certa forma ainda presa à ideia de que meu pai vai estar lá dentro, esperando. Mas é claro que não está.

As paredes e o teto da cela estão inteiramente cobertos por velhas almofadas de sofá presas com parafusos. Asfixia é o tema estético. Asfixia de gritos, asfixia de esperança. Encontro um interruptor do lado de fora e o ligo. Há uma lâmpada em uma caixa no centro do teto. O lugar me enoja, mas forço meus olhos a ficarem abertos, frios e imparciais. Observe e deduza, digo a mim mesma. Aprenda o que puder.

Fato: duas argolas de metal — aço fosco por cima, metal brilhante na parte de baixo — estão parafusadas no piso de concreto a aproximadamente um metro de distância uma da outra. Dedução: o brilho na parte de baixo das argolas sugere que alguém esteve preso a elas, puxando-as repetidamente e por muito tempo.

Fato: o único espaço nas paredes não coberto por almofadas é uma pequena abertura perto do teto onde um cano de PVC de poucos centímetros de diâmetro as atravessa. Dedução: a não ser por essa abertura, o lugar é hermeticamente fechado.

Fato: há um dreno de metal no centro do piso de concreto com o que inicialmente parecem ser quantidades substanciais de ferrugem em volta da borda. Ao investigar — raspando com a unha —, descubro que não é ferrugem, mas sangue. Dedução: o prisioneiro foi torturado e/ou assassinado neste quarto.

Tenho certeza de que meu pai esteve aqui. Ainda posso sentir seu cheiro, ou acho que posso, ou imagino que posso. O cheiro está misturado com medo e sofrimento, e juro pela vida do meu pai e pela memória da minha mãe que vou transformar seja lá quem fez isso em um cadáver.

Mas estou perto e emocionada demais para me manter objetiva. Então enxugo as lágrimas, saio da pequena cela e começo a esquadrinhar a sala do lado de fora. Pego pilhas de papel que estão em cima de uma fileira de caixas e examino, descarto, examino, descarto. Há documentos de carga para enormes carregamentos de bolsas, recibos de pizza e cerveja, uma revista pornográfica japonesa e um manual de instruções de um micro-ondas.

Quando chego à base das pilhas de papéis, reparo nas caixas embaixo deles. São feitas de pinho rústico e tão novas que ainda consigo sentir o cheiro da árvore. Está escrito a estêncil na parte de cima de cada uma:

ùeská Zbrojovka Uherský Brod
CZ 805 Bren 5.56x45
Feito na República Tcheca

Reviro minha mente tentando descobrir o que há de familiar naquelas palavras. Então lembro da pistola que encontrei no quarto de Paulus — feita na República Tcheca, edição limitada, a sexagésima quarta de cem. Recordo também do cartão: uma expressão de gratidão depois da conclusão de um negócio, assinado BK. *Boris, ou Bandar, ou qualquer coisa começando com B.*

Há outras nove rotuladas exatamente da mesma maneira. “Bren” é um tipo de arma, não é? E duas outras em que está escrito “Semtex” — aparentemente também produzido na República Tcheca. Após passar a vida toda perto de gente do governo, sei muito bem o que é Semtex. É um explosivo plástico, a opção confiável de equipes de demolição, exércitos e terroristas no mundo todo. Além de iPads, bolsas Gucci e pacotes de Marlboros, Paulus tem um arsenal escondido aqui.

Acima de mim, as tábuas do assoalho rangem, e eu só percebo quando elas rangem pela segunda vez. Congelo, meus ouvidos em pé como os de um cachorro. Um passo. Depois outro. Tem alguém aqui.

Apago a lanterna e olho ao redor procurando uma saída, mas só há a escada. No andar de cima, ouço os passos de alguém tentando se mover em silêncio. Eles são lentos e dados cuidadosamente, por uma pessoa que não quer ser percebida — por enquanto.

Do topo das escadas, uma voz de homem grita em inglês com sotaque alemão:

— Gwendolyn Bloom, apareça, por favor.

Paulus não precisa de ajuda para andar pelo porão no escuro. Ele conhece o lugar muito bem e percorre o labirinto de lixo e caixas com facilidade. Está indo para a única luz visível, a lâmpada fraca acesa na cela. A porta está escancarada, convidativa. Chegue mais perto, ela diz. Ainda mais perto.

Ele parece sob controle e despreocupado, carregando um casaco de couro no braço direito, a arma ainda no coldre embaixo do braço esquerdo.

Para a mais ou menos um metro da entrada da cela e coloca o casaco cuidadosamente sobre as caixas de armas. Com as mãos na cintura, repete meu nome. É preciso procurar bem no fundo do tom de voz que ele usa para encontrar a ameaça.

Ele faz uma pausa enquanto procura escutar qualquer som que eu faça, e então dá dois passos para a frente, ficando a poucos centímetros da entrada da cela. Eu me pergunto se está pensando que já fui embora, ou se questionando se sequer estive aqui. Paulus se inclina para a frente, colocando a cabeça dentro da cela. A luz da lâmpada revela sua cabeça perfeitamente raspada enquanto percorre o espaço com o olhar.

É nesse momento que meus dois pés atingem a base de sua coluna com exatidão, lançando-o para a frente dentro da cela. Ele cai no chão, a arma saindo do coldre e escorregando pelo concreto para longe.

Eu me solto do cano de cobre onde estava me balançando e seguro a porta. Paulus cambaleia na minha direção, mas bato a porta e fecho o ferrolho no exato momento em que ele coloca o peso do corpo contra ela. Ouço um som, parecido com o de uma buzina de carro distante, e percebo que é o grito de raiva dele, quase inaudível através do isolamento da cela, encontrando uma passagem apenas através da abertura do cano de PVC.

As teias de aranha do lugar onde me escondi entre as traves no teto ainda estão presas em grandes quantidades às minhas roupas, mãos e rosto. Meus tornozelos estavam sobre um cano de cobre enquanto minhas mãos seguravam outro cano, todo o meu corpo completamente acima do chão. Enquanto Paulus descia a escada, subi em um velho arquivo de aço e me encaixei naquele espaço

apertado, temendo que os canos, ou que minhas pernas, cedessem, ou que ele ouvisse minha respiração. Mas quando entrou no porão e se aproximou da cela, fiquei silenciosa e imóvel como se estivesse morta.

Puxo uma velha cadeira de madeira para o lado da cela e fico em pé sobre ela de forma a ficar perto da abertura com o cano de PVC.

No começo, há um silêncio, depois uma risadinha.

— Você sabe o que é um alerta amarelo? — ele diz em inglês. — É o que a Interpol emite quando quer achar alguém que desapareceu. Como a adolescente americana Gwendolyn Bloom.

Eu o ignoro. É só uma teoria dele. Não pode ter certeza disso.

— Do que está falando? — digo no alemão com sotaque de Sofia.

— Não é você, então? Bem, se você a vir, diga a Gwendolyn que já passaram para alerta vermelho. “Procurada para investigação relacionada a assassinato.”

— Que assassinato? — Sofia pergunta.

— De Christian Leitzke. — A voz dele some. Ouço o som de um isqueiro e, um momento depois, o cheiro de fumaça saindo. — Desculpe, você não ficou sabendo? Ele foi encontrado asfixiado por um travesseiro em seu leito de hospital uma hora atrás mais ou menos. Um amigo meu o descobriu e me ligou imediatamente.

Fecho os olhos. Pobre Christian. Pobre, infeliz, apaixonado Christian. Que pena que teve que ser você. Não faz mais sentido fingir.

— Foi você mesmo que o matou, Paulus? — digo em inglês. É a primeira vez que ouço minha voz natural desde que cheguei a Berlim.

— Então estou falando com Gwendolyn Bloom?

— Por que matou Christian?

— Se eu o tivesse matado, seria por contar a você a localização deste prédio. Mas a polícia tem uma ideia diferente. Mostraram seu retrato para uma enfermeira. Ela disse que você estava com alguns quilos a menos e com um cabelo diferente, mas não tinha nenhuma dúvida de que era você. A propósito, parabéns.

— Por quê?

— Pela perda de peso.

Ele está tentando me provocar, me deixar cega pela raiva. Mas não vou permitir que faça isso. Eu o peguei, e cada passo que der tem que ser calculado. Quase posso ouvir o tique-taque do relógio no que é minha última chance de pôr um fim nessa situação: sim ou não, vivo ou morto.

— O que você fez com ele?

— Christian?

— O americano.

Silêncio enquanto Paulus pensa.

— Ele é da sua família, não é? Vocês têm o mesmo sobrenome.

— Sim — digo.

— Tio? Pai? Eu chutaria que pai. Quem procura vingança por causa de um tio?

— Não estou atrás de vingança. Só quero encontrar o americano.

— Encontrar? — Paulus dá uma risadinha. — Então receio ter que dar mais uma notícia ruim.

Fecho os olhos, apertando-os, e mordo com força a palma da mão para me impedir de gritar.

— O fim dele foi feio — Paulus continua. — *Schmuddelig.* Como se diz em inglês?

Sujo. Imundo. Asqueroso. Sórdido. Horrível.

— Como aconteceu? — pergunto, com o rosto molhado.

— Eu mesmo fiz. Com uma faca. Aqui. Nesta cela. Quanto ao corpo, nós o levamos para o leste. Para um pântano na fronteira com a Polônia.

Tenho que me inclinar sobre a parede, me agarrar de alguma forma nela para não cair.

— Sabe, ele falou de você. Pouco antes de eu acabar com ele — Paulus grita, claramente se divertindo com aquilo. — Ele estava implorando. “Por favor, não”, me disse. “Tenho esposa e filhos”, ele falou. Gritou, na verdade. Chorava como uma garotinha.

Abro os olhos e repito mentalmente as palavras de Paulus.

— O que foi que ele disse? — pergunto a Paulus. — As palavras exatas.

— O de sempre. “Por favor, não”, coisas desse tipo. Implorando — ele diz.

— E depois disso?

— “Tenho esposa e filhos.”

Esposa. Filhos. *Morta. Só uma.*

— Você tem certeza?

— *Genau* — Paulus diz. — Exatamente isso. Como eu poderia esquecer? Ele estava sendo sincero pra cacete.

Eu me forço a focalizar a textura da parede de aço da cela, a respirar fundo para me acalmar. Paulus mentiu. Ou talvez não. Tenho que reunir toda a minha razão para puxar o fio da meada e descobrir até onde me leva. Mas ele também está fazendo um jogo — me segurando aqui enquanto ouço tudo o que ele diz, até que seus amigos apareçam.

Eu me inclino sobre o respiradouro e falo.

— Agora tenho que matar você, certo? Não é assim que funciona?

Outra risada cheia de confiança dele.

— Com o quê? Sou eu quem tem a arma. E, mesmo se você tivesse uma, há dois centímetros de aço entre nós dois. Além disso, você não é uma assassina, *Mädchen*. Tem peito, mas não tem bolas.

Penso nas caixas de Brens. Será que consigo abrir uma? Elas já vêm com as balas ou são vendidas separadamente, como pilhas? Não que isso importe, porque tenho outra coisa em mente.

— Muito bem construída, esta sua cela — digo. — Se eu fechar este cano, quanto tempo acha que o oxigênio vai durar?

Ele fica em silêncio por um momento, absorvendo a perspectiva de morrer sufocado, calculando o volume da cela, sua taxa respiratória, dividindo tudo pelo número de horas.

— Pelo menos um dia ou dois — diz por fim.

— Está vendo? Eu pensei em algumas horas, mas sou apenas uma *Mädchen* com peito, e matemática é um negócio muito difícil pra gente — digo. — Por isso pensei: vamos acrescentar fogo na parada. Prédio velho, madeiras velhas, um monte de porcaria inflamável. Você se importa de passar o isqueiro para mim?

— Meus amigos vão chegar a qualquer minuto.

— Seus amigos amam você o bastante a ponto de te salvar de um prédio em chamas, Paulus? — Pego o casaco dele e começo a

revistá-lo, retirando uma carteira e um canivete dobrável grande e ameaçador, e os coloco no meu bolso. Em seguida encontro uma embalagem de chiclete, chaves de um carro e, por fim, exatamente o que estava procurando. — Esquece o que eu disse. Achei fósforos.

Agarro um pedaço de papel do chão e o transformo em uma tocha.

— *Auf wiedersehen*, Paulus — digo, então acendo uma das pontas e a enfio no cano.

Um grito abafado, horrível e agudo chega até mim através do cano. Retiro a tocha e jogo no chão, pisando sobre ela.

— O que você disse?

— Não era verdade — Paulus grita. — A história sobre ter matado seu pai. Ele está vivo. Ou deveria estar.

Fico imóvel. Um sorriso tolo, contorcido e alongado aparece em meu rosto, e eu apoio a testa na parede da cela. Mas é claro que ele diria isso. Que escolha tem agora? Falo com a voz calma.

— O que você fez com ele?

— Nós o trocamos — Paulus diz imediatamente. — Por armas e outras coisas.

Olho para as caixas.

— Que tipo de armas? Que tipo de outras coisas?

Silêncio por um momento. Então:

— Por que está perguntando isso?

— Paulus, me responde ou vou queimar você vivo.

— Brens. E um explosivo chamado Semtex.

E aí está. O cartão. A pistola. As palavras de Christian: *alguma merda para um tcheco*. Tudo faz sentido agora.

— Obrigada.

— O quê? — ele diz. — Não consigo ouvir.

Fico na ponta do pé e repito o que acabei de dizer mais perto do respiradouro.

— Mais uma vez, por favor. Não consigo ouvir. Fala diretamente no cano.

Quando eu me posiciono na frente do respiradouro, vem uma explosão de calor, e o rugido de ar sendo rasgado passa rápido do

lado esquerdo do meu rosto. Tombo para trás na cadeira e caio no chão batendo as costas. O fedor de cordite e enxofre da pólvora chamusca minhas narinas.

Minha mão está trêmula quando a levo ao rosto e descubro que a bala não me acertou. Faltaram milímetros para ele explodir meus miolos. Fico em pé e pego o casaco de Paulus de novo.

Um fio de fumaça como o da ponta de um cigarro ainda está saindo da extremidade do cano quando subo outra vez na cadeira. Ele está me xingando em alemão, gritando *Fotze* isto, *Schlampe* aquilo. Provavelmente está surdo agora, por ter disparado a arma em um espaço tão confinado, então não me dou ao trabalho de dizer adeus enquanto enfio o casaco no respiradouro, fechando-o da melhor maneira possível.

As caixas de vidro da estação central de Berlim, a Hauptbahnhof, brilham, parecendo o raio X de uma estação de trem. Ela é transparente à exceção do esqueleto entrelaçado de metal. Todo o resto é claridade, e posso ver as pessoas circulando por ali como células sanguíneas.

Estou calma quando entro, andando na mesma velocidade dos outros berlinenses — prestem atenção, *Polizei*, como sou uma pessoa comum, e não uma assassina. Uma espécie de anarquia calma que deve ser exclusiva da Alemanha reina lá dentro: todo mundo com uma pressa bem-educada e sóbria. Imito os outros da melhor maneira que consigo: me movendo rápido, mas não com pressa; sem sorrir, mas também sem fazer cara feia.

Há uma fila ordeira na bilheteria: uma mulher muçulmana com um garotinho na minha frente, um universitário com problema sério de acne atrás de mim. Dois policiais com submetralhadoras sob o braço andam lentamente por ali, de olho nos rostos. Tento não desviar o olhar, achando que vai parecer suspeito se eu fizer isso, mas, no final, não consigo evitar.

Oitenta euros me dão uma passagem só de ida no próximo trem para Praga, que sai em vinte minutos da plataforma catorze. Assim que ele parte, tudo o que tenho que fazer é ficar na minha por cerca

de quatro horas até atravessarmos a fronteira, e aí eu vou estar segura, ou pelo menos mais segura do que aqui.

Mas ainda faltam vinte minutos. E nesta noite a Hauptbahnhof é a terra dos policiais. Eles estão em toda parte. Sujeitos com cara de mau em macacões azul-escuros com metralhadoras e cachorros, e sujeitos com caras especialistas, com distintivos pendurados no pescoço. Duvido que a adolescente americana procurada para interrogatório em uma investigação de assassinato tenha colocado a cidade em estado de sítio, mas tenho que considerar que eles ouviram meu nome e viram minha foto.

A cabine do banheiro fede, mas pelo menos está fora da vista de todos. Encosto na porta e examino a carteira de Paulus. Encontro um preservativo, uma carteira de identidade e um maço com quase mil euros.

Sei que vou me arrepender por ter deixado Paulus vivo. Yael teria me feito matá-lo, sem dúvida. Ela exigiria que eu queimasse o armazém com ele dentro sem hesitar um só segundo. E eu quis fazer isso. Mais do que quis qualquer outra coisa na vida. Ia de fato fazê-lo. Mas Paulus estava certo sobre uma coisa: não sou nenhuma assassina. Não porque não possa ou porque a coisa dentro de mim não deixe, mas porque é a única barreira que ainda não atravessei em minha trajetória rumo ao abismo. Vou preservar esse cantinho dos meus dezessete anos, aquela pequena porção de Gwendolyn Bloom, pelo máximo de tempo que puder.

Depois de quinze minutos, saio do banheiro e sigo na direção da plataforma catorze. Tudo o que tirei do casaco de Paulus, exceto o dinheiro e o canivete, vai parar dentro de uma lata de lixo no caminho.

Os policiais também estão em peso nas entranhas da estação, avaliando todo mundo na plataforma, deixando os cachorros farejarem a bagagem. Será que conhecem meu cheiro?

O trem se aproxima com um som sibilante, como a descida de um anjo, e eu aguardo um pouco até que as portas se abram com um pequeno sinal sonoro. Passo por elas dois segundos antes que fechem. Há um chiado de freios, outro sinal sonoro e um aviso abafado e incompreensível. E então começamos a nos mover.

Encontro uma cabine da segunda classe e desabo em um dos bancos ao lado da janela. A plataforma começa a ficar para trás, os policiais seguindo em direção às escadas, alguns retardatários jogando os braços para cima em fúria.

Não há mais ninguém na cabine, mas escondo meu sorriso com a mão enquanto recosto no banco e coloco as botas sobre o banco na minha frente. A plataforma se transforma em um túnel escuro, depois em uma vizinhança urbana cercada por mato, que logo é substituída pelos subúrbios, e, enfim, o campo.

Eu escapei.

PRAGA

Dezoito

DURMO UM POUCO, o sono denso e doce dos vitoriosos. Houve uma verificação de passagens alguns minutos depois que saímos da estação em Berlim, mas ninguém mais me incomodou depois disso. E após a vitória vem a recompensa. Nesse caso, um sonho. É um daqueles que você sabe que é um sonho desde o princípio, então silencia a voz que diz que nada daquilo é real na esperança de que continue para sempre.

Estou em um trem exatamente como este, viajando por um campo exatamente como este. Um alto-falante cheio de estática anuncia: *Queensboro Plaza*, *avenida 39*, *avenida 36*. O trem N balança e corre por uma versão do Queens substituída pela Alemanha rural. Na parada da Broadway com a rua 31 recebo a visita de Terrance em meu pequeno compartimento.

"Esse lugar está vago?", ele pergunta, indicando a poltrona ao meu lado. Ele está com a mesma roupa que usava quando o encontrei na loja de discos. Abro a boca para falar, para lhe dizer que sou eu, Gwendolyn, mas nenhuma palavra sai.

Ele não parece me reconhecer, e a princípio fico alarmada, mas então compreendo. Como poderia? Não sou mais a garota que ele conheceu em Nova York. No exato momento em que minha voz está para voltar, ele coloca fones de ouvido. Mas, é um sonho, então ouço a música também. É uma faixa de Miles Davis, lenta, triste e encantadora. Apenas trompete e uma caixa tocada com vassourinha no começo, depois um piano elegante e discreto, e em seguida um saxofone.

E então não estamos mais no trem, mas atrás das janelas embaçadas do bar no Waldorf Astoria, aquele que só vi da calçada. O saxofone entrega a melodia para o trompete e assume a harmonia, como num diálogo: caloroso, civilizado, o saxofone assentindo para o trompete: “eu sei, eu sei”.

Estamos sentados em um banco acolchoado, sozinhos em meio a uma multidão de gente rica. É tarde. Estou cansada. Apoio a cabeça no ombro dele, que cheira a perfume e normalidade.

Um garçom se aproxima — gravata-borboleta, camisa branca, colete. “Dresden”, ele diz, e eu acordo.

Estamos entrando na estação de Dresden, e algumas pessoas começam a se movimentar no vagão. Recém-chegados examinam cada um dos compartimentos, procurando por alguém quieto, ou conversador, ou simpático, ou que valha a pena dar em cima. Faço cara feia e me espalho, tentando parecer o mais hostil e desagradável possível. Na maior parte do tempo funciona. Um cara magro de cabelo castanho preso em um rabo de cavalo oleoso para na entrada, estudando meu rosto antes de seguir em frente. Ele parece estar procurando alguém que não sou eu.

O trem bufa e começa a se mover de novo, as casas e os prédios cobertos de grafites da parte pobre de Dresden passando. Ouvi dizer que era um lugar maravilhoso antes da Segunda Guerra — uma Florença alemã. Linda, medieval, insubstituível. Mas, alguns meses antes de a guerra terminar, os ianques e ingleses jogaram bombas incendiárias em toda parte, botando fogo na cidade e fritando dezenas de milhares de soldados, trabalhadores, mães e crianças. Li sobre em uma história de Kurt Vonnegut.

Pego meu celular e mando uma mensagem para Terrance:

Estou no trem. Peguei no sono e sonhei com você.

Uma resposta aparece exatos vinte e sete segundos depois.

Vdd? O q?

Miles Davis estava tocando

, escrevo em resposta.

Estávamos no bar do Waldorf.

Ele demora um pouco mais para responder desta vez. É o meio da tarde em Nova York. Eu o imagino sentado na classe, digitando a

resposta debaixo da carteira.

Sempre penso em vc.

Sorrio e pisco algumas vezes.

Tb penso em vc.

Se precisar de algo estou aqui.

É estranho, mas acredito nisso. É uma verdade absoluta na minha cabeça, um axioma. Embora eu mal conheça esse garoto, sei que é sincero. Então, como se lesse meus pensamentos, Terrance continua:

Posso ir encontrar vc. Ajudar. Pego um avião e chego aí amanhã.

Embora eu esteja sozinha no compartimento, coloco a mão sobre o rosto para ninguém ver minha expressão, que é minha e só minha, tortura e gratidão, tudo ao mesmo tempo.

Valeu. Talvez logo. Não agora.

A verdade é que o quero aqui desesperadamente, mas sei que isso não daria certo. Sei que o que está por vir vai ser muito mais difícil do que o que já aconteceu, e um garoto mole do Upper East Side não duraria um segundo. A ajuda que ele poderia dar — com suas habilidades, seus recursos, sua bondade — não tem serventia alguma aqui.

Começo a digitar algo a mais, mas é muito longo e sincero. O tipo de coisa que só deveria ser dito cara a cara. Então apago. Que azar o meu, ter que ir para a guerra quando tudo o que quero é fugir com esse garoto lindo e viver de frutas silvestres e amor.

O trem se move para além dos arredores de Dresden, pegando velocidade, os prédios se transformando em um borrão. Estamos perto da fronteira agora. Estaremos em Praga em uma hora. O fiscal aparece novamente, e posso ouvir o barulho do perfurador de passagens enquanto executa sua tarefa com os passageiros que acabaram de subir.

Agarro minha mochila e vou para o banheiro, onde lavo o rosto, limpando todo o suor seco de Berlim.

Ouço batidas na porta do banheiro: educadas, inquisitivas.

— *Einen Moment* — digo.

Outra batida, mais insistente.

— *Einen Moment!*

E mais uma, só para me irritar.

Abro a porta com força e encontro o sujeito de rabo de cavalo que subiu em Dresden. Tem uma barba de três ou quatro dias no rosto e uma pequena pistola na mão.

— Para trás — ele diz em inglês.

Tento bater a porta na cara dele, mas o sujeito a segura com o ombro.

— Encosta na porra da parede — ele diz furioso, uma das mãos segurando meu casaco pela lapela, a outra apontando a arma para meu rosto. Ele se espreme no pequeno banheiro e chuta a porta para fechá-la.

O inglês do homem não é de um nativo, e seu sotaque não é alemão. Ainda assim, tenho que supor que é um presente de Paulus, o que significa que ele se libertou de algum jeito. Não era muito difícil imaginar para onde eu iria, então um telefonema seria o suficiente para um amigo entrar no trem em Dresden. Eu deveria ter queimado aquele puto vivo.

— Eis o que vai acontecer — diz o sujeito. — Logo vamos cruzar a fronteira tcheca. Na primeira parada, eu e você vamos descer do trem. Faremos isso em silêncio e sem criar problemas. O.k.? — Sua mão esquerda passa por meu corpo e dentro de cada bolso em uma revista rápida à procura de armas. O canivete que peguei de Paulus, onde está? Na mochila. Ao lado da pia.

As luzes acima do espelho tremem com o movimento do trem, que está diminuindo a velocidade. Sinto meu corpo inclinar levemente na direção da traseira do vagão e suponho que estejamos subindo uma colina. Meu novo amigo armado toma cuidado para não perder o equilíbrio.

— Quanto é que Paulus está te pagando? — pergunto.

— O quê?

— Quanto é que Paulus está te pagando? Talvez eu possa cobrir o valor.

— Quem é Paulus?

Faço uma calma avaliação da situação e tento pensar em qual seria o conselho de Yael. Pareço estar em uma posição de absoluta

desvantagem, como aconteceu muitas vezes no treinamento. Ele tem uma arma; eu não tenho nada.

Olho para a mochila e aceno para ela com a cabeça.

— Você se importa se eu pegar algo dali?

— Não.

— Você não se importa ou não posso pegar algo dali?

Os olhos dele se estreitam, confusos.

— Você não pode pegar algo dali.

— Preciso de um absorvente — digo, e em seguida pronuncio a palavra em alemão.

Ele entende a essência da coisa e faz uma careta.

— Você pode esperar.

— Não é assim que funciona. Preciso de um agora. Caso contrário vai ser bem nojento para nós dois.

Ele fisga a mochila e começa a remexer nela.

— Cuidado pra não pegar um dos usados.

O sujeito pisca para mim confuso, consultando rapidamente quaisquer fichas que tenha na cabeça que tratem do tópico "mulheres e absorventes". Então empurra a mochila para mim e coloca o cano da arma perto do meu rosto.

— Pega — ele diz. — Mas não tente nada.

Seguro a mochila pesada, cheia de roupas, artigos de banheiro e tudo o que tenho, e lhe dou um sorriso submisso e tranquilizador. Em momento algum quebramos o contato visual, meu novo amigo e eu, enquanto remexo na mochila e acho o que estava procurando: o canivete de Paulus.

— Obrigada — digo.

Quando ele estende a mão para pegar a mochila de volta, eu a jogo com força no rosto dele. A mão que segura a arma balança na minha direção, mas eu a agarro e torço, afastando-a de mim e virando o dedo que está no gatilho para trás. O grito de dor é quase ensurdecedor.

De algum modo ele encontra espaço para mexer o pulso esquerdo, que acerta a lateral da minha cabeça quando tento abrir a porta. A pistola cai no espaço ao lado do vaso sanitário. Ataco com

o canivete, mas ele desvia facilmente e me dá uma joelhada no estômago.

Consigo abrir a porta, agarro minha mochila e cambaleio no corredor, mas ele está bem ali, preso a mim como uma sombra. Eu o ataco de novo com o canivete, mas o sujeito desvia e me agarra por trás, passando um braço em volta do meu pescoço enquanto sua outra mão, a com o dedo quebrado no gatilho, segura meu pulso direito. Ele torce a minha de modo que a faca aponte para meu peito e começa o lento trabalho de trazer a lâmina cada vez mais perto. Resisto, mas seu braço ainda aperta meu pescoço e meu oxigênio diminui.

O trem chacoalha e range em uma curva. Lá fora, vejo as luzes de algumas casas passarem como um borrão. O trem está aumentando de velocidade de novo, enquanto rumamos para o que presumo ser uma longa reta.

A faca agora está a apenas alguns centímetros do meu peito. Meu oxigênio acabou, e minha força também. Com tudo o que me resta, uso meu cotovelo esquerdo para acertá-lo na altura do rim e piso com o salto da bota nos dedos do pé dele. O sujeito se encolhe, e por um quarto de segundo alivia a pressão sobre minha mão e meu pescoço, o suficiente para me libertar. Giro o corpo e acerto a barriga dele com a sola da bota. O ar sai rápido de seus pulmões enquanto seu corpo se dobra completamente.

Saio correndo pelo corredor do trem em direção à frente do vagão e puxo desesperada a alavanca da porta, mas está emperrada ou eu estou em pânico demais para entender como abre. Olho de relance para trás e vejo meu amigo vindo na minha direção. Ele recuperou a pistola e a está apontando para mim com a mão esquerda estendida.

— Larga o canivete — diz.

Olho para baixo, para a lâmina inútil em minha mão, e ouço as palavras de Yael em meu treinamento: fuja da faca, corra na direção de uma arma de fogo.

Na parede ao meu lado há uma caixa de metal onde está escrito FREIO DE EMERGÊNCIA em tcheco, alemão e inglês. Eu a abro, agarro a alavanca vermelha e puxo com toda a força.

A potência e a velocidade me chocam. O ar se enche com um terrível grito de aço mordendo quando as rodas travam nos trilhos, e tudo parece se curvar para a frente. Sou pressionada contra a porta do vagão e vejo o atirador vir na minha direção na mesma velocidade com que o trem estava se mexendo um momento antes.

Ele se choca contra mim com a força de um caminhão, e minha lâmina mergulha fundo em seu peito. Então seu corpo cai, sua última emoção, absoluta surpresa, estampada no rosto. Através das janelas da porta entre os vagões, vejo uma dupla que suponho ser de policiais tchecos correndo na minha direção.

Fecho a lâmina escorregadia, coloco no bolso e abro as portas do vagão. O ar fresco da noite tcheca atinge meu rosto e me convida para entrar na escuridão.

Tem um pouco mais de um metro até o chão, e meus pés batem com força na terra. Em seguida meio que corro meio que tropeço colina abaixo, em direção a uma cidade que consigo ver de cima. Bato contra um tronco de madeira e caio de costas, de frente para o trem. A silhueta de um dos policiais aparece na porta, o foco de sua lanterna pulando em toda parte sobre a colina cheia de mato. Então ele salta, coloca a lanterna por cima da arma que acabou de sacar e examina os arbustos ali perto. Prendo a respiração e permaneço totalmente imóvel quando o foco de luz passa bem na minha frente. De repente ele volta para dentro do vagão. Por que não estão vindo atrás de mim? Não é problema deles? Estão esperando reforços? Têm medo do escuro? Não tenho a menor ideia, mas vou usar todas as oportunidades que aparecerem, porque com toda a certeza não vai demorar muito para toda a força policial aparecer por aqui como a água em uma enchente.

Eu me agacho ao lado de uma garagem, certa de que alguém vai ouvir minha respiração ofegante. Minhas mãos, meus braços, meu corpo inteiro estão tremendo violentamente, de maneira convulsiva, atingidos por uma apreensão feita de no mínimo dois tipos de medo: dos policiais e do assassinato que acabei de cometer e que nunca mais vai me deixar em paz. O sangue que cobre minhas mãos e

roupas parece preto como a tinta do peito de Hamid. Quando tento limpá-lo, ele só se espalha ainda mais, como graxa. Como foi fácil, com que despreocupação estendi a mão e puxei o freio de emergência. A primeira lei de Newton fez o resto: um objeto em movimento tende a permanecer em movimento. Minha lição de física do dia.

Então meus membros param de tremer, o vapor que nubla minha mente clareia e a racionalidade fria entra em cena mais uma vez. Avalie a situação, forme um plano, passe para a ação.

Caminho da maneira mais silenciosa possível pela borda da colina no lugar onde se encontra com uma fileira de garagens e quintais. Sinto o cheiro de um rio não muito longe dali, o fedor de peixe e vida vegetal apodrecendo. Daqui parece ser uma pequena cidade sem grandes preocupações, e posso ver através das janelas dos fundos de casas bem arrumadas onde famílias bem arrumadas já se recolheram para a noite. Uma mãe, um pai e uma filha de uns seis anos jantam diante de uma mesa. Uma mulher assiste à TV em um sofá enquanto o homem ao seu lado lê um livro com óculos na ponta do nariz. Um trio de adolescentes joga videogame enquanto a mãe de um deles examina uma pilha de contas no cômodo ao lado. O que pensariam essas famílias bem arrumadas, se soubessem que uma assassina ainda coberta com o sangue de sua vítima estava passando por ali, observando-as pela janela?

A curva da colina se afasta da ferrovia, e eu sigo por ali, me mantendo fora da rua e na estreita passagem de terra que fica atrás das garagens. Deve ser o caminho usado por adolescentes e amantes secretos, e felizmente é escuro e quase invisível.

Não levo muito tempo para encontrar o que estou procurando: uma sequência de quatro casas escuras no final de um quarteirão. Seus ocupantes ou ainda não voltaram do trabalho ou estão fora da cidade. Escolho a terceira e espio através de uma janela nos fundos, buscando algum sinal de vida. Uma gata preta deitada em um sofá, aristocrática como uma rainha, olha fixamente para mim com expressão entediada. Ela boceja, se levanta e caminha graciosa até uma fileira de quatro tigelas de comida colocadas no chão.

Quatro tigelas. Pode significar que seus donos estão fora. Em todo caso, bato com delicadeza na porta dos fundos, olhando pela janela para ver se alguém se move, mas tudo continua imóvel, exceto pela gata.

A lâmina de meu canivete se encaixa na pequena abertura entre a porta e o batente, bem onde fica a tranca. Puxo o cabo para trás e ouço a madeira gemer. No terceiro movimento, o batente cede com um estalo abafado.

Fecho a porta atrás de mim, e a gata, curiosa, se aproxima e faz um oito entre meus tornozelos. Coço sua cabeça e dou uma olhada ao meu redor. Além das quatro tigelas de comida, encontro uma vasilha metálica grande com água e uma pilha de correspondência na porta da frente.

Parece que dois garotos adolescentes dividem um quarto no segundo andar, dormindo em beliches. Há fotos tiradas de revistas mostrando carros e garotas de biquíni e um pôster de Jay Z pregados às paredes. O armário é um terreno de caça bastante proveitoso. Agarro uma camiseta e um jeans das coisas do mais jovem e um casaco verde que parece com o casaco do Exército da minha mãe, que deixei em Paris em minha fuga apressada.

Em um banheiro pequeno, sem janelas, ligo a luz. O sangue em meus antebraços, mãos, peito, barriga e rosto está secando e se transformando em uma bela pasta marrom. Tiro as roupas e faço uma bola com elas, jogando tudo em um saco de lixo. Esfrego o sangue em meu corpo com uma toalha de mão. As únicas ao alcance são bordadas com pequenas renas e bonecos de neve, reservadas para as visitas durante o Natal. Eu me sinto mal por arruinar as boas toalhas da família.

No armário embaixo da pia, encontro uma máquina de cortar cabelo e a uso, deixando-o com menos de um centímetro de comprimento, tão curto que posso ver meu couro cabeludo. É um bom disfarce, ainda que primitivo; assim que visto as roupas roubadas, fico parecendo um garoto adolescente, pelo menos a alguns metros de distância. Espero que seja o bastante para passar pelas ruas sem os policiais olharem para mim duas vezes.

Junto o cabelo e limpo o sangue da pia com papel higiênico e um desinfetante que encontrei no armário. Então refaço meus passos, limpando tudo em que toquei. Digo a mim mesma que é para apagar as evidências, mas não é só isso. Não quero que essa família seja maculada pela minha visita. Eles fazem parte de um mundo mais limpo do que o meu, e minha doença pode ser contagiosa.

Caminho para o norte da cidadezinha, imaginando que os policiais vão focar em pontos no sul, mais perto de Praga. Em uma parada de caminhões a alguns quilômetros dali, um motorista de caminhão polonês chamado Witold concorda em me levar para Praga por dez euros. Negociamos o preço em nosso alemão elementar, o único ponto em comum que conseguimos encontrar. Ele é muito educado durante a viagem de uma hora até a cidade, e só não é perfeito por gostar de cantar as músicas do Led Zeppelin e do Aerosmith que tocam no rádio. Mas até mesmo por isso ele se desculpa, e me oferece metade de um sanduíche para compensar.

Witold me deixa bem a oeste do rio Vltava, de onde avisto uma ponte que ele diz que vai me levar à Cidade Velha.

— *Das Prag, dass du dir vorgestellt hast* — ele me fala. “A Praga que você vê em sua imaginação.” Ele sorri para mim enquanto desço do caminhão, me deseja boa sorte e me aconselha a ter cuidado. É a primeira pessoa normal que conheci em meses, e queria poder continuar com ele para onde quer que esteja indo.

Um bonde coberto de propaganda da Samsung se arrasta pela ponte, as luzes em seu interior pulsando. De algum lugar ouço as batidas barítonas de um sino de igreja, onze, doze vezes. Meia-noite em Praga, e a ponte ainda está cheia de casais de adolescentes, cheios de paixão juvenil. Um cara pergunta se quero comprar maconha, cocaína, heroína ou qualquer outra coisa que esteja procurando. Outro cara está deitado com o rosto no chão, um chapéu com algumas moedas nas mãos estendidas.

Há um café do outro lado, e através das janelas vejo uma luz amarelada calorosa e garçons antiquados com gravatas-borboleta e aventais servindo pratos de comida fervente e copos altos de

cerveja para um grande grupo de pessoas bem-vestidas. De onde vieram? Da ópera? De uma peça de teatro? A ideia de comida é um pouco atraente. Mas, de algum modo, estou com menos fome de um jantar de pato e bolinhos do que da instigante e deliciosa companhia de pessoas decentes. Por um breve momento, muito breve mesmo, considero a possibilidade de entrar, mas não posso me arriscar a ser vista. Até onde sei, agora eu sou famosa, e meu rosto foi espalhado por todas as redes de televisão, procurada por assassinatos em dois países.

As luzes brilhantes de um carro de polícia que está bloqueando parcialmente a rua aparecem na minha frente. Deve ser algo maçante e rotineiro, mas esta nova pessoa que sou eu tem que evitar todos os policiais, e é o que eu faço, entrando em uma estreita rua lateral onde desapareço na invisibilidade e volto no tempo algumas centenas de anos. O chão é de pedra, com sulcos estreitos em linhas paralelas onde séculos de carroças e, mais tarde, automóveis, passaram, cada um transformando um pouquinho essa rua. Meus passos ecoam de encontro às paredes de construções medievais de cada lado, abafados apenas pelo som irritante do motor de uma lambreta que passa em alta velocidade.

A rua bifurca, e eu pego o caminho da esquerda, apenas para fazer um círculo e voltar aonde estava. Então pego a direita e essa rua também acaba se bifurcando e bifurcando de novo. Não há nenhuma lógica, apenas uma anarquia complexa, como se a cidade crescesse do chão como uma floresta, puro caos e beleza orgânica.

Então eu vou parar em uma praça e quase engasgo diante do que vejo. Witold estava certo. Aqui está ela, a Praga que você vê em sua imaginação. É um conto de fadas de luz âmbar, pedras que ficaram lisas com o tempo e as mãos de incontáveis milhões de visitantes buscando tocar a beleza. Que azar o meu ver isso nesse contexto. Tenho ciúmes dos tolos turistas indo de café em café, das famílias posando para fotografias, até mesmo dos garotos bebendo cerveja e olhando com malícia para as garotas.

De algum modo eu me liberto da visão e me concentro em prioridades práticas, como onde vou dormir esta noite. Um hotel ou um albergue estão fora de cogitação, caso a polícia tenha minha

identidade — e suponho que tenha. Fico de olho para ver se encontro outra versão de Marina, mas não posso contar com a sorte em duas cidades seguidas.

Eu me afasto um pouco da multidão e descubro uma rua pequena e curva com um prédio de um lado e um muro de cerca de três metros de altura do outro. Não tenho a menor ideia do que há atrás do muro. Talvez um parque ou um pátio, algum lugar reservado sem viciados ou malucos. Olho ao redor e vejo que estou sozinha na rua, então seguro em um poste e me ergo. Do alto do muro o que vejo parece um parque particular, como uma versão menor do Gramercy em Nova York, mas é difícil dizer naquela escuridão. Sem saber o que está abaixo de mim, desço lentamente, tentando ser silenciosa e tomando o máximo de cuidado.

Meus pés tocam em algo duro, mas, quando coloco meu peso em cima, ele balança. Tateio com a ponta das botas até que meus dedos cedem e caio no chão. Sondando ao meu redor na escuridão, sinto lajes estreitas de pedra se elevando do solo em ângulos estranhos, tão juntas quanto dentes tortos.

É um cemitério.

Fecho os olhos, espanto à força o medo de garotinha e os abro novamente. É apenas outro lugar, digo a mim mesma, e um bem reservado, sem dúvida. O terreno está cheio de lápides, como se fossem uma plantação em algum jardim mórbido e alto demais. Sigo entre elas até uma trilha aberta levemente iluminada pelo luar. A maioria das lápides, agora vejo, está em hebraico, e as datas nelas são de centenas de anos atrás. O terreno é irregular e está cheio a ponto de estourar com os corpos embaixo, sem dúvida empilhados em covas com cinco, oito, uma dúzia.

Por apenas um momento, penso em escalar o muro de volta. Mas o fato é que esta noite não vou encontrar nenhum outro lugar mais receptivo, e tenho coisas muito mais reais do que fantasmas para me preocupar. Encontro um lugar entre duas fileiras tão próximas uma da outra que tenho que deitar de lado. As lápides ainda estão mornas do calor do dia e quase parecem macias de encontro a meu corpo. Você é bem-vinda aqui esta noite, viajante, parecem dizer.

Puxo o casaco sobre o pescoço e durmo entre os mortos.

Uma noite tranquila e sem sonhos passa, como se eu fosse apenas mais um dos corpos sem vida desse lugar. O chão é macio e as lápides se revelam protetoras, o que me permite ter a noite de sono mais profundo e ininterrupto que tive desde Paris.

Acordo com a luz do sol e a ponta de uma pá batendo na sola da minha bota. À medida que minha visão clareia, vejo que quem a está segurando é um senhor de cabelo branco usando um macacão azul. Ele se dirige a mim no que suponho ser tcheco, depois em um inglês lento.

— Nada de bêbado aqui. Volta pra onde você saiu.

— Eu só precisava de um lugar para dormir — digo lentamente, mostrando minhas mãos para que veja que não represento um perigo. — Meu dinheiro e passaporte foram roubados. Entende? Roubados?

— Você inglesa? Americana?

— Sim — digo. — Quer dizer, não. Falo inglês. Um pouco. — Não tenho certeza de quem devo fingir ser.

Ele aperta os olhos para mim como se visse além do cabelo curto e das roupas de garoto adolescente.

— Você é uma menina — diz, mais para si mesmo do que para mim.

— Não quis causar nenhum dano, senhor — explico.

— Se o seu dinheiro e passaporte foram roubados, posso chamar a polícia pra você.

— Não — digo depressa demais, e então forço um sorriso. — Obrigada. Eu mesma vou falar com eles. Mais tarde.

As profundas rugas em torno de sua boca se retorcem enquanto uma decisão é tomada.

— Quer comida?

— Vou ficar bem — eu digo. — Obrigada.

— Só um café — ele diz. — Depois você vai.

Ele é o zelador do lugar e mora em um pequeno apartamento acima do museu ao lado do cemitério. Ele me diz que hoje é sábado, o sabá, então não vai haver visitantes.

Sento atrás de uma mesinha enquanto ele mexe em pão e queijo em um balcão de madeira. Há uma TV muito antiga no móvel ao meu lado, transmitindo o noticiário da manhã. Não consigo entender o repórter, mas eles cortam para uma imagem do meu trem na noite passada e uma equipe da polícia vasculhando a colina por onde fugi. Não vire agora, eu peço mentalmente para o velho zelador. Espere pela previsão do tempo. A imagem corta para dois homens carregando uma maca com um corpo sob plástico preto.

O zelador coloca um prato com um pedaço grosso de queijo e pão de centeio na mesa. Ele se senta, coloca um guardanapo no colarinho do macacão e faz um sanduíche.

— Ficou sabendo? — diz, inclinando a cabeça para a TV. — Morreu um homem no trem de Berlim.

— Eles… sabem quem foi?

— Quem matou? — O zelador dá de ombros. — Se sabem, não dizem.

Meus ombros relaxam um pouco de alívio. Talvez realmente não saibam quem foi. Ou talvez só não estejam falando sobre. De qualquer maneira, estou segura por enquanto.

— Sobre seu passaporte — o zelador diz. — É mais fácil eu chamar a polícia. Você não fala tcheco.

Sorrio educadamente.

— Muito obrigada, mas não precisa.

As rugas em volta de seus olhos se aprofundam enquanto ele mastiga. Seria desconfiança ou outra coisa? Então ele dá um leve sorriso. Vejo os dentes amarelos e tortos, dois deles com obturações de ouro.

— Você é judia? — ele pergunta.

— Meus pais eram.

— Judeus sabem que às vezes polícia nenhuma é o melhor — ele diz. — É um problema para nós.

— Vou ficar bem sozinha — digo.

— Em Praha, muitos criminosos — o zelador diz, usando o que suponho ser o nome tcheco de Praga. — Criminosos atacando, roubando, sabe? — Ele faz um gesto amplo, como se para incluir o mundo todo. — Ruim pra mulher sozinha.

— Obrigada pelo aviso.

— Conheço alguém. Hedvika. Ela está em Praha 10, Vrsovice, não é longe. Tem um lugar. Você fica lá. Paga pouco. Tem dinheiro?

— Tenho.

O zelador revira uma pilha de papéis até que encontra um envelope rasgado e um lápis.

— Hedvika é boa para você. Não faz muitas perguntas. Pra ela, sem problema sem passaporte.

Penso que o zelador conhece este mundo onde "*às vezes polícia nenhuma é o melhor*". Ele me entrega o papel com um endereço rabiscado. Pela descrição, parece ser exatamente o que preciso: um quarto na casa de uma velha senhora, barato e discreto.

Quando acabamos de comer, lavo os pratos, que é a única coisa que posso oferecer em retribuição pela refeição e pela gentileza. Quando ele me encaminha para a porta, aperto sua mão.

— Obrigada — digo.

O zelador assente com um movimento da cabeça e uma expressão séria no rosto. E então me diz:

— Cuidado em Praha.

Dezenove

EM UM QUIOSQUE QUE VENDE CIGARROS, compro um passe e três novos chips. As orientações que o zelador me deu são bastante fáceis de seguir e logo estou em um pequeno bairro de predinhos velhos, mas bem cuidados em Praga 10.

A mulher, Hedvika, é bem velha e tem o corpo arredondado de um boneco de neve. Usando uma bata sem cor definida, que pode ser tanto um vestido quanto uma camisola, ela me mostra o interior do predinho de três andares que administra como pensão. É um lugar velho, mas absolutamente limpo. Aqui, ela explica em alemão — uma língua útil nesta parte da Europa — é a cozinha. Todos podem usar a geladeira, mas roubar é motivo de expulsão. Aqui é a sala de estar, onde é proibido fumar e ver televisão com volume alto. Seu quarto é esse aqui, e convidados não podem dormir, pagamento adiantado toda segunda-feira até o meio-dia. Chegamos a um acordo: duas mil e quinhentas coroas ou cem euros por semana, em qualquer moeda. Pago a ela pela primeira semana, e a mulher me deixa em paz. Sequer perguntou meu nome.

Não há muito espaço ou mobília no quarto. Na verdade, é pouco mais do que uma cela. Uma cama de solteiro, uma cadeira e uma mesa de madeira, e uma pequena cômoda com três gavetas. O banheiro fica no fim do corredor e vou ter que dividi-lo com os homens. “Por isso, sempre tranque a porta e não deixe calcinhas penduradas”, Hedvika me orientou.

Homens que parecem vietnamitas, sírios e latinos me cumprimentam com um murmúrio quando passam por mim no

corredor. Trabalhadores sem documentos, talvez. Mas é difícil dizer. Só pessoas que precisam de um quarto, “sem problema sem passaporte”.

Estou exausta e quero dormir, mas não me permito fazer isso. Há muita coisa a fazer. Cheguei à conclusão de que meu pai está em Praga, mas a evidência é circunstancial. Alguns pedaços de conversa com Veronika e Christian. Um cartão para Paulus assinado *BK*. Algumas caixas com armas. As declarações de um homem que acreditava que eu ia matá-lo se não me contasse o que eu queria ouvir. Após apenas alguns minutos de reflexão nada produtiva, o quartinho começa a me dar uma sensação claustrofóbica, e eu saio para caminhar e pensar.

Um céu metálico pesa sobre Praga, colocando um escudo de aço entre a cidade e o sol. Pode ser que chova, ou o céu pode simplesmente desabar sobre nós, não é possível saber o que pode acontecer. Tenho um profundo desejo de alguma coisa, mas não sei bem o que é: um raio de sol, um copo de suco de laranja ou apenas uma flor.

Acabo em um pequeno parque com um playground em um canto. Há uma menininha de vestido cor-de-rosa de cabeça para baixo em um trepa-trepa, enquanto uma mulher mais velha, talvez sua avó, lê um livro sentada em um banco. É uma visão tão alegre quanto eu poderia esperar agora, então me sento na beirada de um muro baixo não muito distante e fico olhando.

A garotinha diz algo em tcheco e então repete, mais alto desta vez. “Olha pra mim”, suponho. A avó levanta os olhos, sorri e assente com a cabeça, e então olha na minha direção. Ela finge voltar a ler, mas sei que estou em seu radar. Depois de mais um minuto, ela se levanta, pega a garota e a leva embora, olhando por cima do ombro para mim enquanto se dirigem para a calçada.

Uma única gota de chuva, o começo de uma tempestade, cai sobre o joelho do meu jeans sujo, formando um pequeno círculo de escuridão. Outro pingo cai na minha cabeça e escorre pelo que sobrou de meu cabelo, então rola pelo pescoço. Fecho os olhos e vejo o Tompkins Square Park e Terrance naquela tarde antes que tudo fosse para o saco.

Pego meu celular, coloco um novo chip e digito o número de Terrance. Há um chiado no som do telefone tocando que só enfatiza as horas e o oceano entre nós.

A voz dele é baixa, como se no final de um túnel.

— Alô?

— Sou eu — sussurro.

Ouço a estática da distância, dos sinais que se movem através das nuvens da tempestade, através do espaço, através dos satélites, e chegando lá outra vez.

— Sou… eu também — ele diz.

— Sabemos quem somos — eu digo.

— Ainda. É perigoso falar.

— Compro outro chip depois.

— Você encontrou… conseguiu resolver?

— Ainda não. Mas estou perto. Bem mais perto do que estava.

— Posso ajudar? — ele pergunta.

— Sim — digo. — Pode ficar on-line daqui a pouco?

— Em vinte minutos?

— Certo. Do jeito de sempre, pelo Tor.

— Foi por isso que você ligou?

— Em parte.

— E a outra parte?

Fecho os olhos e sinto minhas pálpebras ficarem quentes, a respiração presa na garganta. Significa tudo para mim que, durante este breve momento, outro ser humano esteja comigo, me ouvindo, mesmo que esteja tão distante quanto a lua.

— Só queria ouvir alguém normal, sabe?

— Você está bem? — ele pergunta.

— Sim — minto.

Conectando aos servidores da rede Tor:
Anonymousprox.altnet01.Rhymer (Japão)
CaravanServ.hamd08.SamizdatGambol (Sérvia)
MacherKurland.glick04.Storytime (Canadá)
BigMacMcGarey.Alerform03.Gambol (Jordânia)
<<Parabéns! Você agora está conectado ao bate-papo anônimo da rede

Tor!>>
<<Entrando em modo confidencial/ seguro>>
<<AnonUser Ruiva está conectado>>

AnonUser Ruiva: valeu a ajuda
AnonUser Bolsista: é ótimo falar c/ vc
AnonUser Ruiva: preciso das suas habilidades de hacker
AnonUser Bolsista: posso tentar
AnonUser Ruiva: não tenho muitos dados
AnonUser Ruiva: um tcheco com iniciais bk
AnonUser Ruiva: manda armas e bombas para a alemanha
AnonUser Bolsista: terroristas???
AnonUser Ruiva: não
AnonUser Ruiva: talvez, não sei
AnonUser Ruiva: traficantes de armas, acho
AnonUser Bolsista: o que mais?
AnonUser Ruiva: só isso
AnonUser Ruiva: é td q tenho
AnonUser Bolsista: sério?
AnonUser Ruiva: sim!!
AnonUser Ruiva: desculpa, é frustrante pra mim tb
AnonUser Bolsista: me dá
AnonUser Ruiva: ???
AnonUser Bolsista: 5 minutos
AnonUser Ruiva: vc tá aí?
AnonUser Ruiva: vc tá aí?
AnonUser Ruiva: vc tá aí?
AnonUser Bolsista: pera
AnonUser Ruiva: haha, desculpa
AnonUser Ruiva: ????????????
AnonUser Bolsista: essa merda demora!
AnonUser Bolsista: olha o que encontrei
AnonUser Bolsista: monte de gente com essas iniciais
AnonUser Bolsista: mas um cara é um grande criminoso tcheco
AnonUser Bolsista: o nome é bohdan kladive
AnonUser Bolsista: desculpa, bohdan kladivo
AnonUser Ruiva: pqp
AnonUser Ruiva: tem ctz?
AnonUser Bolsista: ficha criminal desde 1992
AnonUser Bolsista: tráfico de armas
AnonUser Bolsista: e humano, principais atividades
AnonUser Bolsista: é o chefão agora
AnonUser Bolsista: nível pablo escobar e o cacete
AnonUser Ruiva: sério? como vc sabe?
AnonUser Bolsista: tá td no banco de dados da interpol

AnonUser Ruiva: tô chocada
AnonUser Ruiva: como vc entrou no banco de dados da interpol?
AnonUser Bolsista: ;)
AnonUser Bolsista: tô zoando, é público
AnonUser Bolsista: + ou -
AnonUser Bolsista: só precisa saber como procurar
AnonUser Ruiva: vc é um genip!!!!
AnonUser Ruiva: gênio
AnonUser Bolsista: obrigado, mas não foi difícil
AnonUser Ruiva: onde kladivo mora?
AnonUser Ruiva: ??
AnonUser Bolsista: ele é superperigoso
AnonUser Bolsista: de jeito nenhum
AnonUser Ruiva: preciso saber
AnonUser Ruiva: por favor
AnonUser Ruiva: por favor!
AnonUser Bolsista: nenhum endereço pra ele
AnonUser Bolsista: provavelmente não para em um lugar
AnonUser Ruiva: qual cidade?
AnonUser Ruiva: só a cidade
AnonUser Bolsista: Praha 1

Mudo para um browser normal, sem segurança, e jogo o nome Bohdan Kladivo no Google. Links para diversos artigos aparecem na tela. “Em Praha, muitos criminosos.”

As histórias na imprensa tcheca dão destaque aos negócios locais de Kladivo. Sua participação nos cassinos de Praga. Suas conexões com juízes, oficiais da polícia e figuras poderosas no governo. Há uma manchete sensacionalista em um tabloide, cuja tradução é: JUIZ ENCONTRADO DECAPITADO EM KARLOVY VARY. É um texto medonho, com fotos e tudo. Outro artigo especula quão profundo é o alcance do grupo nos pequenos crimes de rua em Praga e apresenta o perfil de um batedor de carteira que se recusou a pagar uma taxa para Kladivo e teve sua mão direita cortada com uma serra circular.

Meus olhos se fecham. A ideia de meu pai ter sido preso por homens como esses… Interrompo o pensamento imediatamente. Não pense nisso. Continue produtiva.

Então vou mais a fundo, além dos artigos na imprensa tcheca. Encontro um texto no *New York Times* que liga Kladivo ao contrabando de armas no Sudão, Iraque e Síria. No *Guardian* há um

infográfico que mostra as rotas dos misteriosos aviões de carga de Kladivo — da Rússia para a Síria, depois da Síria para a Moldova, depois de Moldova para a China. Conteúdo dos aviões: desconhecido.

Passo para o artigo seguinte, do *Der Spiegel*. Ele afirma que a organização de Kladivo escolhe a dedo mulheres e crianças da Europa Oriental e da Rússia para leilões extravagantes, nos quais as vítimas são vendidas para clientes ricos do mundo todo. *Fleischkurator*, é como o artigo o rotula. “Curador de carne” é uma tradução possível do termo. “Curador de carne para consumo” é outra.

Mas minha própria carne fica fria quando chego em um artigo do *Economist* de poucos dias atrás sobre como Kladivo está transformando a natureza do crime organizado na Europa — criando novos canais de fornecimento, transformando sistemas que existem há décadas — poucas semanas após a morte de seu antigo superior, o chefão do crime sérvio Viktor Zoric.

O homem cuja foto vi no laptop do meu pai. O homem com um furo de bala do tamanho de uma moeda de dez centavos na testa. “Coisas horríveis”, meu pai disse quando perguntei o que Zoric tinha feito. “Do pior tipo.”

Volto para a pensão de Hedvika. Agora que sei que estou na cidade certa e atrás da pessoa certa, tenho que descobrir como e onde encontrá-lo. Flashes de rostos e pedaços de conversa repassam na minha cabeça. Hedvika me dizendo que o pagamento é na segunda-feira, em coroas ou euros, qualquer moeda serve. O zelador me avisando sobre os criminosos de Praha enquanto come: “Ruim pra mulher sozinha”.

Quando passo por uma loja, um velho cambaleia para fora, uma das mãos manchadas estendida, e me pede alguma coisa com a voz fraca. Estou a ponto de desviar dele, mas mudo de ideia. Pensando em carma, vasculho os bolsos atrás de moedas, encontrando pedacinhos de papel, fósforos e o baralho que trouxe de Nova York. Dou algumas moedas para o velho.

O baralho.

Eu o tiro do bolso e viro na minha mão.

É a beleza de Praga 1 que atrai os turistas, e são os turistas que atraem os criminosos. Isso acontece em toda parte do mundo, sempre que os turistas se reúnem. Eles são como um recurso natural, frutas maduras esperando ser colhidas.

Do lugar onde estou sentada, na borda de pedra de uma fonte, consigo ver quase toda a praça da Cidade Velha, com suas barracas de cerveja e suvenires de preços inflacionados, e os grupos de turistas andando de um lado para o outro, cheios de “Ooh!” e “Aah!”, sorrindo para fotografias. Também vejo os batedores de carteira e vigaristas que andam atrás deles. Os suspeitos de sempre estão aqui, todos os trapaceiros que traduzem perfeitamente certos aspectos de diferentes culturas e línguas — a falta de troco, a troca de moeda estrangeira, a câmera quebrada —, coisas que eu vi diversas vezes no mundo inteiro. Mas não vejo ninguém usando o golpe das três cartas.

Quanto aos policiais, eles estão em toda parte, mas parecem ignorar os malandros. Nas três horas que passo observando a praça da Cidade Velha, nenhum deles foi preso. Vejo uma turista bastante chateada falando com um policial, e ele lhe entrega um folheto, que ela, frustrada, joga no chão ao sair dali bufando. Pego o folheto e vejo instruções em diversas línguas sobre como fazer um boletim de ocorrência on-line.

Coloco minha caixa entre duas barracas de cerveja e começo a embaralhar. Três cartas dobradas de forma a ficarem mais fáceis de ser pegas — dama de copas, valete de espadas e valete de paus. Mexo em suas posições, mudando a dama para a esquerda, para a direita, para o meio.

O que preciso, mas não tenho, é de um incentivador, um colega que finja que está jogando e ganhando. Assim, se meu alvo pegar a carta certa, vou ter que recorrer ao método ancestral usado por vigaristas que atuam sozinhos: gritar que a polícia está vindo, encerrar o jogo e correr dali.

Meus primeiros alvos não demoram para aparecer, um trio de garotos alemães bêbados usando camisetas de time de futebol. Eles balançam e tropeçam, com cervejas nas mãos, enquanto observam o jogo.

— Sigam a dama — grito. "*Folgen Sie der Dame.*"

Eles se aproximam, e um deles se arrisca a bater na carta mais à esquerda. Eu a viro e, olha só!, é a dama! Embaralho de novo, para a frente e para trás, fazendo movimentos rápidos e trocando as três cartas. Ele bate na do centro. Ganhou outra vez.

— *Zeigen Sie mir Ihr Geld* — digo, ainda embaralhando. "Mostra o dinheiro." Ele tira uma nota de vinte euros e vence uma terceira vez. Passo uma nota de vinte para ele por cima da caixa.

Seus amigos o chamam para ir embora. Mas ele já foi mordido pelo bicho da ganância, e tira mais dinheiro. O dobro ou nada, eu digo, e ele concorda. Pego a dama, coloco o valete de espadas no lugar e embaralho mais uma vez. Ele bate no lado direito e eu viro a carta. Valete de espadas.

Ele joga quarenta euros na mesa, ressentido com minha vitória, mas fisgado e ansioso para provar a si mesmo e a seus amigos que não é um perdedor. Tira mais duas notas de vinte enquanto continuo a embaralhar. Bate com a mão no lado esquerdo. Valete de paus. Que pena.

Um casal de americanos — tênis brancos, bonés de time de beisebol, o homem com uma camiseta da Nascar — se aproxima para olhar. Em sua rodada de treino, a mulher escolhe corretamente. Eu lhes digo em um falso inglês com sotaque carregado para fazer uma aposta.

— Ah, não sei — a mulher se esquiva, as vogais redondas e gorduchas do meio oeste flutuando através do ar, como balões delicados.

— Que pena — digo. — Dá para ver que você é boa nisto.

O homem tira uma nota de dez euros do bolso. Que se transforma em uma nota de vinte depois da primeira vez que perde, e em uma de cinquenta depois da segunda. Seu rosto fica rosado, e ele bufa com força, como se tivesse levado um chute no estômago. Os dois vão embora furiosos, balançando a cabeça.

Depois de uma hora, já ganhei cem euros. Depois de duas, meu lucro é de trezentos e quarenta. Eu me sinto mal enganando os turistas desse jeito, mas o dinheiro faz as coisas melhorarem.

Quando estou saindo da praça, dois caras com agasalho da Puma começam a andar do meu lado. Eles são jovens e muito bonitos, especialmente o mais alto, com um pescoço de halterofilista tão largo quanto sua cabeça. Ele diz alguma coisa em tcheco, segurando meu braço pouco acima do cotovelo e apertando com força. Olho para ele com o rosto inexpressivo, e ele tenta de novo em um inglês quase sem sotaque.

— Do rio até Narodni é nosso, sacou? — Ele tem jeito de valentão de escola, e me empurra contra a parede de uma igreja linda e secular nos limites da praça. — Quanto ganhou hoje, garoto?

— Não sou um garoto — respondo em um inglês carregado com o sotaque de Sofia. — E isso não é da sua conta.

Ele levanta meu queixo com o dedo e estuda meu rosto.

— É mesmo? — diz. — Libor, olha só. É uma garota.

O outro — Libor, evidentemente — dá um sorriso malicioso e faz um comentário em tcheco.

— Meu nome é Emil — diz o mais alto. — Já ouviu falar de mim?

— Não.

— Essa área aqui, toda essa área, me pertence. Então vou dizer como vai ser. Você me dá a porra do dinheiro e fica longe daqui, entendeu?

— Você não quer dizer que essa área pertence a Bohdan Kladivo? — pergunto.

Os dois se entreolham.

— Falou com a gente, falou com ele também — diz Libor, enquanto Emil estende a mão sobre meu casaco e começa a revistar os bolsos.

Agarro o pulso de Emil com uma mão e golpeio seu ombro com a outra. Ele cai de lado com tudo, e eu torço o braço dele atrás das costas, prendendo-o. Libor começa a gritar quando enterro os dedos no cabelo cheio de gel de Emil e bato sua testa na calçada — só uma vez e sem muita força. Só quero passar um recado.

Então Libor me agarra e me afasta. Emil fica em pé com um pulo, um pequeno filete de sangue descendo do couro cabeludo para o rosto. Ele começa a enfiar a mão no bolso do agasalho, mas Libor estende a mão e diz alguma coisa sobre a polícia. Em vez do que ia fazer, Emil me dá um murro na barriga.

Vinte

SAÍMOS DE PRAGA 1 E RUMAMOS PARA O SUL, acompanhando o rio, na perua de Emil. Libor está sentado ao meu lado no banco de trás, apertando um pequeno revólver no meu flanco com uma das mãos, enquanto a outra toca minhas costas, meu ombro, minha bunda, minha perna. Faço uma anotação mental para me lembrar de cortar a mão dele em algum momento no futuro, se eu sobreviver.

Se as notícias sobre o domínio de Kladivo nos níveis mais baixos do crime de rua estiverem corretas, não tenho nenhuma dúvida de que vou encontrá-lo depois de mil elos da cadeia alimentar que Emil e Libor participam. Meu pequeno golpe era só uma maneira de bater na porta de Kladivo.

Lá fora ainda é Praga, só que mais suburbana. Após dez minutos, paramos diante da entrada de serviço de uma estrutura que se destaca entre pequenos prédios residenciais e lojas de conveniência. É uma grande mansão ao lado do rio, três andares de pedra cinzenta que parecem ter mais de cem anos. Há claramente um ar de Império Austro-Húngaro no lugar, e nos aproximamos de uma porta simples que teria sido usada pelos criados. Emil e Libor me empurram escada acima e para dentro de uma brilhante cozinha comercial.

Os garçons, com gravata-borboleta e colete, se recusam a dar atenção à nossa presença, como se não houvesse nada de especial em dois homens com agasalho da Puma e uma mulher quase careca atravessando a cozinha. Emil abre uma porta com força e me leva para o próximo aposento.

Nunca estive em um cassino, só os vi em filmes. Mas é evidente que minha impressão de que eram lugares barulhentos, cheios de luzes piscando e gente velha de pochete estava errada. Este é um cassino estilo James Bond, com candelabros de cristal, homens de terno e gravata, mulheres de vestido. Não vi nenhuma placa anunciando este lugar na frente da mansão, então, ao que parece, as pessoas — as pessoas certas — simplesmente sabem de sua existência. Ouço risadas e o barulho das fichas de plástico batendo umas nas outras, cartas sendo embaralhadas, o *clique-clique-clique* da roleta.

Esperamos na frente da porta por um momento como se fôssemos penetras desajeitados, recebendo olhares de desdém dos frequentadores sentados. Um homem com o tronco parecido com um barril e princípios de calvície vem na nossa direção rapidamente. A combinação do smoking com o andar rápido e cômico faz com que pareça um pinguim apressado. Com um silvo entredentes, ele nos manda de volta para a cozinha.

O homem troca palavras ríspidas em tcheco com Emil enquanto nos conduz por um corredor, passando pela porta de um ambiente bem menos glamoroso. Há outros homens aqui, cinco ou seis variações do tema “bandido de agasalho”, usando aquele aposento como se fosse seu clube particular. Estão acomodados em sofás de couro gasto e banquinhos de bar velhos demais para ficar na área do cassino.

O homem de smoking circunda uma velha mesa de madeira cheia de pastas, cinzeiros e xícaras de café, então desaba sobre uma cadeira, que geme sob seu peso.

Ele e Emil discutem intensamente em um tcheco muito rápido. Parece que o homem de smoking está furioso com Emil por me trazer até aqui, mas ele tenta se explicar. Os outros caras olham com curiosidade, mas ficam fora do bate-boca.

O homem estala os dedos duas vezes e aponta para mim.

— Seu nome — ele diz em inglês.

— Sofia.

— Sou Miroslav Beran, mas todos me chamam de “Chefe”. Sabe por quê?

— Porque você é o chefe?

— Exato! — ele diz com o falso entusiasmo dos cronicamente sobrecarregados. — Agora me diga, por favor. De onde você é? Armênia? É uma cigana?

— Russa.

— Meu jovem colega aqui, Emil, diz que você estava conduzindo uma operação de jogatina em Praha 1 — ele diz, aparentando cansaço. — *Sofistikovaný* foi a palavra que Emil usou para definir seu jogo. Sofisticado. É ele quem cuida de toda a jogatina em Praha 1. É o *negócio* dele. Você entende?

— Sim — digo.

— Por esse crime, e por esmagar a cabeça dele na rua, Emil acredita que você mereça levar um tiro — diz Beran, o Chefe. — Mas Emil tem sempre que falar comigo antes de atirar em alguém. É uma nova regra que estabelecemos por causa do que aconteceu da última vez. Não é, Emil?

Ele diz algo em protesto, mas o Chefe ergue um dedo e Emil fica quieto.

A cadeira range quando o Chefe levanta e circula a mesa, aproximando-se de mim com os braços cruzados.

— Não somos homens insensatos, Sofia. Ladrões e ciganos batedores de carteira nós toleramos. Todo mundo tem que ganhar a vida. Mas operações de jogo em Praha estão em direta concorrência com nossos interesses. Você sabe qual é a punição por isso?

— Não.

O Chefe se inclina para a frente, toca meu rosto gentilmente e vira minha cabeça como se estivesse avaliando um cachorro.

— Na primeira vez, um dos dedos é cortado. Isso no caso dos homens. No das mulheres, *outra coisa* é cortada. Quer detalhes?

Viro a cabeça para o lado.

— Eu não estava jogando — digo. — Era um golpe. Um truque.

— Emil disse que era um jogo de cartas.

— Parece um jogo de cartas, mas não é — digo. — Você não consegue ganhar. Não do jeito que eu jogo.

O Chefe diz alguma coisa em tcheco, e um dos sujeitos se atrapalha para pegar um baralho na gaveta.

— Mostra — diz o Chefe.

A atenção da sala é despertada novamente, e o bando se inclina para a frente com curiosidade enquanto retiro o valete de paus, o valete de espadas e a dama de copas. Instruo o Chefe a seguir a dama e começo a embaralhar, devagar a princípio, deixando que ele siga com facilidade os movimentos das cartas. Então paro e aceno com a cabeça para ele.

— Ela está exatamente aqui, óbvio — diz o Chefe. Quando viro a dama, ele dá um sorriso satisfeito para toda a sala, desfrutando das risadas. Então me dá um tapa no ombro. — Talvez isso possa enganar Emil, mas não eu.

— Então aposte alguma coisa — digo.

— Quê?

— Se está tão confiante, aposte alguma coisa.

A mão de alguém bate na mesa com um rolo de euros amarrado com um elástico. Meu olhar vai subindo por ela e pelo braço até chegar ao rosto de Emil.

— Eu aposto a garota — Emil diz ao Chefe. — Se ela ganhar, sai daqui com o dinheiro, três mil euros. Se eu ganhar, ela me pertence.

O Chefe sorri.

— O que significa “ela me pertence”, Emil? Você vai cuidar da garota como um animal de estimação?

Os amigos de Emil assobiam baixo. Posso ouvi-los sussurrando animados atrás de mim. O Chefe parece se divertir com a perspectiva e olha ao redor para ver se há consenso entre os presentes.

O medo cresce dentro de mim, cada célula racional do meu corpo acesa, apontando para a saída, gritando *sai daqui, sai daqui*.

O Chefe assente.

— Concordo — ele diz, e recebe aplausos e assobios baixos.

Mas o silêncio cai sobre os homens quando pego as cartas e começo a mexer rapidamente nelas, mandando a dama para a esquerda, depois para a direita, fazendo-a deslizar sob o valete de espadas, jogando-o no lugar que seria o dela.

Emil observa completamente focado, então aumento a velocidade. Não é um jogo, repito para mim mesma, é um golpe. Enquanto embaralho, deixo a dama cair com a face para cima, como se tivesse sido por acaso. Então a pego de novo, mas a substituo rapidamente por um valete. Termino fazendo um floreio com as cartas para colocá-las em cima da mesa. A concentração no rosto de Emil é evidente, e ele me estuda em busca de pistas. Mas sou feita de pedra e não demonstro nada.

Ele está achando fácil demais, sabe que está deixando algo passar. Emil muda de ideia, talvez não seja tão fácil quanto parece. Ele olha de relance para o Chefe, mas Beran é um profissional do cassino, tão ilegível quanto eu.

Emil estende o dedo indicador para a carta à minha esquerda, então muda de repente para aquela no centro.

— Essa é sua resposta? — pergunto.

Ele expira lentamente, os músculos faciais retorcidos.

— Sim.

Todo mundo na sala solta um suspiro de surpresa — na verdade, um suspiro bem alto — quando viro o valete de paus. Dou um pulo quando as mãos de Emil voam no ar, pensando que vai me acertar, mas ele só gira o corpo e solta uma longa sequência de xingamentos que são recebidos com risadas pelos outros.

Ele aponta para mim e grita com ódio para o Chefe, apresentando alguma apelação, suponho, argumentando que trapaceei ou que aquilo não era justo. Ele está certo, é claro, mas não é como se eu tivesse dito que não ia trapacear. O Chefe tinha trabalhado como meu incentivador, mostrando para todos da sala como o jogo era fácil, até que o verdadeiro alvo deu um passo à frente.

O Chefe olha firme para ele.

— Não somos *cestný lidé*? Homens honrados e com espírito esportivo? — ele grita, não apenas para Emil, mas para todo mundo na sala.

Eles assentem envergonhados. O Chefe pega um cigarro na mesa e o acende. Ele solta a fumaça pensativamente.

— Pegue o dinheiro, Sofia. Você venceu e está livre para ir embora.

Emil anda de um lado para o outro, os olhos me perfurando de raiva. Só Deus sabe o que faria comigo se tivesse acertado. Só Deus sabe o que ainda pode fazer.

Avanço e recolho o dinheiro. É pesado e maravilhoso em minhas mãos. Acho que nunca vi tantas notas juntas.

— Quanto é sua parte geralmente? — pergunto para o Chefe.

— Minha parte?

— O dinheiro que você ganha de cada jogo que acontece em Praha 1?

— Trinta por cento.

Separo novecentos euros e coloco sobre a mesa.

— Quero trabalhar para você — digo.

O Chefe arqueia a sobrancelha, e eu ouço alguns risos reprimidos na sala.

— Como pode ver, só tem homens aqui — ele diz.

— Pois é, mas acabei de ganhar novecentos euros para você em menos de um minuto.

O Chefe respira fundo, suas narinas se alargando. Há uma longa pausa enquanto ele pensa sobre aquilo e olha ao redor, tentando medir a temperatura. Então abre um sorriso enviesado e dá de ombros.

— Por que não, porra?

Às nove horas da manhã seguinte o cassino está fechado para clientes e apenas empregados podem entrar. Vai reabrir à tarde, mas por hora a equipe dos caras de agasalho está reunida no bar, os tênis apoiados em bancos revestidos de couro verde e caro, migalhas de sua primeira refeição do dia, pão, queijo e salame, caindo no carpete fofo. Eles param de conversar quando entro, e as cabeças viram para me acompanhar pela sala. Um menino magro, limpando um revólver desmontado com uma escova, arqueia as sobrancelhas quando me vê e balança a cabeça. *Esse lugar está indo para o saco*.

Beran, o Chefe — agora de jeans e camisa branca aberta até o meio do peito —, está em pé atrás do bar bebendo água de uma

garrafa entre mordidas de salsicha e chucrute. Ele sorri quando me vê, como se estivesse surpreso por ter aparecido.

— Vem comigo — diz, e eu o sigo pelo corredor até seu escritório. Ele aponta para uma cadeira e eu sento empertigada, costas retas, mãos cruzadas sobre o colo.

Beran abre um armário de metal no fundo da sala e tira de lá uma capa do tipo que as lavanderias usam para proteger a roupa limpa.

— Preciso do seu passaporte — ele diz.

Eu o pego e coloco sobre a mesa.

— Usa algum tipo de droga? — ele pergunta. — Heroína, metanfetamina?

— Não.

— Sério? Nem um pouquinho de maconha de vez em quando?

— Quando eu era mais nova. Não mais.

Ele coloca a capa sobre a mesa.

— Tira a roupa.

— Como é que é?

— Tira a roupa.

No fundo do meu coração, eu sabia que este momento chegaria. Estava disposta a trepar com Christian, então por que não com Beran, o Chefe? Você não luta, foge e se mete em enrascadas nos esgotos europeus e ainda sai virgem da história.

Jogo o casaco e a camiseta no chão, tentando não tremer. Minha calça se junta a eles logo em seguida. Beran levanta a cabeça e me olha com indiferença.

Não seja fraca, digo a mim mesma. O fim justifica os meios. Coloco as mãos nas costas para soltar o fecho do sutiã.

— Pode parar — ele diz. — Estende os braços.

Como um médico, o Chefe pega minhas mãos e as torce, examinando dos pulsos até os ombros.

— Você está limpa — diz, com um tom de surpresa na voz. — Desculpe a grosseria, mas precisava examinar você para ver se tinha marcas de agulha ou fios. Não quero viciados trabalhando para mim. Ou informantes.

Ele levanta a capa pelo cabide e revela algum tipo de uniforme: camisa branca, colete bordado, saia curta e gravata-borboleta, todos

cor de vinho.

— Vista isso, por favor — ele diz.

Minhas mãos tremem de alívio quando começo a colocar a roupa, mas não tenho a menor ideia do que o uniforme significa. Mesmo sem me ver em um espelho, sei que estou ridícula.

— É um uniforme de garçonete? — pergunto.

— Você vai ser crupiê, Sofia. Aqui no cassino. Vinte e Um. Pôquer. Bacará.

— Mas não sei nenhum desses jogos — digo.

— Você sabe contar, e eu já vi como lida com o baralho. Isso já a coloca acima de quase todos os outros.

— Pensei que eu pudesse trabalhar…

— Com os rapazes? Emil e Libor? — Ele balança a cabeça. — Fora de questão. Eu teria uma rebelião nas mãos. As únicas mulheres aqui trabalham no cassino.

Uma palavra de gratidão parece necessária, então agradeço a ele pelo trabalho, mesmo não sendo o que eu tinha em mente.

— Imagina — ele diz calorosamente. — Só contrato gente talentosa que vem das ruas. Pessoas espertas que são… qual é a palavra? Crianças sem pais?

— Órfãs? — tento.

— Isso mesmo — diz o Chefe, abrindo a porta do escritório para mim. — Pessoas cuja ausência não vai ser sentida.

Em meu crachá está escrito Sofia, e o uniforme é apertado demais — o que é proposital, como as outras garotas me explicam, justo na bunda e nos seios para evitar que escondamos fichas do cassino na roupa.

Minha professora, uma crupiê chamada Rozsa, abre três cartas sobre a mesa: dama de ouros, oito de espadas, sete de paus.

— Vinte e cinco — digo instantaneamente, então repito o número em russo, em alemão e em tcheco, cujos rudimentos Rozsa está me ensinando. É parecido o bastante com o russo para eu não ter problemas com vocabulário básico, incluindo números.

Rozsa é pequena, de pele pálida e cabelo preto em formato de sino. Ela lembra uma versão sombria e má da fada Sininho. A mulher abaixa mais três cartas: valete de copas, ás de espadas e dois de ouros.

— Vinte e três ou treze — digo. O ás pode valer tanto um quanto onze, o que for mais vantajoso.

Repetimos aquele exercício diversas vezes, até Rozsa estar satisfeita.

— Você nasceu para isso — ela diz em um inglês claro, juntando as cartas de novo com um movimento elegante do pulso. — Agora, o que vamos fazer com sua cara?

— Minha cara? — pergunto.

— Sim. Com esse cabelo e sem maquiagem você parece um menino com peitos. Vem aqui.

Ela me leva para o banheiro e espalha o conteúdo da bolsa sobre o balcão.

— Você sabe o que é isto? — ela diz, levantando um batom.

— Óbvio — digo.

— Então mostre.

Tiro a tampa e aplico nos lábios. A verdade é que só usei maquiagem umas seis ou sete vezes na vida. Odeio tudo isso, especialmente batom — algo a ver com o gosto e o cheiro.

Rozsa estala a língua e balança a cabeça ao arrancar o batom da minha mão.

— Afe — ela diz. — Deixa comigo. Faz assim com o rosto.

Imito a expressão dela e estendo os lábios enquanto espalha aquela pasta neles. O batom é seguido por sombra, delineador e blush.

— Você já conheceu os outros crupiês? — Rozsa pergunta enquanto trabalha.

Respondo que ainda não, e ela me passa as informações, confirmando exatamente o que Beran tinha dito, que somos todos órfãos de um tipo ou de outro, andarilhos dos cantos sombrios e úmidos da Europa. Rozsa faz uma lista das pessoas de quem gosta: Marie e Vika, as ciganas romenas, são suas favoritas. Em seguida vêm Aida, a muçulmana croata, e Gert, filha de radicais alemães.

Ivan, o anarquista ucraniano, é calado a princípio, mas simpático quando você o conhece melhor. Por fim, Rozsa me conta sobre si mesma: nasceu na Hungria, fala nove línguas e é uma bruxa praticante. Levanto a sobrancelha diante dessa última informação, e ela me conta que sonhou com minha chegada ao cassino. No sonho, uma mulher de cabelo curto cujo nome começava com a letra *S* apareceria, trazendo consigo um presente para todos eles.

— Que tipo de presente? — pergunto.

— O sonho não dizia.

— E como terminou?

Ela sorri diante da pergunta, e sei que vai mentir.

— Não lembro — diz.

Penso em pressioná-la para me contar mais sobre o sonho, mas de repente Rozsa me vira pelos ombros para eu ficar de frente para o espelho. Um rosto que nunca vi antes está me encarando: maçãs do rosto rosadas pelo blush, olhos grandes e vivos graças às dez coisas diferentes que a mulher aplicou neles, boca cheia e carnuda devido ao batom. Pareço uma premonição do meu eu adulto, uma mulher uns bons cinco anos mais velha. Meu novo rosto é bonito. Eu me pareço com aquilo em que estou me transformando em alta velocidade: uma mulher dura, mais cruel do que a garota que deixou para trás, se escondendo cinicamente atrás de uma máscara de maquiagem bem aplicada.

— Gostou? — Rozsa pergunta.

— Eu… não sei — digo.

— É um…ah… — Ela agita a mão no ar, buscando impaciente a palavra em inglês. — *Verkleidung* — diz finalmente, em alemão.

— Disfarce — digo.

— É, isso. Se os homens querem ver suas mulheres bonitas e felizes, então vamos nos fantasiar delas. — Ela começa a recolher suas coisas. — Os homens que mandam aqui exigem que a gente esteja sempre bonita e feliz. Tome cuidado.

— Eu sei. Emil e os outros são perigosos.

— *Pff*, eles não são nada — ela diz, virando para mim. — É de Beran e dos que estão acima dele que você deve ter medo.

Sinto um arrepio na nuca. Há informações a serem coletadas aqui. Rozsa é amigável, mas também experiente, e este é muito mais o mundo dela do que o meu.

— Beran não é o chefe? — pergunto ingenuamente.

— Só do cassino e dos garotos que trabalham nas ruas. — Ela coloca as mãos sobre meus ombros e inclina a cabeça. — Você sabe quem é o dono, né?

Meu corpo fica tenso. Por favor, Rozsa, quero ouvir você dizer em voz alta. Faço que não com a cabeça.

— É o demônio — ela diz categórica. — Mas ele chama a si mesmo de Kladivo.

Mesmo enquanto Rozsa dizia aquilo, o que brotou dentro de mim não foi medo, mas orgulho. Encontrei o demônio e agora vou pegá-lo. Assim, com confiança e mãos calmas, trabalho na minha primeira rodada no cassino do demônio.

Digo em voz alta e em quatro línguas o total das cartas. Um russo grandalhão, com barba por fazer e fumando um cigarro atrás do outro, consegue ganhar no vinte e um pela terceira vez consecutiva. Chamo os garçons, e eles aparecem um segundo depois com um balde prateado de gelo no qual se pode ver o gargalo de uma garrafa de champanhe. Parece o mastro de um navio que está afundando.

Mas, por fim, o russo perde. Como acontece com todo mundo. Alguns dos crupiês não demonstram qualquer emoção ao varrer as fichas de uma mesa, mas Rozsa diz que as gorjetas aumentam se você der um sorrisinho simpático. Faço isso, e de fato ajuda.

Volto para o quarto na pensão de Hedvika naquela primeira noite, e pelas próximas vinte, com tanto dinheiro que nem sei o que fazer com ele. Estou ganhando mais do que meu pai recebia trabalhando para o governo. Começo a comer em cafés em vez de levar comida da rua para o quarto. Compro roupas novas, maquiagem e um par de sapatilhas bonitas para trabalhar. Toda noite tenho que lembrar a mim mesma para não me deslumbrar com a prosperidade repentina e me lembrar do motivo de estar aqui.

Peguei esse emprego no cassino para ficar perto dos bandidos que estão com meu pai. Monitorá-los não é difícil, porque ficam entrando e saindo do cassino o tempo todo. Em poucos dias começa a circular um boato de que sou lésbica. É Rozsa quem me conta isso. “É o cabelo curto”, ela diz — e o fato de que acabei com a raça de Emil. Os rapazes parecem achar que conquistar uma lésbica deve ser encarado como um desafio, e começam uma disputa para ver quem vai me levar para a cama primeiro. É Emil quem mais se esforça, talvez vendo nisso, em sua incompreensível lógica escrotal, uma maneira de ressuscitar sua dignidade e reputação entre seus camaradas.

Quem sabe um dia você vai visitar meu apartamento para ver como lá é gostoso. Você já dirigiu um Porsche? Eles dispõem de montanhas desse tipo de sedução barata usada por marginais, expressas em um inglês que aprenderam com bandidos de séries americanas. Preciso de todas as minhas forças para não os rejeitar. Engulo em seco e sorrio, pergunto sobre o apartamento, digo que nunca dirigi um Porsche. Tenho que prestar atenção nos copos que uso, nunca os deixo fora do meu campo de visão.

Entre perguntas idiotas sobre os carros deles, faço discretas investigações sobre Kladivo. Mas tudo o que ouço é que ele é um grande mistério e está sempre ocupado em outro lugar, aparecendo no cassino somente por alguns breves momentos antes de desaparecer com a mesma rapidez.

É difícil ser paciente. Cada vez que olho para Beran, Emil, Libor ou os outros vinte bandidos circulando pelo cassino, fico me perguntando se eles colocaram as mãos no meu pai, se o esmurraram, se cortaram sua garganta, se o enterraram. Porque é isso que vou fazer com eles quando chegar a hora.

O demônio chamado Bohdan Kladivo chega alguns minutos antes de as portas abrirem em meu vigésimo segundo dia no cassino. Os outros se referem a ele como Pan Kladivo — uma forma de tratamento ainda mais formal que “senhor”.

Ele não é alto nem muito musculoso, a magreza acentuada por um terno risca de giz muito elegante e caro. O cabelo preto penteado para trás emoldura um rosto seco com traços delicados semelhantes a um pássaro, e seus olhos se movimentam com rapidez, analisando o mundo por cima de óculos de armação prateada. Os outros bandidos que conheci projetavam força; eu os temia por seus músculos e sua índole. Mas Bohdan Kladivo projeta inteligência, e tenho um medo instantâneo de sua mente e o que parece ser uma racionalidade cirúrgica. Para ele, estou certa disso, todo problema é um tumor, e a única solução verdadeira é o bisturi.

O Chefe faz um alvoroço com a chegada de Kladivo, apontando para um novo candelabro, o novo feltro sobre as mesas, e a nova garota — eu. Sorrio acanhada e inclino a cabeça em uma pequena reverência. Mas há coisas mais importantes do que candelabros, feltros e a garota nova na mente de Bohdan Kladivo, porque ele não faz nada além de passar os olhos sobre nós enquanto leva o Chefe para fora da área do cassino e para dentro da cozinha.

— Ele está *gestört* — Rozsa diz depois que a porta da cozinha se fecha. — Como se diz em inglês?

— Preocupado — digo.

— É exatamente isso — ela diz. — Preocupado.

— Com o quê? — pergunto.

— Todo mundo tem preocupações. — Rozsa dá de ombros, se afastando. — Até os monstros.

Já faz uma hora que estou em pé diante da mesa vazia de vinte e um. As tardes durante a semana são assim, e eu sou grata por isso. Seria difícil contar as cartas quando minha mente está incendiada com as possibilidades do que Kladivo e Beran estão discutindo no escritório. Quero uma prova de que eles ainda estão com meu pai, de que ele ainda está vivo, e me contentaria com a menor evidência.

— Você está disponível? — pergunta uma voz ao meu lado em inglês.

Viro e vejo Bohdan Kladivo em pé ali, com as mãos na frente do corpo.

— Sua mesa, quero dizer. — Ele sorri. — Sua mesa está disponível?

Minha boca treme por um momento, mas finalmente consigo dizer:

— Claro, Pan Kladivo.

Ele se senta no banquinho do meio, tira uma ficha de cinco mil euros do bolso e a coloca na sua frente.

As cartas não estão a favor dele, um dez e um seis contra meu onze. Ele bate o dedo médio na mesa e eu tiro outra carta, um cinco, dando-lhe vinte e um. Viro minha segunda carta e revelo um sete, o que me dá dezoito.

— Parabéns — digo, recolhendo as cartas e lhe passando outra ficha de cinco mil euros.

— Você é Sofia Timurovna, certo? Acertei o patronímico?

Ele se refere ao meu nome do meio, que em russo é sempre uma modificação do primeiro nome do pai. Timur, no meu caso. — Sim, acertou — digo.

— Pan Beran diz que você é uma estrela brilhante aqui. Inteligente, excelente com as cartas. — Ele dobra sua aposta para dez mil. — De que lugar da Rússia você é?

— Armavir, no sul — digo enquanto voltamos a jogar. — Dezenove. O senhor ganhou de novo.

Ele faz uma pilha com todas as suas fichas, vinte mil euros no total. Tiro um valete e um quatro para ele, e um par de oitos para mim.

— Um povo admirável, o russo — ele diz. — Disciplinado. Leal. Outra carta, por favor.

— Então talvez conheçamos russos diferentes — digo enquanto lhe dou um três, totalizando dezessete.

Ele recusa outra carta, e eu tiro um quatro para mim, o que me dá vinte.

— A banca vence — digo. Da mesma maneira que eu faria com qualquer outro cliente, recolho a pilha de vinte mil euros que está na frente dele.

Bohdan Kladivo me encara por um momento. Então ele pega uma ficha de mil euros do bolso e a empurra sobre o feltro na minha direção.

— Para você — ele diz. — É a única crupiê daqui que teve a ousadia de fazer isso.

— Fazer o que, Pan Kladivo? — pergunto.

— Permitir que eu perca.

Jogo a ficha no meu pequeno compartimento de gorjetas, como faria com qualquer uma, e dou a ele um simples obrigado. O homem parece apreciar esse meu gesto e me encara até eu desviar o olhar.

— Você é nova em Praha — ele diz. — Já tem um namorado?

Meu estômago revira.

— Eu não namoro — digo.

— Sim, foi isso o que Pan Beran disse. A especulação é a de que você é lésbica, mas acho que só é esperta o bastante para não namorar os homens daqui. Eles podem ser… grosseiros.

— Sou apenas uma mulher que não namora.

— Não estou perguntando por minha causa, entenda — ele diz. — É pelo meu filho, Roman. Acredito que você seria, digamos, uma *boa influência* sobre seu caráter.

Inclino a cabeça e sorrio da maneira mais educada que consigo.

— Lamento, Pan Kladivo. Como eu disse, não namoro.

— Uma decisão que devo respeitar. — Ele suspira e tira um pequeno bloco de notas do bolso do paletó. — Porém, caso mude de ideia, vou lhe dar meu celular.

Ele anota a informação com uma caneta-tinteiro. A ponta prateada reflete a luz como se fosse a lâmina de um bisturi, e na lateral do corpo preto da caneta vejo a inscrição “Para papai, com amor, G”.

Vinte e um

ROZSA ME FAZ UM CHÁ que tem cheiro de alcaçuz e terra molhada no verão. Tomo um gole e fico grata por aquele calor, mesmo que o gosto seja horrível. É remédio, ela me diz, então tem que ser terrível.

De algum modo consegui chegar ao final do meu turno, um borrão de cartas de baralho, pilhas de fichas e de dinheiro vistas através dos véus de fumaça de cigarro. Rozsa me encontrou sentada no chão em uma parada de ônibus do lado de fora do cassino. De acordo com ela, meu rosto estava pálido como o de um morto.

Assim, fui tomar chá e comer algo no apartamento de Rozsa. Ela não aceitou meus protestos de que estava bem e só queria ir para casa. Até pagou um táxi para o apartamento, que é do tamanho de um armário e fica em cima de um café, a uma longa distância a oeste do rio.

Tenho que me forçar a ficar na pele de Sofia, a russa, esta noite, me lembrar de pronunciar as palavras como ela faria, bebericar meu chá como ela faria. Quero desesperadamente contar tudo a Rozsa, a verdade, tirar das minhas costas o peso da minha própria história. Mas só lhe digo que meu atual estado deplorável se deve a uma dor de cabeça muito forte causada por toda a fumaça de cigarro. Na realidade, minha cabeça dói por causa da sensação cada vez mais profunda de choque e pânico que sinto desde o dia em que meu pai desapareceu.

Lá estava ela, a caneta. A prova que andava procurando. Mas e agora? Qual o próximo passo? Preciso que Yael, a deusa espiã

israelense, a guerreira ninja assassina, me diga o que fazer, mas só tenho Rozsa, a fadinha húngara que acha que é bruxa.

— O gosto que você está sentindo é erva-doce e algo mais, *edes gomba* — diz Rozsa sobre o chá. — Remédio, mas não para o corpo: para a parte invisível.

— A alma — digo.

— Alma. Exatamente.

Como um pouquinho do pato assado que ela trouxe do café lá embaixo, mas estou sem apetite.

Rozsa cuida de mim do mesmo jeito que Lili fazia em Nova York, afofando os travesseiros em um pequeno ninho à minha volta, arrumando os cobertores sobre meus ombros. Os húngaros são realmente bons nisso.

— Você é um tipo estranho de bicho — diz Rozsa, se acomodando no sofá ao meu lado com uma xícara de chá. — Num momento, calma e tranquila. Em outro, é como se sua cauda estivesse pegando fogo.

— E está — eu digo, a voz abafada por um gole.

— Sabe, uma noite dessas eu estava pensando em você e não consegui dormir. Então me levantei e peguei as cartas de tarô.

— Tarô?

— Sim. Você acredita, Sofia?

Não acredito em Deus desde que era criança, consequentemente não acredito em tarô, nem em tabuleiro ouija, nem na fada dos dentes.

— Não acredito nessas coisas — digo.

— Não é preciso acreditar na gravidade para cair de cabeça no chão. — Ela sorri. — Gostaria de saber o que as cartas disseram?

— Claro — digo para agradá-la. — Manda ver.

Ela se inclina para a frente no sofá, apertando as pontas dos pequenos dedos umas contra as outras. — A primeira carta que tirei, que fala do passado, foi o seis de copas. Significa infância, inocência. Mas isso já não existe mais. A segunda carta, que fala do seu presente, foi o louco.

Dou uma risadinha e tomo outro gole do chá horrível.

— Não se deixe enganar: o louco não é desequilibrado — diz Rozsa. — Ele é inteligente e sábio.

— E a terceira carta? — pergunto.

Rozsa recua um pouco no assento.

— A morte — ela diz. — Mas, quando a virei, ela estava de cabeça para baixo.

Claro que seria aquela carta.

— E o que significa isso?

Rozsa dá de ombros.

— Não tenho certeza. Sou nova nisso. Mas as velhas da minha vila diziam que quando ela está de cabeça para baixo, nem sempre significa morte.

— O que, então?

— Não é claro. — Ela estende as mãos para a frente e aperta os meus joelhos. — A morte de outra pessoa, talvez. Ou então uma mudança. Um fim.

Fecho os olhos com força, apertando a palma da mão contra a testa. Estou começando a ficar sonolenta, e a sensação de calor que os sedativos me deram está se espalhando do meu estômago para o resto do corpo. O chá, erva-doce e *edes gomba*, o que quer que seja, devia estar ajudando.

— Como eu disse, não acredito nessas coisas — repito.

— Eu sei — Rozsa diz. — Mas eu acredito.

Deito no sofá, no ninho de travesseiros e cobertores. O quarto gira um pouco, então para e em seguida gira no outro sentido. Rozsa desliza ao meu lado, apertando seu corpo junto ao meu, passando um braço à minha volta para impedir que eu seja arremessada da terra, que gira e gira.

De repente, estou em um baile em uma casa elegante, usando um vestido verde longo e uma máscara branca. É um sonho, obviamente, mas nítido como um filme. A lareira está acesa, e lança tons alaranjados no rosto dos homens — não há outras mulheres na sala. Estou carregando uma bandeja com seis taças de ouro que parecem antigos cálices de igreja. Uma a uma eu as entrego para Kladivo, Emil, Beran e três outros rostos que não consigo ver. Quando todos vão embora, coloco a bandeja em uma mesa sobre a

qual há um espelho emoldurado em ouro. Retiro a máscara e não vejo meu rosto, mas uma caveira.

Deixo passar uma semana antes de telefonar, para não parecer muito apressada e ansiosa. Bohdan propõe um jantar: ele, seu filho e Sofia.

Nós nos encontramos em um restaurante perto do Castelo Hradcany, a sede do governo tcheco. As toalhas de mesa são brancas, as paredes, de veludo púrpura e o candelabro é de ouro. Rozsa me emprestou um vestido preto sem mangas para a noite. Fica curto nela e ainda mais em mim, o que o torna muito adequado aos meus propósitos. Bohdan sorri e me olha dos pés à cabeça quando me junto a ele e Roman no saguão do restaurante.

É evidente que o filho herdou a estética detalhista do pai, mas não sua aparência. Roman é alto, e, mesmo sob o terno bem cortado, posso dizer que é musculoso. Seu cabelo loiro-escuro está repartido, e ele tem o ar confiante de um investidor rico de Wall Street. Quando me levanto do sofá de veludo e os cumprimento — dando um beijo no rosto de cada um —, ele lança um olhar para o pai e posso dizer que ele não sabia que eu viria.

Depois que sentamos, Bohdan Kladivo me diz que este é o melhor restaurante da cidade de Praga, e talvez de toda a República Tcheca. Se é verdade ou não, não sei dizer, visto que não consigo sentir o sabor do *foie gras*, da codorna assada ou dos aspargos com molho bechamel que o garçom diz ter um toque de zimbro. Os homens bebem vinho — Chateau Não Sei o Que, 1982 — e me oferecem um copo. “Não, obrigada”, diz Sofia, preferindo água.

Fica claro desde o início que estes gângsteres são de um tipo diferente daquele de Emil e até mesmo de Miroslav Beran. Eles entendem a carta de vinhos, sabem qual garfo é usado com carne e qual é com salada. Ainda assim, não consigo deixar de analisar as mãos deles durante o jantar, usando o garfo para perfurar com força, apertando o pescoço da taça. As mãos de Bohdan Kladivo são finas e delicadas, com dedos compridos. Mãos de pianista. As

de seu filho são grandalhonas, como patas, com dedos fortes feitos para estrangular.

— Seus pais ainda estão na Rússia, Sofia? — Bohdan pergunta.

Dou um sorriso triste. — Minha mãe morreu quando eu tinha sete anos. Meu pai, quando eu tinha catorze.

— Uma tragédia — ele declara. — Família é importante. É algo *indispensable*. Talvez algum dia Deus lhe conceda uma só sua.

— Quem sabe? — digo com um sorriso.

Forço os limites da identidade de Sofia, flertando de leve com os dois homens, mas especialmente com Roman. Bohdan parece estar satisfeito comigo, mas vou ter que me esforçar mais com o filho. Invento histórias sobre Armavir, a pequena cidade de Sofia. Falo sobre o amor que ela tem por livros e por aprender coisas. Falo sobre superar as dificuldades e buscar fortuna na Europa, o que culmina em estar aqui, esta noite. *É uma grande honra jantar com vocês dois*. Então proponho um outro brinde cheia de timidez, desta vez à saúde dos dois.

— Você fez faculdade, Sofia? — Bohdan pergunta.

— Infelizmente não.

Bohdan acena com a mão, fazendo pouco caso.

— Como eu. Nossa universidade foi o mundo real. — Ele aponta para Roman. — Já este aqui foi pra Yale. Uma faculdade da Ivy League, como eles dizem nos Estados Unidos. Ele até fazia parte da equipe de remo.

— Você tem muita sorte de ter estudado lá — digo a Roman.

— Ele tem sorte de ter um pai que pagou por tudo. — Bohdan dá um sorriso forçado. — Não é mesmo?

Roman se serve de mais vinho.

— Claro.

— Agora o rei paga pelos automóveis importados do príncipe e por todas as festas com seus, digamos, *amigos íntimos*.

Os dois homens trocam um olhar áspero, acendendo um pavio que é meu dever apagar.

— Você gosta de música, Roman? — pergunto.

O rapaz dá um leve sorriso de alívio. O primeiro de qualquer tipo que consegui tirar dele. — Gosto.

— Jazz — Bohdan diz. — O único tipo de música sobre o qual o rei e o príncipe concordam. Qual é sua opinião a respeito, Sofia?

— Ah, eu adoro. — Inspiro fundo e prendo a respiração por um momento. — Meu pai… ele também adorava.

Os olhos de Bohdan brilham.

— Você sabia que Praha era a capital do jazz na Europa Oriental? É verdade. Era tudo por baixo dos panos, claro. Os comunistas não gostavam. Era considerado um gênero perigoso, até mesmo *decadente*.

Ajudantes aparecem e retiram os pratos do jantar, enquanto um garçom traz o cardápio de sobremesas. Mas Bohdan recusa com um aceno da mão e acende um charuto. A fumaça o envolve como uma nuvem azul.

Ele olha para mim através da névoa, como se estivesse se perguntando se determinadas perguntas devem ser feitas e decidisse que elas podem esperar. Então olha para o relógio e arqueia uma sobrancelha.

— Roman, vai começar uma apresentação daqui a pouco no Staré Paní. Você devia levar Sofia.

Percebo que os músculos no pescoço de Roman ficam tensos.

— Talvez Sofia tenha que ir a algum lugar. Talvez ela precise trabalhar amanhã.

— Bobagem. Ela está com o filho do chefe — Bohdan diz. — Além disso, a companhia de uma russa não é algo que se recuse. Correto, Sofia Timurovna?

— Correto, Pan Kladivo.

Saímos logo em seguida. Um guarda-costas abre a porta de trás de uma Mercedes e Bohdan desaparece nela. Então o manobrista traz o carro de Roman, um Audi lustroso, preto e elegante. Sento no banco do passageiro, e ele entra atrás do volante.

— Olha, se você não quiser minha companhia, eu entendo — digo.

— Tudo bem — ele diz, engatando a marcha. — Só não estava esperando. Meu pai… ele quer me regenerar, segundo diz.

— Como assim?

— Quem sabe?

Cruzamos o rio e andamos devagar através das antigas ruas de Praga 1, mal conseguindo passar pelas travessas estreitas, e estacionamos perto da praça da Cidade Velha, onde algumas semanas atrás eu estava enganando os turistas. Consigo ouvir o clube de jazz do hotel Staré Paní da rua, com um saxofone acelerado e um sincopado de bateria.

Chegamos ao clube descendo uma escada de metal. É um lugar elegante, como um daqueles antigos lugares que vendiam bebida ilegalmente, e tem um palco em um dos cantos e pequenos abajures em cada mesa, iluminando o rosto de clientes muito bem-vestidos. A banda é muito boa também, um quarteto de sax, piano, contrabaixo e bateria.

Nós nos acomodamos em um sofá em uma pequena área VIP. Uma garçonete aparece, cumprimenta Roman pelo nome e me olha de cima a baixo. Ele pede uma cerveja e uma água para mim.

O show continua, mas Roman não está escutando. Está concentrado no celular, mandando mensagens e olhando à volta, impaciente. Fica claro que só estamos aqui para agradar seu pai. Eu me aproximo dele no sofá, deixando minha mão roçar sua perna. Mas ele apenas se afasta.

Outra mensagem, outra resposta. Roman se inclina na minha direção.

— Desculpe, Sofia. Tenho que ir.

— Está tudo bem? — pergunto.

— É que… olha, tenho que encontrar uma pessoa. Negócios a tratar — ele diz.

— Entendo.

— É que… não estou procurando nada no momento. — Ele retira um maço grosso de dinheiro do bolso, separa algumas notas e as entrega para mim. — Para o táxi.

Roman joga mais algumas notas sobre a mesa para pagar as bebidas e desaparece escada acima. Queria saber com quem ele vai se encontrar. E que “negócios” seriam esses. Espero um momento, então vou atrás dele lá fora.

A rua está lotada de turistas com roupas simples, de modo que é fácil localizar Roman em seu terno milionário. Eu o sigo à distância, com pelo menos uma dúzia de pessoas entre nós. É difícil andar nas ruas de pedras com meus sapatos de salto alto, então os tiro e levo na mão. Alguém assobia e um cara me dá uma cantada, mas eu os ignoro e continuo no encalço de Roman.

Ele entra em uma rua estreita, depois sai em uma mais larga e entra em um bar. Tomo posição na outra calçada, encostada em um muro em uma área onde a luz da rua não chega. Não há nada de realmente especial naquele bar. Fica em um pequeno prédio branco do começo do século passado — o que, para os padrões de Praga, é considerado novo. Um segurança de colete de brim está sentado em um banquinho bem ao lado da entrada.

Enquanto espero, eu me pergunto o que acontece lá dentro. Roman veio encontrar uma namorada ou um parceiro de negócios, como ele disse? Uma hora se passa, talvez um pouco menos. Então a porta do bar abre e ele sai cambaleando, seguido por outro homem. Ambos estão bêbados e ficam andando de um lado para o outro. Eles riem e tocam um no ombro do outro, como se compartilhassem uma piada.

A multidão nas ruas diminuiu, então tenho que ficar ainda mais longe enquanto os sigo. Eles andam por mais ou menos dez minutos, parando na frente de um prédio residencial moderno e bastante elegante. Não consigo ouvir o que estão conversando, mas é fácil entender o que se passa. Roman olha para o relógio, o outro cara acena na direção do prédio, Roman faz que não com a cabeça. Há uma pausa constrangedora, enquanto o outro cara olha para os próprios sapatos. Então Roman se aproxima, levanta o queixo dele e o beija. É um beijo profundo e cheio de significado.

Em outro contexto, em outra vida, eu acharia aquilo doce e tocante. Mas que diferença tem no meu plano?

O beijo continua e atrai a atenção de três homens que passam. Eles estão muito bêbados e começam a assobiar e gritar “Bicha! Bicha!” em inglês. Roman e o outro cara interrompem o beijo, mas

tentam ignorá-los. Ele aperta a mão de Roman e depois desaparece no interior do prédio, enquanto o filho de Bohdan volta a andar pela rua, com passos incertos e vacilantes.

Os bêbados cambaleiam atrás dele, e posso ouvir um conversando com o outro. Têm vinte e poucos anos e usam camisas velhas. Pela conversa, fico sabendo que são ingleses, que estão aqui para uma despedida de solteiro e estão desapontados com o fato de as “minas de Praga” não serem tão fáceis quanto haviam dito.

De vez em quando, um deles volta a provocar, gritando alguma coisa obscena para Roman. Mas, se os ouve, ou ele é esperto demais para demonstrar ou está bêbado demais para responder. Ele para brevemente na lateral de um prédio e apoia a cabeça na parede.

Os homens percebem alguma fraqueza nele e aproveitam a oportunidade para se aproximar. Roman entra em uma rua estreita e vazia que vai dar na praça da Cidade Velha.

Um dos ingleses atira uma garrafa de cerveja, que o atinge com força na nuca. Roman vira, e mesmo sob a luz fraca vejo uma expressão de raiva em seu rosto. Mas os homens não se intimidam. Um deles o segura pelos ombros e lhe dá uma cabeçada no nariz, jogando a cabeça de Roman para trás com força. Então eles começam a dar murros desajeitados em Roman, que se contorce e escorrega até o chão.

Seu corpo está mole, e os três homens ficam ali parados por um instante, decidindo se a diversão já terminou. “Deixem ele em paz, vocês já fizeram o bastante”, penso. Então um deles volta a chutá-lo, enfiando o tênis na barriga, nos rins e na cabeça de Roman. Os outros se juntam a ele.

Vou até lá, jogo os sapatos no chão e agarro o maior dos atacantes pelo pulso. Torço seu braço de um jeito que faz com que seu corpo vire e jogo meu antebraço em sua garganta, fazendo com que sua nuca acerte a parede de pedra. Ele vem para cima de mim, mas eu o acerto na mandíbula com o punho fechado, o que faz seu corpo virar para o outro lado.

O segundo atacante segura meu ombro por trás. Meu cotovelo voa e acerta sua barriga; então eu viro e atinjo seu queixo com a parte inferior da palma da mão, o que o derruba. Ele está incapacitado, mas talvez apenas por alguns segundos. Percebo um movimento ao meu lado e viro. Um golpe forte, embora torto e bêbado, do terceiro atacante erra minha cabeça por uns bons quinze centímetros. Respondo com um pontapé rápido no meio de suas pernas. Ele se dobra e dá alguns passos cambaleando. Quando vou para cima dele, percebo que os outros dois estão se afastando, com as mãos levantadas.

Olho para Roman. Ele ainda está no chão, semiconsciente, mas tem uma arma na mão e está tentando apontá-la para os agressores. Dois deles saem tropeçando pela ruela, enquanto o terceiro foge na outra direção.

Roman aponta a arma em volta, procurando um alvo. Delicadamente, envolvo-a com a mão e forço o cano para baixo.

— Guarda isso — sussurro.

Sangue borbulha do nariz dele.

— Filhos da puta — Roman diz, engasgado.

Mas ele está ficando inconsciente outra vez. Verifico seu pulso e vejo que está forte, mas ele precisa de um hospital e não tenho como carregá-lo sozinha até o carro. Por apenas um segundo, considero a ideia de gritar por ajuda, mas um homem com o sobrenome Kladivo provavelmente não quer que a polícia apareça e faça perguntas sobre o que aconteceu e por quê.

Tiro seu telefone do bolso e descubro como acessar os contatos. Vou descendo a relação com o polegar até ver a palavra "*Otec*" — pai, como em russo. Clico nela e o celular faz a ligação.

— Pan Kladivo — digo quando ele atende. — É Sofia. Roman está ferido. Foi atacado. Está respirando, mas inconsciente. Devo chamar uma ambulância?

Depois de uma pausa, ouço sua voz calma. — Não. Nada de ambulância. Onde vocês estão?

— Praha 1, perto da praça da Cidade Velha. Em uma ruela…

— Há lojas aí perto? Me dê os nomes.

Passo os nomes de uma pizzaria e de uma loja de vinhos, ambos fechados.

— Vou mandar alguém buscar vocês. Não saiam daí.

— Obrigada.

— Sofia?

— Sim, Pan Kladivo?

— Você estava… estava com ele?

— Não, Pan Kladivo. Cheguei depois.

Uma pausa. No fundo, ouço música suave e o tilintar de copos, como se ele estivesse em uma festa.

— Alguém logo estará aí — ele diz, desligando.

Durante cinco minutos espero ao lado de Roman. Ele está respirando profunda e firmemente, o que deve ser um bom sinal. Então duas figuras aparecem no final da ruela, vindas da direção da praça. Quando entram na claridade da iluminação pública, reconheço Emil e Libor.

— Que porra aconteceu aqui? — Emil pergunta.

— Três homens o atacaram — digo.

Eles ficam em pé ao lado de Roman por alguns minutos, discutindo em tcheco o que fazer. Então o erguem, apoiam um braço dele no próprio pescoço e o carregam na direção da praça.

Começo a caminhar na outra direção, mas Emil segura meu braço.

— De jeito nenhum — ele diz. — O Chefe disse que você vem com a gente.

Eu os sigo até o BMW de Emil e os ajudo a colocar Roman no banco traseiro com Libor. Sento no lado do passageiro e saímos através do denso tráfego da madrugada de Praga.

— Quem fez isso? — Emil pergunta enquanto saímos da cidade e começamos a entrar nos subúrbios.

— Três ingleses — digo. — Não sei por que escolheram o Roman.

— Acho que eu sei — Emil diz com uma risada discreta.

Não falamos mais nada durante o trajeto. Os edifícios residenciais dão lugar a casas pequenas, depois a casas grandes conforme nos afastamos da cidade. O carro entra em uma estrada particular de

cascalho com placas que dão o que parecem ser avisos agourentos em tcheco sobre o que pode acontecer com intrusos.

Nós nos aproximamos de um portão de ferro em um imponente muro de pedras. Atrás dele há uma mansão, um lugar enorme com um jardim muito bem cuidado. Um homem com agasalho de gângster se aproxima, protegendo os olhos dos faróis com uma das mãos e segurando uma submetralhadora com a outra.

Vinte e dois

ROMAN É COLOCADO SOBRE UMA GRANDE MESA DE MADEIRA na cozinha, como se fosse um prato a ser preparado. Há um colchão improvisado de colchas e cobertores entre ele e a base, e logo acima fica um suporte com panelas e frigideiras de cobre. Alguns membros da segurança pessoal de Bohdan estão por ali, esperando ordens.

Com as mangas da camisa dobradas, a gravata solta e as mãos na cintura, Bohdan está em pé, supervisionando o trabalho de um médico particular. O homem é reverente e parece assustado, mantendo os olhos sempre baixos.

Sento no lugar que Bohdan me indica, em uma cadeira de madeira afastada da parede, de onde consigo ver Roman com clareza. Só agora ele recobrou a consciência, e o médico está dando pontos em um corte em seu rosto. Seus olhos estão sobre mim, cheios de pânico. O médico limpa um pouco de sangue e anuncia que terminou.

Bohdan estala os dedos e dá uma ordem em tcheco. Está mandando todo mundo sair, ao que parece, porque é o que eles fazem, até o médico. Começo a levantar, mas ele segura meu ombro e me força a sentar de novo.

— Você não — diz.

Quando a porta da cozinha é fechada, Bohdan vira e vem para cima de mim.

— Conte tudo — ele diz. — Não deixe nada de fora, ou eu vou saber.

— Três ingleses bêbados foram para cima dele. Primeiro eles ficaram provocando, disseram coisas horríveis. Os três o agarraram, e Roman tentou lutar com eles. Lutou como… como um leão.

Bohdan balança a cabeça enquanto vira para Roman.

— Você ouviu isso, Roman? Ela chamou você de leão. Tanta lealdade. Apesar de tudo, você ainda é um rei aos olhos da garota. — Ele se aproxima do filho, se inclinando sobre ele. — Você estava com… aquele sujeito?

Roman fecha os olhos e diz algo em tcheco.

— Em inglês, para que Sofia possa ouvir e entender — diz Bohdan. — Não seja covarde.

— Eu estava com… um amigo.

O grito de Bohdan faz com que eu dê um pulo na cadeira.

— Um *amigo*? Um de seus *amiguinhos*? Um de seus *amantes*?

A humilhação nos olhos de Roman parece ser ainda mais dolorosa do que seus ferimentos reais.

— *Ano* — ele sussurra. “Sim.”

Bohdan assente com a cabeça e se inclina sobre a mesa.

— A única coisa que pedi a você foi que mantivesse a discrição com seu problema. Mas nem isso você é capaz de fazer. Tem alguma ideia do que pode acontecer se descobrirem que meu filho é um sodomita?

— Desculpe, *táta*.

— E você? — Bohdan diz, apontando para mim. — Por que estava por ali?

— Nós tínhamos… nos separado — digo. — Fui a outro bar e vi Roman na rua por acaso.

— E o que você fez, lixou as unhas e ficou olhando como uma cadela inútil? Não lhe ocorreu ir buscar ajuda?

— Ela lutou com eles. Os homens me derrubaram no chão, e ela lutou com eles. — Roman o interrompe.

Bohdan inclina a cabeça e vira pra mim, com os olhos apertados.

— Isso é verdade?

Confirmo com a cabeça.

— Sim, Pan Kladivo.

Bohdan se inclina perto de mim, tão perto que consigo sentir sua colônia.

— Onde você aprendeu a lutar?

— Meu pai era soldado, do Spetsnaz — digo. — Ele acreditava que uma mulher deve aprender a se defender da mesma maneira que aprende a costurar e a cozinhar.

— Roman, é verdade que essa garota luta como um membro do Spetsnaz?

— É — diz Roman. — Melhor do que seus próprios homens.

Bohdan suspira e esfrega as têmporas.

— Sofia, vou arrumar alguém para levar você pra casa.

— Eu poderia ficar e ajudar…

Bohdan abre a porta da cozinha.

— Não é mais necessário.

Um dos membros da turma de agasalho, um sujeito magro com cabelo curto oxigenado e uma tatuagem de diamante no pescoço, me leva pelo braço para fora, até o banco de trás de um Volkswagen. Ele não diz nada no trajeto, nem mesmo pergunta o endereço da pensão de Hedvika, que aparentemente já sabe.

Fico deitada durante três horas no quarto, incapaz de dormir, incapaz de pensar em qualquer coisa além do espancamento de Roman e em como afeta meu plano. Por volta das quatro da manhã, meus olhos estão começando a fechar. E, então, eles vêm me buscar.

Há uma batida seca na porta, e eu ouço vozes e o barulho de chaves. Antes que possa perguntar quem é, a porta abre, revelando Hedvika com uma camisola grossa e o cabelo preso em uma rede. Dois homens estão atrás dela, um deles é o motorista com a tatuagem de diamante, o outro, alguém que nunca vi. Ele parece durão, deve estar beirando os cinquenta, tem bochechas rosadas e um bigode grisalho com uma mancha amarela embaixo das narinas causada pelo cigarro. A pobre Hedvika parece tão aterrorizada quanto furiosa.

— Você tem que vir com a gente — o segundo homem diz enquanto começa a abrir as gavetas com força e a jogar tudo o que tenho sobre a cama. O outro cara tira um saco de lixo dobrado do bolso, abre e começa a encher com as minhas coisas, tudo menos o celular, que ele coloca dentro do bolso. Visto meu jeans e uma camiseta, mas minhas botas e outros sapatos já estão dentro do saco, e eles me ignoram quando as peço.

Quando terminam, não sobrou nada meu no quarto, nenhum sinal de que algum dia estive aqui. Vejo o homem com o bigode contando notas e colocando na mão de Hedvika. Pagando pelo incômodo e um pouco mais para que ela fique quieta se alguém aparecer perguntando por mim. Não há a mínima possibilidade de eu não ir com eles.

— É uma ordem de Pan Kladivo — diz um deles. Por um breve momento, penso em sair correndo, mas estou descalça e não conseguiria avançar mais do que alguns metros até que atirassem em mim.

Sou conduzida para a porta lateral de uma van sem qualquer identificação. A parte traseira é separada da dianteira por uma rede de metal que vai do assoalho ao teto. Eles me seguram pelo braço e jogam no chão da van. Logo depois, puxam meus braços para trás e me algemam. Eu me debato, mas os sujeitos seguram minhas pernas e algemam meus tornozelos também. Aquele com a tatuagem de diamante ajoelha sobre minhas costas enquanto o outro coloca um saco de pano preto na minha cabeça.

A porta da van é fechada, e alguns segundos depois saímos. O grandalhão ainda está aqui atrás comigo. Posso sentir o cheiro dele — cerveja, cigarros e suor. Posso senti-lo, sua massa imponente dominando aquele espaço. Não há bancos aqui atrás e tenho pouco lugar onde me segurar, então quando a van vira em uma esquina rolo e bato nas portas traseiras.

— O passaporte que você mostrou para Miroslav Beran no cassino é uma falsificação óbvia — o grandalhão grita em russo. — Qual é seu nome verdadeiro?

— Sofia Timurovna Kozlovskaya — respondo.

Para essa resposta, levo um tapa na cara.

— Qual é seu nome verdadeiro? — ele grita de novo.

— Sofia Timurovna Kozlovskaya — repito.

Outro tapa, desta vez mais forte.

— Qual é o seu nome verdadeiro?

— Sofia Timurovna Kozlovskaya.

Uma bota acerta meu flanco, e eu me contraio. A van está acelerando e a pavimentação parece lisa, como se tivéssemos entrado em uma rodovia. Espero que o passaporte que Yael me deu seja tão bom quanto ela disse que era. É tudo o que me resta. E, mesmo se não for, tenho que manter a história até o fim. Se eles ainda estiverem com o meu pai, dizer meu nome verdadeiro só pode levar à sua morte.

Mãos agarram minha camiseta e me puxam para a frente.

— Verificamos os registros, sua putinha! — grita o homem. — Seu passaporte diz que você é de Armavir, mas não há nenhum registro seu.

É evidente pelo sotaque que ele é russo, então respondo nessa língua, me esforçando para tornar meu sotaque absolutamente perfeito.

— Porque nasci em Novokubansk. Armavir é onde cresci.

Ele me joga contra a parede da van.

— Conheço Armavir tão bem quanto meu próprio pau. Qual é a cor do telhado do teatro?

— Azul.

— Besteira! Não tem teatro em Armavir!

— O telhado do teatro é azul — repito.

— Você contou a Pan Kladivo que seu pai era do Spetsnaz — ele grita. — Sabemos que ele era operário.

— Ele se tornou operário depois — grito também. — E morreu quando eu era garotinha.

— Aaah, coitadinha da vadia —, ele rosna, então esmurra minhas orelhas. — Do que ele morreu?

— Vodca.

Um murro no rim esquerdo.

— Em que tipo de fábrica trabalhava?

— Borracha — grito. — A fábrica dele produzia borracha.

Um murro no rim direito.

— Borracha pra quê?

— Para os consolos da sua mãe.

Mas ele está se cansando do jogo. Depois que grita mais algumas perguntas e me dá mais alguns murros, para. Está respirando rápido, ofegante. Então ouço o som de um isqueiro e sinto o cheiro de fumaça de cigarro.

A espera, a adivinhação sobre o que vai acontecer, finalmente chegou ao fim, imagino. Alguma coisa deu errado, encontraram algum furo na minha história, conseguiram alguma informação. A noite que começou em um restaurante ao lado de um castelo vai terminar com meu corpo em um barril, flutuando em um pântano. Essa conclusão pode ser um salto lógico muito grande, mas a verdade é que não consigo ver outra possibilidade.

Ainda estamos na estrada. Mesmo através das paredes da van ouço o som monótono de pneus de caminhão e o ronco dos freios quando passamos por enormes carretas de dezoito rodas. Perco a noção do tempo. O interrogatório com espancamento pareceu durar horas, mas não deve ter levado mais do que alguns minutos. Meu corpo dói, e sinto que meus pulsos estão sangrando, por ter forçado as algemas em acessos de raiva inúteis.

Depois de muito tempo, marcado apenas pelo som dos carros e o barulho do isqueiro quando meu interrogador acende um novo cigarro, a van diminui a velocidade e viramos à direita de maneira abrupta. A estrada aqui é toda esburacada, e eu pulo e rolo na traseira da van como uma bola. O trajeto é assim por cerca de dez minutos. Então diminuímos a velocidade de novo e mais uma vez viramos à direita.

Devemos estar perto do fim agora. Meu estômago se transforma em ferro, e eu me pergunto como é que vão fazer. Vão atirar em mim? Me estrangular? Por que aqui? Por que não em Praga? Acho que as respostas não têm importância. As perguntas servem para manter o medo vivo. Meu corpo está dormente de resignação. Dizem que não existem ateus nas trincheiras, mas é evidente que tampouco há Deus, então acho que estamos quites. É tudo inevitável e claro como um dia de sol.

Mesmo com o capuz, sei que o motorista abriu a janela. A ventilação mudou, e ouço uma densa sinfonia de grilos. Respiro o ar delicioso e úmido de uma floresta à noite.

Vão me bater? Cortar minha garganta? Me estuprar primeiro?

Meu interrogador arranca meu capuz sem aviso e senta para olhar melhor. Insetos revoam diante da luz dos faróis quando nos aproximamos de uma poça de lama tão larga quanto a própria estrada. O motorista xinga e as rodas traseiras patinam quando a van passa devagar. Mais adiante, um portão de tela de aço se move quando a silhueta iluminada de um guarda começa a abri-lo.

A van entra patinando em um pátio iluminado por quatro lâmpadas que brilham sobre a lama em cones cinzentos de luz cheios de mariposas. Prédios velhos e esverdeados se alinham nas laterais. Continuamos até parar diante de uma estrutura comprida de dois andares. O lugar inteiro tem um ar institucional, como um quartel do Exército.

No entanto, não estamos sozinhos. Há meia dúzia de carros estacionados aqui: dois Range Rovers, três sedãs BMW e uma Mercedes que parece exatamente com aquela que levou Bohdan Kladivo embora do restaurante.

O motorista desliga o motor e vem abrir a porta lateral. Fico chocada com a maneira mansa com que me deixo ser levada. Não luto, sequer resisto. Eu deixo que guiem, cada um segurando um braço. Após alguns passos, percebo que a pegada deles é surpreendentemente dolorosa, não porque estão apertando, mas porque mal consigo andar e eles estão me arrastando. Meu corpo aceita o que minha mente não consegue: o fim chegou.

A lama é fria sob meus pés descalços, e eu consigo sentir o cheiro da floresta, sua umidade, sua vida. Uma mariposa toca minha testa. Meu interrogador abre a porta do prédio. Luzes fluorescentes zumbem e cintilam, fazendo o piso de linóleo sujo ganhar um tom azul doentio. Meus pés se arrastam, deixando para trás as pegadas sem dignidade de quem está prestes a morrer. Meus acompanhantes param na frente da porta aberta de um escritório,

batem educadamente, e a figura de Bohdan Kladivo levanta de uma cadeira.

Ele parece diferente do homem que estava sentado na minha frente durante o jantar há menos de oito horas. Sob a luz fluorescente, seu rosto tem uma expressão exausta e esquelética, o próprio diabo entalhado em madeira medieval, como Rozsa tinha dito. Mais uma vez está usando seu terno bem cortado, com a gravata apertada no pescoço, o nó cheio como um pedestal para seu pomo de adão.

Meu interrogador diz apenas algumas palavras em tcheco, e Bohdan só assente, como se o outro tivesse acabado de confirmar algo de que ele já suspeitava. Bohdan se aproxima de mim, coloca uma das mãos sobre meu ombro e me guia mais para o fim do corredor. Os outros dois nos seguem.

— Você sabe que lugar é este? — Bohdan em meu ouvido, a voz baixa e em tom confidencial.

— Não — digo, a palavra mal saindo da minha boca.

— Chamamos de nosso *tábor*, nosso acampamento. Mas, sob o comunismo, era outra coisa: uma prisão da polícia secreta.

Estamos no topo de uma escadaria de metal, e os passos dele ressoam enquanto descemos. Os meus são silenciosos. A escadaria está fria como uma folha de gelo aos meus pés descalços.

— Tortura. Execuções. Uma bala na nuca era o mais comum — ele continua. — Tudo acontecia bem aqui no porão.

Andamos por um corredor paralelo àquele do andar de cima, com a diferença de que portas de metal se alinham neste, cada uma delas com um número marcado com estêncil em uma pequena placa de metal no nível dos olhos.

— Depois que mandei você para casa, perguntei a mim mesmo: quem é essa mulher que luta como um homem, mas é leal como uma mãe? — Os olhos dele se estreitam, cheios de urgência. — Certamente, alguém assim só pode ser uma de duas coisas: um tesouro mais raro que diamantes ou uma espiã mandada para me sacanear.

— Não sou espiã, Pan Kladivo.

— Mas você pode perdoar a paranoia deste velho, certo? — Bohdan para na frente da cela sete, passando o dedo no número quase apagado. — Esta cela foi minha. Durante cinco meses. Primavera e verão de 1986. Por *chuligánství*, como eles chamavam. Arruaça. Por vender calças jeans e fitas cassete de rock americano.

Meus joelhos estão a ponto de dobrar.

— Não traí você, Pan Kladivo.

Bohdan coloca as mãos em meus ombros, respira fundo e então sorri.

— Sei disso agora, Sofia Timurovna. Você não é espiã.

Minha mente dispara para desemaranhar as palavras dele. Será que ouvi errado? Será que ele se confundiu ao dizer aquilo? Bohdan acredita em mim? Meu interrogador aparece na minha frente e tira as algemas dos meus pulsos, depois ajoelha e tira as dos tornozelos. Suspiro de alívio, e Kladivo me puxa para um abraço, me segurando apertado.

— Peço desculpas pela maneira como meus homens trataram você na van — Kladivo continua. — Não posso me descuidar. Entende isso?

— Sim, Pan Kladivo — digo.

Ele desfaz o abraço e coloca uma das mãos em meu rosto.

— É por isso, Sofia Timurovna, que agora preciso lhe pedir mais um sinal de sua lealdade. Mais uma, podemos dizer, *prova* de sua amizade.

Bohdan Kladivo gira a maçaneta da porta da cela sete e a abre. Lá dentro vejo a figura de Miroslav Beran, a camisa do smoking com as mangas dobradas até os cotovelos. Ele está em pé ao lado de outro homem ajoelhado no centro da cela, os braços amarrados nas costas, o rosto aterrorizado e em súplica. Passado o choque inicial, eu o reconheço como um dos atacantes de Roman, o maior dos três, o primeiro que acertei.

Há uma mesa de madeira no canto da cela. Em cima está um alicate, uma furadeira e um maçarico, ferramentas para seja lá o que planejaram para ele. O peito do prisioneiro está ofegante, sua

respiração é custosa, e ele parece prestes a ter um ataque cardíaco. O rapaz me vê e identifico o reconhecimento em seus olhos.

Bohdan está ao meu lado na entrada.

— Tenho sorte de poder dizer que o comissário de polícia de Praha é meu amigo. Ele fez uma busca nos hospitais e encontrou este aqui quase indo embora com apenas alguns pontos. Parece muito pouco por ter batido no meu filho, não é, Sofia Timurovna?

— Sim, Pan Kladivo.

O homem abre a boca, engasga, e então finalmente consegue falar.

— Desculpe. Olha, a gente só estava brincando, passamos um pouco dos limites, só isso. Será que eu não posso… arranjar dinheiro…

Miroslav Beran dá um murro na cabeça do rapaz, e ele cai para o lado. Com um lenço branco que tirou do bolso, o Chefe limpa o suor da testa, então faz uma careta ao ver sangue em suas juntas. Ele chuta com força o flanco do rapaz por causa daquilo. A única reação do prisioneiro é soltar um suspiro ofegante.

Bohdan avança e se agacha diante dele.

— Você reconhece esta garota, não?

Ele faz que sim com a cabeça.

— E é verdade que ela atacou vocês depois que espancaram o sujeito?

O movimento de cabeça se repete.

— Sim, senhor. Atacou. Ela briga de um jeito bem sujo. Estávamos apenas discutindo, batendo boca com o cara. Então ela apareceu e exagerou, senhor. Foi além da conta.

Bohdan levanta e vira para mim.

— Você sabe como eu sobrevivi como prisioneiro neste lugar, Sofia Timurovna?

— Não, Pan Kladivo.

— Disciplina — Bohdan diz. — É o que falta a Roman. É por isso que ele não consegue, digamos, *superar* suas fraquezas. Mas vejo disciplina em você, Sofia Timurovna.

— Sim, Pan Kladivo. Eu tenho disciplina.

Bohdan diz alguma coisa para Beran em tcheco, e ele retira um revólver com silenciador da cinta. O homem o estende na minha direção, a coronha virada para mim. Meus olhos se movem da arma para o rosto de Kladivo, mas há apenas um sorriso fraco e sobrancelhas levantadas em expectativa. Pego a arma. É pesada e antiga. As bordas em volta da mira, do cão e do guarda-mato foram lustradas a ponto de o metal brilhar, por conta dos milhões de vezes que foi tirada de cintas e coldres.

— Mostre pra mim, Sofia Timurovna. Mostre pra mim quão disciplinada você é.

Minha mente se recusa a reconhecer o significado daquilo, se recusa a emitir a ordem para minha mão. Mas aquela coisa dentro de mim, que vem crescendo desde Nova York, mais forte desde Paris, mais violenta desde Berlim, enche meu ser. Me substitui. E parece não ter nenhum problema com o que está sendo pedido dela. O cálculo já está feito: encontrar meu pai é igual a ficar perto de Kladivo, que é igual a demonstrar lealdade, que é igual a matar esse homofóbico, que é igual a…

Há um som como o de um martelo batendo em metal. Vejo um leque aberto de vermelho aparecer na parede e no chão atrás da cabeça do prisioneiro. Isto é seguido por um som como um sino fraco, e eu sinto algo queimando ao lado do meu pé descalço. Olho para baixo para ver o estojo de metal encostado na minha pele, fumaça ainda saindo dele. O revólver continua na minha mão.

Vinte e três

O SOL ESTÁ NASCENDO. A luz púrpura se transforma em laranja e depois, amarela. Seguimos pela estrada em direção a Praga, o trajeto tão suave e tranquilo no banco de trás da Mercedes de Bohdan Kladivo que é como se estivéssemos voando. Os bancos do automóvel têm cor e textura de manteiga. Seguro com força neles para fazer minhas mãos pararem de tremer, com a certeza de que minhas unhas vão deixar marcas permanentes. Bohdan abre um painel entre os bancos, um pequeno frigobar, e me oferece uma garrafa de água. Seria o que falta para eu vomitar, então faço que não com a cabeça.

— Um homem sempre deseja ter um filho, e um filho foi o que Deus me deu — Bohdan diz, com a voz suave. — Mas talvez eu devesse ter desejado uma filha.

Eu me pergunto como ele não consegue ver o ódio em meus olhos.

— O que você fez lá atrás, na cela — Bohdan continua. — Aquilo demonstrou… em tcheco a palavra é *Síla.* Significa força. E poder. Autoridade.

Incapaz de encará-lo, olho fixamente através da janela.

— Entendo como está se sentindo, Sofia Timurovna. Mas uma mulher que procura crescer nesse mundo deve ser ainda mais cruel do que os homens.

Tenho que focar, mostrar que aquilo não significou nada para mim, que minha determinação condiz com minhas ações.

— Você está correto, Pan Kladivo — digo.

A cidade aparece à distância, os edifícios residenciais vermelhos e beges, as novas torres de vidro e aço, os pináculos do Castelo Hradcany. Eu me pergunto se os outros dois atacantes de Roman estão procurando seu amigo pelas ruas.

Bohdan dá um tapinha paternal na minha mão.

— Seu atual cargo no cassino está, vamos dizer, *inadequado*.

— O quê?

— Suas habilidades. Elas estão sendo desperdiçadas lá. De agora em diante, você trabalha para mim. Chega de ficar dando cartas. Prefere assim?

— Sim, Pan Kladivo. Prefiro — respondo.

— Você pode ser um exemplo de disciplina para meus homens. E será uma boa parceira para Roman. Ele pode vir a mudar de hábitos por sua causa. Quem sabe?

— Uma boa parceira?

— Companheira e, quem sabe, algum dia, amante. Mas as questões do coração são problema do Senhor, não meu. Pago bem, é claro.

— Vai me pagar pra ser namorada dele?

— Aos olhos do mundo, sim. Quanto a mim, não sou tão antiquado que não possa aceitar que meu filho é uma bicha. Só peço que seja um exemplo para ele, uma companheira que vai equilibrar seu comportamento e lhe mostrar o que é disciplina.

— Posso abrir a janela? Para arejar um pouco?

Kladivo assente com a cabeça, e eu aperto para abrir só uma fresta. O ar está frio e cheira a gasolina.

— Nesse mundo moderno, uma mulher não deve se satisfazer em ficar parada se aspira a fazer o trabalho de um homem — Kladivo continua. — Você está preparada para isso, Sofia? Para aprender sobre meu negócio?

Preferiria morrer. Mas é claro que sorrio o máximo que consigo e digo:

— Sim, Pan Kladivo. Não tem nada que eu queira mais.

Ele suspira satisfeito.

— Então é como eu pensei. Mas lembre o que eu disse sobre mulheres que querem subir nesse mundo.

— Que elas devem ser mais cruéis do que os homens — lembro, e me forço a virar para ele. — Então é isso que eu vou ser, Pan Kladivo. E obrigada. Pela oportunidade.

Saímos da estrada e estamos percorrendo as ruas de paralelepípedos em um elegante bairro a oeste do rio. Antigas e imponentes mansões se misturam a prédios modernos de aparência cara, tudo pré ou pós-comunismo, como se a segunda metade do século XX nunca tivesse acontecido. A Mercedes para na frente de um prédio residencial com janelas divididas por barras verticais coloridas formando estranhos desenhos geométricos. Tudo aquilo brilha como uma joia multifacetada sob a luz da manhã.

— Onde estamos? — pergunto.

— No prédio de Roman — diz Kladivo. — Que agora é seu também.

Kladivo me acompanha até a porta do apartamento, a mão no meu cotovelo. Atrás de nós, o porteiro se posiciona com deferência, mantendo os olhos baixos e segurando o saco de lixo com minhas coisas. Eu me atrapalho com a chave na fechadura, então Bohdan fica de lado e o porteiro abre a porta para mim.

— Quer entrar? — pergunto.

Kladivo balança a cabeça em negativa.

— Foi uma noite agitada, aproveite para descansar. Roman volta mais tarde.

O silêncio ali dentro me faz lembrar do apartamento de Terrance, com uma requintada quietude pairando sobre tudo. Na sala de estar, há um par de sofás de couro creme ladeando um tapete árabe felpudo cor de sangue. Há quadros excelentes no corredor e uma geladeira com um belo estoque de vinhos na cozinha.

Encontro o banheiro e começo a encher a banheira com água muito quente. Levo cinco minutos inteiros só para descobrir como ligá-la. Tudo é mármore branco, madeira escura e superfícies brilhantes. Realmente maravilhoso. Como as fotos em revistas de banheiros. Preciso me lembrar de que revistas assim existem, em uma vida muito distante. Quanto a este mundo, no qual estou

vivendo, meu pé tem pequenas manchas do sangue seco do turista inglês cuja cabeça explodi com um tiro mais cedo.

A banheira é grande e enche devagar. Penso no meu pai e nas condições nas quais Kladivo o mantém. Com certeza não há banho quente para ele, esteja onde estiver. Mas, quando sento na borda da banheira, me ocorre que talvez eu saiba exatamente onde ele está.

Se Kladivo ainda o mantiver, há uma chance de que esteja na prisão da polícia secreta de onde acabei de sair. Por que não? É uma prisão pronta, segura, com privacidade garantida. Será que estive a poucos metros de distância do meu pai sem me dar conta?

Fecho as torneiras da banheira, tiro a roupa e entro na água. Está quente demais e minha pele fica vermelha, mas esse é o objetivo. É para higienizar. Para limpar através da dor. Eu me obrigo a chorar, ou pelo menos me sentir culpada pelo homem que eu matei, para provar a mim mesma que sobrou alguma humanidade em mim. Mas não funciona. Além do mais, bater sem motivo em um rapaz na rua, chamá-lo de bicha e tentar matá-lo a chutes — como essa história poderia terminar? O babaca entrou nessa porque quis. Ele poderia ter simplesmente se afastado dos dois homens que se beijavam e ido tomar outra cerveja com seus colegas. Poderia, mas não fez, e agora algum sujeito com cabelo descolorido e uma tatuagem de diamante no pescoço está jogando seu corpo em um buraco no chão. É assim que eu justifico o assassinato para mim mesma. É o que me impede de pegar o aparelho de barbear de Roman e cortar os pulsos.

Mas há uma lição que eu devo aprender. Passei no primeiro teste, um exame superficial sobre a identidade de Sofia e um interrogatório básico. Mas com certeza haverá outros, e esses Sofia não vai aguentar. Não com o exame minucioso que um homem como Bohdan Kladivo pode fazer. Estamos muito além dos rudimentos da espionagem que Yael me ensinou, e não vou me sair bem num interrogatório com uso de alicate, furadeira ou maçarico. Preciso de uma opção. De uma saída.

Abro o ralo da banheira e saio enrolada em uma toalha. Há muita coisa a fazer antes que Roman chegue em casa.

Nada foi tocado no saco com minhas coisas, nem o dinheiro. Eu me visto rapidamente e estou prestes a sair quando paro na janela da frente. Há um pequeno Škoda de três portas estacionado do outro lado da rua, e dois caras jovens com jaquetas de couro estão apoiados nele, fumando e olhando para a entrada do prédio. Não conversam, não olham o celular. Estão apenas parados ali, fumando e observando. Agora sou propriedade de Pan Kladivo, comprada, paga e guardada no armário mais chique de Praga. Eles são protetores ou captores? Acho que não faz diferença.

Vou de quarto em quarto, inspecionando as janelas para uma possível saída alternativa. Mas elas só abrem alguns centímetros, e mesmo que eu conseguisse me espremer por elas seria uma queda de cinco andares até o telhado do prédio vizinho. Então saio do apartamento e desço as escadas do décimo segundo andar até o porão. Sigo pelo corredor até a área de coleta de lixo. Exatamente como eu suspeitava, há uma porta de saída, e se meu senso de direção continua afiado, ela vai dar em um beco que corre paralelo à rua da entrada do prédio.

Meu palpite está correto, e o beco está vazio. Encontro um pedaço de papel no chão e dobro para formar uma pequena cunha que enfio na fechadura para impedir a porta de fechar e trancar.

Então coloco o capuz do meu casaco e desapareço na rua.

Grafites cobrem as paredes da escadaria do metrô. Adolescentes entediados e drogados estão à toa nos bancos da estação, com seus olhos arregalados e fundos em um rosto esquelético, o corpo perdido dentro de camisetas com tamanho três vezes maior.

Abro caminho entre eles para chegar à rua. Vejo lojas em péssimo estado com carros decrépitos estacionados na frente delas. Uma *babushka*, velha como o mundo, para e arruma o lenço de bolinhas na cabeça, depois me lança um olhar de desaprovação por parecer um garoto. Mulheres orgulhosas usam cabelo comprido, ela diz.

Ali há um açougue, uma pequena padaria, uma oficina mecânica e um agente de viagens. Mas a loja que estou procurando está um pouco mais distante, entre uma que vende instrumentos musicais

usados e um salão de bronzeamento artificial. A placa na frente diz, em russo: ARTIGOS PARA RESTAURANTE.

A porta da loja fica aberta para cima, como em uma garagem, e eu entro e finjo que estou olhando as coisas. Bacias de metal, peneiras e cinzeiros de plástico estão empilhados em colunas tortas que chegam até o teto. Uma mosca que zumbia em torno de uma lâmpada deixa seu posto para voar à minha volta por um segundo antes de desaparecer porta afora. Pego alguns produtos e vou até o balcão, onde um sujeito obeso de pele pálida está sentado em um banquinho.

Coloco os artigos sobre o balcão, e ele começa a somar os valores em uma calculadora de bolso. Então eu me aproximo e falo em russo:

— Meu chefe me mandou a esta loja porque estamos tendo um problema terrível com ratos.

O sujeito olha para mim por cima das lentes sujas dos óculos.

— Ratoeiras e veneno ficam no corredor sete.

— É, eu vi. A questão é que é um problema *muito sério* com ratos. Meu chefe me mandou vir aqui, especificamente nesta loja, porque ele disse que você tem um negócio que funciona de verdade.

— Um negócio que funciona de verdade?

Aceno com a cabeça na direção da porta atrás dele, onde suponho ser o depósito.

— Isso — digo. — Como tínhamos lá em casa.

O homem se apoia no balcão e, com um esforço considerável, fica em pé. Ele desaparece no depósito e sai instantes depois com uma pequena caixa de papelão.

— Feito na Coreia do Norte — diz.

— O melhor? — pergunto.

— É o melhor, porra.

Pego a caixa e a viro nas mãos. A embalagem é amarela e parece uma enorme etiqueta de advertência com uma caveira impressa ao lado do texto em negrito e sublinhado, escrito em coreano.

— Não manuseie as pelotas sem luvas — ele me diz. — Eu nem seguraria a caixa sem proteção.

Solto a caixa em cima do balcão.

— Faz efeito rápido?

O homem dá uma risadinha abafada.

— Um minuto. Talvez dois.

— E…dói?

— Eles são ratos; não compreendem a dor — ele diz, olhando para mim. — E, se eu estiver errado, quem se importa?

É uma antiga tradição entre espiões, a pílula de suicídio. Os nazistas estão na sua porta? Morda com força. Você vai estar morto antes que toquem em você. O cianeto concentrado é o mais comum, mas uma pelota de veneno de rato norte-coreana tem o mesmo efeito em uma emergência. É o que espero, pelo menos.

O segredo são dois ingredientes proibidos em quase toda parte menos na Coreia do Norte: cianeto e tálio. Eles são essenciais para qualquer veneno contra ratos de respeito. É o que dizem os especialistas na internet. Precisei de dez minutos de pesquisa para descobrir isso. Levei mais dez para encontrar um lugar em Praga onde pudesse consegui-lo. Entre em qualquer loja russa no mundo e sempre haverá opções melhores de tudo, de caviar a veneno, sempre guardadas nos fundos. Só é preciso saber como pedir.

Chego ao apartamento da mesma maneira que saí, evitando a entrada da frente e os homens de Bohdan Kladivo. No banheiro, abro um protetor labial e corto a ponta. Então enfio duas pelotas do veneno de rato e coloco a ponta cortada por cima. Agora tenho a minha saída. Minha alternativa ao alicate e ao maçarico. Caso venha a acontecer. *Quando* vier a acontecer.

No exato momento em que guardo o protetor labial no jeans, ouço a porta do apartamento abrir. Forço um sorriso, saio do banheiro e encontro Roman.

O rosto dele ainda está inchado, sua mão está enfaixada e ele manca. Paro no corredor, olhando enquanto coloca o celular e a carteira sobre uma mesa ao lado da entrada e examina o rosto em um espelho. Ele me ignora quando digo oi. Quando vou pegar o paletó que está jogado sobre seus ombros, recua. Ele é só um meio

para um fim, tenho que lembrar a mim mesma. Não tenha pena dele. Não se importe com o que vai lhe acontecer.

— Como você está? — pergunto.

— Meu pai me deu uma nova missão, muito importante — Roman diz.

— O que é? — pergunto alegre.

— Levar você às compras.

— Como assim?

— Novos vestidos. Novos sapatos. Tudo novo. Meu pai diz que você tem que ter a aparência de uma verdadeira mulher Kladivo e que eu tenho que ajudar nisso. “É algo que as bichas sabem fazer”, foi o que me disse.

A dor na voz de Roman é evidente. Ele ainda está usando a camisa da noite de ontem e se atrapalha com os botões ao tentar abri-los.

— Eu ajudo — digo, abrindo um dos botões para ele.

— Não encosta em mim — Roman diz, afastando minhas mãos. Ele abre o resto lentamente e tira a camisa. Seu torso é musculoso e tonificado, mas há uma enorme bandagem envolvendo a maior parte do peito.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Trinquei as costelas. — Roman olha para o chão, a boca contraída como se tivesse acabado de chupar um limão. — O que você viu na noite passada?

— Só o ataque.

— Não minta.

— Vi o suficiente. Mas quero que você saiba que não me importo.

Ele faz que sim com a cabeça e desvia o olhar.

— Bom, agora aquilo acabou.

— Roman, por que você não… por que não vai embora? — Recolho a camisa e tento ver sua expressão. — De Praga, quero dizer. Da Europa. Vá para algum lugar onde…

Seus olhos vivos brilham sob a luz.

— Não sou uma bicha — ele diz com raiva. — Este… *este negócio* é quem eu sou. E, falando nisso, não precisa me agradecer.

— Pelo quê?

— Por salvar a sua pele. Se eu não dissesse a meu pai que você tentou me ajudar, estaria morta também. — Ele arranca a camisa da minha mão e chega mais peto, se assomando sobre mim. — Agora meu pai pensa que você é algo mais do que uma vadiazinha de rua. Mas vamos ver, Sofia. Vamos ver o que você é.

— Está bem, Roman — digo, abaixando os olhos. — Por que não descansa agora? Levo um chá pra você.

Temendo que membros da comunidade entrem e toquem os itens à mostra sem ter lavado as mãos, a loja na rua Pařížská — que fica muito perto do cemitério onde passei minha primeira noite em Praga — tem uma campainha na porta que libera o acesso. A vendedora, Claudette, fala comigo em inglês enquanto me mostra vestidos finos. Ela é infalivelmente educada, mas seus olhos não poderiam aparentar mais desprezo. Já ajudou garotas de rua antes, transformando-as em amantes adequadas e até mesmo esposas. Mas seus olhos me avisam que isto só termina de um jeito. E, ela me avisa no fim, eles não aceitam devoluções.

Dentro do provador, demoro um pouco mais do que o necessário, absorvendo a imagem no espelho sem acreditar muito nela. Meu cabelo naturalmente preto — tingido com tanta frequência que não o via há anos — cresceu um pouco desde que o tosei. Ele desce rente e liso do lado esquerdo. Embaixo há um rosto zangado de linhas distintas, e um corpo zangado mais teso e mais firme até mesmo que durante o treinamento com Yael. O revestimento translúcido de pele pálida está tenso sobre a camada de bronze, e me faz parecer feita de pedra. É um novo tipo de beleza nesta desconhecida: beleza sobre força, beleza sobre fúria. É assustador e maravilhoso, e pela primeira vez em minha vida o que eu vejo no espelho me agrada.

Saio do provador a cada novo vestido que experimento e mostro para Roman, que está recostado em um sofá estofado em seda. Ele finge que está gostando daquilo, uivando um elogio cada vez que saio de trás da cortina, fazendo observações indecentes. Por fim, quando não aguenta mais de tédio, declara encerrado o evento.

— De qual você gosta mais? — pergunto.

— De qualquer um que você gostar, meu anjinho. — Sua fala está enrolada. Desde a noite da surra, ele vem tomando oxicodona e injetando a morfina receitada para a dor. Eu me pergunto se está chapado. Ele toma os remédios em intervalos de poucas horas, então é difícil dizer em que ponto do ciclo está.

— O esmeralda. Com lantejoulas — digo.

Ele faz um gesto desdenhoso com a mão.

— Perfeito.

O esmeralda com lantejoulas tem o preço de um carro. É literalmente a coisa mais cara em que já encostei. Roman paga por ele em dinheiro, mas não consegue contá-lo direito e eu tenho que ajudar.

Na rua, nossos dois guarda-costas apagam o cigarro e começam a nos seguir, ficando dez passos atrás de nós. São os mesmos dois que estavam do lado de fora do apartamento de Roman e passaram o dia conosco. Olho de relance para os homens por cima do ombro.

— Não podemos nos livrar deles? — pergunto.

Roman me ignora.

— Vamos ao Das Herz hoje à noite. Você vai precisar de roupa para isso.

Eu traduzo do alemão.

— O coração?

— Não. Das Herz é uma pessoa. Um DJ. Ele vai se apresentar esta noite, e precisamos estar lá. As pessoas não respeitam um rei que não podem ver, meu pai diz. Faz parte do negócio, essa face pública.

— E quanto ao resto? A parte que não é pública? — digo. — Seu pai quer que eu aprenda a respeito.

— E você vai, em breve. — O celular de Roman toca dentro do paletó, e ele atende. Uma conversa breve em tcheco, e então desliga. — Acabou. Como eu disse que aconteceria. O nome dele era Janos. Gostava que o chamassem de “Jimmy”.

— Quem?

— A bicha que você viu. Que me seguiu pra fora do bar. — Há um tom malicioso em sua voz.

— Você… você terminou com ele?

— Ele está morto — Roman diz. — Baleado. Em seu apartamento, enquanto tomava café da manhã.

Minha pele começa a transpirar e eu sinto náusea.

— Seu pai mandou que o matassem?

— Não — diz Roman. — Eu mandei.

Todo mundo em Praga com menos de trinta anos está no show de Das Herz na casa noturna chamada Fume. Fica ao sul de Praga 1, nas ruínas semidestruídas de um hospital da era comunista.

Roman e eu estamos sentados na área VIP no terceiro andar, bem perto de onde o piso desmoronou. Temos uma posição de destaque para quem está na festa lá embaixo, dentro das paredes recortadas e demolidas que parecem com o interior da boca de alguma enorme criatura. Pessoas bonitas dançam sob o luar e as luzes giratórias em cima do que seria a língua da criatura, sem se importar com o fato de que estão prestes a ser engolidos. Das Herz está em pé em uma plataforma atrás de uma variedade absurdamente complicada de vitrolas e MacBooks, com fone em apenas uma orelha, esmurrando o ar.

Estamos aqui para que possamos ser vistos. Entre os glamorosos. Entre as pessoas que importam. Das Herz saiu na semana passada da reabilitação, e esta é sua primeira apresentação em nove meses. Os repórteres vieram e vão comentar no Twitter como até mesmo Roman Kladivo, o gângster e herdeiro da maior família criminosa do Leste Europeu, apareceu com a nova namorada.

Há champanhe no balde de gelo aos nossos pés, mandado por um rapper americano que todos parecem conhecer, menos eu. Há cocaína na mesa, sendo cheirada pelo bando de amigos de agasalho de Roman. Alguém exibe sua nova tatuagem — um diabo rosa-alaranjado pilotando uma motocicleta. Outra pessoa exibe sua nova Glock nove milímetros — um belo revólver feito de polímero com um carregador de quinze tiros.

— O que aconteceu com você? — alguém importante pergunta a Roman, reparando no olho inchado e na bandagem na mão.

— Acidente de carro — ele diz. — Capotei minha Lambo na 18. — Com “Lambo” ele quer dizer “Lamborghini”, economizando tempo, já que a marca é tão comum para eles.

Roman ainda está sob efeito da oxicodona e da morfina. O que, além do champanhe, do uísque e da cerveja, o torna especialmente amigável esta noite, ansioso por ostentar sua nova namorada e sua posição de rei atuante — e bastante hétero — da cena noturna de Praga.

Sorrio a todos que vêm fazer uma reverência e rio generosamente de suas piadas. Aceito o caviar enviado pelo pop star japonês em visita. Beijo o rosto do filho de um sultão de Dubai.

Mas a celebração felizmente tem curta duração. Depois de apenas meia hora de show um intruso chega. É Emil, suando, irritado.

— Você não atende a porra do telefone? — grita para Roman em inglês por cima da música.

— Relaxa. Dá uma cheirada. Vou arrumar algo pra você beber. Aonde a garçonete foi, porra? *Servírka!*

— Mandei quatro ou cinco mensagens — diz Emil. — Roman, a gente está com um problema.

— Sempre tem problema — Roman diz. — *Servírka!*

— A polícia pegou o Libor. Mercadoria roubada, disseram.

Roman coça a ponta do nariz.

— Então paga a fiança dele amanhã de manhã.

Emil olha de relance na minha direção.

— Libor e eu temos aquela coisa esta noite. Você sabe, a carga que a gente deveria pegar e deixar na *tábor*.

Tábor — é a palavra que Kladivo usou para a prisão da polícia secreta.

— Posso ajudar — digo.

Emil dá de ombros.

— Olha, sem querer ofender a namorada do chefe…

— Leve ela — Roman diz. — Leve a Sofia.

Emil ri, incrédulo.

— Fala sério, Roman…

— Meu pai diz que ela precisa aprender sobre o negócio — Roman argumenta, apertando o ombro de Emil.

— E daí?

Uma espécie de sorriso bem malicioso surge no rosto dele.

— Então ensine pra ela.

Vinte e quatro

É MEIA-NOITE, e uma leve garoa começou a cair na rua Sokolovská. Esta parte dela está completamente adormecida, as portas de metal das lojas e as cortinas dos apartamentos, fechadas. Há uma lareira acesa em algum lugar. O cheiro é aconchegante, e eu penso que gostaria de estar lá, lendo Kafka enrolada em um cobertor, ou o que for que as pessoas normais fazem na frente de uma lareira em Praga. Em vez disso, estou tomando café de um copo de papel, aquele troço turco forte com a textura de lama que comprei na última barraca de kebab aberta, dois quarteirões para trás.

É aqui que Emil deveria me pegar depois que tivesse buscado o caminhão e eu passado no apartamento para trocar de roupa. No fim da rua, vejo um pequeno caminhão quadrado virar a esquina, os faróis amarelados bombardeando a pavimentação à frente, vindo direto na minha direção. Mesmo à distância, ouço o hip-hop explodindo dentro do caminhão.

Ele diminui a velocidade até parar, e eu entro do lado do passageiro. Emil me fuzila com os olhos, a raiva por estar trabalhando com uma mulher — no caso, eu —, fazendo seu rosto se tornar de alguma forma mais perigoso sob o azul das luzes do painel. Ele acelera e vira à esquerda. Logo estamos em uma estrada, rumando para o norte.

— Não dá pra mim entender por que Roman quer você envolvida nas coisas da rua agora — Emil diz. — Achei que era fina demais pra gente.

— É “pra eu”, não “pra mim” — digo alto, tentando superar o rap tcheco horroroso que está explodindo nos alto-falantes.

— E desde quando você sabe essas porras? É só uma garota russa — ele diz.

— Posso abaixar a música?

— Esse sou *eu. É o meu cd*. MC Vrah é meu nome. Significa gângster, assassino. Sabia que eu sou rapper?

Abaixo a música mesmo assim.

— O que vamos pegar?

— Uma carga. É tudo o que posso dizer. — Ele passa para a pista da esquerda, ultrapassando veloz uma fileira de caminhões, as lonas coloridas que cobrem as carretas ondulando como velas sob os faróis.

Há uma mochila no espaço entre os dois bancos e eu a coloco no meu colo.

— O que é isso? — pergunto.

— O que vamos trocar pela carga — ele diz.

Abro o zíper e tiro três sacos plásticos transparentes cheios de cristais amarelados parecidos com cristais de açúcar de dentro da mochila. Cada um pesa mais ou menos um quilo, acho.

— Drogas? — pergunto.

— Você acabou de chegar da roça? Cristal de metanfetamina, MD. Da melhor qualidade. Importada de Oklahoma — diz Emil, acrescentando orgulhoso —, que fica nos Estados Unidos.

Não tenho a menor ideia de quanto valem os três quilos, mas deve ser bastante. Considerando que estamos usando o caminhão e não um carro, a transação vai ser por algo de bom tamanho.

— Quase esqueci — ele diz, procurando algo no casaco. Emil tira um revólver e o coloca no meu colo. — Se for o caso.

— Se for o caso de quê?

— Você vai saber — ele diz.

Andamos sem conversar durante muito tempo, os únicos sons vindos da estrada e dos alto-falantes, uma bateria eletrônica grave e irritante e a voz do MC Gângster/ assassino. Então Emil reduz a marcha e muda de pista. Pegamos um acesso onde há uma placa escrito NùMECKO. Alemanha.

Saímos da República Tcheca em algum momento depois das duas da manhã. Aqui não há mais controles de fronteira, apenas o que restou deles: postos com janelas fechadas com tábuas e barreiras com cancelas permanentemente levantadas. O que a União Europeia fez para facilitar os entraves no comércio e nas viagens também facilitou a vida dos criminosos. Pessoas como Emil e agora, pelo visto, eu.

Saímos da estrada alguns quilômetros depois da fronteira e passamos por um vilarejo onde cada casa e loja está às escuras. Ele diminui a velocidade e entra à esquerda na última rua antes das fazendas. É uma ruela, e nós a seguimos até a área de carregamento atrás de uma lojinha.

Tem um sujeito de jeans e casaco de couro esperando ali, com um pé encostado na parede. Quando ele nos vê, atira o cigarro em uma poça como se fosse um James Dean alemão e se aproxima.

— *Was geht ab* — diz Emil através da janela aberta.

Os dois batem as mãos em um cumprimento complicado que termina com um abraço e um tapa nas costas.

James Dean me nota e acena com a cabeça.

— Quem é a mina? — pergunta em inglês.

— Sofia. Garota nova. Agora o chefe acha que é uma boa ideia ter mulher com a gente — diz Emil.

Ele me examina rapidamente com os olhos e faz que sim com a cabeça.

— Eu me chamo Fischer — diz. Então ele olha de volta para Emil. — Esses caras que estão aí dentro são gângsteres sérios pra caralho. Sem brincadeira, beleza?

A porta da área de carregamento desliza para cima. Os gângsteres sérios pra caralho fazem jus à descrição, com casaco de couro gasto e remendado, botas pesadas. Mas Emil parece tranquilo e sai da van.

— Vamos — ele me diz.

Fischer, Emil e eu subimos a rampa de descarregamento e entramos na parte traseira da loja. A porta da garagem abaixa atrás de nós com sons de correntes batendo e rodas de metal rangendo. Fischer os apresenta, dando nomes russos a todos eles.

O chefe deles, Max, está em pé atrás de uma bancada e sorri para nós com a sinceridade de um homem da carrocinha para um vira-lata. Ele tem o cabelo loiro fino como um véu e usa insígnias costuradas no casaco, um morcego com as garras em volta de uma granada e uma caveira com dois martelos cruzados embaixo.

— Você trouxe? — ele diz em inglês, apontando com a cabeça para a mochila na mão de Emil.

Emil tira os três sacos da mochila e os coloca sobre a bancada. Um dos homens, o menor do grupo, abre um dos sacos e retira uma amostra com uma pinça. Ele a coloca em um tubo de ensaio e leva para um balcão onde estão alguns aparelhos de laboratório. Todos os olhos estão sobre ele e o teste, e eu sinto a tensão no ar. Passo o dedo na arma dentro do bolso.

Finalmente, o cara do teste vira e fala algo em voz alta e em russo para que os outros possam ouvir.

Chego perto de Emil e traduzo:

— Muito pura. Aproximadamente noventa por cento.

Max estende os braços e dá um sorriso forçado.

— Três quilos, qualidade superior — ele diz.

— Exatamente como foi prometido — Emil diz. — Você trouxe a carga?

Max faz um sinal com a cabeça para seus homens e dois deles desaparecem dentro da loja.

— Dez unidades, como combinamos, correto?

— Correto — Emil diz. — Dez unidades.

De algum lugar no fundo da loja ouço gritos dos dois homens seguidos por uivos agudos. Então, atrás de um canto, surge um grupo de jovens mulheres — garotas, na verdade. A mais nova talvez tenha catorze e a mais velha, dezessete. Gotas de suor aparecem em minha pele, e uma náusea forte e repentina toma conta do meu estômago. Esta é a “carga”. Estas são as “unidades”.

Elas estão com os pulsos amarrados com cintas e são mantidas juntas com pedaços de pau. Os homens batem nelas arbitrariamente, sem qualquer outro propósito a não ser o de machucar.

— Ei! Sem marcas, caralho! — Emil grita, e então vira para mim. — Fala pra eles!

Grito a tradução.

Elas são trazidas para a frente da loja. Dez meninas, curvadas, tremendo, agitadas, os olhos arregalados de medo. São todas extraordinariamente bonitas, de uma maneira quase chocante. O tipo de beleza que toda mulher quer e que os pais delas temem. Algumas me encaram, encontrando espaço suficiente para sentir ódio além do terror. Elas aprenderam a esperar isso dos homens, mas vão reservar um lugar ainda pior no inferno para mim.

Minha mandíbula e meus punhos enrijecem. Pegue a arma e as liberte. Em nome de qualquer bondade que ainda haja em você, Gwendolyn, faça a coisa certa. Mas eu não faço. Não há nada que eu possa fazer, digo para mim mesma. Eu tenho um revólver com o quê? Oito balas? Mesmo se eu fosse uma exímia atiradora, cairia morta antes que pudesse derrubar dois russos sequer. É o que digo a mim mesma para me impedir de fazer alguma coisa. Porque sou uma covarde egoísta.

Max sai de trás da bancada para ficar ao lado de Emil.

— Lindas, né? A ruiva é de Petersburgo. Pensei em, talvez, cobrar um custo extra de você, mas não. Dou ela pra você como… — Ele olha para mim. — *Podarok?*

— Presente — digo. — Brinde.

— Sim, brinde. Dou essa pra você, e quem sabe a gente faz mais negócios juntos, o.k.?

Emil avança e pega a ruiva pelos pulsos presos.

— Sem marcas de agulha — ele diz.

Max dá de ombros.

— Como você pediu, nada de viciadas. Todas de qualidade superior.

Emil passa para outra garota. Ela recua quando ele toca seu cabelo preto. — De onde vem o resto delas? — pergunta.

— Polônia, Romênia, Rússia, Albânia. Não sei. Você pediu, encontramos as melhores para você.

— E elas são limpas? — pergunta Emil.

Max aperta os olhos.

— Doença? Não. Mandamos o médico conferir. Limpas como sabonete. — Ele dá um tapinha no ombro de Emil. — Se encontrar HIV, sífilis, qualquer coisa, você liga. Faço reembolso, sem problema.

Emil estende a mão e Max a aperta. Coisa de cavalheiros.

Alguém levanta a porta da garagem, e Emil me manda descer e destravar a traseira do caminhão. Fico dentro dele, ajudando cada uma das garotas a entrar, segurando-as pelos antebraços finos e puxando-as para dentro. Duas ou três começam a chorar. Uma chega a resistir, mas Emil puxa o cabelo dela e coloca uma arma em seu rosto, o que faz com que desista.

Estendo a mão para segurar o braço da ruiva, mas ela recusa minha ajuda e sobe sozinha. Então cospe no meu rosto e me chama de “vagabunda do demônio” em russo.

As janelas estão abaixadas e Emil está cantando com Lil Wayne no rádio, marcando o ritmo na porta do caminhão.

— Para com isso — digo.

— O quê? — ele grita por cima da música.

Desligo o rádio com a palma da mão.

— Para com isso! Para de bater na porta e pelo amor de Deus para de cantar.

O sorriso malicioso de Emil brilha sob as luzes do painel.

— Tá vendo, é por isso que Roman nunca deveria mandar uma mulher pra fazer este serviço. Essas garotas aí atrás são só prostitutas.

— E qual é a diferença entre elas e eu?

Ele dá de ombros.

— Você está sentada aqui na frente.

Fecho os olhos, incapaz de continuar suportando aquilo. A raiva é como uma chama ardendo dentro de mim, ameaçando incendiar minha pele. *Minha mão no bolso. A mão rodeando a arma. O dedo encontrando o gatilho*. É isso, a missão de encontrar meu pai termina esta noite. Dez vidas por uma, talvez duas. É uma escolha fácil, não é? Nenhuma moralidade inventada de um deus inventado

diria algo diferente. Olha o cérebro dele explodir e agarra esse volante.

— Vamos levar as meninas para o… como é que chama? O *tábor*? — pergunto.

— Sim — Emil diz.

— E o que acontece com elas lá?

Emil pensa um minuto enquanto acende um cigarro. A fumaça sai rápida pela janela aberta.

— *O tábor é onde ficam guardadas. Sabe como é.*

— *Guardadas* — repito. — Elas vão ser estupradas?

Emil faz uma careta.

— São putas, Sofia. Não é estupro se são putas.

Libero a trava de segurança com o polegar e tiro a arma do bolso, mantendo-a escondida ao lado da coxa. Mas, primeiro, uma confissão de Emil. Ele não pode morrer sem saber o motivo.

— Elas são estupradas no *tábor*, Emil?

— Está brincando? O filho da puta do Pan Kladivo cortaria nosso pau fora. A gente só guarda as meninas lá até o leilão.

Ele está falando do leilão sobre o qual li no site de notícias alemão. *Fleischkurator*. Curador de carne. Curador de carne para consumo. Somente trinta centímetros de distância entre nós. Vou ter que ser bem rápida, disparar assim que levantar a arma.

— De tempos em tempos — Emil continua — tem uma grande festa no cassino. Só garotas especiais como estas. — Ele estuda meu rosto e parece surpreso com a expressão. — Isso deixa você zangada? O lance com as garotas?

— Não deixa você zangado, Emil? — pergunto.

Ele acha que é uma pergunta capciosa, e pensa nela com cuidado.

— Talvez — diz por fim.

— Por que talvez? — pergunto.

— Quando penso sobre isso, tipo… essas garotas são muito novinhas. Talvez aquela ruiva quisesse ser professora ou qualquer outra coisa lá em Petersburgo, mas agora a gente transformou ela em puta. — Emil aperta os olhos para enxergar a estrada adiante,

como um filósofo profundamente imerso em seus pensamentos. — Mas é por isso que não penso a respeito.

É claro que não pensa. E obrigada, Emil, por tornar isto tão fácil para mim. Olho rapidamente para a arma e a aperto com mais força. *Agora*.

— É como aquele velho que fica lá — Emil diz de repente. — Quem é ele? Que porra fez para o Pan Kladivo? Não é da minha conta, então não penso nele também.

Meu corpo congela completamente.

— Aquele velho?

— Não *velho* de verdade, mas aquele cara grisalho. Bom, pelo menos ele tem uns cabelos brancos agora. Lá no *tábor*. Na última cela.

— Ah — eu digo. — Ele. — Recoloco o revólver no bolso

Saímos da rodovia com as primeiras luzes do amanhecer, avançamos devagar em uma estrada de pista única e então entramos em um caminho de cascalho cercado dos dois lados pela floresta. Adiante vejo os portões do *tábor*.

Estacionamos no meio do pátio e Emil desliga o motor. Quando ele sai do caminhão tiro meu iPhone do bolso, inicio o app de GPS e espero que aponte minha localização. Mas nada acontece. Não tem sinal.

— Você vai ajudar ou o quê? — Emil grita do lado de fora. — Estas putas não vão se descarregar sozinhas.

Recoloco rapidamente o celular no bolso.

— Estou indo — digo.

O guarda do portão aparece atrás do caminhão com mais cinco homens enquanto abro a porta. As meninas estão amontoadas na parte mais funda do cofre. A mais velha fica na frente das outras, os braços estendidos como se fosse protegê-las.

Um dos guardas, um baixinho gorducho que ainda parece um adolescente, vira valente de uma hora para outra.

— Vamos, suas piranhas — ele diz. — Pra fora! — grita, batendo a coronha de um fuzil na porta de metal do caminhão. — *Ubiraytes!*

Raus!

As garotas têm um sobressalto diante da violência da ordem, mas não se mexem. Emil manda que todos entrem para pegá-las. Desvio o olhar, porque tenho que fazer isso, enquanto cada guarda agarra duas mulheres pelo braço e as arrasta para fora. O rechonchudo as cutuca com o cano da arma, conduzindo-as na direção do prédio.

Na cozinha do *tábor*, Emil se serve de café enquanto os guardas levam as garotas para as celas. Quando os guardas voltam e se sentam para a primeira refeição do dia — alguém comprou salgados —, fico de fora, apoiada no balcão. Emil e os outros estão envolvidos em uma animada conversa, cujo tema parece ser a qualidade das mulheres que chegaram. Há dois fuzis na mesa ao lado da comida, e todo mundo tem algum tipo de revólver. Não tenho a menor chance, não agora.

O lugar está lotado de coisas, como uma república, e cheira a toalhas velhas e gordura de cozinha. A mobília de escritório barata da era comunista é complementada pelo velho sofá da mãe de alguém e uma enorme TV de LED mostrando os melhores momentos da partida de futebol da noite anterior.

Então, no canto, localizo uma escrivaninha e um velho rádio transmissor e receptor. Eu me aproximo dele. Parece ter pelo menos cinquenta anos. Interruptores, dials, um fio que sobe até o teto e desaparece.

— Não mexe — alguém grita.

Viro para a mesa. Todos os olhos estão sobre mim.

— Por que não?

— Porque não tem serviço de celular aqui nem telefonia fixa — diz o garoto rechonchudo. — O rádio é a única maneira de falar com Praga. Só codificado. Sempre.

Uma só forma de comunicação. Não dá para pedir ajuda se o rádio quebrar.

— Quando as mulheres lá embaixo comem? — pergunto.

— Quando a gente quiser — diz um dos homens.

— Que tal agora? — sugiro. — Elas deveriam comer alguma coisa.

Há um murmúrio na mesa, uma risadinha, então o guarda rechonchudo levanta e tira de um armário uma enorme caixa de papelão com barrinhas de proteína.

— Só uma para cada. Se der mais, elas engordam.

Meus passos ecoam nos degraus de metal quando repito o trajeto que percorri com Bohdan Kladivo. Cada passo dobra o terror que está se construindo em meu estômago e adiciona uma volta à bobina de metal em meu peito. Não sei o que vai ser pior — encontrar meu pai aqui ou descobrir que ele se foi. As barras de proteína dentro da caixa batem umas contra as outras, e eu tenho que obrigar minhas mãos a ficar imóveis.

O corredor no final da escada está vazio e exatamente como me lembro dele, com as portas numeradas das celas alinhadas na parede, cada uma com uma pequena portinhola cobrindo uma janela, e uma abertura comprida e estreita na parte de baixo.

Abro a portinhola da primeira janela. A caixa balança e quase cai no chão quando levo a mão instintivamente à boca para abafar meu gemido. As meninas do caminhão foram completamente despidas e estão sentadas encolhidas sobre a cama. Duas delas estão no chão na mesma posição — braços nus envolvendo pernas nuas dobradas sobre peitos nus. Consigo vê-las claramente pela primeira vez. Elas tremem e olham fixo para a frente. Apenas uma delas vira a cabeça para me olhar através da abertura. Sua expressão é de medo, aos poucos dando lugar para dor e pânico. Ela sabe o que vai acontecer em seguida. Ouviu as histórias. Deve ter uns quinze anos.

Deslizo uma dúzia de barras de proteína através da abertura na parte de baixo da porta.

Na segunda cela estão as seis garotas restantes em um estado mais ou menos idêntico. A mais velha do grupo, aquela que tentou proteger as outras no caminhão, senta com os braços em torno delas, escondendo seu próprio medo por causa das mais novas. Ela me lembra de Marina. Repito o gesto patético e deslizo uma dúzia de barras de proteína através da abertura na parte de baixo da porta.

Há outras? Abro a terceira cela e a encontro vazia a não ser por cobertores com formas retorcidas no chão, impressões digitais e o resíduo de respiração humana que deve ter manchado a janela na porta quando alguém tentou ver do outro lado. Foi o único testemunho que as mulheres que ocuparam esta cela deixaram, pequenas manchas de vida e desespero. Quem sabe onde foram parar ou se ainda estão vivas?

Verifico a quarta cela, e a quinta, e a sexta. Também parecem ter sido esvaziadas recentemente, embora isso não me traga nenhum conforto. De olhos fechados, com a testa apertada contra a pedra fria da parede, imagino quais foram os destinos dos antigos ocupantes. Está claro agora que este lugar, este *tábor*, não é de forma alguma uma prisão. É o curral do lado de fora do matadouro onde os vivos são transformados em carne.

Dentro de mim, a náusea se transforma em ódio, e o ódio se transforma em fúria. Juro por minha própria vida que vou fazer os homens lá em cima e os dois Kladivo, pai e filho, morrerem por isso.

Sigo para a última cela e abro a portinhola. Lá dentro está uma única figura, um homem, estendido sem camisa sobre uma cama rústica. O rosto dele está virado para a parede, mas posso ver uma barba espessa em seu rosto, castanha, com alguns fios brancos. Seu cabelo está desgrenhado, como se não fosse cortado há meses. Ele parece a imagem de um prisioneiro de guerra em um livro de história, vítima de alguma atrocidade. O homem está deitado de costas e olha fixamente para o teto. Sua caixa torácica fica totalmente à mostra, como a de um esqueleto.

Ele percebe que a portinhola está aberta e levanta a cabeça para, com olhos apertados, tentar ver quem está ali. Apesar da barba, apesar dos quinze quilos a menos, apesar da mudança na cor de pele do pêssego para o cinzento, reconheço meu pai.

Vinte e cinco

Ele deve estar enxergando apenas minha silhueta na janela, porque não consegue ver com clareza meu rosto, ou pelo menos não o reconhece. Minhas mãos vão até a boca, cobrindo um grito mudo. Ele está vivo. Vivo, mas por pouco.

Então, ouço passos nas escadas. Fecho a portinhola e olho para outro lado, apertando as palmas das mãos sobre os olhos e tentando recuperar o fôlego.

— Acabou? — É Emil na outra ponta do corredor.

— Sim.

— Então vai logo. Quero voltar para casa.

— Só um segundo.

Quando tenho certeza de que Emil foi embora, tiro a arma do bolso e sinto seu peso. Será que conseguiria bater em todos eles e pegar um fuzil? Não é nem um talvez. É óbvio que não.

Viro de novo para a portinhola na porta do meu pai. Estou prestes a abri-la e bater na janela até ele me reconhecer quando a lógica assume o controle. *Não faça isso*, ela diz. *Pense*.

Não há como determinar a maneira como ele vai reagir. Não há como gritar explicações através da porta da cela sem que os homens lá em cima nos ouçam. Não há como evitar quando estou prestes a cruzar a linha de chegada.

Eu me forço a ir embora, então subo as escadas para o andar principal.

— Estou pronta — digo a Emil.

— Você estava chorando?

— Vai se foder — digo. — Vamos embora.

Enquanto subo no caminhão, faço uma promessa silenciosa a meu pai e às garotas que estão lá embaixo que vou voltar para pegá-los. Então faço a mesma promessa para Emil e o resto dos homens.

Estou ao lado da cama de Roman, apontando a própria arma dele para sua cabeça. Roman está deitado de costas, roncando feito um idiota, o peito subindo e descendo sob a bandagem que envolve suas costelas. O justo seria matá-lo. Não há nenhuma dúvida de que, quando os miolos dele se espalharem pela cabeceira da cama, as nuvens vão se abrir, os pássaros vão cantar e um coro das vítimas de Kladivo vai me ensurdecer com seu suspiro coletivo de gratidão e alívio.

Mas não vou puxar o gatilho. Porque isso não vai libertar o meu pai ou todas aquelas garotas. Ele não é o único membro deste exército maligno. Sequer é o único que se chama Kladivo. Mas o dia em que vou puxar o gatilho deve chegar logo, e isso é o bastante para me fazer seguir em frente. Devolvo a arma ao coldre e coloco tudo entre os frascos de perfume perfeitamente arrumados na cômoda. Então recolho as roupas dele da noite anterior. Coloco o terno em um cabide e penduro na maçaneta da porta. Enrolo sua camisa cheirando a bebida e jogo no cesto de roupa suja.

Olha só como sua amante cuida de você, Roman.

Volto para a sala de estar e para a garrafa de vinho que abri quando voltei para o apartamento às sete e meia da manhã. É bom, vermelho-amarronzado, terroso. Mas neste momento o gosto realmente não importa. É como um remédio. O objetivo é apagar o que vi, esquecer as formas trêmulas daquelas meninas, aquelas pobres meninas, aquelas pobres meninas aterrorizadas.

— Achei que você não bebia.

Viro para ver Roman no corredor, vestindo um roupão.

— Hoje pareceu um bom dia pra começar — digo, ciente de que minhas palavras estão saindo arrastadas.

Ele assente com a cabeça. — Como foi? O lance com Emil?

— Eu não sabia que a carga que íamos pegar era de mulheres.

Ele assente cheio de indiferença.

— Quero um café.

— O quê?

Ele acena na direção da cozinha com a cabeça.

— Quero um café. Vai lá fazer para mim.

Olho para ele enquanto me dirijo para a cozinha. Um monstro educado em Yale vestindo um roupão caro.

Roman vem atrás, para me ensinar a usar a máquina de café. Esta alavanca, não aquela. Enche até esta linha, não aquela.

— Veio da Itália, porra, então você tem que ser gentil com ela — ele diz. Está gostando disso, de me orientar em um pequeno serviço doméstico. Ele encosta na parede e fica observando sua empregada/ concubina.

Faço o café e empurro a xícara para ele.

— Elas vão ser leiloadas, é isso? As meninas que estão no *tábor*?

— Sempre uso um pires — ele diz, apontando para a xícara.

Encontro os pires em um armário e lhe entrego um.

Roman me estuda por um momento, beberica o café e então me estuda mais um pouco.

— Quem contou sobre o leilão? Emil?

— Sim.

— Bem, você queria aprender como são os negócios — ele diz. — Então pronto, aí está.

— Elas são… crianças — gaguejo. — Meninas, Roman.

— A vida é assim. Algumas pessoas valem mais do que outras. — Ele coloca a xícara e o pires sobre o balcão e enfia as mãos nos bolsos. — A propósito, ótimo café. A máquina é um pouco complicada, mas você fez direitinho.

— Que bom.

Um segundo se passa, e então Roman agarra minha camisa e me atira na parede. Ele pega uma faca comprida de cima do balcão e segura a ponta na frente do meu nariz. A lâmina não treme nem se movimenta. Ele a segura com total firmeza.

— Você sabe o que essas garotas tinham lá nos vilarejos onde moravam? Porra nenhuma. Damos roupas da Versace para elas,

mandamos para o cabeleireiro.

Mata esse cara agora. Ele merece. Mão no pulso. Joelho na virilha. Faca na garganta. Em vez disso levanto as mãos no ar, numa rendição abjeta.

— Já entendi, Roman! Por favor!

A faca fica parada ali por um segundo, a ponta da lâmina a apenas um centímetro da minha pele. Atrás dela está o rosto contraído e furioso de Roman. Então ele solta minha camisa e me dá um tapa rápido que me manda para o chão com um gemido.

Sinto algo úmido no lábio, e então uma gota de sangue cai no piso de mármore, o vermelho manchando o branco. Ela é seguida por uma segunda gota, e uma terceira, formando um agrupamento coeso no piso, como buracos de bala ensanguentados em um alvo. *Passa uma rasteira nele*.

Roman coloca a faca sobre o balcão e ajoelha ao meu lado.

— Você pode ter enganado meu pai, mas eu me pergunto, Sofia, se você realmente é durona o bastante pra este negócio. Durona o bastante para fazer o que for necessário.

Continuo no chão, concentrada no sangue.

— Sou durona o bastante — digo.

— Durona o bastante pra quê?

— Para fazer o que for necessário.

Vinte e seis

EU GOSTARIA DE AGRADECER A BOHDAN KLADIVO e seu filho Roman. Gostaria de agradecer a Emil, Libor, aos três ingleses e ao cara no trem de Berlim para Praga. Também gostaria de agradecer a Paulus e Christian. E como esquecer daquele porco no beco atrás do bar em Paris? Como o lugar chamava? A cabra magra? A cabra gorda? Tanto faz. Em todo o caso, gostaria de agradecer a todos esses homens. Pelas lições que me ensinaram. Por prepararem a coisa dentro de mim, a *crueldade*, que cresce e fica maior, mais forte e mais terrível a cada dia que passa.

É a manhã do leilão, uma terça-feira. Por coincidência, também é meu aniversário. Faço dezoito hoje — ou melhor, Gwendolyn Bloom, meu antigo e obsoleto eu, que existiu antes de ser devorada pela crueldade, faz dezoito anos. É nesse dia que eu deveria me transformar em uma adulta, pegando tudo o que aprendi como criança e aplicando a uma nova vida. Tudo o que veio antes de hoje deveria ser mero prelúdio, um ensaio para a coisa real.

Vai haver uma celebração esta noite, um grande evento com Roman de smoking e eu de vestido longo esmeralda enfeitado com lantejoulas, mas não tem nada a ver com meu aniversário. Ela vai girar em torno de homens voando para cá de todas as partes do mundo em seus jatos particulares, homens que gozam de tantos privilégios que seu dinheiro lhes permite transcender a moralidade e comprar seres humanos.

Essas transações devem ser acompanhadas por uma grande cerimônia, para que pareçam civilizadas e íntegras. Assim, o

cassino é fechado para que o palco possa ser tomado com petiscos feitos naquela manhã pelo chef do Ritz-Carlton, garrafas de uísque Macallan de cinquenta e cinco anos e champanhe Armand de Brignac em quantidade suficiente para todos se afogarem. Bohdan e Roman vão passar o dia paparicando os clientes, enquanto os que estão acima na hierarquia supervisionam o exército alugado que toma conta das garotas que já estão no terceiro andar do cassino, arrumando o cabelo, fazendo maquiagem, trocando de roupa.

Mas o pessoal de rua não está envolvido. Emil e Libor supostamente estão em outro lugar, fechando um negócio. E é com a ajuda deles que conto, muito embora os dois ainda não saibam disso.

— Deixe meu smoking pendurado no banheiro — Roman diz antes de sair. — E minha gravata-borboleta está velha. Me compra uma nova na Pařížská, de gorgorão, não seda. E veja se encontra minhas abotoaduras.

— Claro — digo, e fico olhando a porta fechar atrás dele.

Eles podem estar ocupados, mas eu também estou. Por isso, depois que tiro o smoking da embalagem da lavanderia, vasculho as gavetas para encontrar as abotoaduras e paro na loja favorita dele para comprar uma gravata-borboleta, levo a crueldade para, juntas, incendiarmos o mundo.

O edifício de Libor, localizado em um bairro sem graça de Praga 8, não é de todo mau. É bem cuidado, com vasos de flores em quase todas as varandas. As telhas de terracota brilham mesmo sob a luz fraca da manhã.

Fico parada entre os transeuntes do outro lado da rua, de onde posso ver que o carro de Libor ainda está estacionado na frente do prédio. Entro em um beco, pego o telefone novo do qual pretendo me desfazer em seguida e ligo para a polícia. A telefonista atende em tcheco, é claro. Como não domino a língua, eu lhe conto uma história em russo, sabendo que está sendo gravada. A princípio, fico receosa. Será que estou sendo convincente? Meu tom de voz soa

verdadeiro? Mas a verdade é que desde que cheguei à Europa tudo o que fiz foi atuar.

— Um homem chamado Libor Kren me bateu — digo. — Ele me ameaçou com uma arma. Usou metanfetamina e tem um monte de droga. Cinco, talvez seis quilos. Ele parece um chefão do mundo das drogas. Ah, eu estou tão assustada! Estou escondida no banheiro agora. O endereço é Na Strázi 556, Praha 8. Por favor, venham logo! Temo pela minha vida. Ele está do outro lado da porta…

Então eu desligo, tiro o chip do celular e o esmago com o salto da bota. Exatamente seis minutos e quarenta e três segundos depois de eu ter desligado, vejo dois carros da polícia e uma van chegando. Policiais sobem correndo as escadas do prédio residencial, com capacetes e coletes à prova de balas, segurando as submetralhadoras com firmeza. Dois minutos depois, Libor e seu irmão são trazidos à força para fora do prédio. Ele tem um olho roxo e está mancando.

Faz menos de uma semana desde a última prisão de Libor — na noite em que ele deveria ter acompanhado Emil —, e eu não tenho dúvida de que vão ser mais duros com ele desta vez. A menina russa escondida no banheiro não vai aparecer, é claro, e provavelmente nem os cinco ou seis quilos de metanfetamina que ela disse que havia no apartamento. Mas com certeza havia alguma quantidade de droga e uma variedade de armas. Mesmo com os melhores advogados em Praga, ele não vai sair antes de um dia ou dois. E isso é tudo de que preciso.

Pego o próximo bonde para Praga 1 e chego ao cassino meia hora depois. Eles ainda não sabem da prisão de Libor, então fico por ali, fingindo ajudar o pessoal do bufê. Quando ouço Emil xingando, sei que a notícia chegou. Eles iam pegar um carregamento de alguma coisa hoje, que não tinha nada a ver com o leilão, mas era muito importante. A ausência de Libor cria certas dificuldades, e Emil precisa improvisar. Que sorte que estou aqui!

Eu o puxo de lado e me voluntario, tomando o cuidado de parecer um pouco relutante. Antes de concordar, ele me afirma que o local não é muito distante e que estaremos de volta antes do anoitecer.

Desta vez não tem nem caminhão nem van. Somente um carro velho e comum com Emil no volante. O veículo não tem placa, apenas um adesivo de registro temporário na janela de trás emitido pela prefeitura de Bratislava, Eslováquia. Imagino que estamos indo para o *tábor*, então Emil pega a estrada no sentido de Brno, uma cidade a cerca de duas horas de Praga.

— O que tem em Brno? — pergunto.

— O que vamos pegar — ele diz, o tom de sua resposta deixando claro que não vai fornecer detalhes.

— Mas vamos levar o que quer que seja para o *tábor* depois, certo?

Ele olha para mim. — Por que o interesse?

— Só curiosidade.

— Sim — ele responde. — Por que você está sorrindo?

Imagino meu pai em sua cela, olhando para a porta desesperançado, sem saber que faltam apenas algumas horas para tudo acabar.

— Estou sorrindo? — pergunto.

Esse é um negócio objetivo que só envolve dinheiro, Emil me conta mais tarde, pegando a mochila no banco de trás para me mostrar. Está cheia de notas de quinhentos euros embrulhadas em plástico, totalizando quatrocentos e cinquenta mil. É surpreendente como uma quantia dessas pode ser leve e ocupar tão pouco espaço.

Meia hora depois que passamos por Brno, saímos da rodovia e entramos em uma rua deserta com fábricas fechadas, chaminés mortas e estacionamentos vazios. Paramos e esperamos. Emil me entrega uma arma, como da última vez.

— Esperando problemas?

— Nunca se sabe — ele diz.

Estamos ali há apenas cinco minutos quando um pequeno caminhão entra na rua. Não tem nenhum logotipo nas laterais ou quaisquer outras marcas além da placa. O que quer que haja lá dentro, pesa tanto que o veículo balança ao passar pelos buracos na pista. Ele para dez metros à nossa frente.

Emil desce do carro.

— Fica aqui com a arma engatilhada — ele diz. — Quando eu fizer um sinal com o braço, você leva a mochila com o dinheiro.

Dois caras descem do caminhão. Usam ternos horríveis e têm o cabelo escuro meticulosamente penteado. Um deles carrega um fuzil.

Emil se aproxima, e há uma breve conversa que termina com um homem de ombros largos e gravata dando um sorriso cheio de dentes. Emil vira e acena para mim, e eu levo a mochila até eles.

Seja de onde forem, eles falam inglês com Emil.

— É sua namorada? — o cara da gravata laranja pergunta.

Emil pega a mochila e joga para o cara. — Ela é minha colega, Nikko.

— Adoraria ter uma colega dessas — o homem diz, lançando um olhar malicioso para mim.

Fico tensa e coloco as mãos em torno da arma no bolso.

— Vamos acabar logo com isso — diz Emil.

Nikko abre a mochila e conta o dinheiro enquanto o cara com o fuzil faz guarda.

— Está tudo certo — ele diz depois de um momento. — Venham ver a carga.

Emil e eu o seguimos até a traseira do caminhão enquanto o cara do fuzil fica alguns passos atrás de nós. Nikko ergue a porta e revela caixotes verdes, a maioria com caligrafia chinesa em estêncil.

— Vinte caixas de granadas para lançar por foguete, oitenta milímetros — ele diz, passando a mão sobre uma das caixas como se fosse o capô de um carro raro.

— Abra — Emil diz.

Nikko pega um pé de cabra de dentro do caminhão e abre uma das caixas. Cinco granadas estão organizadas e apoiadas em suportes de madeira. São compridos e parecem brinquedos, com suas peças de metal estampado e plástico, mas ainda assim mortais.

Enquanto Emil inspeciona a mercadoria, faço os cálculos na minha cabeça. Cinco granadas vezes vinte caixas é igual a cem. Se cada um fizer uma média de dez vítimas, para usar um número redondo, então são mil mortos.

Mandou bem hoje, Gwendolyn. Que orgulho.

— O caminhão tem um registro eslovaco limpo — diz Nikko entregando as chaves para Emil. — Não vai dar problema.

O caminhão é mais lento que o carro que entregamos para eles, mas lá pelas quatro da tarde estamos a mais ou menos uma hora do *tábor.* Por causa da carga, Emil está pegando apenas estradas vazias.

— A gente não quer ser parado com essa merda aí atrás — ele explica.

— Quem eram aqueles caras?

— Nikko. Ele consegue as granadas com o ministro da Defesa búlgaro. O outro cara não conheço.

— E para quem Pan Kladivo vende isso?

— Ah, esse troço é sério demais para qualquer um na Europa. — Emil dá de ombros. — Desde que não esteja apontado para mim, nem quero saber.

Eu me volto para o mapa aberto no meu colo e vou olhando a direção a seguir, enquanto Emil me conta que vai usar o dinheiro que ganhar com esse negócio em um sofá de couro e na cirurgia de quadril da mãe.

— Este caminhão é difícil de dirigir? — pergunto.

Ele faz que não com a cabeça.

— Não é tão difícil como um caminhão grande. Sabendo dirigir um carro normal, não tem problema.

Não dirijo desde que me mudei para Nova York. Mas aprendi na escola em Moscou. Todo fim de semana, meu pai e eu saíamos para treinar com o pequeno Volvo dele.

— Posso tentar?

— Dirigir o caminhão? — Emil diz. — Claro que não!

Mas consigo convencê-lo e trocamos de lugar alguns quilômetros adiante. Emil faz careta toda vez que engato a marcha errado e arranho a caixa de câmbio. Somente após um tempo ele para de se segurar e se acalma. Emil estava certo: é como dirigir um carro, só que maior e menos ágil.

— Você vai ao leilão esta noite? — ele pergunta enquanto o caminhão se arrasta por uma estrada de terra vazia.

— Não uso uma etiqueta com preço. Então não.

— Nem eu — ele diz com amargura. — Os caras que trabalham na rua não são bem-vindos. Pan Kladivo tem medo de que a gente arrote ou diga a coisa errada na frente de seus amiguinhos bilionários. Racista do caralho.

— Se as mulheres já estão no cassino, o *tábor* fica vazio?

— Não, seis guardas continuam lá, porque ainda temos o… você sabe.

— Não, não sei.

— O velho. Na cela. Deixa pra lá. — Ele balança a cabeça. — Você faria uma coisa para mim?

Aperto o volante com firmeza.

— O quê?

— Pode descobrir com o Roman por quanto a ruiva foi vendida? Aquela de Petersburgo, sabe? — Emil tamborila os dedos na janela. — Algum dia vou ter um milhão de euros e vou comprar aquela garota. Talvez não ela, mas uma igual. Mas com peitos maiores.

Depois dessa declaração, decido que chegou a hora.

Paro o caminhão no acostamento e abro a porta.

— Tem alguma coisa errada com o pneu — digo, descendo.

Vou para o lado do passageiro, fico ao lado da roda traseira e chamo Emil. Ele desce.

— Olha — digo, apontando para o pneu.

Ele aperta os olhos.

— Não tem nada de mais.

— Olha mais de perto.

Emil fica de cócoras e bate no pneu com o punho.

— Perfeito.

Quando ele se vira, estou com a arma que me deu apontada para sua testa. Seus lábios tremulam e atiro bem acima do olho direito dele.

Um bando de pássaros sai voando das árvores ao nosso redor, cruzando o ar como anjos furiosos. Então desaparecem, e ficamos apenas eu e o corpo de Emil.

O guarda na entrada do *tábor* não hesita em abrir o portão. Ele me reconhece e, na velocidade em que estou chegando, tocando a buzina freneticamente, fica claro que é uma emergência.

Estaciono o caminhão no centro do pátio, puxo o freio de mão e pulo da cabine.

— Atiraram no Emil — grito para o guarda no portão. — Não fica aí parado como um idiota, vá buscar ajuda!

O guarda dá um berro na direção da porta e outros quatro guardas vêm correndo na minha direção vindos do prédio principal. É o grupo de sempre, os mesmos que estavam em serviço da última vez em que estive aqui. Abro a porta de trás do caminhão.

— Ele é pesado — digo. — Talvez todos precisem ajudar.

Os cinco sobem no caminhão e ficam em volta do corpo, sem saber o que fazer. Então agacham e começam a cutucar Emil, como se tentassem acordá-lo. Puxo a correia da porta com força. Ela encaixa no lugar e eu puxo a trava, trancando-os lá dentro.

Os gritos deles são abafados pelas paredes do caminhão, mas o conteúdo é bastante óbvio. Confusão a princípio, depois uma série de ordens, depois raiva. Em poucos segundos estão batendo na porta para sair e tentando erguê-la. A tranca chacoalha.

No caminho para buscar as granadas, tive a ideia de trancá-los no caminhão. Mas, enquanto carregava o corpo de Emil, pensei: por que não aproveitar a oportunidade para tornar o mundo um lugar um pouco melhor?

Vou até a cabine e pego uma granada que separei. É surpreendentemente leve quando se considera o estrago que é capaz de causar, mas imagino que essa seja a ideia. É tão fácil de operar que até mesmo uma criança conseguiria.

Atravesso a lama até a extremidade do pátio, apoio a coisa no ombro e miro no centro do caminhão. Há uma trava de segurança simples, igual à do meu revólver, e eu a aciono com o polegar.

Ouço mais gritos e o som de balas atingindo o ferro. Um deles tem uma arma e está tentando acertar a tranca.

O ruído do projétil sendo lançado me assusta pra cacete. Que algo tão barulhento e poderoso — quase me derrubou no chão — possa ser liberado com um único puxar de gatilho é de deixar

qualquer um perplexo. Valeria a pena refletir sobre isso, se eu tivesse mais que meio segundo antes do rugido que se segue do som sibilante, da avalanche alaranjada que desliza, rola e escapa do caminhão arrebentado. Sinto meu corpo levantar, e de repente parece que calculei mal a distância. Sinto meu corpo ser jogado para trás, e penso que morrer assim não dói tanto quanto seria de esperar.

Fico inconsciente por alguns segundos. Então abro os olhos e vejo o céu acima de mim, coberto de nuvens cinzas, sem sol, sem vida. Sinto a dor aguda do impacto, embora não me lembre do momento que ele aconteceu.

Há algo estranho com minha visão quando fico de pé, como se o mundo estivesse mais nítido do que antes e eu conseguisse enxergar com mais clareza. O caminhão se tornou um esqueleto flamejante, há apenas uma sombra de seu antigo formato, e eu acho isso lindo. Os homens lá dentro estão mortos, e a única coisa que lamento é que não tiveram a oportunidade de ver a lâmina da guilhotina descendo. Verifico meu corpo para ver se há ferimentos, buracos, mas, além da lama, estou limpa.

Tiro o revólver do bolso e começo a andar na direção da prisão. Cinco guardas entraram no caminhão, não os seis que Emil disse que geralmente cuidam do lugar. Isso significa que ainda há um por aqui, e tenho que estar pronta para ele.

A entrada e o corredor estão vazios, assim como a cozinha. Derrubo o rádio no chão — o único meio de comunicação entre aquele lugar e Praga — e arranco os fios. Então vasculho as gavetas até encontrar um molho de chaves de ferro pesadas. Coloco-o no bolso e pego um lindo rifle de assalto Kalashnikov que alguém deixou em cima da mesa. Por fim, revisto os bolsos dos casacos pendurados nos cabides e pego todas as chaves de carro.

Com o rifle destravado, saio da cozinha e desço a escada rapidamente, então vasculho o corredor do lado de fora das celas. O sexto guarda não está em nenhum lugar. Abro as portinholas de todas as celas menos a última, e vejo que estão vazias.

Chego até a cela do meu pai e abro a portinhola lentamente, sem querer olhar, sem querer descobrir que, depois de tudo o que fiz, ele

também foi levado. Mas meu pai está lá, em pé, andando de um lado para o outro, olhando preocupado para a porta. Não há dúvida de que ouviu a explosão e sentiu o prédio tremer. Com o som das chaves na fechadura, ele se afasta para a parede no fundo da cela, o terror evidente em seu rosto.

Viro a maçaneta e abro a porta.

Ele só vê minhas roupas enlameadas e o Kalashnikov. Não que fosse me reconhecer sem isso. A garota que ele deixou em Nova York era fraca e tinha medo de tudo. A mulher que sou agora é totalmente diferente.

Ele levanta as mãos na frente do corpo, esperando o tiro. É a primeira coisa que os guardas fariam se o lugar fosse atacado. Mas, quando as balas não vêm, meu pai abre os olhos. Então seu rosto se acalma — percebo isso mesmo através da barba — e ele inclina a cabeça para o lado. Ele aperta os olhos, e eu ouço um pequeno suspiro escapar de seus lábios.

— Pai — digo.

Mas essa palavra é uma incógnita para ele, como se lembrasse de tê-la ouvido, mas tivesse esquecido o significado.

— Quem é você? — ele diz em voz baixa.

— Sou eu — digo da maneira mais delicada que consigo. — Gwendolyn.

Seus braços tremem no ar por um momento, e em seguida caem ao lado do corpo como se o que os mantinha erguidos tivesse sido arrancado de repente. Ele balança a cabeça de um lado para o outro, recusando-se a acreditar que minha presença ali é mais do que uma alucinação.

Dou um passo para a frente, bem pequeno, e meu pai recua.

— Já disse tudo a vocês — ele implora. — Já contei onde estão os códigos. Já contei.

— Sou eu, pai — repito. — Gwendolyn.

Ele vira e encosta o rosto na parede. Eu o ouço soluçar.

— Não tenho mais nada. Não tenho. Vocês pegaram tudo.

Levanto uma das mãos, hesitante, e toco seu ombro, mas ele recua. Então o toco outra vez, com um pouco mais de força, apoiando uma das mãos firmemente em seu ombro e a outra no

antebraço. Meu pai se afasta, e eu sinto os poucos músculos que sobraram nele tremerem.

— Pai. Sou eu. Não reconhece minha voz?

Seus lábios — rachados, inchados — começam a se mover como se ele estivesse tentando dizer alguma coisa. Meu pai fecha os olhos e os abre em seguida, então levanta uma mão e a coloca no meu rosto. Está úmida de suor.

Agora é minha vez de fechar os olhos, apertando-os bem e deixando que as lágrimas caiam. Ele envolve minha cabeça em seus braços finos, e posso sentir sua respiração em mim quando ele diz:

— É você, Gwen. Minha menina.

— Vim pra levar você embora.

— Como você… como chegou aqui?

— Fiz coisas terríveis, pai.

Ele me aperta com força e tudo o que tive que fazer, absolutamente tudo, passa pela cabeça dele em uma repentina explosão de calor e luz.

Vinte e sete

HÁ UMA TRÉGUA IMPLÍCITA: nenhum de nós vai perguntar nada até que estejamos longe daqui. O sexto guarda pode estar em qualquer lugar, e nós dois somos inteligentes o bastante para saber que ainda não acabou.

Ele está subnutrido, mas ainda consegue se mover rápido. Por isso, insiste em ficar com o Kalashnikov, como todo bom pai faria, com medo de que eu me machuque. Embora eu não devesse me chocar com mais nada, fico surpresa ao ver que ele evidentemente já manuseou uma arma como aquela antes. Meu pai a examina, engatilha e, com o rosto firme de um soldado experiente, acena com a cabeça na direção da porta aberta da cela. Eu o sigo bem de perto com o revólver na mão, subindo as escadas e vasculhando o térreo.

O rosto firme desaparece quando saímos do prédio e meu pai vê os restos do caminhão ainda pegando fogo. Ele fica arrasado. Filhas não deveriam ter que resgatar seus pais, muito menos se tornar assassinas no processo.

Três dos carros parados no pátio foram muito danificados pela explosão, e não estou com a chave de outros dois. Isso nos deixa com duas opções: um Fiat hatch e um Toyota Land Cruiser. Escolhemos a segunda.

Enquanto pego a chave para abrir, ouço o que parece ser uma vespa furiosa rasgar o ar perto do meu pescoço. Viro para meu pai e vejo um olhar de surpresa aparecer de repente em seu rosto quando um círculo vermelho começa a se expandir sobre seu ombro esquerdo. Minha mente é lenta para processar o que está

acontecendo, mas a dele não. Meu pai levanta o Kalashnikov com a mão direita e solta uma rajada de balas, que martelam o ar.

Meus olhos se voltam para o alvo dele. É o guarda rechonchudo, aquele que cutucava as garotas quando eram tiradas dos caminhões e que me mandou dar só uma barrinha a cada uma para que não engordassem. O reconhecimento se dá no exato momento em que a arma cai das mãos dele. O guarda cambaleia para a frente, boquiaberto, com as mãos frouxas ao lado do corpo. Então desmorona na lama.

Volto a olhar para meu pai. Ele está apoiado na lateral do Land Cruiser, o rosto branco, a mão apertando o ombro. Grunhe de dor enquanto o ajudo a entrar no banco do passageiro.

— É só um ombro, Gwen. Tenho outro — ele diz entredentes.

Vasculho o veículo à procura de um kit de primeiros socorros, mas tudo o que consigo achar é uma camiseta branca que parece limpa. Eu a dobro em um quadrado pequeno e a aperto contra o ferimento. Com um rolo de fita isolante tirado do porta-luvas, improviso uma tipoia.

— Hora de ir, Gwen — meu pai diz, apesar da dor. — Pode haver outros.

Ele está certo. E aquilo é o melhor que consigo fazer agora. Engato a marcha no Land Cruiser e passo pelos portões, seguindo pela trilha de cascalho. Quando chegamos à rua principal que conduz à estrada, olho para ele e vejo uma careta em seu rosto.

— Para onde estamos indo? — ele pergunta.

— Para a embaixada. Eles podem nos ajudar lá.

— Não. Nada de embaixada.

— Mas Kladivo não pode pegar você lá.

Ele estende a mão e aperta meu braço.

— Gwen, Bohdan Kladivo é da CIA. Ele é um deles. É o homem da CIA na Europa.

As palavras me atingem como um furacão, e eu levo alguns instantes para balbuciar uma reação.

— Não pode ser. Kladivo é um monstro. Ele vende pessoas… Vi mulheres, garotas…

Mas meu pai já sabe disso, claro.

— E a CIA não dá a mínima, Gwen.

— Mas, se ele é da CIA, por que prendeu você?

— Dinheiro, Gwen. É sempre sobre dinheiro. É assim que as coisas funcionam, o mundo todo. O antigo chefe dele, Zoric… deixou contas anônimas para trás. Kladivo e alguém na CIA iam sacar a grana. Descobri isso. — Seu rosto se contorce de dor e ele se recosta no banco. — *Merda*, como dói!

— Eu tenho as contas — digo. — Estavam no livro, *1984*. Você deixou com o Bela, e ele deu para mim.

Ele se contrai com outro tipo de dor.

— Diz que isso não é verdade, Gwen.

— Descobri o boxe no Queens e decifrei o código.

O rosto dele é uma máscara de suor.

— Bela é um filho da puta — ele diz engasgado. — Aquilo não era pra você. Tem um telefone?

Tiro o celular do bolso e passo para ele.

Meu pai digita um número e coloca o aparelho na orelha.

— Sim, aqui é o sr. Angler — ele diz depois de um momento. — Diga ao sr. Martin que estou saindo da cidade hoje, mas antes quero uma visita guiada pelo apartamento dele.

Ele tenta fazer sua voz soar natural, mas é evidente que está em agonia. Há uma longa pausa, de uns trinta segundos.

— Isso mesmo. A visita guiada — ele diz. — E vou levar minha filha.

Ele desliga e deixa o telefone cair no chão.

— O que foi isso? — pergunto. — Quem era?

— Amigos. Os únicos amigos que me restaram — ele diz, recostando no banco, os olhos começando a fechar. — Desculpe, querida. Sinto muito pelo que está prestes a acontecer.

— Fica acordado, pai. Por que você está se desculpando? O que vai acontecer?

— Não vá para a embaixada, Gwen. — Sua voz soa baixa agora. Ele está mergulhando na inconsciência, gastando o que lhe resta de forças. — Só dirija para Praga.

Verifico a pulsação dele a cada dois minutos enquanto dirijo. Ela parece fraca e diferente toda vez. Paro em algum lugar nos arredores da cidade e me certifico de que o curativo improvisado está dando conta — está —, mas é óbvio que ele precisa de um hospital. Com todos os guardas do campo mortos e o rádio destruído, quase não há chance de Kladivo saber o que aconteceu, mas de maneira nenhuma vou levar meu pai a um hospital aleatório, completamente exposto.

Pego o celular do chão e repito a última chamada. Toca três, quatro vezes, então uma voz de homem atende:

— Sr. Angler? — Ele tem um sotaque impreciso, que não consigo identificar. Do leste da França? Oeste da Rússia?

— Sou a filha do sr. Angler — digo. — Aquela que ele mencionou quando disse que queria uma visita guiada a… não lembro, ao novo apartamento de alguém, acho.

— Claro — diz a voz. — Aconteceu alguma coisa?

— Ele precisa de um médico. Levou um tiro no ombro.

— Está consciente?

— Não.

Silêncio por um momento. No fundo, ouço o barulho de teclas de computador.

— Vocês estão seguros neste momento?

Olho ao redor. É uma vizinhança vazia composta de armazéns e fábricas.

— Sim. Não. Bom, ninguém está atirando na gente por enquanto.

— Fiquem onde estão. Alguém vai encontrar vocês aí em cinco minutos — diz a voz.

— Você precisa do endereço?

— Já temos. Até logo.

Não tenho a menor ideia de quem ou o que está vindo, mas meu pai confia nessas pessoas, então tenho que fazer o mesmo. Ainda assim, mantenho minha arma no colo e monitoro os espelhos para identificar rapidamente qualquer coisa que venha na nossa direção.

Ele pediu desculpas pelo que está prestes a acontecer. Sejam lá quais forem os planos do meu pai, não poderá contar com minha ajuda. Tenho minha própria programação para o dia, e só cumpri

metade dela. O que vou fazer em seguida é uma tolice. Na verdade, é suicida. Meu eu racional diz para deixar quieto, para ir embora e dar tudo por encerrado. Mas o resto de mim precisa seguir meu instinto. Decido fazer o que deve ser feito de qualquer forma, mesmo que morra fazendo, mesmo que morra tentando fazer.

Vim a Praga porque devia isso a meu pai, mas vou ficar por que devo isso às mulheres que entreguei a Bohdan Kladivo. Tenho que libertá-las a todo e qualquer custo.

Uma enorme van branca vira a esquina. As janelas são pretas e as palavras CITY TOURS estão pintadas dos dois lados. Em Praga 1, essas vans de turismo são bastante comuns, mas aqui nos arredores parece uma aberração.

Ela se aproxima e para atrás de nós. O motorista sai e vem na minha direção. É um sujeito alto, de uns quarenta anos, com cabelo castanho começando a ficar grisalho, usando uma jaqueta azul também da City Tours. Abaixo a janela.

— É o sr. Angler ao seu lado? — pergunta o motorista com um sorriso. Seu hálito é de chiclete de hortelã e seu sotaque é americano.

— Ele precisa de um médico — digo.

— É o que parece. Vamos cuidar dele, não se preocupe. — O cara faz um sinal para a van, e um homem e uma mulher descem. Estão vestidos com jeans e jaquetas de couro e carregam uma grande bolsa de lona com uma cruz vermelha. Abrem a porta do passageiro e começam a examinar meu pai. Enquanto a mulher aperta um estetoscópio contra o peito dele, o homem examina o ferimento usando luvas de borracha.

— Vamos colocá-lo na van — diz a mulher.

Começo a dizer algo em protesto, mas o motorista coloca uma mão consoladora em meu ombro.

— Eles são profissionais. Seu pai vai ficar bem. Qual é seu nome?

— Sof… desculpe, Gwendolyn.

— Sou Sam — ele diz. — E aí? Seu pai explicou o que vai acontecer?

— Não.

— É uma exfiltração. O que significa que vamos tirar seu pai e você daqui.

— Não posso. Não agora — digo. — Tem algo que eu preciso fazer. É importante. Existem… escute, vidas dependem disto.

— Ou partimos agora ou não partimos mais. Você entende? Desligue o motor. — O sorriso desapareceu do rosto dele. Faço o que diz e coloco as chaves em sua mão estendida.

Sam recua para eu abrir a porta e descer do carro.

— Oito horas — digo.

— Como?

— Oito horas — repito. — Encontro vocês aqui em exatamente oito horas.

Sam faz que não com a cabeça.

— Não vamos estar aqui, Gwendolyn.

— Dê um jeito — digo.

Quando chego ao apartamento, percebo que Roman passou em casa para trocar de roupa e já saiu de novo. Assim, tenho privacidade para fazer o ritual de limpeza corporal das tarefas que ficaram para trás e me preparar para aquelas que estão à frente. Tiro a lama e a pólvora do dia com o sabonete de lavanda de Roman, depilo as pernas com a navalha de Roman, ajeito o cabelo com o gel de Roman.

Desembrulho o vestido verde de lantejoulas que ele comprou para mim. É maravilhoso. Eu o visto, conseguindo de alguma maneira fechar o zíper nas costas, e me olho no espelho. No reflexo, vejo quem de fato sou. Uma mulher vestida para a batalha com uma cota de malha esmeralda. Um dragão cuja pele escamosa absorve a luz e se torna uma sombra junto aos contornos do corpo quando se vira. Alguém que se arruma e gosta do que vê.

Em seguida vêm os acessórios de que vou precisar na festa de gala. Luvas de cetim cinza que chegam até os cotovelos feitas em Paris. Bolsa de mão com contas pretas feita em Milão. Pelotas marrons de veneno de rato feitas na Coreia do Norte.

Acho que não vou conseguir chegar ao compromisso tudo-certo-nada-combinado com Sam. Após uma consideração cuidadosa de todos os riscos, duvido que eu esteja viva até lá. Mas tenho pecados a expurgar. A situação em que coloquei as garotas já é muito ruim, mas o que vai acontecer com elas depois desta noite é ainda pior. Seu destino é minha responsabilidade agora — o preço a pagar pelos pecados que cometi. Se eu for bem-sucedida e conseguir libertá-las, então mereço estar viva. Se falhar ou for capturada em minha tentativa, não mereço respirar. Nesse caso, vou jogar uma das pelotas na boca e morder com força. Vai doer, mas vai ser rápido. Mais rápido e menos doloroso do que aquilo que Bohdan Kladivo faria comigo.

Há um último item na programação antes de sair. Eu me acomodo no sofá da sala de estar de Roman e cruzo os tornozelos. Posso ver meu reflexo na janela, uma silhueta elegante, monótona. Preciso de um momento para reunir coragem, mas, antes que mude de ideia, digito os números no celular e o aparelho do outro lado começa a tocar.

Duas vezes. Três. Quatro. Caixa de mensagens.

Faço uma pausa tola depois do sinal, despreparada para a possibilidade de Terrance não atender. Ouço minha respiração travar na garganta, e agora isso vai ser a primeira coisa que ele vai ouvir, um som incômodo e assustado.

— Oi — digo por fim. O tom da minha voz é monótono, como uma confissão. — Sou eu. Vou… dar uma sumida. Não sei quando vou voltar. Talvez esta seja a última vez que poderemos nos falar, então… olha, quero agradecer por tudo. — Faço uma pausa, constrangida por algum motivo pelo que estou prestes a dizer. Mais uma vez ouço a estática da distância, das explosões solares, do vasto e intransponível espaço entre nós. Deixo o constrangimento de lado e continuo. — Quero dizer que… quero dizer que… sabe, eu nunca me apaixonei. Não de verdade. Bom, uma vez pensei que tinha me apaixonado, mas… sei que isso parece idiota, mas…

Então o telefone dá três sinais sonoros fracos. *Ligação interrompida*, diz a tela. Quando? Eu me pergunto. Em que ponto

isso aconteceu? Quais vão ser as últimas palavras que ele vai ouvir?

Jogo o telefone no sofá. Provavelmente é melhor assim. Mesmo que ele nunca ouça, pelo menos eu disse, ainda que só uma parte. Quanto a quais seriam as próximas palavras que sairiam da minha boca, eu não sei. Dizer que o amei não teria sido honesto. O que eu amo de verdade é o mundo onde duas pessoas podem se apaixonar um pouquinho enquanto estão sentadas no banco de um parque, com medo apenas dos bêbados adormecidos e das nuvens de chuva, conversando sobre planos que, pelo menos para um de nós, nunca vão se tornar realidade.

Ouço a sirene aguda de uma ambulância na rua, avisando triste que há uma emergência. Olho a hora antes de colocar o celular na bolsa. Já é tão tarde?

Pego um táxi até o cassino, fechado esta noite para a *ralé* que o costuma frequentar. Hoje o lugar está reservado para os bilionários, aqueles que assinam os contracheques dos milionários, que possuem coleções de joias, estátuas gregas e garotas adolescentes, só pela diversão. O táxi passa por filas de limusines estacionadas e chega à entrada, onde um porteiro em traje de gala segura a porta para mim e me cumprimenta pelo nome.

Um guarda com um detector de metais portátil faz sinal para que eu erga as mãos, então passa o aparelho pelo meu corpo enquanto outro inspeciona minha bolsa. Mas é claro que ele só encontra meu telefone e um pequeno frasco de ibuprofeno, que ele não abre.

— Está sendo esperada, srta. Sofia? — pergunta um homem de smoking com um sorriso permanente e frio.

— Sou convidada de Pan Kladivo — digo.

Mas ele ergue a mão na minha frente quando estou pronta para subir a grande escadaria.

— Tem certeza de que o convite foi para esta noite? Eventos como este costumam ser apenas para homens.

Meus olhos o fulminam.

— Então chame Pan Kladivo aqui e pergunte a ele. Tenho certeza de que vai adorar ser tirado da companhia de seus clientes para repetir o que acabei de dizer a você.

A mão desaparece, e meus saltos estalam sobre a escada de mármore quando subo apressada para o segundo andar.

Entro no salão pelas enormes portas douradas no mezanino. Música clássica toca, servindo como pano de fundo das conversas de mais ou menos vinte homens de smoking bebendo, conversando, rindo e parecendo bastante ansiosos para aumentar sua coleção esta noite.

Sou a única mulher, então as conversas param e os olhares se deslocam para mim quando passo. Alguns parecem acreditar que sou um dos objetos à venda e roçam os dedos em meus ombros ou inclinam a cabeça para sentir meu perfume.

Roman me vê assim que o localizo. Ele interrompe uma conversa e vem na minha direção com passos largos.

— Sofia! — exclama alegre, em absoluta contradição com a expressão assassina em seu rosto. Ele segura meus ombros com força.

— Boa noite, Roman — digo, sem deixar que perceba o quanto dói.

Ele se aproxima e diz entredentes:

— Que porra você está fazendo aqui?

— Você me perguntou se eu era durona o bastante para fazer o que fosse necessário, lembra? Então estou fazendo isso. O necessário.

— Esse lugar não é para você.

Bohdan aparece atrás de Roman e sorri para mim, inabalável, um modelo de educação.

— Sofia Timurovna, que delícia ver você! Não sabia que você tinha convidado sua namorada, Roman.

— Não convidei — ele diz. — Ela já estava indo embora.

Eu me solto do aperto de Roman.

— Você queria que eu aprendesse sobre os negócios para poder ajudar, Pan Kladivo — digo. — Já vi um lado dele, agora gostaria de ver o outro.

— Você sabe o que acontece aqui hoje à noite, não é? Algumas mulheres achariam isso, digamos, *desagradável*. Discorda delas, Sofia Timurovna?

— Eu trouxe estas mulheres para Praha, Pan Kladivo. Gostaria de acompanhar o processo até o final — digo, com a voz inalterada. — Além disso, um homem sábio me disse certa vez que uma mulher que quer ascender neste mundo precisa ser ainda mais cruel do que os homens.

Ao ouvir suas próprias palavras sendo repetidas, Bohdan sorri. Ele fala rapidamente com Roman em tcheco e me dá um tapinha de leve no rosto.

— Então você é bem-vinda — diz.

As garotas entram no salão às oito e meia em ponto. Miroslav Beran conduz o desfile, o queixo erguido como um garçom arrogante. Alguns homens fazem comentários e dão cotoveladas uns nos outros, acenando com a cabeça na direção desta ou daquela adolescente com cabelos pretos brilhantes. É o que os tubarões fariam se tivessem cordas vocais e cotovelos.

Os clientes de Bohdan Kladivo circulam entre as recém-chegadas, analisando-as sem fazer qualquer esforço para esconder que se trata de uma avaliação de qualidade. Um cara branco com cabelo grisalho ralo passa os dedos no rosto da ruiva. Um árabe põe as mãos no cabelo de uma loira, como se o estivesse pesando.

Eu esperava encontrar as mesmas jovens assustadas que tremiam de terror e cuspiam de raiva quando Emil e eu as colocamos no caminhão, mas não. Aquelas garotas foram transformadas em versões de borracha delas mesmas, com sorrisos de borracha, que não se encolhem quando os homens as tocam. É somente quando eles se afastam e elas acreditam não estarem sendo observadas que sua expressão retorna ao horror absoluto.

Os homens receberam cartões com fotografias e uma breve biografia de cada uma impressa em inglês, russo, árabe, francês e chinês. Encontro um jogo de cartões em cima de uma mesa.

Irina, de Vitebsk, Belarus. Tem quinze anos e gosta de esportes e cinema. Procura um homem que seja forte física e financeiramente, e se descreve como uma romântica com um apetite amoroso insaciável. Fala três línguas: bielorrusso, russo e alemão básico, mas está disposta a aprender a língua de seu benfeitor.

Localizo Irina em meio às garotas. Ela é magra e tem pouco peito. Está usando um vestido azul com o cabelo platinado arrumado elegantemente no topo da cabeça. A maquiagem deve estar escondendo o machucado que me lembro de ter visto no olho esquerdo dela.

Fico perto de Bohdan e Roman, deixando bem claro que estou com eles. Bohdan percebe que estou com o cartão de Irina.

— Está vendo aquele homem que está falando com ela agora? Ele é saudita. Os sauditas sempre disputam as loiras. Chegam facilmente a um milhão de euros, às vezes mais. Fique de olho.

E, de fato, o saudita, em uma túnica brilhante que chega aos tornozelos e um keffiyeh xadrez vermelho na cabeça, se aproxima de Bohdan momentos depois.

— Setecentos — ele diz, acenando com um copo de uísque na mão.

Bohdan ri e coloca uma das mãos no antebraço do saudita.

— Recebi uma oferta de novecentos e cinquenta — ele diz.

— Um milhão e duzentos — diz o saudita.

Bohdan faz uma anotação em um bloquinho usando a caneta que dei para meu pai.

— Dou a resposta no final da noite, vossa excelência — diz Bohdan.

Um homem do tamanho de um urso vestido com um smoking avança rápido e segura o ombro de Bohdan assim que o saudita se afasta. Seu rosto é avermelhado e ele fede a bebida.

— O anjo negro — ele diz em russo. — Diz para mim que ela ainda não foi comprada.

Sigo o dedo estendido do russo, que aponta para uma garota mais ou menos da minha idade com um cabelo preto que quase chega na cintura. Os olhos dela são escuros também, como dois carvões que se apagaram. Ela está em pé em um canto segurando uma taça de

champanhe e tentando não cair do salto alto. Passo os cartões até achar a fotografia dela.

> O nome de Doina, de dezessete anos, significa “canção do povo” em romeno, sua língua nativa. Ela veio de Constança, que foi ocupada por muitos anos pelos otomanos. Ela possui muito do tempero turco!

— Fique tranquilo, Sergei Mikhailovich, ela ainda pode ser sua — Bohdan o tranquiliza.

— Ofereço cento e cinquenta — o russo diz, como se aquilo fosse muito sério.

— Esse valor me insulta, Sergei Mikhailovich.

O russo parece angustiado e morde a mão avermelhada. — Duzentos e nem um centavo mais, seu velho ladrão.

Bohdan ri e lhe dá tapinhas no ombro.

— Seu lance está anotado.

Mas o sorriso desaparece assim que o russo está fora de vista. Bohdan se inclina na minha direção.

— Esse desgraçado mão de vaca tem estado no topo de toda lista da Forbes nos últimos quinze anos. — Ele acena com a cabeça na direção de Doina. — E você não vê beleza como aquela todos os dias. Dói saber que ela vai embora por tão pouco.

O desfile dos lances continua. Doina de Constança é seguida por Olesya de Chelyabinsk, que é seguida por Tamara de Belgrado, que é seguida por Endrita de um vilarejo na Albânia que é pobre demais para ter nome. Depois dela, peço licença para ir a um terraço ao lado do bar. O ar está frio e os pelos de meus braços e ombros nus se arrepiam. Olho para a cidade, me perguntando como vou levar meu plano adiante, sabendo que ele nunca vai funcionar, que as garotas vão ser levadas para Riad, Moscou ou Macau e que eu vou morrer por nada.

As estrelas estão bonitas esta noite, o que talvez sirva um pouco de consolo. Olho para elas, esperando um sinal que sei que não vai vir, esperando alguma outra coisa que não seja pura terna indiferença. A parte mais difícil de não acreditar em Deus não é saber que não existe um Céu. É saber que não existe um Inferno.

Pessoas como Bohdan e Roman, que vendem mulheres, morrem como qualquer outra. O máximo que dá para esperar é que eles sintam dor e terror antes de partir.

— Não é fácil, aquilo — diz Bohdan Kladivo atrás de mim. Ele coloca seu paletó sobre os ombros e tira um charuto, acendendo-o como um peixe soprando bolhas. A fumaça é perfumada e cheira a coisa cara.

— O que não é fácil?

Ele acena com a cabeça para o cassino e o leilão acontecendo lá dentro.

— Depois da terceira ou quarta vez, você se acostuma.

— Você se acostuma? — pergunto.

— Você se acostuma com o dinheiro.

Eu poderia jogá-lo por cima do parapeito agora mesmo. Ele ia cair no estacionamento ou no capô de uma das limusines.

— A vida não é justa, Sofia Timurovna. Sabe disso.

— Eu sei, Pan Kladivo.

— Se não fizéssemos isso, outra pessoa faria. Colocaria as garotas em contêineres e seriam mandadas para sabe-se lá onde. Um desperdício. O que fazemos é salvar, *resgatar*, aquelas que são especiais, as melhores. Impedimos que sejam estupradas por vinte homens em algum bordel vagabundo de beira de estrada. A maioria destas meninas, as que você vê esta noite, vai comer melhor do que jamais comeu em toda a vida. Algumas vão ter água corrente pela primeira vez. É bem distante da vida de uma prostituta de rua.

— Vocês as *resgatam*?

— É uma maneira de ver as coisas. Talvez não a melhor. — Ele fuma pensativo, então olha para mim de lado. — Você está tendo dúvidas, Sofia Timurovna? Talvez não seja o demônio que imaginei.

Respiro fundo e viro para ele.

— Sou exatamente o demônio que imaginou, Pan Kladivo. Agora vamos entrar.

Vinte e oito

OS DEZ HOMENS QUE ARREMATARAM AS GAROTAS estão reunidos no terceiro andar do cassino, o andar particular, o andar em que nunca me permitiram entrar como simples crupiê. É um lugar luxuoso, com sofás de couro macio como a pele de um bebê e cabeças de animais mortos nas paredes.

Hoje ele está cheio das graves risadas dos homens. Seus rostos assumem brilhos alaranjados sob a luz da lareira de pedra. Mas é também um lugar de aprendizagem, pelo menos para mim. Eles são meus exemplares de *Homo horribilis*, e faço anotações mentais cuidadosas sobre seu comportamento e suas interações sociais. Por exemplo, aprendo que quando se compra algo por centenas de milhares de euros, certa hospitalidade é esperada do vendedor enquanto se espera a transferência de dinheiro ser efetuada. Aprendo que mesmo os eficientes suíços podem levar até duas horas para transferir fundos entre bancos, e se a pessoa for do grupo dos magnatas menores ou sheiks que têm contas nas ilhas Seychelles ou — um evidente sinal de que a pessoa em questão é russa — em Chipre, pode levar até quatro horas.

Aprendo também que, apesar das barreiras das línguas, nacionalidades e culturas, homens que compram mulheres compartilham muitos interesses, apresentando um espírito cortês e até mesmo desenvolvendo amizades sinceras. O magnata americano do ramo do gás natural que coleciona aviões antigos encontra um novo amigo no rei chinês dos telefones celulares, e pode-se dizer que o cunhado do primo do rei saudita está ficando

bem próximo do general do Exército de Gâmbia. Quanto ao barão russo do níquel, está ensinando um diretor executivo indiano da área da publicidade e um herdeiro britânico de estaleiros a dançar equilibrando uma garrafa na cabeça.

Mas homens ricos também são homens impacientes, e todos estão esperando a liberação das transferências para que possam ir para a outra ala do terceiro andar, onde suas compras os aguardam em opulentas suítes fornecidas sem custo adicional pelos anfitriões.

Enquanto as contas são verificadas e vistos de viagem são providenciados para as mulheres por meio de contatos em dez diferentes ministérios das Relações Exteriores, Bohdan e Roman servem bebidas e oferecem charutos que afirmam ter vindo do estoque pessoal do falecido Saddam Hussein, cujos filhos eram seus clientes antes do recente *dissabor*.

Estou ao lado deles, fazendo o papel de aprendiz e namorada ansiosa. O americano me mostra a maneira correta de cortar a ponta de um charuto, puxando-me para seu colo ao fazê-lo. O saudita ergue o copo de uísque contra a luz e me mostra como determinar a qualidade apenas pela cor. O russo propõe casamento, e eu lhe digo que posso considerar se as coisas não derem certo com Roman.

Bohdan segura meu antebraço.

— Você é uma anfitriã encantadora, Sofia Timurovna — ele diz bem baixo. — Estava certa em vir aqui esta noite. — O rosto dele está um pouco mais vermelho agora, e sua voz está menos precisa.

— Parece que seus clientes estão com sede, Pan Kladivo. Posso trazer outra rodada de bebidas.

— Muito bem — ele diz. — Para mim não precisa.

— Ah, mas seria rude não se juntar a eles, Pan Kladivo. — Sorrio. — Só mais um drinque. Algo especial.

Bohdan suspira.

— Só mais um, mas depois somente água para mim.

Eles estão todos bêbados, cansados e felizes. Quando passo pelo americano, ele dá um tapa na minha bunda. Todos riem, até mesmo eu.

Saio e desço as escadas até o bar, onde Rozsa está fazendo as bebidas, fora de vista. Os guarda-costas entediados dos dez homens lá em cima estão aqui, também, sentenciados a um purgatório de água mineral e conversa fiada. Eles se espalharam pelas mesas, homens grosseiros vestidos com ternos pretos baratos. Rozsa está muito assustada, tanto com a presença deles quanto com a dos que estão lá em cima. Mesmo que nenhuma mulher tenha servido os convidados durante o leilão, ela sabe muito bem por que eles estão aqui.

— Uma garrafa de tequila — digo para ela em voz baixa. — Você tem?

— Ah, sim — diz Rozsa. — Uma boa.

Não é uma bebida comum aqui. Soa como algo exótico e especial. Todos vão provar. É a coisa educada a fazer.

— Pode deixar na garrafa — digo. — Eu sirvo.

— Você tem certeza?

— Rozsa, você se lembra do meu tarô? Da noite em que passei no seu apartamento?

Ela fica na ponta dos pés para pegar uma linda garrafa de cristal da prateleira mais alta.

— Seis de copas, o louco e a morte — ela diz.

— Alguém sabe que você trabalha aqui? Amigos em Praha ou familiares?

Ela fecha os olhos, sabendo, de alguma maneira, o que vem em seguida.

— Você é minha única amiga. Estou sozinha desde os doze anos.

Coloco a garrafa no bar e pego as mãos dela.

— Então você precisa fazer duas coisas para mim.

— Sim.

— A primeira é sair daqui. E sair do país. Imediatamente. E não volte. A segunda é: vinte minutos depois que você for embora, chame a polícia.

Ela segura minhas mãos e fecha os olhos.

— Tenho outra ideia. Nós duas vamos embora. Para a França ou a Inglaterra. Vamos conseguir.

Quando ela abre os olhos, dou um sorriso e balanço a cabeça.

Rozsa respira fundo e pisca para mim.

— Então é como eu sonhei antes de você chegar. Este é o presente.

— Acho que sim.

— E a polícia? O que devo falar para eles?

— Diga… que houve um massacre.

O clima mudou desde que saí. Alguma história ou piada atraiu o interesse deles. Chego com a pesada bandeja de prata com treze copos cheios até a borda e a seguro na minha frente, mas ninguém presta atenção.

Sento no braço da poltrona onde o russo está acomodado, então me aproximo dele e digo:

— Sergei Mikhailovich, você é um homem que aprecia prazeres exóticos, não? — Isto chama a atenção dele, então continuo, falando baixinho de forma que apenas ele possa ouvir. — Esta tequila é melhor do que qualquer prazer exótico que você já teve.

Ele estende a mão para pegar um copo, mas afasto a bandeja.

— Não tão rápido, *gospodin* — digo, usando a palavra russa para "senhor". — Vamos todos beber. Não acha que deveríamos brindar?

E isto é todo o incentivo de que ele precisa, porque logo em seguida o inchado Sergei Mikhailovich está em pé, forçando cada um a pegar um copo.

— Cavalheiros! — Sergei Mikhailovich grita sobre a barulheira das conversas. — Quero fazer um brinde aos nossos excelentes amigos, Bohdan e Roman Kladivo.

Mas eu o interrompo.

— Devemos fazer um brinde à maneira russa, não acha, Sergei Mikhailovich? Virando a dose. Nada de golinhos.

— À maneira russa! — ele berra. — Todos de uma vez!

Eles erguem seus copos.

— Aos nossos amigos, Bohdan e Roman. Vida longa!

Com isso, todos bebem. Todos menos eu. Viram a dose, como foram instruídos, com exceção de Bohdan, que dá apenas um gole.

Ele aperta os olhos para ver a tequila que restou no copo, com uma expressão amarga no rosto.

Mas ela desaparece quando Sergei Mikhailovich assusta todo mundo ao jogar seu copo na lareira. Ele explode e manda faíscas sobre o chão.

— *Na zdarovye!* — grita o homem, brindando À saúde!

Por um momento há um silêncio constrangedor. Então Bohdan dá um passo solidário para a frente e atira seu próprio copo no fogo também. Ele é seguido pelo americano e depois pelo general do Exército de Gâmbia, então por todos os outros, que riem durante um bom minuto.

Sei que eu deveria sair, mas algo me obriga a ficar. Se você teve coragem de fazer, precisa ter coragem de assistir ao desfecho.

E ele começa segundos depois, quando a dose maciça do veneno de rato começa a fazer efeito. Começa com o rei chinês dos celulares. Ele se afasta dos outros cambaleando, com as mãos na barriga, tremendo, as pernas abertas como se quisesse manter o equilíbrio. O homem geme e seu corpo desaba no chão, a boca aberta, os olhos inchados. Todos viram para ele e começam a sentir o mesmo.

O gambiano agarra o encosto de uma poltrona, nauseado. O americano afunda no sofá, agarrando a gravata. Mesmo Sergei Mikhailovich, do tamanho de um urso, bate no peito antes de soltar um arroto alto e cair de joelhos. Bohdan agarra a borda da mesa, mas ainda está estranhamente firme, e olha para seu filho, que está com o corpo dobrado, as mãos na garganta, a boca aberta. Roman olha de volta e então desaba sobre o chão, onde seu corpo se agita com violência, como se estivesse recebendo um choque. Seu rosto adquire uma cor vermelha cuja intensidade só aumenta à medida que a convulsão continua.

Bohdan vira para olhar para mim do outro lado do salão. Seu corpo pode estar morrendo, mas sua mente não, *ainda não*. Ele tenta solucionar o problema — o que, como e, finalmente, quem. Quando a resposta lhe ocorre, enfia os dedos na boca e vomita no chão. Piso sobre o corpo quase imóvel do general gambiano para

chegar até Bohdan, que enfiou a mão no paletó, mas não consegue tirar a arma. Então, eu a pego e a seguro de maneira casual.

— Sofia Timurovna — ele diz. — Você me desapontou.

Dou um pequeno sorriso para ele.

— Você está errado, Pan Kladivo — digo. — Meu nome é Gwendolyn Bloom.

Apesar da dor, ele consegue fazer a ligação. Enfio novamente a mão em seu paletó, à procura da caneta. Ele não consegue mais falar, com o veneno se espalhando pelo corpo, correndo em suas veias, agarrando cada célula que encontra e bloqueando o fluxo de oxigênio. Levanto a caneta para que Bohdan possa vê-la. Então ele tem uma convulsão e se inclina para a frente. Eu o recebo em um abraço e o seguro. Sua saliva é quente e pegajosa caindo no meu ombro nu.

— Eu o encontrei esta tarde, Pan Kladivo — sussurro. — Encontrei meu pai. Ele está livre agora. E as mulheres que você vendeu logo estarão também.

Eu o solto e ele se dobra sobre o assoalho. Eu o ouço engasgando, e um segundo depois, não ouço mais. Seu corpo treme no assoalho por um momento, num movimento quase serpentino. Então ele fica imóvel.

Onze mulheres descem a grande escadaria até o primeiro andar, onde o saguão está iluminado como uma discoteca pela luz azul girando. Há carros de polícia em frente ao cassino, milhares deles, um milhão, e duas vezes esse número de policiais. Um esquadrão de oito, com capacetes e máscaras, atrás de uma parede de canos de armas, se move em direção à entrada, em um trote de dezesseis pernas brilhantemente coordenado.

As mulheres abrem as portas e levantam as mãos no ar. Eu as sigo, e sou a última a sair. Policiais correm na nossa direção, gritando ordens em tcheco. Eu me ajoelho junto com as outras, a pedra dura contra minha pele. Alguém me agarra por trás, então me força a ficar em pé e coloca algemas nos meus pulsos.

Por um breve momento, tenho a ilusão de voar, como se a lei da gravidade não se aplicasse a mim. É o sentimento que eu tinha na trave de equilíbrio, a melhor das sensações. Como nenhuma outra. Mas eu não estou voando, estou sendo carregada. Há um policial segurando cada um dos meus braços e pernas, erguendo-me no ar em direção à traseira de um carro de polícia.

Vinte e nove

COLOCO AS MÃOS NO CHÃO e os dedos do pé na laje de concreto que é minha cama e começo as flexões outra vez. *Uma. Duas. Três. Quatro.*

A cela não tem janelas, a não ser aquela na porta, que fica coberta o tempo todo desde que cheguei aqui. Há uma câmera no canto superior do teto. Não sei se estou sendo sempre monitorada, mas imagino que sim.

Dezoito. Dezenove. Vinte. Vinte e uma.

Durmo alguns poucos minutos de vez em quando. Eles nunca apagam as luzes e, como não tenho cobertor, eu me encolho toda sobre a laje de concreto, tremendo violentamente em um macacão laranja fino como papel. Controlo o tempo contando as refeições que me servem através de uma abertura na parte de baixo da porta. Nove refeições, três por dia, o que significa que estou aqui há três dias.

Não houve contato com ninguém desde meu interrogatório na primeira noite. Para falar a verdade, não acho que os caras que o conduziram eram realmente policiais tchecos. O inglês deles era bom demais e seus ternos, caros demais. Pareciam gente do governo — especificamente, dos serviços de inteligência. Não que eu lhes tenha dado muita coisa em termos de informações. Não confessei nada e disse apenas meu nome, meu nome verdadeiro, Gwendolyn Bloom. E quanto à dúzia de corpos envenenados? E quanto à antiga instalação da polícia secreta ao norte de Praga com um caminhão incendiado? Não tenho a menor ideia.

Setenta e duas. Setenta e três. Setenta e quatro. Setenta e cinco. Desabo sobre o piso de concreto, exausta mas finalmente aquecida. Há um ruído na porta, e a princípio eu me pergunto se já é hora da refeição, porque tenho a impressão de que acabei de comer. Então percebo que esse som é diferente. É o som de uma chave na fechadura.

Tampouco há janelas na van da polícia. Estou sozinha na parte traseira, que não é aquecida, mas fico grata por finalmente terem me dado chinelos baratos de feltro que combinam com o macacão. Não há um único guarda aqui, e a parede que me separa da parte da frente da van é de metal sólido branco.

Rodamos pelo que parecem ser vinte minutos, primeiro sobre ruas pavimentadas e lisas, depois sobre paralelepípedos, em tráfego bastante lento. Lá fora, ouço motores, buzinas irritadas e sirenes distantes. Devemos estar em Praga. A van faz uma curva fechada à direita e para quase imediatamente. Ouço vozes lá fora, duas mulheres conversando com um homem, mas não consigo distinguir o que estão falando, nem mesmo em que língua.

A porta abre e eu aperto os olhos diante de um céu cinzento monótono, a primeira luz do dia que vejo no que parecem ter sido anos. Uma policial faz um gesto para eu sair.

Pela aparência e pelo cheiro, não vai demorar para chover. Há um frio cortante no ar. Estamos estacionados em um beco entre dois prédios muito antigos feitos de pedra marrom. Uma garrafa de cerveja rola pelo chão. Outra policial aparece e as duas me conduzem através de uma porta de aço sem qualquer marca, depois por um corredor comprido até um elevador fechado.

Quando a porta do elevador abre, fico surpresa com o que vejo. Parece um portal para outro mundo — um muito melhor. Piso com os chinelos em um tapete vermelho fofo, e posso ver meu reflexo e o das guardas nos espelhos que cobrem as paredes. Um aviso de não fumar em bronze está colocado sobre o painel com botões. O terceiro andar está marcado como CLUBE.

Sinto odores peculiares: desinfetante, sabonete, frango assado. Ouço sons peculiares também: um bando de gente conversando, uma cozinha de restaurante movimentada, um aspirador de pó. O elevador sobe parando em cada um dos andares, e ouço não o som convencional, mas um agradável som de sinos. Paramos no último andar, o décimo quarto. Quando as portas abrem, percebo que estamos em um hotel.

As policiais me levam por um corredor até as portas abertas do último quarto. É uma suíte tão grande e tão linda que tem um piano de cauda na sala de estar, uma lareira e dois sofás de seda azul combinando. Vejo um jovem bonitão de cabelo preto vestido com o uniforme completo de carregador de hotel, com gravata-borboleta e luvas brancas. Ele se curva e sorri agradavelmente, como se a todo momento aparecessem hóspedes acorrentados e com macacões laranjas.

As policiais tiram minhas algemas e fecham a porta ao sair, me deixando piscando confusa diante do carregador, que ainda sorri.

— Bem-vinda ao Eminence Royale Hotel de Praha, senhorita. Posso lhe mostrar suas acomodações?

Balbucio que sim, e o carregador mostra o controle da lareira e como ligar a banheira, então abre um armário para me mostrar onde posso encontrar um ferro e uma tábua de passar. Encontro ali todas as minhas roupas que estavam no apartamento de Roman, lavadas e passadas.

— Quem… quem arranjou tudo nisto? — pergunto.

— Amigos seus, senhorita. É tudo o que posso dizer, porque é tudo o que sei.

— Tem um telefone aqui? Preciso fazer uma ligação.

— Ah, infelizmente os telefones foram retirados. Mas se a senhorita quiser qualquer coisa há um assistente do lado de fora da suíte vinte e quatro horas por dia.

Quando o carregador vai embora, vejo que o “assistente” é um homem de quase quarenta anos com a expressão dura e o corte de cabelo de um soldado. Ele está em pé com as costas apoiadas na parede e as mãos cruzadas sobre a região genital, como se estivesse nu e envergonhado. O homem usa um terno preto grande

demais. Um fiozinho sai de um fone de ouvido e desaparece dentro do paletó.

Em outras palavras, ele é apenas outro tipo de guarda, e aqui é só outro tipo de prisão. Observo enquanto o carregador se afasta pelo corredor e espero que o assistente diga alguma coisa, o que ele não faz, então fecho a porta. Procuro pela corrente para trancá-la, mas é claro que isso, assim como o telefone, foi retirado.

O quarto tem um agradável cheiro de baunilha e flores, em total contraste com meu próprio cheiro, do qual de repente fico muito consciente. Não tomo banho, não penteio o cabelo nem escovo os dentes desde o dia do leilão, e uma olhada no espelho sobre um vaso de flores naturais confirma que minha aparência está uma tragédia. Vou para o banheiro e descubro que a tranca da porta ali está intacta, felizmente.

Tiro a roupa e entro no chuveiro. Até mesmo a água parece requintada, de alguma forma mais macia, quente sem ser escaldante. O xampu e o sabonete fazem muita espuma. Quando termino, visto um enorme roupão branco, espesso e macio como um casaco de pele. Então ouço um som vindo do lado de fora do banheiro. Não parece ser nada ruim, apenas talheres sendo arrumados e uma conversa em tom baixo. Abro a porta do banheiro e atravesso o quarto para descobrir um trio de garçons arrumando com muito cuidado a mesa de jantar para uma pessoa. Mais presentes misteriosos.

Fico olhando enquanto um dos rapazes de gravata-borboleta serve sopa com uma concha, e um segundo ergue uma cúpula prateada sobre o prato principal, revelando um enorme e maravilhoso sanduíche de frango desfiado com alface, tomate e maionese, em um ninho de batatas fritas. Após três dias de uma coisa cinzenta que podia ser tanto uma sopa insossa quanto um mingau de aveia apimentado, é uma visão maravilhosa, mas sei que não existe almoço grátis.

Como mesmo assim, devorando tudo em minutos acompanhado de uma garrafa de coca que os garçons deixaram gelando em um balde de champanhe. Sou rápida, e termino bem a tempo da chegada da conta: uma batida que não é realmente um pedido para

entrar, porque a porta abre um segundo depois sem que eu diga absolutamente nada.

Levo um minuto para reconhecer a figura que entra como Chase Carlisle, então o pânico me toma como se alguém tivesse me jogado um balde de água fervente. Aperto o roupão por puro instinto. Ele parece um pouco mais gordo e muito mais cansado. Seu cabelo perfeitamente castanho já não está mais tão perfeito, o branco aparecendo nas têmporas.

— Tem um restaurante de culinária colombiana-asiática ou qualquer bobagem do tipo lá embaixo — ele diz, com seu delicado sotaque do sul. — Mas achei que após três dias de comida da prisão tcheca a jovem Gwendolyn ia preferir algo mais reconfortante.

— Estava muito bom, obrigada — digo, como qualquer garota simpática e bem-comportada diria.

Carlisle pega uma cadeira e se acomoda nela. Sua gravata está frouxa e seu blazer parece amassado, como se tivesse dormido nele.

— Onde ele está, Gwendolyn?

— Quem?

— Seu pai.

Meus olhos passeiam até o garfo ao lado do meu prato, e eu me pergunto com que rapidez conseguiria pegá-lo.

— Não sei — digo.

— Você o deixou em algum lugar. Depois que o resgatou. Onde?

— Nos arredores da cidade. Alguns *amigos*, como ele disse, foram nos encontrar.

— E esses amigos por acaso seriam russos ou chineses?

— Não pareciam nenhum dos dois.

Carlisle solta um longo suspiro, então apoia a cabeça nas mãos e massageia as têmporas.

— Não precisava ter chegado a este ponto, sabe? Sempre que nos aproximamos de você foi pela sua própria segurança.

As palavras explodem de minha boca com raiva, involuntariamente:

— E quando foi que vocês se aproximaram de mim? Até onde sei ficaram com a bunda na cadeira em Nova York, enquanto eu estava aqui tentando encontrar meu pai, que é o *trabalho de vocês*.

Carlisle pega uma batata frita do meu prato e olha para ela como se estivesse pensando em comê-la.

— Tentamos resgatar você em Berlim, Gwendolyn — ele diz, cansado. — Daquele gângster, Christian, lembra? Dois homens abordaram vocês na rua. Mas você sacou uma arma e fodeu com tudo. Tentamos de novo no trem para Praga. E aí você foi até o fim: esfaqueou um homem bem no coração.

— Ele estava armado — digo.

— Depois do que aconteceu em Berlim, pode nos culpar por isso? — Carlisle balança a cabeça. — Se você tivesse deixado as coisas para quem sabe o que está fazendo, poderíamos ter evitado tudo isso.

— Evitado a morte do seu especialista em arranjar granadas de alta potência e garotas adolescentes?

As sobrancelhas de Carlisle se arqueiam em uma leve surpresa. Então ele levanta e caminha até a janela, com as mãos nos bolsos.

— Não vou mentir, Gwendolyn. Este é um trabalho sujo, muito sujo, em um mundo sujo, muito sujo. Sim, Bohdan Kladivo era nosso. *Era*. — Ele vira e agita um dedo no ar para enfatizar a afirmação. — Mas pusemos um fim em tudo assim que descobrimos sobre o tráfico humano. Seu pai, abençoado seja, cuidou disso.

— Quem é que armou para meu pai? Quem arranjou tudo?

Ele passa os dedos sobre um elegante tabuleiro de xadrez que está em uma mesa ao lado da janela, então pega a rainha preta.

— Você joga?

— Não muito.

— É divertido. As pessoas vivem dizendo que política é como xadrez. Mas não é. Na política, todas as peças são peões, e os jogadores sequer estão à mesa. — Ele derruba o rei preto e olha para mim. — A propósito, nós o prendemos na Suíça. Saindo de um voo em Zurique.

— Quem?

— Joseph Diaz. Ele e Kladivo iam dividir o dinheiro de Viktor Zoric. Seu pai era o único que sabia onde encontrar os códigos. — Ele solta um suspiro de exaustão. — Quanto às contas que eles abrem, são o monstro do lago Ness do sistema bancário suíço. Nem sabemos se elas sequer existem.

Olho para baixo, me concentrando na toalha de mesa, na garrafa de coca vazia, em qualquer coisa que não seja Carlisle. Joey Diaz era a coisa mais próxima de família que tive quando moramos no exterior. Passamos feriados juntos, eu brincava com os filhos dele. Foi ele quem me contou que meu pai não era um simples burocrata do Departamento de Estado, mas um agente de inteligência da CIA.

— Por que eu deveria acreditar em você?

— Sobre?

— Sobre Joey Diaz ou qualquer coisa. Como vou saber que não foi você quem traiu meu pai?

Ele dá uma risada resignada e balança a cabeça, tristonho.

— Não sei, Gwendolyn. Olhe ao seu redor. Você está em algum calabouço? Tem algemas nos pulsos?

Entendo o que está tentando dizer, mas não falo nada.

Carlisle vira, as mãos de volta aos bolsos, como se fosse apenas outro funcionário público amarrotado e apático pego no meio de uma situação de merda para a qual não está sendo pago.

— Ajudaria se eu mostrasse o mandado de prisão de Joseph Diaz? Ou os dez mil memorandos que circularam pela minha mesa desde que seu pai desapareceu e você decidiu ir atrás dele?

— Claro — digo. — Pode me mostrar.

Carlisle arqueia as sobrancelhas.

— Então você vai ter tudo em mãos esta noite. Mais tardar, amanhã de manhã.

— E o que vem em seguida? Volto para uma prisão tcheca?

Ele se aproxima de mim e coloca uma das mãos sobre meu ombro. Eu me surpreendo por não recuar.

— Não. Vamos levar você para casa. Esperamos seu pai entrar em contato. Quanto aos tchecos, fizemos um acordo. Não foi difícil. Metade do governo queria te dar uma medalha por matar Kladivo. Podemos ir embora amanhã, assim que o interrogatório terminar.

— Interrogatório?

Carlisle dá de ombros.

— Vamos perguntar o que aconteceu, você só tem que responder. Uma formalidade. Só para termos alguma coisa para colocar no arquivo.

Acho que ela deve ter uns quarenta anos, mais ou menos, e usa o cabelo preto liso preso em um rabo de cavalo. Está com um terninho azul-escuro e tem uma pasta de couro na mão. Ao entrar na suíte, solta um cumprimento muito agradável e americano, como se ela fosse uma vizinha simpática vindo pedir o cortador de gramas emprestado:

— Olá? — Carlisle a apresenta como a dra. Simon, uma psiquiatra que vai, segundo ele, me ajudar durante o interrogatório.

— Que é só o termo oficial para bate-papo — a mulher comenta, com a cabeça inclinada para o lado. — Você passou por muitas coisas nos últimos dias, não?

Da maneira como a dra. Simon coloca, parece tudo muito alegre e passivo. O “passou por muitas coisas” indica algo como um acidente de carro, em vez da guerra que eu mesma iniciei. Mas talvez seja essa a ideia.

— Estou bem — eu digo.

— Gwendolyn, quando foi a última vez que você tomou uma vacina contra tuberculose?

— Não tenho a menor ideia.

A dra. Simon ergue a pasta de couro.

— Infelizmente, é uma doença muito comum nas prisões tchecas, portanto a recomendação para qualquer um na sua situação é uma aplicação de um reforço. Você se importa? Só vai doer um segundinho.

Estou a ponto de me opor, mas só quero que tudo acabe logo, então concordo. Sento no sofá e arregaço a manga do meu roupão.

A dra. Simon senta ao meu lado, coloca um par de luvas de borracha transparentes e prepara a injeção. Sinto seus dedos frios e grudentos quando ela aperta e cutuca meu antebraço.

Sempre desviei os olhos diante de agulhas, mas, por algum motivo, desta vez não me incomodo. Observo a linha fina se aproximar do meu braço e sequer pisco diante da dor quando ela perfura a pele e então desliza para dentro. À medida que a médica aperta o êmbolo da seringa, a sensação do líquido agradavelmente frio se espalha do meu braço para meu peito, para todos os meus membros e para a cabeça. Ela coloca um pedaço de gaze dobrada sobre o furo quando tira a agulha, prendendo-o com esparadrapo.

— Muito bem — diz a dra. Simon, como se fosse uma pediatra e eu tivesse quatro anos de idade.

Ela senta em uma poltrona enquanto Carlisle se acomoda na outra extremidade do sofá onde eu estou. Mal consigo vê-lo daqui.

— Confortável? — a dra. Simon pergunta.

— Sim — digo.

— Então vamos conversar um pouco. — A mulher cruza as pernas e se inclina para a frente, na mesma postura de todo psiquiatra que já vi na vida. — Vamos começar por como você salvou seu pai. Pelo que ouvi, foi uma aventura e tanto.

Tudo isso é muito irritante, a postura, o tom de voz. E os três dias sem saber se é noite ou dia, dormindo em intervalos de dez minutos, devem estar cobrando seu preço. Olho para um relógio antigo no canto. Uma e dezessete. Digo a mim mesma que vou responder às perguntas deles até a uma e meia, então vou pedir para descansar.

Começo com a manhã do leilão: as granadas, o tiro em Emil, a explosão do caminhão, o resgate, o guarda rechonchudo, o ferimento do meu pai. Fico chocada com o tanto que consigo lembrar. Conto a ela cada detalhe, todos vindo à mente com uma clareza incrível, como se minhas lembranças fossem uma exposição em um museu pela qual eu pudesse passear enquanto a descrevo para um acompanhante cego.

— Conte sobre quando você o deixou. Quem o levou, Gwendolyn?

Descrevo a van da City Tours, o cara chamado Sam e os médicos. Minha memória nunca foi tão boa. Aperto o roupão e afundo ainda mais no sofá. É realmente muito aconchegante aqui, talvez eu

estivesse errada sobre a dra. Simon. Ela está começando a subir no meu conceito. É amigável sem forçar a barra.

— Esse sujeito, Sam — ela diz. — O que ele disse sobre para onde estavam levando seu pai?

Balanço a cabeça. — Nada.

— Nada? Deve ter dito alguma coisa.

— Não. Fugi antes que ele tivesse a oportunidade de dizer.

— E ele tinha algum sotaque?

— Americano — digo.

— Interessante.

Em seguida ela faz perguntas sobre o que aconteceu mais tarde. Sobre o veneno que usei. Como o consegui. Como o ministrei. Como me senti olhando todos eles caírem e morrerem diante dos meus olhos. Conto tudo com objetividade, descrevendo como se estivesse de volta ao cassino, abrindo caminho entre os corpos para chegar à saída. Quando levanto os olhos, ela está inclinada para a frente, as sobrancelhas arqueadas de preocupação, com uma caixa de lenços de papel na mão.

Eu me pergunto por que está fazendo isso, então sinto as lágrimas secando frias no meu rosto e pescoço. Há quanto tempo estou chorando? Fico um pouco constrangida. A dra. Simon não parece se importar. Ela já viu tudo isto antes e entende, percebo.

— Vamos voltar um pouco mais, Gwendolyn. Para Nova York. Você se lembra de Nova York?

Estou com tanto sono. Eu me acomodo no sofá. Ajeito o corpo no canto. Fecho os olhos.

— Ainda não, Gwendolyn — ela diz. — Só mais algumas perguntas, está bem?

— Tudo bem.

— Descobrimos o boxe no Queens. Você foi lá, não foi? Está tudo bem. Não vai se encrencar por causa disso.

— Sim. Eu quebrei uma janela.

— E o que encontrou lá? No boxe?

Sinto minha garganta seca, como se eu estivesse falando há tempo demais. Aquela resposta vai ser comprida. A criptografia no livro. Terrance.

— Uma lista de números de contas — digo. — Posso tomar água?

Há uma pausa, então Carlisle sai de vista. Ele retorna um momento mais tarde com um copo de água e o coloca na minha frente.

— E onde estão esses números de contas agora, Gwendolyn? — ela pergunta enquanto bebo. A água é deliciosa. Limpa e purificadora.

— Foram destruídos — digo. — Queimados.

— Por que você fez isso, Gwendolyn?

Eu me lembro das palavras de Yael em Paris enquanto olhávamos o papel queimando no cesto de lixo. *Se lembre sempre disso: qualquer pessoa que perguntar sobre esses números é seu inimigo*.

— Eu… não lembro. Desculpe.

— Está tudo bem, Gwendolyn — ela diz. — Era a única cópia?

Abro a boca para responder, para acrescentar mais detalhes à história. Sobre o exemplar de *1984*. Sobre o código. Sobre como seria fácil conseguir os números outra vez. Mas não faço isso. Porque não consigo. Algo não deixa as palavras se formarem. Enfio a mão no roupão e coço o lugar dolorido no meu braço onde ela deu a vacina. Vejo as horas no relógio antigo: cinco e cinquenta e oito.

Olho para baixo, me concentrando no tecido do roupão. O que há de errado comigo? Por que não consigo responder? Mas minha mente não consegue focar em nada a não ser no horário marcado no relógio antigo. Havia algo que eu ia fazer em determinada hora. Algum prazo que eu tinha estabelecido. Agora já passou. É tarde demais.

Então eu percebo. Fiquei quase quatro horas e meia a mais respondendo às perguntas deles do que tinha prometido a mim mesma. Quatro horas e meia? Puta merda, para onde foi o tempo? Ele simplesmente desapareceu, como se eu tivesse adormecido. Coço de novo o ponto dolorido no braço.

Sei que deveria estar zangada porque a dra. Simon traiu minha confiança e mentiu para mim. Eu poderia levantar e quebrar seu pescoço, mas não quero ser impulsiva. Não vou tirar conclusões precipitadas sobre suas intenções. Ela vai me contar a verdade, só

tenho que perguntar. Ela é legal. Parece alguém em quem se pode confiar.

— Dra. Simon, aquilo que você me deu não foi uma vacina, né?

— Foi algo para ajudar você a relaxar, querida — ela diz. — E a lembrar.

Eu me pergunto onde minha raiva foi parar.

— Sr. Carlisle? — chamo calmamente, ainda incapaz de mobilizar o sentimento que sei que deveria estar ali. — Não é verdade aquilo sobre Joey Diaz, é?

Ele se levanta da cadeira e arruma as calças. Então dá a volta pela mesa de café para ficar em pé bem na minha frente.

— Como? — Carlisle pergunta.

— Não foi Joey Diaz quem traiu meu pai — eu digo. — Foi *você*.

Sinto um movimento antes de Carlisle agarrar meus pulsos, mas meus sentidos estão lentos e desordenados. Quando percebo o que está acontecendo, a dra. Simon já está com outra agulha no meu braço. A sensação da água fria se espalha pelo meu corpo mais uma vez.

Trinta

SINTO MÃOS DESCUIDADAS NOS MEUS BRAÇOS E PERNAS e o ar frio da noite na minha pele. Sinto cheiro de couro e café velho. Ouço vozes distantes e um motor sendo ligado, como se estivesse limpando a garganta. Alguém coloca o cinto de segurança em mim, e começamos a nos mover.

Há algum tipo de emergência acontecendo, uma conclusão que minha mente narcotizada tira a partir de um conjunto vago e disforme de indicadores — a maneira como mexem em mim, o tom de voz dos homens conversando, o barulho do motor. Tudo é apressado, urgente. Meu transporte deve ser realizado rapidamente, neste momento, agora. Tento focar minha mente e dissecar as informações, mas está agradável e quente no meu mundo de semiconsciência e alguma coisa me diz que não quero saber as respostas.

Tenho consciência de Carlisle sentado ao meu lado. Sei dizer que é ele por causa do cheiro. Um perfume amadeirado peculiar, do tipo que homens elegantes e ricos usam, e um toque de certo suor ganancioso, do tipo que faz cachorros rosnarem. Ele está conversando com outra pessoa, um motorista talvez, e ouço as palavras “avião” e “quarenta e cinco”.

Eles estão indo pegar um avião. *Estamos* indo pegar um avião. Meus olhos se entreabrem e tento absorver dados — onde estou, quem está comigo —, avaliar o sentido das coisas. Estou na traseira de um grande SUV. Um Chevy, ou pelo menos é o que diz o emblema no volante. O veículo preferido das embaixadas

americanas em toda parte. E estou com roupas diferentes. Alguém me trocou. Cacete, espero que não tenha sido Carlisle.

Olho lá fora e vejo que já está escuro enquanto passamos pelos arredores de Praga, que rapidamente se transformam em mato e agrupamentos de bétulas visíveis graças aos faróis. Pelo relógio no painel, vejo que já são onze e quarenta e dois da noite.

Carlisle está sentado ao meu lado, inclinado para a frente, sem paletó, com uma arma à mostra. Seu braço está apoiado no descanso de cabeça do motorista, e ele está prestando atenção na estrada à nossa frente, esquadrinhando, procurando. Então coloca um celular no ouvido.

— Entre em contato com o general Aliyev — grita, como se a pessoa do outro lado da linha estivesse muito longe. — Diga que estamos a caminho da pista. A chegada em Ashgabat é às sete. Entendeu? Não me decepcione.

Tento lembrar onde fica Ashgabat. Cazaquistão. Uzbequistão. *Algumacoisaquistão*. O que tem lá? Petróleo. Ditadores. Prisões secretas. Turcomenistão, é isso. Um país governado por um homem amado pelos Estados Unidos, mas odiado pelo resto das pessoas, principalmente seus próprios cidadãos. Um ditador que os americanos mantêm no bolso para as coisas que eles mesmo não têm estômago para fazer.

Carlisle desliga e guarda o telefone no bolso.

— O que tem em Ashgabat? — pergunto, da maneira mais clara que as drogas permitem.

Ele vira para mim e parece surpreso por eu conseguir falar.

— Um café encantador. Serve um bolo excelente, receita local, feito com amêndoas e mel. Não é muito longe da instalação especial que temos lá. Um lugar em que você pode ficar esperando até seu pai decidir que quer você de volta.

— Eu já disse tudo que sei — explico, certa de que ele pode ouvir o medo em minha voz.

— E o que você sabe exatamente, Gwendolyn? — Carlisle pergunta, virando para mim, a grande extensão de seu peito e a extensão ainda maior de sua barriga pressionando raivosamente os botões da camisa. — Que seu pai é um herói que tentou impedir

Bohdan Kladivo e um funcionário corrupto da agência de roubar uma enorme soma de dinheiro? Foi isso que ele disse?

— Mais ou menos — concordo.

Carlisle balança a cabeça, vira de novo para a estrada e suspira.

— Não há nenhuma outra narrativa possível, Gwendolyn? O que além dessa integridade absolutamente *desconhecida* faz um homem colocar a vida em perigo? Caramba, colocar a vida da *filha* em perigo?

Ele deixa as perguntas pairando no ar, sem dar as respostas, e nós saímos da rodovia principal e entramos à esquerda em uma estrada de terra. Aqui é uma área rural. Muito vazia. Campos vazios brilham sob o luar.

O ponto ao qual Carlisle quer chegar é bastante claro. Dinheiro. O dinheiro faria um homem colocar sua própria vida e a vida da sua filha em perigo. Eu me afasto dessa ideia, virando a cabeça para o outro lado. Sei que meu pai é um homem honesto que nunca mentiria para mim nem me colocaria em perigo. Mas assim que esse pensamento se cristaliza em minha cabeça, minha memória retruca jogando um tijolo nele. Meu pai mentiu sobre seu trabalho. Colocou eu e minha mãe em perigo aceitando o posto na Argélia. Se ele é um mentiroso e um pai e marido de merda, por que não pode ser um ladrão também?

— Isso não é verdade — digo em voz alta. É mais um reflexo, uma resposta automática. Como fechar os olhos ao espirrar. Como se curvar ao levar um murro na barriga.

— É o que toda filha acredita — ele diz, sorrindo. — Mas seu pai traiu a si mesmo, Gwendolyn. Ele tentou roubar o dinheiro de Zoric. Joseph Diaz e Bohdan Kladivo também. Ladrões roubando ladrões; o mundo chegou a esse ponto.

— Pare — digo, meu olhar focado na janela. Entramos em uma floresta, e os galhos fantasmagóricos tentam desesperadamente agarrar o nada. Carlisle que se foda. Mesmo se estiver certo.

— A parte triste, Gwendolyn, é que você o salvou e então ele abandonou você *de novo*. — Os olhos de Carlisle se movem de um lado para o outro, da estrada para mim, mas percebo que ele está orgulhoso do jardim de dúvidas que está semeando. — É claro que

você não precisa acreditar em mim. Mas vai chegar o momento em que vai precisar decidir o que é verdade e o que não é.

O SUV vira em uma esquina e então diminui a velocidade de repente. Eu e Carlisle olhamos pelo para-brisa e vemos o motivo. Um furgão com as palavras SKUPINA CEZ pintadas abaixo de um logotipo laranja está parado no meio da rua. Cones de segurança foram colocados como sentinelas, formando uma barreira que nos impede de seguir em frente, enquanto um trabalhador com um colete amarelo e chapéu de proteção está em pé na nossa frente segurando uma placa de pare.

— Que droga é essa? — diz Carlisle.

— Não tenho a menor ideia — diz o motorista. — Parece que a companhia de energia elétrica trabalhando.

As luzes amarelas sobre o teto do furgão e duas lâmpadas grandes em suportes estão convergindo para um ponto na estrada onde outros dois trabalhadores estão parados com pás nas mãos. Há uma máquina de algum tipo, talvez um compressor de ar, zumbindo ali perto.

O motorista abaixa o vidro e grita, mas o trabalhador com a placa de pare aponta para a orelha. O motorista grita de novo, e desta vez o homem se aproxima.

— Escuta, a gente está tentando passar — diz o motorista.

O homem balança a cabeça.

— Está tudo — ele começa a dizer, se esforçando para falar corretamente em inglês. — Muito ruim aqui. Não passa. Não passa.

Carlisle se inclina para a frente segurando um documento de identificação.

— Este é um veículo diplomático — ele diz. — Por lei, você é obrigado a nos deixar passar.

Mas o homem sorri em tom de desculpas e volta para seu posto, bloqueando nossa passagem com sua placa de pare.

— Mas que porra! — Carlisle diz, batendo a palma da mão no descanso de cabeça do motorista. — Vai lá dizer pra eles saírem do caminho!

O motorista hesita, então coloca o carro em ponto morto, puxa o freio de mão e sai. Posso vê-lo gesticulando com as mãos,

apontando. O homem com a placa de pare balança a cabeça.

É nesse momento que o interior do veículo é iluminado por luzes azuis piscantes. Carlisle e eu viramos para ver um carro da polícia tcheca parando atrás de nós.

— Merda — diz Carlisle entredentes. — *Que merda.*

Está acontecendo alguma coisa que ele reconhece, algum padrão que já viu. Meus olhos voltam rapidamente para o motorista. O homem com a placa e os dois outros trabalhadores estão em volta dele.

O cabo de uma lanterna bate na janela de Carlisle, não de maneira mal-educada, mas sem deixar dúvidas sobre quem é que está no comando agora. É uma policial, com o cabelo escuro e ondulado embaixo do chapéu, uma jaqueta de couro brilhante e nova. Ela segura a lanterna com uma das mãos enquanto a outra repousa sobre a coronha da arma.

— Puta merda — Carlisle rosna, abrindo a janela pela metade.

A policial diz alguma coisa em tcheco que é claramente uma ordem e joga a luz da lanterna no rosto de Carlisle. Ele tira a identificação mágica mais uma vez, mas a mulher a afasta com um gesto. Não tenho a menor ideia do que ela está dizendo, mas é evidente que quer que ele saia do carro.

Do nada, as palavras de Carlisle de alguma forma me vêm à mente: *Mas vai chegar o momento em que vai precisar decidir o que é verdade e o que não é.*

Volto o olhar para o motorista e os três trabalhadores. Algo peculiar está acontecendo ali também. Um dos homens está atrás do motorista e tem uma pistola com um silenciador na mão.

Mas vai chegar o momento…

Carlisle também vê e leva a mão ao coldre. O trabalhador ao lado do motorista levanta a arma e a aponta para a nuca do homem, que está distraído e não vê. O trabalhador aponta sem pressa, buscando o ponto certo, se certificando de que a bala que está prestes a disparar acerte exatamente onde ele quer.

… em que vai precisar decidir…

A arma desliza para fora do coldre de Carlisle, seu polegar experiente solta a trava de segurança e ele começa a levantá-la.

Ouço algo que já ouvi antes, martelo sobre metal, o som do disparo de uma arma com silenciador. Não é a de Carlisle. É a do trabalhador. Olho bem a tempo de ver o resultado, a tempo de ver o leque de sangue e o corpo do motorista desabando no chão.

… o que é verdade…

Carlisle levanta a pistola e pega a policial de surpresa. Mas ela é rápida e saca a própria arma antes que ele possa atirar. Sem pensar, sem receber um comando, minha mão vai para a frente, atravessando o espaço entre meu flanco e a arma de Carlisle em uma fração de tempo impossível de ser medida. Torço a arma, e seu pulso cede como se fosse de papel. Ela agora está na minha mão.

… e o que não é.

Dou oito tiros em Carlisle, até não haver mais balas. Os disparos me deixam surda, por isso não ouço a janela quebrar ou a voz da policial quando ela me tira do carro.

Estou no chão, semiconsciente, olhando para o rosto dela. A mulher está me analisando, verificando se há buracos de bala em mim. Embora não consiga ouvir as palavras, reconheço o rosto de Yael.

Os trabalhadores me pegam pelos braços e pelas pernas como os policiais de Praga fizeram do lado de fora do cassino. Eles me carregam para o furgão. Portas se fecham. Rodas são acionadas. Estamos a caminho.

Duas horas mais tarde, logo depois da fronteira alemã, Gwendolyn Bloom morre na sala de estar de uma pequena fazenda. Um dos homens do furgão me entrega o passaporte que larguei no estúdio de Yael em Paris. Rasgo cada página e as atiro no fogo da lareira, como ele mandou. Observo minha morte, em silêncio e desinteressada, esperando cada página queimar completamente antes de colocar a próxima. Guardo a página com a foto e o nome para ser a última. Leva algum tempo para pegar fogo, mas finalmente a imagem de Gwendolyn Bloom se curva, se retorce e se enrola em si mesma, se tornando cinzas.

Assim que termino de revirar os restos do passaporte com a ponta escurecida de um atiçador, Yael — a mulher que chamam de Yael — entra pela porta da frente.

Ela veio sozinha no carro de polícia — para se livrar dele, os homens me contaram —, e parou a uns poucos quilômetros antes da fronteira. Seu uniforme desapareceu, substituído por jeans e um suéter justo.

Assim que ela entra, corro em sua direção, colocando meus braços em volta dela, abraçando-a bem apertado. Yael cheira a gasolina e fogo. Ela me aperta rapidamente e então escapa do abraço.

— Ele está bem? Meu pai está bem? — pergunto engasgada. — Fala, droga.

Yael diz algumas palavras em hebraico para os homens, e eles desaparecem na cozinha, deixando-nos a sós. Ela senta no sofá diante da lareira e dá um tapinha no lugar a seu lado.

— Ele vai ficar bem — Yael diz. — Fisicamente, ele vai ficar bem.

Jogo o corpo para a frente e solto um suspiro de alívio. — Ele está… em Israel?

— Em uma clínica particular aqui na Europa. Com outro nome. É tudo o que posso dizer.

— Então vamos poder nos ver. Logo.

Yael dá de ombros.

— Em algumas semanas, acho. O ferimento foi pior do que pensaram, mas ele está bem.

Um dos homens sai da cozinha carregando duas canecas de chá. Ele as coloca na mesa à nossa frente e sai. Yael pega a dela e toma um gole. — Os rapazes devolveram suas coisas que estavam no carro de Carlisle? Mochila, roupas?

— Sim.

— E você fez o que eles disseram, queimou o passaporte?

— Sim — digo. — Mas o de Sofia não estava lá.

Yael assente.

— Tudo bem. Ela está morta mesmo.

Ficamos olhando o fogo por um momento, e até consigo beber um pouco do chá. Eu poderia ficar assim durante muito tempo.

Inundada pelo calor do fogo e da gratidão.

— Trabalhamos juntos uma vez. Seu pai e eu — Yael comenta de repente. — Ele é um bom homem.

Fecho os olhos e me lembro da história dela no restaurante em Paris. Sobre o homem por quem ela se apaixonou em Budapeste. Casado, havia dito. E do serviço de inteligência de outro país. Quando abro os olhos, Yael está me olhando, e me pergunto se ela sabe em que eu pensava.

— Mas esse não foi o único motivo para você salvar meu pai — digo. — O que você me disse? Sobre seus interesses estarem alinhados?

— Ele se meteu em uma encrenca — ela diz. — Então Tel Aviv ofereceu uma troca.

— Que troca?

— Informações por uma saída. — Ela tira o saquinho de chá da caneca, enrolando o barbantinho no dedo. — Uma nova vida no exterior. Tudo o que ele tem que fazer é nos contar o que sabe.

— Sobre as contas?

— Sobre tudo.

Tornar-se um espião para Israel, é o que ela quer dizer. Bem, o governo americano o vendeu primeiro, então que os patriotas o denunciem, porque com certeza *eu não vou fazer isso. Mas essa* não pode ser a única maneira.

— Podemos voltar — sugiro. — Podemos contar à CIA o que aconteceu. Como era Carlisle que estava atrás do dinheiro, e não meu pai.

Yael fica em silêncio por tanto tempo que me pergunto se ela me ouviu. Então ela coloca uma das mãos sobre meu antebraço e dá um sorriso gentil.

— Às vezes eu esqueço que você só tem dezessete anos.

— Dezoito. Tenho dezoito agora. — Afasto o braço. — Você acredita que foi Carlisle quem armou para meu pai, não é? Você acredita que ele nunca roubaria, certo?

Seus olhos, os olhos frios de agente, estão cheios de piedade. Então ela dá de ombros.

— Realmente não importa em que qualquer um de nós acredita — ela diz. — A verdade é qualquer coisa que o homem segurando a arma disser que é.

Fico em pé tão rápido que minha vista escurece por um momento e tenho a impressão de que vou desmaiar. Yael levanta depressa também, pegando meu braço e me mantendo firme.

— Tenho que voltar — digo. — Tenho minha tia Georgina. E Bela e Lili. Preciso ver todos eles. E mais uma pessoa. Um amigo.

— Terrance? — pergunta Yael.

Fecho os olhos, quase envergonhada.

— Sim — sussurro.

Ela me abraça. De novo, gasolina e fogo.

— Não será possível.

— Só um telefonema — peço.

— Não — ela diz. — Nada. Nenhum contato.

— Por quanto tempo? — pergunto.

— Para sempre — ela diz.

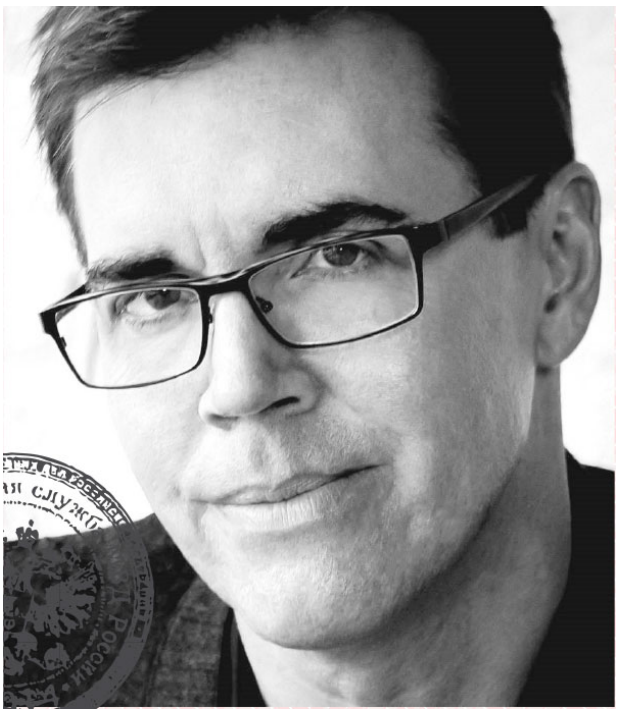
A princípio penso que Yael está tremendo, mas então percebo que, na verdade, sou eu.

Há uma batida na porta. Ela abre e um dos homens entra. Ele entrega um envelope a Yael, que, por sua vez, o entrega a mim.

Sei o que é antes de abrir. Percebo pelo peso. Pelo formato. Inclino o envelope, e um novo passaporte desliza, ainda morno, para minha mão.

Agradecimentos

A Jean Feiwel e toda a equipe da Feiwel & Friends/ Macmillan, que trouxeram tantas histórias maravilhosas para o mundo; eu me sinto humildemente honrado por estar entre seus autores. À minha editora, Liz Szabla, que com suas ideias elegantes, sabedoria e paciente orientação me manteve na rota e endireitou os mais tortuosos percursos narrativos. À minha agente, Tracey Adams, que previu tudo o que estava por vir e então fez acontecer. Eu não poderia estar em melhores mãos. Sou eternamente grato a Maya Myers, não só por sua habilidade como editora, mas também por sua amizade. Livy, Julie e Cassie são as melhores leitoras beta que eu poderia querer. Obrigado pela honestidade brutal. Para minha mãe, meu pai, Marj, Ali, Achilles, Sam e Kari, por sempre acreditarmos uns nos outros. A Sonja e Renata, porque ser pai de vocês é uma benção. Vocês são o motivo de eu fazer isto. A Jana, que desde aquela noite de outubro em Nova York, tantos anos atrás, só buscou o melhor em mim. Tudo o que aprendi sobre força, coragem e amor foi com você. A Fred Marfell, que deu àquele garoto apático de doze anos o tranco que ele merecia e então se tornou seu amigo e mentor. Saudades, querido amigo. Queria muito que você estivesse aqui.



JASON A. KNOWLES

SCOTT BERGSTROM é escritor, viajante e fotógrafo. Mora no Colorado, Estados Unidos, com a mulher e as duas filhas. *Crueldade* é seu primeiro livro de ficção.

Copyright © 2017 by Scott Bergstrom
Tradução publicada mediante acordo com Sandra Bruna Agencia Literaria, SL,
em associação com Adams Literary. Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

As citações originais utilizadas nesta edição foram retiradas de *Como morrem os pobres e outros ensaios*, de George Orwell (Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2011) e *O estrangeiro*, de Albert Camus (Trad. de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 2005).

TÍTULO ORIGINAL The Cruelty
CAPA kakofonia.com
PREPARAÇÃO Lígia Azevedo
REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa
ISBN 978-85-438-0959-5

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.seguinte.com.br
contato@seguinte.com.br

/editoraseguinte
@editoraseguinte
Editora Seguinte
editoraseguinte
editoraseguinteoficial


LIVRO 2 DA TRILOGIA ECHO
A AMEAÇA SOMBRIA
MELISSA GREY
SEGUINTE

A ameaça sombria

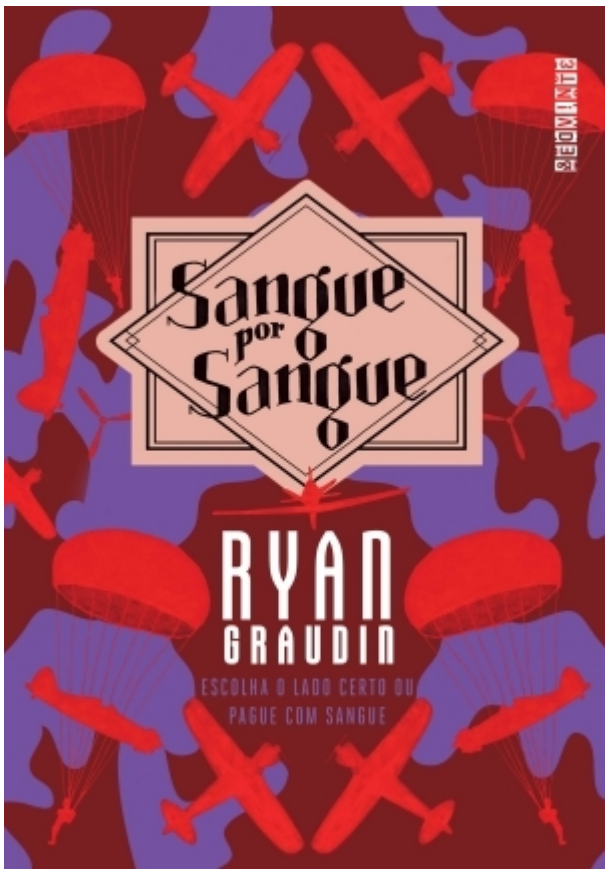
Grey, Melissa
9788543808833
424 páginas

Compre agora e leia

No segundo volume da trilogia Echo, surge um novo e poderoso inimigo.

O mundo de Echo mudou por completo quando a garota menos esperava. Até pouco tempo, ela era apenas uma espectadora da guerra milenar entre os Avicen e os Drakharin, dois povos mágicos que habitam a Terra em segredo. Agora, depois de encontrar e libertar o pássaro de fogo — uma figura mítica importante para os dois grupos — e de descobrir o poder que carrega dentro de si, Echo precisa entender qual papel deve desempenhar para colocar um fim definitivo nesse conflito.
Para complicar, a libertação do pássaro de fogo deu nova vida a um ser antagônico a ele, o kuçedra. Feito de trevas e sombras, o kuçedra espalha medo e morte por onde quer que passe — principalmente se controlado pelas pessoas erradas. Enquanto tenta encontrar uma solução para esse novo obstáculo, Echo vai perceber que a linha que separa a luz das trevas é bem mais tênue do que esperava…

Compre agora e leia


SEGUNDA GUERRA
Sangue por Sangue
RYAN GRAUDIN
ESCOLHA O LADO CERTO OU
PAGUE COM SANGUE

Sangue por sangue

Graudin, Ryan
9788543810003
440 páginas

Compre agora e leia

Para o Terceiro Reich, a Segunda Guerra Mundial pode ter acabado, mas para a resistência a luta está apenas começando. Yael é sobrevivente de um campo de extermínio e tem uma habilidade especial: é uma metamorfa, capaz de mudar a aparência física e assumir a forma de qualquer pessoa. Ela também é uma garota em fuga — o mundo acabou de vê-la atirar e matar Adolf Hitler.
Yael é a inimiga número 1 da Germânia e de seus aliados, e vai precisar se infiltrar no território inimigo mais uma vez se não quiser pagar com o seu próprio sangue. Em meio a segredos sombrios acompanhados por verdades obscuras, apenas uma pergunta paira na mente de todos do grupo de Yael: o quão longe você iria por aqueles que você ama?

Compre agora e leia


AUTORA DA SÉRIE A SELEÇÃO
KIERA CASS
A SEREIA
SEGUINTE

A sereia

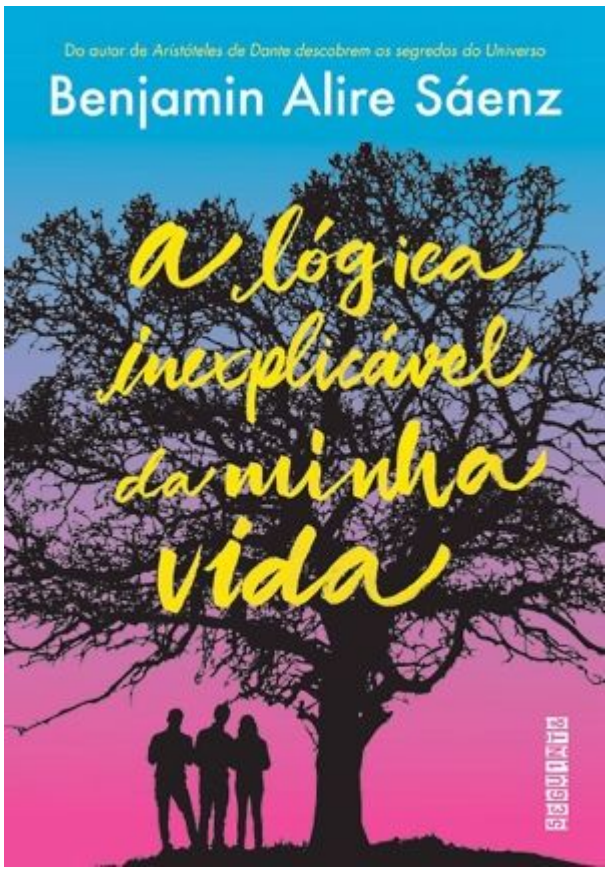
Cass, Kiera
9788543804842
328 páginas

Compre agora e leia

Novo livro da autora da série A Seleção, que já vendeu mais de 1 milhão de exemplares no Brasil!

Anos atrás, Kahlen foi salva de um naufrágio pela própria Água. Para pagar sua dívida, a garota se tornou uma sereia e, durante cem anos, precisa usar sua voz para atrair as pessoas para se afogarem no mar. Kahlen está decidida a cumprir sua sentença à risca, até que ela conhece Akinli. Lindo, carinhoso e gentil, o garoto é tudo o que Kahlen sempre sonhou. Apesar de não poderem conversar — pois a voz da sereia é fatal —, logo surge uma conexão intensa entre os dois. É contra as regras se apaixonar por um humano, e se a Água descobrir, Kahlen será obrigada a abandonar Akinli para sempre. Mas pela primeira vez em muitos anos de obediência, ela está determinada a seguir seu coração.

Compre agora e leia


Do autor de Aristóteles e Dante descobrem os segredos do Universo
Benjamin Alire Sáenz
a lógica inexplicável da minha vida
ALFAGUARA

A lógica inexplicável da minha vida

Sáenz, Benjamin Alire
9788543810027
440 páginas

Compre agora e leia

Salvador levava uma vida tranquila e descomplicada ao lado de seu pai adotivo gay e de Sam, sua melhor amiga. Porém, o último ano do ensino médio vem acompanhado de mudanças sobre as quais o garoto não tem nenhum controle, como ímpetos de raiva que ele não costumava sentir.
Além disso, Salvador tem que lidar com a iminente morte da avó, com uma tragédia repentina que acontece na vida de Sam e com o fato de seu pai estar se reaproximando de um ex-namorado. Em meio a esse turbilhão de sentimentos, que vão do luto ao amor e da amizade à solidão, Sal passa a questionar sua própria origem e identidade, e tenta encontrar alguma lógica para a sua vida — uma tarefa que parece quase impossível.

Compre agora e leia


CORNELIA FUNKE
O CAVALEIRO FANTASMA
SEGUINTE

O cavaleiro fantasma

Funke, Cornelia
9788580866278
176 páginas

Compre agora e leia

Jon Withcroft não estava nada feliz. E quem gostaria de ser mandado para um internato bem quando a mãe tinha arranjado um namorado novo? Pois, quando chegou em Salisbury, o garoto só pensava nos acidentes que o Barba (apelido "carinhoso" pelo qual Jon se refere ao seu grande rival) poderia estar sofrendo e no que seria escrito na lápide dele caso algum escorregão fosse fatal. Até que... na sexta noite em Salisbury, Jon descobre um novo motivo para querer voltar correndo para casa: ele passa a ser perseguido por um bando de fantasmas, que desejava nada mais nada menos que a sua morte. Mas em vez de pedir ajuda para a mãe, Jon recorre a um outro protetor: sir William Longspee, um cavaleiro fantasma que está enterrado na catedral da cidade e que jurou, antes de ser assassinado, estar sempre ao lado dos fracos e inocentes. Ao lado de Jon e de sua amiga Ella, sir William percorre cemitérios e duela contra zumbis, lutando não só para ajudar as crianças como também para cumprir seu próprio destino. Mas, para saber qual seria esse grande mistério que ronda nosso nobre cavaleiro fantasma, só lendo a história toda.

Compre agora e leia